

O LIVRO DA INOCÊNCIA

Um Texto Canalizado por Paul Selig
Livro Dois da Trilogia da Manifestação

As transcrições a seguir são registros não editados de sessões de canalização conduzidas por Paul Selig entre 13 de agosto de 2022 e 7 de outubro de 2022, diante de estudantes em Berkeley, Califórnia; Boone, Carolina do Norte; e Maui, Havaí, bem como em seminários online e um pequeno grupo reunido para receber esta mensagem.

CONTEÚDO

- CONTEÚDO¹
- INTRODUÇÃO: PRESENÇA E SER²
- PARTE I: IDENTIDADE³
 - 1. EU SOU CONHECIDO⁴
 - 2. MEMÓRIA⁵
 - 3. A VERDADE DO SER⁶
 - 4. RECONCILIAÇÃO⁷
- PARTE II: INOCÊNCIA⁸
 - 5. ALÉM DO PECADO⁹
 - 6. UM MUNDO RENOVADO¹⁰
 - 7. MENTE VERDADEIRA¹¹
- EPÍLOGO¹²

INTRODUÇÃO: PRESENÇA E SER

DIA UM

O que se apresenta diante de você hoje não é apenas uma oportunidade, mas um novo reconhecimento de quem você tem sido e o que pode conhecer como sua verdadeira essência. O Verdadeiro Eu, você vê, o Divino que se manifestou como você, pede reconhecimento agora, busca ser visto, busca ser realizado, busca direcionar o caminho que você trilha da forma mais perfeita que você possa conhecer. O Verdadeiro Eu, como o chamaremos—seja a Mônada ou o Eu Cristificado—sabe quem você é além de si mesmo. Ele compreende as ideias que você sustentou sobre a identidade através da qual se conheceu e decidiu junto com você o que ele pode fazer é reclamar a vida que você viveu de uma nova forma.

A ideia de quem você era—a jovem mulher, o jovem homem, a jovem pessoa, que escolheu aprender através de seu investimento nos resultados, seu medo disto ou daquilo, as maneiras como ela se comportou com os outros, o que ela acredita terem sido erros, o que ele acredita terem sido oportunidades—eram todas formas de compreender uma ideia, uma identidade feita em forma, acumulada na história, e decidida com você, com

¹#conteúdo

²#introdução-presença-e-ser

³#parte-i-identidade

⁴#1-eu-sou-conhecido

⁵#2-memória

⁶#3-a-verdade-do-ser

⁷#4-reconciliação

⁸#parte-ii-inocência

⁹#5-além-do-pecado

¹⁰#6-um-mundo-renovado

¹¹#7-mente-verdadeira

¹²#epílogo

a sua permissão, para ser a estrutura de personalidade com a qual você se encarna. A ideia do eu, você vê, é altamente útil. Mas é uma ideia. E vocês devem entender, amigos, que há um aspecto de cada um de vocês que sabe muito além da personalidade, compreende-se como conhecimento, e busca realização através de cada aspecto do eu que você acumulou na personalidade.

Agora, quando ensinamos através de Paul, temos várias coisas que devemos fazê-lo entender. O texto que escrevemos será o texto perfeito para o que está por vir. E a riqueza que o texto oferece, em termos daqueles que o leem, como aprendem, como se alinham ao aprendizado e como se encarnam de uma forma mais elevada, não tem nada a ver com ele. Você deve entender, Paul, que como veículo para o ensino você é muito abrangente. Mas o ensino se expressa através de você, e sabemos o que ensinamos, e o que pretendemos ensinar é um novo texto em compreensão.

Agora, compreender algo é entender, e até mesmo diríamos realizar de uma forma mais elevada. Você compreende a ideia do eu que conheceu, o nome que seus pais lhe deram, talvez as escolas que frequentou. As ideias de si mesmo acumuladas através desses envolvimento são muito úteis para você, sim. Mas o aspecto de você que busca se manifestar, o Verdadeiro Eu que se manifesta como você, conhece a si mesmo além da estrutura, além do tempo linear, além de todas aquelas coisas que você pensou serem intransponíveis. A trajetória deste texto deve ser compreendida por cada um de vocês como uma oportunidade para manifestação, ou a incorporação do texto que está sendo elaborado agora como as vidas que vocês vivem, como o corpo através do qual vocês agem, como a identidade que agora podem conhecer em um estado alterado ou em uma estratificação mais elevada da manifestação.

Agora, o ensino que trazemos hoje será em duas partes diferentes. No momento, estamos preparando vocês para o que vem depois. E o que vem antes é uma compreensão de quem vocês têm sido, como escolheram, através de que se conheciam, e como realmente foram cúmplices no mundo que veem e em todas as suas manifestações. Todos gostam de se pensar como solventes, como separados, tendo suas próprias ideias e seguindo seus próprios caminhos solitários. De fato, vocês fazem parte de um todo, e a manifestação da realidade que veem ao redor é, de todas as formas, abrangente, uma resposta, de certa forma, às identidades mantidas por todos vocês. As ideias de quem vocês são, como manifestas, criam um mundo, concretizam um mundo, dão vida a coisas, menos através do que desejam do que através do que esperam. E vocês esperam um mundo de desafios, de conflitos e de tumulto, e o reivindicaram. As vidas que vocês vivem agora e os acordos que fazem agora, todos e cada um, farão parte do que se desenrolará na paisagem que compartilham nas próximas décadas. A elaboração do novo está sobre vocês agora. E cada um de vocês que diz sim a esses ensinamentos pode ter um papel em um novo organismo, um novo mundo, uma nova forma de ser que se estende além do antigo.

A Sala Superior, você vê, onde a manifestação ocorre no nível em que ensinamos, é acolhedora para todos que gostariam de estar aqui. Mas o mundo que vocês veem hoje, uma exteriorização das identidades de todos vocês, individual e coletivamente, está prestes a sofrer um nível de mudança que nenhum de vocês jamais viu, nem foi visto por milhares de anos. Periodicamente, a humanidade decide que é hora de um alinhamento superior. O alinhamento que está presente agora e continuará pelas próximas décadas será compreendido por vocês como o momento em que a humanidade escolheu reivindicar sua verdadeira natureza. Quando a humanidade escolhe reivindicar sua verdadeira natureza, as criações que foram feitas no medo, as ideias que já não são úteis, as formas de ser que não servem mais à humanidade, estão prontas para serem vistas, reconsideradas e transformadas. Dizemos *prontas* porque elas devem ser vistas em um estado elevado para que vocês compreendam sua participação na paisagem que criaram e o que resultará dela. Quando vocês veem algo a partir do que chamamos de Sala Superior, têm a habilidade de percebê-lo em uma estratificação mais elevada, sem o investimento de medo que vocês tanto utilizaram para reivindicar um mundo em existência. O mundo que vocês veem, compreendem, é uma cocriação. Todos vocês participam dele. E todos vocês foram criados no medo, cresceram através do medo e antecipam o medo. Sua expectativa de mais do mesmo é o que lhes concede mais do mesmo. A verdade do seu ser, o Eu Cristificado ou a Mônada, não contém medo. É inocente, não pode carregar a mancha do medo, e sua realização através de vocês, a manifestação do Divino em forma como veio na humanidade, é o presente dos tempos vindouros.

Agora, Paul interrompe. “Eu entendo o que você diz, entendo a premissa e parece uma bela invocação. Mas e quanto a nós e às bagunças que criamos? Não consigo imaginar que mudaremos tanto assim.” Vocês devem entender, amigos, que tudo o que veem diante de vocês foi feito e será refeito no molde mais elevado da Sala Superior. O chamado para a Sala Superior, que levará várias gerações para se completar, se afirmará em um campo muito mais elevado. A vibração do mundo em que vivem agora, que veem diante de vocês de várias maneiras diferentes, deve ser traduzida, deve ser elevada, ou transposta, como gostamos de dizer, para uma nota mais alta, uma oitava mais alta de expressão do que aquela pela qual vocês se conheciam. Cada um de vocês aqui, cada um que ouve essas palavras de uma forma ou de outra, é fundamental para a mudança que está ocorrendo. Não há ninguém sem Deus, dentro ou fora. O Divino como todas as coisas é este ensinamento, sim, e continuará a ser. A ideia do eu como separado de Deus, como distante de Deus, deve ser compreendida por vocês como o modo que escolheram para aprender. A percepção de que vocês são um com Deus, e sempre podem ser, sempre foram e sempre serão, é um nível completamente diferente de acordo vibracional do que a humanidade aprendeu até agora.

Talvez tenha havido um tempo, talvez tenha havido um jardim, talvez exista um mito que sustente, quando

vocês se conheciam em união, quando tais coisas eram verdadeiras. Mas é a memória disso que a Mônada guarda, dentro do coração de cada um de vocês, que está prestes a acelerar em um nível de tom que realmente desmantelará muitas das estruturas que foram erguidas pelo medo, e pela crença na separação que vocês conheciam da Fonte.

Quando ensinamos através de Paul, queremos que ele entenda que o texto que estamos escrevendo agora não é apenas apropriado à missão dos textos anteriores, mas a continuação precisa deles. Quando falamos pela última vez em texto, falamos sobre ressurreição, e a Mônada em articulação movendo-se para um nível de manifestação onde a realidade é alterada por sua presença. Os próximos dias e semanas invocarão um novo texto que é totalmente sobre a verdade do ser, em sua essência mais primitiva e mais perfeita. O texto será *O Livro da Inocência*, e agora está começado.

Dizemos isso aos leitores deste texto: O texto que vocês estão lendo é uma invocação à participação em um nível de alinhamento a um nível de acordo vibracional onde o que foi uma vez conhecido será reconhecido, onde o que foi uma vez falado no medo será falado na verdade, e o que foi uma vez visto como superficial, como separado, como temeroso, será re-visto no Reino. E o Reino, como dizemos, é a realização do Divino como manifestado em tudo. Sublinhe *tudo*. O Divino manifestado como *tudo*.

Agora, há várias coisas que vocês devem entender. Nada pode estar fora de Deus, porque nada existe fora de Deus. Nós não tornamos nada sagrado. Já é sagrado. Vocês negaram a divindade inata que está em todas as coisas, e como manifestadores ou criadores, sua escolha de reivindicar em medo fez com que o mundo se percebesse como profano ou fora do Divino. O tecido da realidade é, na verdade, algo que pode ser alterado, re-conhecido, um modelo re-visto. À medida que o tecido da realidade é re-visto, o que essa realidade pode conter não é apenas alterado, mas recuperado na oitava em que é visto. Tudo se expressa em tons, altos e baixos e intermediários. Quando o tom é cantado em uma nota alta, quando a expressão da Mônada, ou a Verdade Crística em todos vocês, é cantada em um retumbante *sim*, o tecido da realidade é alterado pelo trompete, o anúncio da nova canção que está sobre todos vocês agora. Não há nada a temer nesta transição. A tribulação é a alteração da realidade através de um novo acordo—acorde, como em um piano. A nova canção cantada da Sala Superior reivindica toda manifestação na nota mais alta. E a oitava da Sala Superior, agora estabelecida, pode reivindicar cada um de vocês como sua encarnação. Isso significa, de forma realmente muito simples, que aqueles de vocês que dizem sim a esse esquema alterado de expressão estão chamando à existência o acorde mais alto pelo qual a Sala Superior se anuncia, a reivindicação do Reino—“Deus É, Deus É, Deus É”. Quando a canção que você canta, em sua expressão completa, é soada como seu campo vibracional, o efeito cumulativo dos milhares e milhares que mantêm esse alinhamento é trazer para o alinhamento milhares e então milhões mais. Isso é feito através de acordo—não através de proselitismo, não através da escrita de panfletos e sua distribuição em esquinas. É a presença e o ser que farão o trabalho, e o assunto deste texto—de fato, presença e ser—será uma instrução em manifestação.

Paul interrompe o ensinamento. “*Inocência?* Por que vocês chamam o livro de *Inocência?*” Porque *O Livro da Inocência* é uma recuperação da verdade de vocês mesmos em seu estado mais puro. O Cristo é imaculado, e o Cristo é o aspecto do Criador que está presente em cada um de vocês. É a semente do Divino buscando sua flor. É o próprio Deus se anunciando na forma que vocês assumiram. É a verdade do seu ser sem medo, no amor e em concordância com sua Fonte.

Dizemos sim a cada um de vocês, como vocês dizem sim ao caminho à sua frente. De fato: Vocês Vieram. Ponto. Ponto. Ponto. Parem agora, por favor.

(PAUSA)

O que está diante de vocês hoje é um reconhecimento da ideia de si que vocês utilizaram até agora, que busca ser reposicionada, recalibrada, na oitava da Sala Superior. O eu, vocês veem, como vocês conheceram o eu, é um requisito para a encarnação que escolheram. Vocês não ficarão sem o eu. Você não são extintos como uma personalidade na Sala Superior. A estrutura da personalidade é realinhada aqui para um propósito mais elevado. Sua singularidade está intacta, sim. O que não está intacto é o seu desejo por separação, que tem uma base no medo. E sua separação de seus irmãos, sua ideia de si como oposta aos outros, de todas as formas contribui para o seu senso de isolamento—e, de fato, separação—de Deus em si.

Agora, Deus deve ser entendido como tom ou som. No princípio era o Verbo. E o próprio Verbo, o tom de Deus—consciência como som e tom—deve ser entendido como a Fonte de todas as coisas. O som de Deus é a experiência e a expressão de Deus. A expressão de Deus pode ser manifesta ou não manifesta. Ambas são igualmente verdadeiras e válidas. O que você vê com seus olhos, o que você segura com suas mãos, é de Deus. Mas o que é visto com os olhos também pode ser entendido como participativo daquele único som—uma manifestação, uma representação, uma forma pela qual o som é semeado e solidificado em forma. O que é invisível, ou as realidades etéreas que vocês podem compreender, existe além dos sentidos, mas pode ser alinhado através dos sentidos. E suas experiências, à medida que continuamos este ensinamento, incluirão de fato o que vocês considerariam como de outro mundo. *De outro mundo* simplesmente significa que os sentidos que vocês possuíam, nascidos de um senso de separação e acordo coletivo para a separação, não foram dotados da capacidade de perceber o que já está presente, o que sempre está presente e que agora pode ser conhecido.

Agora, alguns de vocês nos dizem: “Eu só quero uma vida feliz. Quero um pouco menos de dor, um pouco mais de alegria, muito menos preocupação. Terei isso se fizer o que vocês dizem?” De fato, e mais ainda. Mas

este é um livro de recriação e reconhecimento de quem vocês têm sido. E o que vocês viram e perceberam nas camadas limitadas do mundo através do qual se conheceram é necessário.

Agora, alguns de vocês nos dizem: “Bem, eu estive na Sala Superior. É bastante agradável. Mas não consigo imaginar morando lá.” Há um aspecto de cada um de vocês—vocês podem chamar de Mônada, se desejarem—que está em plena residência lá, que reside lá completamente. A operação que empreendemos com nossos alunos é apoiar cada um de vocês no alinhamento de todos os aspectos do ser em acordo com a Mônada. Fizemos isso através da intenção e, de fato, do ajuste. Quando sintonizamos nossos alunos, simplesmente apoiamos cada um de vocês no alinhamento a um nível de tom que já está tocando. Vocês não convocam a Sala Superior. Vocês entram na Sala Superior. Ela já está presente. Mas vocês foram impedidos de entrar por muitas coisas—o acordo coletivo de que isso não pode ser assim, o medo que vocês têm do que acontece se vocês forem, a crença de que poderiam se perder lá, talvez enlouquecer, talvez imaginar o eu como separado dos outros. De fato, quando vocês se movem para a Sala Superior em vibração, vocês estão simplesmente se movendo para um tom de som, de criação, de consciência, onde a manifestação do Cristo é o próprio acordo. É acordo. A manifestação da Mônada ou do Eu Cristificado é acordo.

Agora, quando vocês se alinham a esse entendimento—“Mudei para um nível de tom onde a manifestação da Mônada é implícita, e estou prestes a passar pelas mudanças que isso acarreta”—vocês terão algum conforto quando as mudanças vierem, porque de fato elas virão. Qualquer pessoa que siga esses ensinamentos terá um encontro com a ideia de personalidade e todos os seus usos e dispositivos. Uma vez que vocês entendam quem têm sido, como escolheram, como superpuseram uma realidade, um mundo inteiro, com egoísmo, vocês começarão a ir além disso. E o presente dos tempos em que escolheram se encarnar é que todos vão encontrar isso, e de forma plenamente realizada.

“Agora, o que isso significa?” ele pergunta. “Nem todo mundo vai despertar.” Ah, certamente vão. No devido tempo, sim. Mas qualquer ser senciente terá uma realização de quem pensou que era ao mover-se para o seu próximo nível de tom. Imagine que você está diante de uma porta. Você conhece bem o quarto em que vive, ou pelo menos acha que sim. Mas quando você passa pela porta e se vira para olhar para trás, para o que criou, você sempre se surpreende. “Olha como eu vivia e o que eu achava que era verdadeiro.” O novo quarto, você vê, é onde você agora se estabelece, e o seu alinhamento no novo quarto torna todas as coisas novas.

A afirmação que ensinamos em textos anteriores—“Eis que faço novas todas as coisas”—é a afirmação do novo por parte daquele que é encontrado e reside na Sala Superior. A escolha de encarnar na Sala Superior é feita em concordância com a vontade, e a vontade que você possui é utilizada principalmente por você como a personalidade a comanda. Quando a vontade é comandada pelo pequeno eu, tudo o que você afirma estará alinhado com esse eu. Quando você se eleva à Sala Superior—“Eu estou na Sala Superior”—a escolha é feita por você para anunciar o eu como plenamente presente, e essa é a afirmação que ensinamos anteriormente: “Eu Vim. Eu Vim. Eu Vim.” Este anúncio na Sala Superior apoia a rearticulação, ou a manifestação da Mônada, por meio de cada aspecto do eu e da persona que você utilizou. A vontade, você vê, em um estado articulado em uma expressão mais elevada, torna-se a expressão do Divino em forma. E porque Deus vê Deus, Deus conhece Deus, em todas as suas criações, o aspecto de você que veio buscará se reconciliar com tudo o que percebe, tudo o que está no Reino e agora será conhecido de novo.

Agora, quando ensinamos através de Paul, usamos nossa linguagem com o máximo de cuidado possível para que ele possa confiar na transmissão e não duvidar do mérito do ensinamento. Ele está se perguntando: “Nós afinamos nossos alunos neste texto?” E de fato o faremos, como desejarmos. Estamos preparando vocês agora para o que é a inocência, porque a maioria de vocês não a conhece. Vocês acreditam que ser inocente é estar imaculado, vestir branco no casamento. A ideia de inocência como algo que uma criança possui é útil de certas formas, mas então vocês acreditam que sua inocência está perdida, e a inocência nunca se perde porque há um aspecto em cada um de vocês que conhece Deus, que se expressa como e com Deus, que é a própria inocência. A inocência pode ser mundana. Pode falar uma frase completa. Pode conhecer a cidade em que vive à medida que se demonstra e se expressa plenamente como você. Mas quando você entende que a própria inocência é um atributo, um aspecto e uma expressão de Deus que busca reconciliação com você, você entenderá completamente o significado: “Eis que faço novas todas as coisas”. Ser feito novo é de fato renascer—não, como alguns diriam, uma negação da forma, uma negação da história, uma negação de quem você tem sido. O Verdadeiro Eu, você vê, está expressando amor e se conhece como amor, e recupera cada aspecto de você na Sala Superior como parte de si mesmo.

A ideia de história e as coisas que vocês suportaram e escolheram para aprender não são apenas úteis para vocês — elas têm sido a sua educação. E os medos através dos quais vocês se conheceram, de certa forma, os incentivaram a escolher um caminho mais elevado, uma forma mais elevada de se expressar. A Sala Superior é um lugar além do medo. O medo, como um tom, não se expressa na Sala Superior. A escolha de encarnar na Sala Superior não nega a sua humanidade, mas reivindica a sua humanidade no tom ou oitava elevada que a Mônada expressa. Tornar-se essa criação não nega o seu gênero, a sua etnia, a cor dos seus olhos e a língua que lhe foi ensinada a falar quando criança. Todas essas coisas são de Deus e expressões do mesmo. Mas você se conhece além das suas limitações, além das ideias que eles pressupõem que você deveria ter — “no meu país”, “na minha comunidade”, “na minha religião”, “no meu grupo étnico”. As maneiras como vocês decidiram experimentar a si mesmos são talvez úteis, mas tendem a operar em separação. Alinhar-se ao superior não é

excluir o inferior. É elevar o inferior ao superior para que ele possa ser reconciliado. O Cristo, você vê, não discrimina porque não julga. Não pode conter medo, e o julgamento é do medo.

O Verdadeiro Eu, como você, em sua plena expressão, anuncia-se a todos. Isso não é feito com discurso ou língua, mas através da presença e do ser. E o título que estamos trabalhando agora, o capítulo, se você quiser, você poderia chamar de “Presença e Ser”, pois será utilizado ao longo deste texto. Sua experiência de ser, na Sala Superior, será o resultado do alinhamento que você reivindica. E a sua expressão aqui, a sua presença aqui e o ser de um eu neste estado de vibração, reivindicam todas as coisas que ele encontra para si mesmo para o re-conhecimento, re-visão e rearticulação também. O que isso significa é que na Sala Superior você se tornou não apenas uma porta, mas uma expressão de tom, um alinhamento em tom, que reivindicará todas as coisas em concordância vibracional com ele. Os ajustes que utilizamos em textos anteriores eram todos requisitos para apoiar o eu físico e a identidade através dos quais vocês se conheciam, para apoiá-los no que acontece a seguir, que é uma nova equação, uma equação sendo uma sequência definida de tons vibracionais que apoiam a recalibração do mundo manifesto.

Agora, quando ensinamos isso, não estamos ensinando a conjurar ou fazer mágica. Estamos simplesmente declarando a verdade muito simples de que aquele que veio como o Verdadeiro Eu veio para toda a humanidade. Aquele que se expressa neste nível reivindica todas as coisas para a sua expressão. E o Divino Manifesto que sempre esteve presente, mas negado por todos vocês em um estrato de frequência ou outro, pode ser reestabelecido através da presença e do ser, e o mundo é renovado pelo seu conhecimento dele. Ponto. Ponto. Ponto.

(PAUSA)

O que pedimos a você, se de fato você estiver disposto, é uma oferta de si mesmo — a ideia de quem você era, a ideia do que você era e do que pensava que estava aqui para ser — para ser oferecida ao superior, ou renunciada, se você quiser, na Sala Superior, onde todas as coisas podem ser feitas novas. A escolha é sua, você vê. A estrutura de personalidade que você utilizou aqui é um aliado de certas formas, e um fator proibitivo de outras formas. Sua ideia de quem você deveria ser, inclusiva do Eu Divino, apoia muitas coisas — uma consciência do desejo ou aspiração aos reinos superiores, que de certas formas conflita com uma simples oferta de si mesmo que pode e será feita nova quando você parar de significar o que diz quando diz: “Dê-me o que eu quero, e agora.”

O eu desejoso que busca a realização tem um esboço do que a realização é. E seu propósito, de certa forma, é criar uma ideia do que significa ser espiritual, o que significa ser realizado, que o pequeno eu buscará cumprir. O Verdadeiro Eu, você vê, ou o eu que se conhece na inocência, não será mal compreendido. E seu desejo não é do pequeno eu, mas da Mônada que busca sua realização e procurará todas as coisas para contribuir para ela.

“O que isso significa?” ele pergunta. Quando você embarca na jornada conosco, tudo o que você encontra no caminho deve ser visto como uma oportunidade em direção a uma realização superior. Você não está projetando o mapa para isso, ou mesmo delineando qual aspecto do eu será transformado na Sala Superior. A oferta da ideia de si mesmo — quem você pensava que era, talvez quem você pensa que é — ao superior coloca em movimento algo diferente. É uma liberação de um pensamento, e apenas um pensamento — que “Eu não sou de Deus”. Uma vez que isso é liberado, todos os aspectos do eu se reúnem para serem alterados, um após o outro, e alinhados à sua verdadeira natureza. Por *verdadeira natureza*, queremos dizer o aspecto de você que sabe quem é, o que é e como serve, manifestado através de você — um aspecto do eu que é inocente, que é o Divino, que busca reconciliação através de você com a Fonte de todas as coisas.

Agora, quando ensinamos através do homem à sua frente, ouvimos suas perguntas tão bem quanto podemos antes de ele as fazer, e isso é o que ele nos pergunta agora: “Estou ouvindo corretamente? Isso está no texto? Tudo o que vocês ditam vai estar no texto?” Isso de fato está no texto, e nem toda palavra que falamos estará no texto, mas seremos bastante claros quando não estivermos digitando ou oferecendo ditados através de você. Dissemos *digitando* intencionalmente, Paul, porque você é o estenógrafo e, de certa forma, é isso que está acontecendo.

O aspecto do eu que será renunciado aqui hoje é a ideia de um eu que é desejoso de um resultado, com um mandato para o que esse resultado é, especificamente no que diz respeito à jornada à sua frente. Se disséssemos a você que deveria ir a Paris, você esperaria ver a Torre Eiffel e, se ela não estivesse lá, você poderia dizer: “Eu nunca fui a Paris”. Mas Paris existe sem a Torre Eiffel, e o Verdadeiro Eu se expressa como você sem o seu mandato para como isso deve parecer. Confie em nós, dizemos, quando oferecemos isso a você, porque a jornada que você empreenderá durará algum tempo. “E a jornada é para onde?” ele pergunta. Bem, de fato para o Reino, mas além disso para uma segurança dentro do eu que o quem e o que você é não é apenas suficiente como está, mas se conhece em união com a sua Fonte.

Quando você se conhece em união com a sua Fonte, não pode haver medo, pois o Divino como você se alinha além disso. E a ideia de si mesmo que está de fato sendo renunciada hoje é o aspecto do eu que governaria, que ditaria, que reivindicaria ou se auto-identificaria, por meio de resultados nascidos no desejo. “Mas o que há de errado com o desejo?” ele pergunta. “Não há uma utilidade para isso?” De fato, há. “Eu desejo fazer o jantar. Eu vou fazer o jantar.” “Eu desejo conhecer essa pessoa. Eu me apresento.” O que estamos falando é algo diferente e, de fato, a forma como pretendemos introduzir isso é por meio de artefatos. As igrejas pelas quais vocês se conhecem são estruturas que buscam se expressar por meio de doutrinas anteriores. Seu desejo

pelos reinos superiores, na maioria das vezes, é informado pela igreja, pela sinagoga, pelo templo, por qualquer estrutura que você tenha construído ou erguido e que acredite que o levará ao Reino. Agora, vocês foram ensinados, e corretamente, que o Reino dos Céus está dentro de vocês, e essa é a chave aqui. Para liberar a necessidade de desejo, como se relaciona a esse ensinamento, é liberar a necessidade de decidir como isso vai parecer. Se você anda com um mapa dizendo — “Onde está o Reino?” — você perderá o que está dentro de você. E pretendemos levá-los até lá, e completamente, como nos é permitido.

Neste dia, afirmamos que todos que ouvem essas palavras, todos que escolhem esse ensinamento, essa instrução, estão fazendo isso de acordo com sua natureza elevada, e não através de um medo ou desejo, para renunciar a um senso de si que será oferecido em uso elevado no serviço no Reino.

Dizemos isso para cada um de vocês aqui: A estrutura da personalidade pode e será reclamada na Sala Superior para um uso elevado. Ela é de você e com você. Não a banimos, nem a mantemos no reino inferior. A oferta que você traz de quem você pensa que é, inclusiva de quem você pensava que era, será o presente que você traz para que a transformação que está sendo oferecida aqui possa incluir. Você pode dizer isso, se desejar:

“Neste dia, escolho permitir que eu seja re-conhecido no reino superior e permitir que a estrutura da personalidade, aquele aspecto do eu que utilizei para navegar neste reino, seja elevado ao superior, seja oferecido ao superior, seja renunciado dentro do superior, para de fato ser feito de novo. Eu sei quem sou na verdade. Eu sei o que sou na verdade. Eu sei como sirvo na verdade. Eu sou livre. Eu sou livre. Eu sou livre.”

E enquanto dizemos essas palavras através de Paul — Você Veio, Você Veio, Você Veio — nós os convidamos para a jornada à sua frente. De fato, este é o fim da introdução. O *Livro da Inocência* é o título. E a sua inocência, a sua verdadeira beleza, em restauração, é o presente que você receberá.

Bênçãos a cada um de vocês. Somos seus professores, como vocês desejam que sejamos. Pare agora, por favor. Ponto. Ponto. Ponto.

PARTE I: IDENTIDADE

1. EU SOU CONHECIDO

DIA DOIS

O que está diante de você hoje, como oportunidade, é um novo acordo para ser, simplesmente ser, para permitir que o ser seja a presença da sua alma em sua expressão aqui. Agora, o desejo de fazer e alcançar é compreensível, sim, admirável às vezes, mas você esquece quem você é em seu esforço, em seus desejos de alcançar. Quando você se permite ser, no nível mais simples do ser — “Eu Sou” — você está realmente em acordo com tudo o que é possível. Você projeta um futuro, um modelo para o que pode ser, e tenta vasculhar todas as possibilidades para tornar isso realidade. Em vez disso, o que sugerimos é que você se mova para a permissão, para o estado do ser, na Sala Superior, onde tudo é encontrado por você em acordo com a sua Fonte.

Agora, entenda o que isso significa. Novamente, há uma nota cantada que está em expressão como toda manifestação, vista e não vista. Quando você realmente entende o que isso significa como princípio, você se alinha a ele com a consciência de que qualquer necessidade verdadeira será suprida pela Fonte, pois você está na Fonte e não separado dela. O design que você tem utilizado — “talvez haja um Deus em algum lugar lá em cima, talvez eu esteja preso aqui embaixo para sempre, devo fazer o meu melhor para escalar ou implorar ou rezar para o que eu preciso se manifestar” — oração, se você deseja saber, é um acordo com a Fonte, sim. Mas se suas orações são temerosas — “Por favor, Deus, me dê o que eu preciso, eu preciso tanto disso” — você está confirmando a escassez e concordando com ela, porque a Fonte, você deve entender, está presente em todas as coisas, até mesmo na sua ideia de escassez.

Vamos explicar isso para Paul, que está questionando. Como vocês são criadores, sim, vocês mantêm princípios que são acordados pela frequência que vocês reivindicam para si mesmos. “Não haverá o suficiente”, uma reivindicação de escassez, obviamente será atendida por você, pois isso é algo que você pode escolher experimentar — ou, melhor dizendo, esperar experimentar. Quando algo é uma expectativa, ele é enquadrado como um potencial, e o propósito do enquadramento é reivindicar a coisa para que ela se manifeste. Agora, você não está pensando seu caminho até o céu. Você não está fingindo que há o suficiente quando a mesa está vazia. Você está se movendo para um nível de alinhamento e manifestação, sugeriríamos, onde suas necessidades são atendidas pela presença e pelo ser.

A idealização de *coisas* se tornou um grande problema aqui. “Eu quero um candelabro. Ele deve caber na mesa assim, e as velas devem ser de cera de abelha ou nada. Obrigado, meu pedido está feito.” Você olhou para Deus como um catálogo de onde você deve estar fazendo pedidos, em vez de entender que a mesa perfeita está preparada para você pelo seu acordo com Deus ou Fonte ou a nota única cantada. Quando você entende que o tom, o alinhamento no tom e o acordo no tom, é a ação que você está tomando agora, você abandonará as ideias do que deveria ser e permitirá que o que pode ser e o que será se façam presentes para você.

Manifestação é entendida como conseguir o que você quer, e isso é confuso para a maioria de vocês. Na verdade, manifestação são todas as coisas, são todas as coisas, todas em forma, vistas e não vistas. A cadeira em que você se senta, o ar que você respira, o céu e as nuvens e o que existe além delas, são todas manifestações do Divino. Uma não é mais alta do que a outra. A nota única cantada se descreve como frequência, e a frequência em um estado solidificado, ou o que parece sólido, é o que você chamaria de manifestado. A cadeira é de Deus, o céu é de Deus, a nuvem é de Deus e todas as outras coisas também são de Deus.

Sua decisão de que o que deve ser de Deus deve parecer de determinada maneira, atender a uma certa expectativa, é o ponto de confusão que você mantém. “Eu adoraria me casar com um homem que tem muito dinheiro, que tem uma determinada aparência, que quer o que eu quero, que ora como eu oro e que escolhe o que eu gostaria que ele escolhesse.” Não é assim que o amor é encontrado, nem mesmo como um parceiro é completamente conhecido. Quando você está de coração aberto, “Estou disposto a receber”, quando você está disposto a se conhecer como digno do que deseja, “Estou concordando em amar”, o amor o encontrará, sim, porque é você que está presente para ele. Por favor, pare de buscar e comece a permitir. Você não está permitindo que Deus seja Deus porque está tão ocupado dizendo a Deus o que ele deveria ser. E quando você não consegue o que quer, você nega Deus completamente. O mundo em que você se expressa está em negação do Divino. Como sabemos disso? Por razões bastante óbvias. Todas as criações que você fez que estão operando como limitadas, são escolhidas por você através do medo — e de fato isso incluiria guerra, pobreza, fome — são criações nascidas na negação do Divino, e elas são suas criações.

“Como isso é possível?”, ele pergunta. Quando você decide onde Deus não está, você enfeita essa ideia, concretiza essa ideia e abandona Deus para essa ideia. Você fez dessa ideia, manifestada, um totem ou um ídolo, uma coisa que você coloca diante de Deus. “Deus não pode estar nesse lugar escuro.” Em sua limitação de Deus, você fortaleceu esse lugar escuro, e sua escolha de negar Deus, um ato de vontade, está em acordo consigo mesma e se expressa na consciência e se manifesta. Se você não entende o que queremos dizer, você deve entender que tem vontade. Você pode escolher ver Deus, limitar Deus ou negar Deus, e isso se tornará sua experiência. O que você ainda não entende é como contribui para o mundo manifesto através dessas coisas. Quando alguém nega o Divino em si mesma, ela imediatamente negou o Divino em todas as coisas. Se Deus não pode estar onde você está, não pode estar em lugar nenhum.

Agora, você não está convocando Deus, fazendo com que Deus esteja onde você quer. Deus já está lá, mas está sendo negado por você, e isso se torna a experiência manifesta. Quando alguém diz: “Tenho o direito de saber, tenho o direito de ser, tenho o direito de me conhecer como digno”, talvez a porta se abra. Mas então você usa a vontade para passar por ela: “Estou na Sala Superior” — novamente, uma afirmação de verdade. É o aspecto do Divino como você que reside na Sala Superior e reivindicará totalmente cada aspecto de si lá que está em acordo com ele.

Quando ensinamos através de Paul, monitoramos seu sistema para que a ditadura possa ocorrer perfeitamente. Quando ensinamos hoje, temos a intenção de elevar a sala, elevar o ensino, elevar a compreensão do ensino além de um tipo de preconceito que a maioria de vocês tem sobre o que deveria ser — suas expectativas e desejos sobre como Deus deve se manifestar para apaziguar o pequeno desejo do eu por um Deus que lhe dê o que quer. Deus está presente como todas as coisas. O ensino da Sala Superior, o ensino da recepção, é claro, um ensino de manifestação — mas manifestação através do ser, não do ter, através do alinhamento e da recepção, não batendo os pés e sacudindo o punho para o céu. “Exijo que o que recebo seja como digo.” Se algum de vocês recebesse o que realmente pensava que precisava, talvez ficasse grato por isso. Mas em vez disso, você se encontra decepcionado porque não está recebendo o que deseja, o que desenhou e o que pensou que era verdade.

Paul interrompe. “Há muitos ensinamentos de manifestação que dizem que devemos esboçar o que obtemos.” Você pode esboçar tudo o que quiser. Talvez você receba o gatinho com os bigodes longos que pediu, mas talvez o pônei seja um presente melhor para você. Não descarte o pônei porque o gatinho é o que você acha que precisa. Você não confia o suficiente no Divino para permitir que ele o conheça. E você deve entender isso. Você presume que o Divino não o conhece, não conhece o desejo do seu coração e não deseja o que você deseja. Então você se confunde escrevendo longas listas de *obtenções*, *deveres* e *necessidades* que você acena para o céu e diz: “Esta é minha lista. Obrigado, Papai Noel. Vou voltar agora para o meu negócio de conseguir o que quero.”

Quando alguém sabe quem é, ela se conhece em acordo, em consórcio, com sua verdadeira natureza. Sua verdadeira natureza, a verdadeira natureza dele, é da Fonte, porque não pode ser outra. Quando dizemos que você não pode se tornar santo, estamos falando deste princípio. Você já é de Deus. Você apenas negou isso. E nessa negação, você criou sistemas para manifestar o que acha que deveria ter. Mas você não entende. Toda a sua vida, o mundo coletivo que você experimenta, também é uma manifestação de consciência, nascida na expectativa, reivindicada pelo desejo e através do acordo com a negação do Divino.

Um mundo sem Deus é um mundo que opera como separado. Este não é um mundo que requer religião. A religião pode ser útil como uma porta ou um caminho para alguns. Todas as religiões contêm grandes verdades e foram distorcidas através do uso indevido dos ensinamentos, enfeite da verdade por aqueles que buscam poder — e, se úteis agora, são principalmente úteis como uma porta ou permissão para ter um relacionamento com a Fonte. Mas um relacionamento com a Fonte é um relacionamento contínuo. Ele não é prescrito por decreto, mandato ou lei. Qualquer relacionamento mudará à medida que amadurece, aprofundará à medida que cresce,

e seu relacionamento com a Fonte deve ser baseado em uma crença e um acordo de que Deus, ou como você deseja chamar Deus, sabe quem você é — que você não está operando como um sobrevivente de naufrágio, flutuando em um tronco no oceano, buscando Deus. Deus é o tronco. Deus é o oceano. Deus é a experiência de tudo. Você está sempre em Deus porque não pode não estar.

Agora, a escolha de concordar com isso vem com uma ação. A escolha de concordar é uma reivindicação em si mesma. E a reivindicação que lhe oferecemos — “Estou na Sala Superior” — é uma reivindicação feita pela Mônada, em acordo com a vontade, para apoiar o Divino expresso como aquele que a reivindica. O que isso significa é que a escolha de se alinhar — um ato de vontade, se você quiser dizer dessa forma — é sua contribuição. Imagine que você vá à casa de um amigo para jantar e bata na mesa dizendo: “Onde está o bife bourguignon e onde está a massa folhada que eu pedi?” Você vai à casa do seu amigo para jantar e é grato pelo que é servido. O que é servido na Sala Superior está sempre em acordo com suas verdadeiras necessidades.

Muitos de vocês vêm de um sistema nascido na separação, na escassez e no medo, o que apoia a crença de que não pode haver o suficiente, ou que Deus desejaria que você tivesse apenas uma migalha enquanto a pessoa ao seu lado fica com o bolo inteiro. Você limita Deus, porque o Deus que você reivindicou foi limitado por você, em expectativa, por condicionamento e crença anteriores. Conhecer-se como digno de Tudo Que É exige que você conheça a pessoa ao seu lado como tal. Você não é o presente do Reino. O presente do Reino é o ser e a presença — e vem *como* você, talvez, venha *como* quem você acha que é, mas expressando além das limitações que a personalidade escolheria para se conhecer.

Todos são dignos, você vê, ou ninguém é digno. E aquele que você coloca na escuridão o chamará para essa escuridão, tomará chá na escuridão com você, até que você decida libertá-lo ou libertá-la da mesa escura em que se sentam. Você pode ficar lá o tempo que quiser, e muitos de vocês talvez fiquem, porque não podem acreditar que permitir que outro seja como Deus, como todas as coisas são, lhe dará a liberação que você busca. Você prefere manter um prisioneiro em uma caverna, juntando-se a ele ou ela na sombra, do que levá-lo à luz que é Deus e liberdade. A reivindicação “Estou na Sala Superior” apoia todas as coisas no alinhamento com você neste nível de escolha. Neste nível de escolha, todas as coisas podem e serão renovadas.

Agora, ser renovado não significa que seus dentes estão consertados, que seu rosto não está enrugado, que sua ideia de si mesmo melhorou. Significa novo, re-visto, reivindicado, re-conhecido em Deus, de Deus e como Deus. A árvore é Deus, a nuvem é Deus, e aquele que já foi seu inimigo é de Deus. Usamos a palavra *de* expressamente, para que você não pense que estamos convidando você a adorar seu velho inimigo. Você já deixou a mesa do chá naquele momento. Isso simplesmente significa que você não guarda rancor porque voltou à inocência. O coração inocente não busca punir, não busca governar, não busca ganhar às custas da perda de outro.

Cada um de vocês que ouve essas palavras está sendo sintonizado por meio desta transmissão, e esta transmissão está em uma frequência ou nível que nunca foi trazida pelo homem diante de você até este dia. O tom que está sendo cantado aqui é para restaurar a divindade em um nível que havia sido negado, não pelo homem à sua frente, mas pelo coletivo que disse não. A abertura está aqui. A janela não está apenas aberta — está aberta tão amplamente que a luz não será proibida de brilhar.

A tarefa diante de você agora é realmente uma bastante simples: Fazer um novo acordo de que Deus o conhece como você é, exatamente como você é, com sua vergonha, com sua coragem, com sua inclinação para isto ou aquilo, com o hábito que você não consegue quebrar, com a dificuldade que você aborda em seus relacionamentos. Deixe que todas as coisas sejam conhecidas. Deixe que todas as coisas sejam vistas. Deixe a grande luz brilhar e permita-se banhar-se nela.

A reivindicação é:

“Sou Conhecido. Sou Conhecido. Sou Conhecido.”

Se você não pode permitir que o Divino o conheça, e sugerimos que já o faz, você continuará tentando atender às suas necessidades, manifestando-se por meio de atos desesperados, anseio, frustração e maldizendo o que você não consegue, ou maldizendo aquele que parece tê-lo. Sua ideia de pecado é fazer algo ruim. Tudo o que um pecado é, é outra forma de negar o Divino. A pecaminosidade não é o que você pensa. Não é uma coisa terrível. Geralmente é inconsciente. “Estou tão com inveja dele e do que ele tem.” A inveja que você procura empregar nessa interação é a negação do Divino — novamente, nascida na falta, de que não pode haver o suficiente, de que você recebeu a migalha enquanto ele come felizmente o bolo.

Cada um de vocês aqui que vê essas palavras, que ouve essas palavras, que compreende essas palavras, será conhecido de novo. Mas para ser conhecido de novo, você deve ser visto, você deve ser mostrado. Você deve se mostrar nu ao Divino, resplandecente exatamente como você é, para permitir que o Divino receba cada aspecto de você, de modo que possa se mover para si mesmo em uma frequência mais elevada. “O que isso significa?”, ele pergunta. Quando você oferece sua vergonha ao Divino, ela é transformada. Quando você oferece seu anseio a Deus, ele é conhecido de novo. Quando você oferece a crença em si mesmo e na personalidade que exige que ela obtenha o que quer quando quer, você é atendido nas verdadeiras necessidades conforme elas ocorrem.

Imagine viver uma vida onde o que era necessário era atendido por você, quando o que era escolhido por você era escolhido em alinhamento com uma vontade superior, quando o recebimento do bem, ou a exigência do bem, era conhecido por você porque *era* a expressão do Divino, operante em todas as coisas, que você começara a experimentar. Veja, a Sala Superior não é uma loja, mas é um lugar sem falta, e um nível de consciência onde

é o desejo do pai ou da mãe conceder a você o Reino. Dissemos *pai* ou *mãe* para impor uma ideia, conhecida através de princípios religiosos que são de fato verdadeiros, a um mundo que está confuso com eles. “Como Deus poderia permitir que essa coisa terrível acontecesse?” é uma ideia confusa. Vocês são criadores. Vocês escolhem o seu mundo. Vocês fizeram a guerra. Vocês fizeram a fome. Vocês deixam seus irmãos e irmãs passarem fome na crença de que não haverá o suficiente para vocês. Mas quando vocês se elevam ao Reino, além da separação, além dos mandatos da separação, são bem-vindos para receber os dons do Reino como eles estão presentes. Você se torna o presente do Reino através deste alinhamento. E é a sua presença e ser que apoiam todos os outros em exigir o próprio mandato para o desenvolvimento e crescimento.

Agora, em nossos textos, nós apoiamos um acordo para o ajustamento ao reino superior por meio de instrução progressiva. Não temos expectativa de que todos leiam esses textos, mas temos grande expectativa de que aqueles que os atenderem se tornarão as portas para muitos que seguirão, porque é o alinhamento que você mantém através desses ensinamentos que apoia a abertura da janela cada vez mais e mais. À medida que cada um de vocês desperta para a sua verdadeira natureza, desperta mais mil pela natureza da presença. E é assim que você é — como você aparece no seu trabalho, como você ensina sua classe, como você lava as janelas para deixar mais luz entrar. O ser que você é, na Sala Superior, a partir da Sala Superior, reivindica um mundo feito novo, porque o nível de vibração ou tom que ela mantém elevará todas as coisas a ele pela presença e ser.

Vamos fazer uma pausa para Paul. Por favor, fiquem quietos. Retomaremos a fala em dois minutos. Isso está realmente no texto. Ponto. Ponto. Ponto.

(PAUSA)

O mundo que você vê diante de você está realmente mudando para um novo nível de frequência, uma nova expressão. Quando algo muda, há grande perturbação. Quando você está mudando as estações em um rádio, você pode encontrar estática. Você pode se entender em um espaço de mudança agora, onde o que era conhecido não está presente da forma como tem sido, e o que busca nascer ainda não foi confirmado por sua experiência. Este é um momento útil, e um momento muito necessário. Quando você está limpando um armário, você deve dar uma olhada no que está prestes a ser descartado, entender por que você não o requer mais. E o armário está sendo esvaziado agora, e o acúmulo de detritos, aquilo que deve ser renunciado, está sendo experimentado pelo coletivo. As escolhas feitas no medo, conhecidas por cada um de vocês como o que vocês se conheceram através de atos temerosos ou em acordo coletivo com o medo, devem ser re-vistas para que vocês possam escolher de novo.

Quando falamos de vontade, nos referimos ao aspecto do Divino que opera como vontade. Alguns de vocês dizem tolos: “Eu tenho livre-arbítrio. Farei o que quero.” E claro, embora isso seja verdade em um certo nível — de fato, você tem livre-arbítrio, e ele é valorizado — até isso é de Deus porque todas as coisas são de Deus. A restauração da vontade à sua natureza divina não o priva da escolha. Ela o apoia em uma escolha mais elevada do que talvez você tivesse feito antes.

Entender a escolha é entender o desejo. Quando o desejo é atendido à luz, ele pode florescer de formas belas. Quando o desejo é mantido nas sombras, ele pode ser deformado ou confuso em suas exigências. Alguns de vocês dizem: “Eu acho que sei quem eu sou. Desejo me conhecer mais.” Se você entrega esse desejo à Fonte — “Eu permito que meu crescimento esteja sob a alçada, na bênção, da Verdadeira Fonte” — você cria um caminho na luz. Se o caminho espiritual que você escolhe é um de realização — “Eu devo ser visto como espiritual, devo ter um púlpito para me sentar, devo ser o operador de milagres, e mais ninguém” — você reivindicou um caminho nas sombras disfarçado de luz. Não há ninguém mais espiritual do que aquele ao seu lado.

Existem diferentes níveis de amplitude e acordo vibracional aos quais alguém pode se alinhar através do progresso. Mas o progresso em si, quer você saiba disso ou não, é principalmente o subproduto da permissão, da rendição e da entrega da vontade ao reino superior para que ela possa ser empregada. Entender o si mesmo como a serviço do Divino é permitir que a vontade seja utilizada de forma elevada.

Ele interrompe o ensinamento. “Bem, muitas pessoas acreditam que estão fazendo a vontade de Deus e o caos se instala.” Não é disso que estamos falando. Não estamos falando de nenhum outro chamado além do ser, presença e ser. Você ainda está em escolha aqui, mas essa escolha é feita por alinhamento. E as escolhas acumuladas neste lugar de ser sempre lhe ensinarão o que você precisa e fornecerão o que você precisa, seja uma lição que se deve aprender ou uma escolha para cuidar de si de uma forma que seja necessária, que será atendida pela escolha feita ou garantida em recepção por você.

Alguns de vocês nos dizem: “Bem, eu oro o dia todo, e não consigo nada.” Suas expectativas sobre o que você deveria receber precisam ser compreendidas de novo — sua idealização do resultado, sua crença no que você deveria ter, excluindo o que poderia ser dado a você. A criança de cinco anos quer um carro. Ele vê seus pais dirigindo. Seus pés não alcançam os pedais. Esta criança não pode ter um carro. Coisas terríveis poderiam acontecer. Em vez disso, a criança recebe o carrinho de brinquedo, desfruta dele por um tempo, e então, um dia, anos depois, ele ou ela poderá dirigir. Vocês se entendem assim. Quando vocês almejam o lugar elevado espiritualmente, sem entender o nível de alteração que devem sofrer para manter o tom elevado, vocês podem criar confusão. Embora apoiemos nossos alunos em seu aprendizado ao nível em que possam manter a frequência e escolher de formas elevadas, não apressamos esse processo. Preferimos que vocês mantenham os pés no chão, com a cabeça nas nuvens, do que serem levados por um vento a um nível de tom que vocês não conseguem gerenciar psíquica, emocional ou fisicamente.

“O que isso significa?” ele pergunta. Cada texto que lhe demos apoiou um nível de sintonia que pode ser mantido na manifestação e, uma vez mantido, apoia você em acumular o próximo nível de tom vibracional e a consciência que o acompanha. À medida que você progride, os textos se tornam desnecessários. A necessidade de ajustes desaparece porque você incorporou esse nível. Quando você está alinhado na Sala Superior, o progresso que ocorre ainda está acontecendo, mas sem o nível de caos ou drama que você conheceu no campo inferior. Isso não significa que você não tenha desafios na Sala Superior, mas sim que você enfrenta os desafios de maneiras muito diferentes. Você parou de negar o Divino, você passou a uma compreensão da realidade à qual você está se alinhando, e você entende que cada encontro é favorável ao seu aprendizado, mesmo que não seja o que você escolheria, no nível superior a que você se alinhou.

Muitos de nossos alunos, saibam ou não, incorporam o ensinamento e não sabem que o fazem. Eles esperam estar transformando água em vinho. Eles esperam estar recebendo ditados como o jovem faz diante de vocês. Na verdade, *ser* esse ensinamento é ser como amor, é ser como compaixão, é ser como verdade, e conhecer aqueles à sua frente como de Deus, ou Fonte, se preferir, independentemente de suas expectativas sobre o que eles deveriam ser ou como talvez devessem agir.

Quando dizemos estas palavras agora, estamos dizendo-as para todos que as ouvirão algum dia: O Divino não mentirá. Ele não excluirá. Ele não pode. A verdade não pode mentir, e Deus não pode estar no engano. Avançar para esse nível de acordo é reivindicar a inocência, ou um estado purificado de expressão. Isso não significa que você não gosta de uma massagem nas costas ou de uma bebida agradável antes do jantar. Não significa que você é um santo. Significa que você reivindicou o Reino, e de fato é a expressão dele, e sua presença e ser estarão disponíveis para todos que ouvirem o som da canção de sua expressão. A afirmação “Eu sei como eu sirvo,” que ensinamos em textos anteriores, é a afirmação da expressão. E o ser que você é, neste nível de tom, é a janela, é a porta, é a iluminação, que transforma o mundo que você vê.

Obrigado por sua presença. Pare agora, por favor.

(PAUSA)

O que está diante de você hoje é a oportunidade de liberar e reconhecer sua participação nas ideias que o prenderam, que o reivindicaram em separação. A identidade através da qual você se conheceu, forjada através da separação, deseja se conhecer em uma amplitude maior, e seu consentimento é participativo para a ação que você está agora realizando. Quando a personalidade disse: “Sim, a ideia de quem eu sou pode ser movida para um estrato vibracional mais elevado”, os aspectos do eu que exigiriam ser vistos, exigiriam ser vistos de novo, virão à tona para serem vistos novamente. E a afirmação que fazemos hoje — “Será assim” — é o Divino Manifesto apoiando esse ato de recriação.

Alguns de vocês dizem: “Eu gosto de quem sou. Não há nada que eu queira mudar, obrigado.” Isso não é sobre mudança. É sobre reconhecer onde aspectos do eu têm governado um pequeno país e o caos se instalou como resultado. O alinhamento superior garantirá uma coisa — que você não está mais escolhendo com base no medo. E essa escolha sozinha, de manter esse nível de tom, alterará a paisagem através da qual você se expressa. A ideia do eu, veja bem, conhecida através e nascida em separação, reivindica-se equivocadamente como separada da Fonte porque não retém nenhuma outra dádiva. Por que não buscaria mais aquele que acredita que não haverá o suficiente, para depois ganhar mais apenas para perceber que os frutos não são nada?

Quando o Verdadeiro Eu reivindica coisas ou se move em direção à manifestação, está operando a partir de uma esfera diferente, um reconhecimento da Fonte e da abundância na Fonte. E o Verdadeiro Eu, quando reconhecido como a fonte dominante de sua experiência aqui, começará a reivindicar muitas coisas que você não acreditava que poderia manter. “O que isso significa?” ele pergunta. Aquele que se sente privado de amor pode conhecer o amor de uma nova maneira. Aquele que acreditava que nunca seria reconhecida por seu trabalho pode descobrir reconhecimento, não de uma forma que satisfaça a estrutura do ego, mas de uma forma que apoie a identidade e o compartilhamento adicional de suas habilidades. Cada um de vocês diz sim no nível que pode manter, e as manifestações que ocorrem da Sala Superior são sempre congruentes com o que a identidade conhece e concordou.

Agora, alguns de vocês desejam riqueza. Não há nada de errado com a riqueza. Ela não é algo ruim ou bom. É simplesmente algo mais através do qual você pode aprender. Você pode muito bem começar a entender que qualquer ensinamento de abundância não precisa excluir a riqueza, mas se é um ensinamento verdadeiro, ele não é *sobre* isso. A riqueza pode ser uma ocorrência, mas o verdadeiro ensinamento é a compreensão de que a Fonte é todas as coisas, e todas as coisas podem ser reivindicadas na Fonte. Mas você não está lutando por riqueza. Você faz o trabalho à sua frente, talvez, se houver trabalho a ser feito, consciente dos frutos do seu trabalho. Mas você não está fazendo este trabalho para alcançar tanto quanto receber. E uma vez que você entenda a diferença aqui, será muito mais fácil participar do grande banquete que está posto diante de você.

“O que isso significa?” ele pergunta. Bem, imagine que há uma mesa onde todos podem ser alimentados, onde não há falta. A consciência desta mesa é a consciência da abundância. Quando você se senta a esta mesa, você tem o que precisa. Você não enche seu prato demais. Você não enfia comida no bolso para guardar para um dia posterior. Você entende que a mesa está lá, e todos que concordaram com esta mesa estão presentes e partilhando da abundância ali. Quando você compreende que o que se expressa nesta mesa são todas as coisas que podem ser conhecidas, você entenderá que o que está diante de você é o que é necessário para você no dia ou no momento em que você se encontra. A ideia do dia como um período de tempo é útil principalmente como

metáfora. “Dai-nos hoje, este tempo, esta experiência de ser.” Não é do nascer ao pôr do sol tanto quanto o momento em que você se encontra, que é, claro, o único momento em que Deus pode ser conhecido.

Agora, quando você entender que o dom do Reino não é o que está no Reino, mas a experiência *do* Reino, você não colocará o carro à frente dos bois mais. Aqueles de vocês que buscam coisas, que acreditam que Deus é um presente que dá o que você quer, ficarão surpresos com a facilidade com que a manifestação ocorre quando você simplesmente entra em acordo com a Fonte como ela mesma, e o alinhamento com a Fonte fornece o que é necessário. O que é necessário é, de muitas maneiras, o subproduto de sua expressão, do ser que você é e das necessidades, requisitos, que são necessários neste momento, neste momento de receptividade. Quando você nos faz perguntas — “Meu casamento vai durar?” “Meu filho será feliz?” — nós respondemos conforme nos é permitido. Não intervimos em suas vidas pessoais tanto quanto lembramos quem você é e o que você pode reivindicar nesse sentido.

Suas ideias sobre quem você deve ser são meritórias em alguns aspectos. “Eu deveria ser um homem bom, fazer coisas boas.” “Eu deveria ser uma mulher feliz e dar alegria a mim mesma para que eu possa compartilhá-la com os outros.” Estes são bons a seu modo. Mas entenda, amigos: A alegria que você busca é um estado de ser, estar em alegria, e a reivindicação de ser gentil é, na verdade, substituída pelo reconhecimento da verdade do amor profundo de Deus por todas as suas criações. Quando você se alinhou na Sala Superior, você não precisa ser simpático, tentar ser gentil. Você não está se esforçando para ter bons modos. Você está sendo, no nível de amplitude onde a transmissão que você mantém não pode julgar e não teme. Quando você não está operando em julgamento ou medo, a consequência é simples. Você vê a verdade. Você vê a luta da pessoa à sua frente. Você não a julga por sua luta. Você reivindica a verdade do ser dela através da ressonância que você mantém.

Agora, em instruções anteriores, você foi ensinado a afirmar a reivindicação — “Eu sei quem você é na verdade, eu sei o que você é na verdade, eu sei como você serve na verdade; você é livre, você é livre, você é livre” — e isso é sempre apropriado. Mas no nível de alinhamento a que você está chegando, você está se movendo para a expressão como a Mônada. Em outras palavras, amigos, a verdade do seu ser é transmitida pelo ser. A afirmação da expressão — “Eu sei quem sou, o que sou, como sirvo” — é quem você é, então você não precisa mais afirmá-la. E porque você mantém isso, a co-ressonância do seu campo é uma bênção para todos que você encontra.

Agora, neste caso, por *bênção* entendemos a presença de Deus sobre a coisa vista. Você é a presença de Deus sobre essa coisa vista. Você não está mais tentando consertar as pessoas, o que em quase todos os casos é sua ideia de fazê-las se parecer com o que você acha que elas deveriam ser. A verdade do seu ser se expressa de maneira diferente. O ser que você é, neste nível de presença, ocupa um espaço em vibração. Este espaço se estende para onde quer que sua consciência possa pousar ou concordar em ir. Você acredita que está aqui nesta sala — este piso, estas paredes ao seu redor. Você está, na verdade, na Sala Superior, recebendo esta orientação de lá, e você também está em outros lugares. Você está consigo mesmo em outras vidas, em outros dias na memória, em sua ideia do futuro também.

A consequência da criação não é limitada pela linearidade, nem por suas ideias sobre o que pode ser concebido. A consequência de ser, neste nível de tom, é que a consciência está disponível em experiências além da sua ideia do que pode ser. Assim, você está em múltiplas identidades em múltiplas ideias de tempo, e a expressão que você mantém como a Mônada está em radiação como todas elas. Em outras palavras, amigos, você não resolve o problema na esquina do quarteirão indo até a esquina do quarteirão. Você fica onde está, conhece-se em sua plenitude, e reivindica a presença do Divino sobre o que você vê. Você não está consertando. Você não está renegociando nada. Você está alinhando o que você vê, ou o que pode ser mantido em outro lugar, com a verdade que é infinita, que é sempre presente e sempre. Sua ideia de onde você pode estar e o que você pode saber são, em quase todos os casos, limitadas pelas ideias que o coletivo escolheu para se conhecer. A reivindicação que oferecemos antes — “Eu sou livre, eu sou livre, eu sou livre” — eleva você além do antigo, além dos parâmetros de falso acordo, para um nível de acordo onde o que é verdadeiro é sempre verdadeiro, e o que você pode saber pode ser alinhado com a verdade.

Alguns de vocês nos dizem: “Bem, eu quero saber de tudo. Deixe-me saber todas as coisas”. Se você soubesse todas as coisas, não teria mais a experiência de aprendizado que é exigida de você. E mesmo na Sala Superior, em um estado mais elevado de expressão, seu aprendizado continua — de maneiras um pouco diferentes, mas continua. Você fez muitas coisas em uma vida. O reflexo de suas criações passadas o rodeia. Você é responsável por essas criações, sim. E quando você as revê a partir do modelo mais elevado da Sala Superior, elas serão novamente conhecidas.

Agora, se você entender que tudo em manifestação está em energia, e concretizado pelo pensamento, nomeado e mantido em solidez por todos que concordaram com o nome — “Isso é uma instituição, chamamos de banco”, “Isso é algo da natureza, chamamos de oceano ou árvore” — quando você entender que essas coisas estão todas em tom, em oscilação, e seu levantamento do eu para a Sala Superior reivindica seu acordo com o que você vê na oitava superior que você experimenta, “todas as coisas feitas novas” é o ato de reconhecimento da Fonte de todas as coisas, demonstrado por alguém que sabe quem ele é, o que ela é e como ela serve.

Cada um de vocês diante de nós diz essas palavras, “Eu sei quem sou, o que sou, como sirvo”, com uma compreensão superficial do que elas realmente significam e significam. Se você compreendesse apenas uma dessas frases em plena realização, a consciência que você mantém seria completamente transformada. Mas você

aprende o que o significado é experiencialmente à medida que você pode mantê-lo. Entender ou realizar a reivindicação “Eu sei quem eu sou na verdade” o qualificaria para a santidade por sua própria admissão, e esse não é o propósito aqui. Quando alguém verdadeiramente sabe quem ele é, ele sabe quem todos os outros são, e ele os ama porque não pode deixar de amá-los.

O instrutor que você conheceu pelo nome de Jesus foi treinado desta forma. Este não é um ensinamento novo, e qualquer pessoa que tenha caminhado neste plano em um estado realizado foi doutrinada pela instrução que você está recebendo. Nós ensinamos há muito tempo, se você quiser usar o tempo como uma estrutura ou referência, e como ensinamos nunca mudou. Sempre foi em vibração e tom, mas das maneiras que eram apropriadas para as culturas e épocas pelas quais escolhemos ensinar.

Agora, diante de vocês está um homem que ainda está em treinamento, não muito diferente do resto de vocês, mas ele está aqui para aprender quem ele realmente é, assim como o resto de vocês. Todos os alunos desses textos estão aqui para aprender quem realmente são. Quando o antigo eu da personalidade cumpriu seu uso, ele é realmente descartado. Você não carrega uma personalidade de uma vida para outra. Existem graus de compreensão através da semelhança, mas o tom da alma é o que se move entre vidas. E é o tom da alma em aceleração que exige mudança, ou uma alteração da estrutura do ser.

Você é alterado por esses ensinamentos. Você gosta de pensar em mudança como melhoria, mas dessa forma é um pouco diferente. Nunca melhoramos nada. Restauramos muitas coisas. Vimos muitas pessoas em muitos caminhos com o mesmo desejo profundo de reconciliação com Deus, e porque sabemos quem somos, podemos mostrar a você quem você é. A verdade de nossa expressão foi conhecida por diferentes nomes em diferentes épocas. Você pode nos conhecer como Melquisedeque. Você pode nos conhecer como a Verdade Cristã, porque é assim que nos definimos como um ensinamento. Não somos seres humanos, embora alguns de nós tenhamos nos conhecido através da forma. De fato, somos seus professores, conforme você escolhe ser ensinado.

Herege, você entende, não é afirmar que você é Cristo. Herege é afirmar que você é o único. E nós não podemos ser, porque cada um de vocês também é, todos vocês são, mas ainda não realizados porque vocês estiveram tão ancorados nas trincheiras e nos cadafalsos do campo inferior que vocês já não olham mais para o céu e experimentam seu eu com admiração. *Seu eu com admiração* está correto. “Eu sou daquele céu e de todas as coisas naquele céu e de tudo que criou o céu e a terra abaixo de mim. Conheça-me como um com a Fonte do meu ser, e conforme eu conheço, reivindico todas as coisas em acordo com isso.”

O caminho à frente de alguns de vocês pode parecer árduo por um tempo. “Por que estou lidando com isso novamente? Por que estou lutando aquela batalha mais uma vez?” Tudo é uma oportunidade de aprender, e há coisas que você ignorou, disse: “Vou chegar a isso algum dia”, e então optou por ignorar sua própria afirmação. Deixar isso de lado exige que você o reivindique e o ofereça novamente. A oferta que você fez neste ensinamento já — a estrutura da personalidade elevada a um uso mais elevado, alinhada à Fonte — não desmonta tanto a personalidade quanto a recupera. E os aspectos de si mesmo com os quais você precisa ter um encontro estão prestes a serem vistos.

Agora, se você perceber isso como um presente, encontrará muitas coisas muito rapidamente e avançará para uma forma mais elevada de se vivenciar. Se continuar tentando empurrar as coisas de volta para a sala escura de onde elas acabaram de escapar, terá uma batalha pela frente. Existem aspectos em todos vocês, forjados na dor, dissociados de suas verdadeiras naturezas, que requerem visão, resposta e realinhamento. Você dirá isto, se desejar:

“Neste dia, escolho permitir que cada aspecto de mim mesmo que requer ser visto seja visto de formas amorosas. Dou a mim mesmo permissão para ver todas as coisas para que elas possam ser renovadas em equivalência, em verdade, na alta luz da Sala Superior.”

Quando você concorda com isso, apoia o processo no qual está agora engajado.

Ele interrompe o ensinamento. “Haverá um momento em que não estaremos mais olhando para o passado? Virá um tempo em que eu não estarei mais preocupado, ou envergonhado, ou assustado?” Na verdade, Paul, já está aqui. Muito do que você faz nasce em sua memória contaminada. A auto-percepção como aquele que deveria se preocupar ou ter medo continua a reivindicar você porque você depende dela. Mas o que não é mais verdade é que você não é mais energizado por isso. É algo passageiro. “Vou comer o pedaço de chocolate no balcão, embora saiba que não deveria.” Na verdade, você não precisava do chocolate, mas ele estava lá e você o comeu novamente. Você entende, sim.

Agora, muitos de vocês dizem: “Isso pode acontecer na minha vida?” Daremos a vocês a mesma resposta. Está acontecendo agora. É sempre agora. Esta vida é uma ideia, uma sequência de trocas conhecidas através do tempo, ou da sua ideia de tempo, sob um rótulo de uma personalidade, que foi talvez educada, criada no amor ou na raiva — não importa. O que você aprendeu é o que você aprendeu, mas quem você é se expressa muito além desta vida e sempre o fará. Em outras palavras, amigos: é agora. É agora. É agora. E presença e ser são a expressão do agora, em qualquer nível de amplitude que você escolha aprender através e por.

“O que isso significa — *por*?” Você aprende *através* de suas experiências e aprende *por* suas escolhas. O que você escolhe cria experiência, que se torna sua instrução. Quando os motivos de alguém estão alinhados com o superior, você aprende de formas mais elevadas. Quando você perpetua a antiga ideia de si mesmo que exige ser visto como o único, o mais alto ou o mais baixo de todos, você reivindica o antigo de novo e de novo e de novo. Sua libertação está aqui, e por um motivo: Você disse sim, e esse grande *sim*, esse maravilhoso *sim*, o

reivindicará em um caminho que o levará adiante, com escolta, ao Reino como sua experiência.

Faremos uma pausa para Paul. Retornaremos em dois minutos.

(PAUSA)

Cada um de vocês diz sim, com o acordo na participação do que está prestes a começar. *Prestes a começar* está correto, Paul. Cada um de vocês está presente para um re-conhecimento do eu além da estrutura da personalidade que você aprendeu até agora. Se você permitir que o Divino o conheça em plenitude, se conhecerá em um estado alterado. As manchas que você carrega, as marcas de polegar no vidro defeituoso que você mostra ao mundo, podem ser renovadas pelo seu acordo com isso. O presente deste ensinamento matinal foi a reconciliação com a verdade do seu ser. Desta vez, oferecemos a você algo diferente — a reivindicação de conhecimento como pode ser invocado além de qualquer criação através da qual você se conheceu.

Vamos explicar isso para os estudantes aqui. Sua ideia de algo que aconteceu uma vez se torna sua ideia de história, e você reivindica identidade através da história que carregou e invocou. Quando você afirma, “Eu sou a Palavra” através disto ou daquilo, você reivindica a ação do Divino sobre essa ou aquela coisa. “Eu sou a Palavra através daquela memória da minha dor” é na verdade muito mais eficaz do que o que aconteceu, porque o que você carrega é a memória, e é a memória da coisa que mancha sua percepção, menos do que a coisa em si. Quando você se eleva à Sala Superior, as reivindicações que oferecemos aqui — “Eu Vim; Eis que faço novas todas as coisas; Assim será; Deus É, Deus É, Deus É” — são todas reivindicações de verdade que podem ser reconhecidas e realizadas a partir deste nível de tom ou vibração.

O trabalho anterior estava apoiando você neste alinhamento que agora você pode manter e escolher manter. A reivindicação do dia — “Eu Sou Conhecido, Eu Sou Conhecido, Eu Sou Conhecido” — é novamente uma declaração de verdade. Você não está pedindo a Deus para conhecê-lo. Você tem negado que Deus o conhece todos esses tempos, todas essas vidas, através de todos esses acordos para a separação. Mas neste dia escolhemos apoiar cada um de vocês no alinhamento que pode ser reivindicado por você neste momento de tempo, ou em seu entendimento do tempo.

Você pode dizer isso depois que falarmos as palavras, se desejar:

“Eu Vim. Eu Vim. Eu Vim. Eis que faço novas todas as coisas. Assim será. Deus É. Deus É. Deus É.”

Agora, alinhe-se à verdade da última afirmação:

“Deus É. Deus É. Deus É.”

Você não está invocando isso. Você não está desejando isso. Você está reivindicando sua plena presença como e através de você, e como e através de todas as coisas.

E agora, quando você diz essas palavras, convidamos você a experimentar o significado completo delas:

“Eu Sou Conhecido. Eu Sou Conhecido. Eu Sou Conhecido.”

Deixe que isso também seja reivindicado para você:

Você É Conhecido. Você É Conhecido. Você É Conhecido.

E permita que cada aspecto de vocês mesmos seja conhecido por isso.

Agradecemos a cada um de vocês por sua presença. Pare agora, por favor.

DIA TRÊS

O que está diante de você hoje é um novo acordo: “A ideia de quem eu era serviu a um propósito. Eu a utilizei da melhor forma que pude. E agora estou pronto para abandonar a ideia de mim mesmo que foi tão doutrinação pelo medo.” A escolha é sua, você vê. Você não está abandonando a si mesmo. Você está reivindicando a si mesmo na alta ordem da Sala Superior. O triunfo deste ensinamento é realmente um mundo feito novo, e o presente que cada um de vocês traz para este mundo é a identidade que vocês reivindicaram na Sala Superior como o Verdadeiro Eu.

Agora, entenda o Verdadeiro Eu. Isso não é uma estrutura de identidade que foi fabricada. É a essência de você mesmo, a verdadeira natureza do seu ser. E atribuir-lhe propriedades de personalidade seria, de muitas formas, contaminá-lo com uma ideia reivindicada do reino inferior. A Sala Superior, você vê, é a consciência de Cristo, e o aspecto do eu que se manifesta aqui é de fato o Verdadeiro Eu ou a Mônada. Suas atribuições, sua província, é o ser. E sua presença e ser, neste nível de amplitude e tom, é o que reivindica o mundo. Presumir que o seu Verdadeiro Eu é educado, é agradável, faz o que se espera que faça, seria confuso. Compreender que o aspecto de você que está em permissão aqui, e está reivindicando cada aspecto de você em verdadeira natureza, é o aspecto de Deus manifestado como você anunciará em verdade. Quem disse que Deus era educado? Quem disse que Deus gosta de seu chá na hora da tarde? A Mônada como você — Que Veio, Que Veio, Que Veio — está no decreto de um grande tom e som: O grande “Eu Sou”, sim, mas não “Eu sou Sheila” ou “Eu sou Roger”. “Eu sou o Verdadeiro Eu que reivindica todas as coisas na verdadeira natureza do ser.”

Agora, a personalidade ainda existe aqui, mas não a confunda. Sua ideia de si mesmo, a farsa que você tem representado, ainda tem uma âncora no reino inferior. Você conhece o seu programa de televisão favorito. Você conhece o nome do seu melhor amigo. Essas coisas existem. Elas são suas para desfrutar. Mas a reivindicação que está sendo feita para você agora — “Eu estou na Sala Superior; Eu Vim, Eu Vim, Eu Vim” — reivindica todos os aspectos do eu e, então, todos os aspectos do mundo, na alta ordem à qual você se moveu para equivalência.

Equivalência deve ser entendida novamente. Tudo opera em equivalência. À medida que você reencarna, e usamos essa palavra intencionalmente, como a Mônada ou Verdadeiro Eu, a arquitetura do ser é realmente

traduzida e a vibração que você ecoa consolida a Mônada e reivindica o que encontra em verdade. Em verdade, uma mentira não será sustentada. E o anúncio do ser, a partir da Sala Superior — “Eis que faço novas todas as coisas” — é o anúncio do Criador sobre suas criações através do veículo que o Criador está utilizando, que é o eu encarnado.

Agora, a mudança pela qual você passa ao participar deste ato não tem nada a ver com o que você pensa. Sua ideia do que você será nesta alta estratificação é relativamente confusa, porque seu viés do que deve ser santo, do que deve ser reivindicado, anuncia você em desafio à Mônada. Explicaremos isso para Paul, que está perguntando. Sua estrutura de personalidade, a ideia de si mesmo, se estende à sua imaginação. Portanto, sua ideia de quem você é em um estado rearticulado, a Mônada como eu físico, está dotada de suas ideias do que isso deve ser. No momento em que você abandona essas ideias, o processo alquímico de manifestação reivindicará você de maneiras perfeitas, mas se você ainda está atribuindo significado — “Na Sala Superior eu visto chiffon”, “Na Sala Superior eu tenho um encontro”, “Na Sala Superior tudo vem como eu digo que deve vir” — exigirá que você participe do reino inferior para mais instruções.

Há muito a aprender no reino inferior. Nós não o descartamos. Nós o traduzimos. Imagine que você conhecia uma língua onde toda segunda palavra era informada pela ideia de medo, e você reivindica uma nova língua que não fala em medo, não invoca em medo. Então as manifestações deste mundo, sem medo, alinharão vocês às suas verdadeiras naturezas, porque vocês não estão mais operando em concordância vibracional com o velho eu enraizado no medo, buscando absolver-se da culpa, para que um dia possam estar prontos para entrar no Reino. O Reino, você entende, *está aqui, está aqui, está aqui*, e pode ser acessado através da expressão em concordância vibracional da Mônada.

Agora, a ação da Mônada, uma vez encarnada em um estado realizado, é o ato alquímico de manifestação. E o ato de manifestação a partir da Mônada é a rearticulação e a elevação de todas as coisas para a única nota cantada — a Palavra, se você quiser chamá-la assim, ou a verdadeira natureza de todas as coisas. O desfiguramento que todos vocês fizeram de si mesmos e dos outros, a profanação do mundo manifestado semeado em ganância e negação do Divino, será revisto, e pode e deve ser revisto, a partir da Sala Superior para que o mundo manifestado se reivindique em verdade.

Agora, o que não está em verdade é aquilo que nega o Divino. A maioria de vocês pensa em heresia como falar contra a igreja ou um ídolo religioso. Heresia, na verdade, é a negação inata da divindade no que você vê e experimenta. Entender que todas as coisas devem ser de Deus, independentemente de você concordar com elas como um eu de personalidade, é um passo enorme para a maioria de vocês. Porque vocês foram ensinados a julgar pelo medo tanto que rearticulam o medo a cada oportunidade, vocês contaminam o mundo com mais e mais do mesmo. A escolha deve ser sua agora. O avanço deste ensinamento finalmente encontrou a si mesmo através de vocês, e cada um de vocês, já que estão à beira de uma nova vida, em um novo acordo, para o benefício de todos que encontram.

Agora, aqueles de vocês que dizem: “Ah, isso soa encantador, deixe-me vestir minha melhor roupa para que eu possa sair abençoando o mundo”, estariam bastante confusos. A ação que você expressa neste nível de entonação está em concordância como e com a Mônada ou a vibração de Cristo. É Cristo que faz o trabalho, não Sheila que se vestiu para ir à igreja. É Josh que chega e diz: “Aqui estou, ofereço-me em plenitude”, e é o aspecto de Josh em um estado alinhado, em uma reivindicação de verdadeira identidade, que reivindica seu mundo de todas as formas como a verdade do ser.

“O que isso significa?” ele pergunta. Reivindicar a verdade do ser no que você vê é saber quem você é e o que você vê como de uma única Fonte. A negação do Divino é contrária a isso. “Esse homem terrível não pode ser de Deus.” “Esse evento terrível não pode ser de Deus.” Agora, Deus não criou o evento. Talvez você tenha criado, ou alguém agindo por medo. Mas perceber Deus onde o evento ocorreu é reivindicar a manifestação ou a presença do Divino onde ela mais foi negada. Onde Deus foi mais negado é o que você vê como sofrimento, é o que você vê como pobreza, é o que você vê como doença.

Quando Deus é amor, quando Deus é conhecido como amor, muitas coisas mudarão, porque o amor não prejudicará, o amor não profanará e o amor se conhecerá em inocência.

“O que isso significa?” ele pergunta. O amor se conhece em um estado purificado. A expressão de Cristo é pura, não contaminada pelo medo. A manifestação dessa inocência sobre o reino material não é apenas uma purificação. É uma reivindicação do que já foi devastado, do que já foi profanado, do que já foi deixado em ruínas, para ser novamente conhecido em amor e, conseqüentemente, ressuscitado. A ideia de julgamento, de que você é julgado pelos seus pecados e pagará penitência por eles, deve ser reinterpretada agora para entender que o que você chamaria de seus pecados, ou a negação do Divino manifestada por você, é a razão do seu sofrimento. Quando você não mais reivindica essas coisas, quando permite que sejam reivindicadas na alta oitava da Sala Superior, todas as coisas são feitas novas e você renasce em inocência.

Agora, entenda o que a inocência não significa. Não significa que você não tem um temperamento. Não significa que você não desfruta do prazer físico. Você tem um corpo. Precisa alimentá-lo, precisa banhá-lo e, por favor, esperançosamente, aproveitá-lo ocasionalmente. O Divino como você, expresso através de você, também se conhece em forma. E os esquemas nos quais vocês se envolveram — “A noiva deve vestir branco”, “Você deve tomar o véu e abdicar da carne” — estão de todas as formas confusos. Alguém pode escolher uma vida celibatária. Alguém pode optar por uma vida onde não há conflito em relação ao desejo. Mas entender

que a Mônada se expressa em forma apoia a realização do reino material. A maioria de vocês acredita que, à medida que ascendem em vibração, não desejam mais o que desejavam, e há verdade nisso. Você não quer mais o que queria da forma como queria, mas você aprecia uma boa refeição, e pode fazer amor, e pode participar da grande dança de estar vivo com todos os presentes que ela lhe oferece.

Diremos aos novos alunos: vocês estão se encontrando através destes ensinamentos, gostem ou não, e o preconceito que vocês têm para o que deveria ser, ancorado na estrutura da personalidade, será desancorado e desatrelado. E, de fato, haverá momentos em que a lógica falhará aqui. A compreensão de quem você tem sido está prestes a ser alterada, porque quando a memória em si é reivindicada como a Mônada, a mancha que a memória detém, o medo que a memória tem mantido, pode ser conhecido novamente.

Agora, quando a memória é conhecida de novo, isso não altera o fato. Sim, seu pai morreu. Sim, sua esposa o deixou. Sim, você perdeu o cachorro e nunca mais o encontrou. Mas o seu acordo sobre o que essas coisas significam e como elas têm sombreado suas experiências é novamente conhecido, porque você as compreende, antes de mais nada, como resultado da escolha e do acordo com o medo, e talvez o que era necessário ser aprendido em qualquer momento em qualquer vida. Tudo deve ser visto como nova oportunidade. E a recuperação da memória é algo que pretendemos ensinar, porque já durou tempo demais que vocês sofreram nas mãos de uma memória defeituosa, projetaram guerras em retaliação a uma memória defeituosa. Porque vocês esqueceram quem eram, toda memória é baseada em uma premissa falsa, nascida em identidade que foi manifestada em um reino temeroso. E a mancha que a memória detém deve ser entendida como o resultado desse condicionamento.

“Quando liberamos nossa memória”, pergunta Paul, “o que acontece com o que pensamos?” Você tem uma visão clara. Você não está buscando se reunir com alguma ideia de si mesmo que experimentou algo em algum momento. Você compreende o que foi, mas está no momento presente. E o momento presente, sempre dizemos, é o único momento em que Deus pode e será conhecido. Ponto. Ponto. Ponto. Pare agora, por favor. De fato, este é o fim do capítulo.

2. MEMÓRIA

DIA TRÊS (CONTINUADO)

O que está diante de você hoje não é apenas uma oportunidade, mas também o abandono de uma ideia que tem impedido seu progresso, impedido seu reconhecimento do Eu Divino como o atuário, a expressão, de sua vida. A maioria de vocês acreditou que é o resultado de coisas que aconteceram, e de certa forma isso pode ser visto como preciso. Mas muito mais do que o que aconteceu, você é o resultado das escolhas que fez.

Quando um de vocês vem até nós e pergunta por que algo acontece, há muitas maneiras de responder. “Você escolheu aprender através da oportunidade que co-criou” poderia ser uma maneira de respondermos, ou você foi participativo em uma crença coletiva tão arraigada que não havia outra oportunidade. Um exemplo disso seria um evento coletivo. Cada indivíduo participa na atualização do evento coletivo, mas certamente não por uma intenção que você consideraria consciente. Quando alguém vem até nós e diz: “Exijo que as coisas sejam diferentes”, frequentemente diríamos a eles: você está disposto a *ser* diferente para *receber* uma resposta diferente, uma experiência diferente? Você está disposto a saber quem você é além dos obstáculos que você encerrou tão necessariamente que os tornou assim? “Não vou mudar”, você pode dizer, e então podemos responder que essa é a sua escolha.

Agora, quando você vai à Sala Superior e anuncia a afirmação “Eu Vim”, de fato, você coloca em movimento uma nova forma de operar. A camada de vibração que tem sido o reino inferior tem sido sua escola. Quando a Sala Superior se torna sua escola, você recebe novas lições, novas maneiras de aprender. Alguns de vocês diriam: “Mas eu conheço o modo antigo, não o novo”. Em muitos casos, o que é vivenciado na Sala Superior reflete um espelho no inferior. Muito disso depende de como você o interpreta, o que, novamente, é como você escolhe. Quando você escolhe aprender através do medo, continua a reivindicar oportunidades para que o medo seja seu instrutor. Na Sala Superior, o medo não é operante. A energia do medo não se expressa aqui, então o mandato se torna que você aprenda de uma nova maneira.

A ideia de quem você era é o que temos abordado até agora, a ideia de que você pode ser conhecido de novo, que o Divino conhece todas as coisas, conhece sua verdadeira natureza, porque se expressa como você. Quando você nega a história que sustentou, cria caos. “Eu sei como ir a pé para o trabalho. Agora não sei como ir a pé para o trabalho”. Não pedimos que você negue sua história. Pedimos que você recupere sua memória além do pensamento institucionalizado que você herdou na estrutura familiar e no acordo coletivo.

O que “acordo coletivo” significa aqui é que existem formas de ver o mundo que são mandatadas pelo coletivo e se tornam enraizadas, institucionalizadas e, conseqüentemente, você não se entende como expressando algo além delas. “Sempre haverá guerra.” “Sempre haverá um sistema econômico que oprime alguns.” “Sempre haverá religiões que discordam.” Quando você afirma essas coisas, ou simplesmente adere a elas por meio de suas expectativas de que elas existam, você se entende em consonância com as estruturas que o inibiriam.

A afirmação “Eu sou livre, eu sou livre, eu sou livre”, invocada antes de entrar na Sala Superior, é o acordo de estar livre de todas as coisas que o prenderiam ou ligariam às camadas inferiores. A Mônada é livre. Ela existe, ele existe, isso existe, além do tempo e do espaço como você os conheceu, e é livre e não está contaminada

nem manchada ou obstruída por essas coisas do reino material. O que você ainda não entende é que, ao se elevar à Sala Superior, você se torna participativo na erradicação ou recuperação das próprias coisas que têm prejudicado o coletivo.

Agora, a memória pessoal pode ser entendida como interpretação. “Meu pai nos deixou quando tínhamos dez anos. Minha mãe nunca superou isso. Não tínhamos roupas boas. Eu não fui para a boa escola que queria. Tenho uma vida que é um reflexo das coisas que incorri.” Você pode se compreender dessa forma, mas o que você está realmente interpretando são eventos, as conseqüências desses eventos, e você fez escolhas de acordo com eles. *Você não é sua história. Você não é o que aconteceu com você.* Você é quem você escolhe ser e um resultado das escolhas que você faz no nível da personalidade. No nível da verdade, você é realmente liberado até mesmo dessas escolhas porque a Mônada não será limitada e não pode ser limitada pela história pessoal.

Paul interrompe o ensinamento. “Posso pensar em muitos casos em que a história pessoal limita alguém. Alguém tem uma doença. Alguém passou por algo que prejudica o corpo e o corpo não funciona mais da forma que poderia.” Como você interpreta qualquer situação e decide seu mérito ou falta de mérito informará a vida que você vive, sim. Mas o aspecto de você que chamamos de Mônada nem sequer é limitado por essas coisas.

Agora, você habita um plano físico. É uma expressão compartilhada do que você acredita que o mundo deveria ser. O mundo através do qual você se expressa é o que o coletivo concordou, e todos os desafios do reino físico que você experimenta são doutrinados pela crença e pela expectativa deles. Você antecipa conflito, você antecipa guerra, e não se surpreende quando eles chegam. Quando o coletivo emergir da transição que está começando a sofrer, ele não reivindicará o antigo porque o antigo terá sido movido, terá sido liberado — de algumas maneiras facilmente, de outras com dificuldade — porque o coletivo escolheu ir além deles, e isso deve incluir as instituições que agora o inibem.

Porque uma instituição não está mais presente como você a conheceu, isso não implica que deve haver caos ou ruína. Você pode ter uma nova estrutura que pode atender à necessidade do coletivo de uma forma que não estará ancorada no medo, porque o coletivo está indo além do medo e além de uma memória racial que tem sido tão ancorada na separação que a humanidade não se entende como sendo de sua Fonte. Esse é o grande presente dos tempos que você está começando a experimentar e continuará a ser por várias gerações. Mas o pulso da humanidade já fez uma escolha de resistir à mudança, de reivindicar o novo. E para reivindicar o novo, a ideia de memória deve ser abordada culturalmente, o que você está começando a ver agora.

Houve histórias fraudulentas perpetradas ao longo do tempo, geralmente para controlar ou reivindicar uma narrativa que um vencedor de uma guerra gostaria de perpetuar. Quando você se entende como indo além das mentiras, você também deve entender que pode vivenciar essas mentiras, ter que percebê-las, porque quer você goste ou não, você de fato participa delas. “Por que isso?”, você pode perguntar. De fato, você participa de tudo o que vê e já viu. A criação dessas coisas não é tanto mandatada pela sua presença, quanto sua presença contribui para a manifestação delas.

Agora, quando uma cultura foi doutrinada em uma mentira e perpetua essa mentira, essa mentira será vista, e pode haver caos à medida que o novo busca ser revelado e o velho pode ser entendido como uma criação. Tudo o que foi criado no medo terá que ser agora recriado no modelo superior da Sala Superior. E isso não acontece ignorando, fingindo que não é assim. É assim que você oprimiu seus semelhantes e, carnicamente, você é responsável por todas as suas criações.

Agora, quando dizemos que você participa de tudo o que vê, de fato você o torna assim ao reivindicá-lo, ao reconhecê-lo e ao anunciá-lo como tal. Como você decide o que algo significa dá cor, forma e significado a ele. E a realização de que todas as coisas são da Fonte é impossível para alguns de vocês, porque você investiu tão pesadamente em sua ideia de mal que torna a separação algo imóvel. “Haverá bem e mal, e eu encontrarei o lado certo para lutar.” Você pode perpetuar qualquer guerra, em qualquer época, pelo uso defeituoso dessa lógica. Quando você perceber que como você dá significado a algo reivindica a coisa na manifestação, você entenderá o quão responsável você é por suas experiências. A escolha de se conhecer através da memória pode ser utilizada de uma forma muito elevada ou muito destrutiva.

Sempre dissemos que alguém se incarna neste campo como uma oportunidade de aprender, e na Sala Superior o aprendizado continua, mas de uma forma um pouco diferente. Sua ideia de quem você é como pessoa, a identidade que você reivindicou, sempre foi a maneira como você compreendeu a identidade dentro do coletivo. *Dentro do coletivo* significa que você se coloca no campo com os outros. Você compara suas habilidades, sua aparência física, seu entusiasmo ou falta dele, com os que estão ao seu lado. E você equipara seu valor com um significado hierárquico de valor e o legado de valor que, de fato, você herdou. Quando você se conhece como livre, você vai além até mesmo dessas coisas e além das limitações que elas implicam.

“Quais são essas limitações?”, ele pergunta. Bem, todo teto que você já encontrou tem um único propósito—manter você dentro dele. E a própria separação, uma ideia de separação, se você quiser, que foi concretizada através do acordo coletivo com ela, não é verdadeira. É uma vasta mentira à qual você se alinhou de tal forma que toda identidade contém dentro dela um acordo com uma estrutura que não era mais verdadeira, nunca foi verdadeira e nunca pode ser verdadeira desde que foi invocada pela primeira vez. O que isso simplesmente significa é que a limitação do que você está autorizado a saber verdadeiramente, expressar verdadeiramente e ser verdadeiramente foi proibida por uma mentira.

Agora, a memória coletiva da separação é radical. Ela foi invocada através de todas as religiões, com talvez

uma fechadura pela qual você possa encontrar seu caminho até a verdade de sua expressão. Toda religião pode operar como uma porta, mas é preciso ter a chave com a qual conhecer a verdade e entrar nela. O ensinamento que você está recebendo é realmente a base de todas as religiões, por mais deturpadas que elas possam ter se tornado. Há um aspecto em todos vocês que lembra dessa informação, que sabe que ela é assim. E sua equação, o que significa seu alinhamento com o mundo manifesto, só pode ser invocada através do Verdadeiro Eu, ou você pode chamá-lo de Cristo ou da Mônada ou do Eu Universal, que detém o conhecimento e é a chave, é o caminho a seguir.

A realização da Mônada você pode chamar de iluminação, você pode chamar de despertar. Preferimos o último. Mover-se para um estado desperto não é sentar-se num estrado e ser o vidente. É ser a pessoa que você é em um estado realizado. Realização é conhecimento, e quando você opera neste nível, você é conhecido e conhecedor ao mesmo tempo. Em outras palavras, você não está excluindo o Divino de nenhum tecido de sua expressão, porque o tecido de que você é feito é o Divino, sempre foi e só pode ser.

A consciência disso é gradual para a maioria de vocês. Despertar muito rapidamente desancoraria a ideia de identidade e a deslocaria antes de você se alinhar ao nível em que estamos reivindicando você. O nível em que estamos reivindicando você é o nível mais alto que a humanidade pode receber enquanto mantém a forma. Mas abolir o antigo com um golpe de machado deixaria você sangrando, deixaria você aterrorizado. E nós não ensinamos no medo. Alguns de vocês têm experiências nas oitavas superiores que não podem assimilar, e vocês se confundem ou se encontram perdidos ou lutando com informações ou experiências que vocês não podem processar ou utilizar de maneiras produtivas. De que adianta conhecer a verdade se você não pode operar na verdade? O que é conhecer o Divino quando você ainda está faminto pelas coisas do mundo? Você deve se mover em direção a essas coisas em receptividade, e de fato confiar que o nível de tom que você pode sustentar é o nível ao qual você pode se alinhar e de forma produtiva, porque à medida que você se alinha em cada nível e assimila as informações que são recebidas ali, a recompensa que realmente está disponível para você em cada nível, o efeito residual da transformação pela qual você passa, é muito mais fácil do que você jamais faria tentando embarcar nesta jornada com a personalidade como sua munição.

O eu da personalidade, você vê, é reinterpretado, reconhecido novamente, na Sala Superior. Ele existe, mas em um estado alterado. E enquanto sua vontade é necessária para que esta jornada se inicie, porque o alinhamento da vontade à vontade superior é o que te alinha a cada estágio do seu desenvolvimento, não é a personalidade que é triunfante, mas a Mônada que reivindicou que todas as coisas fossem feitas de novo. Explicaremos isso para Paul. Já abordamos a deificação da personalidade, mas a crença de que você deve se esforçar ou deve ingerir algo para ter acesso a um nível superior de consciência é realmente falha. Você pode ter essas experiências, mas elas devem ser utilizadas de forma elevada, ou operam apenas como experiência e não como instrução. Você pode aprender a instrução batendo de frente numa porta, ou você pode entender que a porta precisa abrir, ou você pode continuar batendo a cabeça. A menos que você perceba que a porta se abre, a experiência de bater a cabeça não foi meritória.

Agora, a estrutura egóica pode funcionar de forma saudável. Compreender o próprio verdadeiro valor—nem melhor, nem pior que o ao seu lado—é altamente útil neste empreendimento. É a distorção da estrutura egóica que é tão desafiadora para todos vocês. E quando começamos a recuperar a memória, a verdadeira memória, alinhando a memória à sua verdadeira natureza, além da interpretação, mas simplesmente sendo e permitindo que o que era verdadeiro *seja* verdadeiro, vocês começarão a compreender quem vocês são sem se apoiar tão pesadamente em anedotas, em experiências e em um enraizamento no significado que vocês deram às suas vidas pessoais e aos eventos que vocês experimentaram, e ao coletivo também.

À medida que o coletivo se eleva e encontra as criações com as quais concordou, seja a escravidão de outro, seja o uso indevido da hierarquia, o abuso de estruturas econômicas e ensinamentos religiosos, a humanidade compreenderá como o uso dessas coisas pode ter sido empregado de forma produtiva uma vez, mas como a distorção delas se tornou institucionalizada. Quando isso é reconhecido, seja um sistema político ou religioso, novas escolhas podem ser feitas. Não escolhas reativas—nunca é nossa presença ensinar punição ou vindicação—mas uma nova ideia que nascerá através do desejo coletivo pelo novo ser feito de novo, ser assim, ser compreendido e visto como tal.

Faremos uma pausa para Paul, apenas dois minutos, e continuaremos por um breve período.

(PAUSA)

O reconhecimento do que você escolheu e como escolheu se tornará um requisito. Você não recebe um passe livre, entende. Suas criações o cercam. Como você escolheu, o que você escolheu, o que você decretou ser assim, é de fato a vida que você está vivendo. Você procuraria desculpar seus próprios comportamentos. “Eu não sabia melhor.” “Eu não queria ser assim” isso ou aquilo. E enquanto essas coisas podem ser verdadeiras, você ainda é obrigado a ver seu papel em qualquer experiência. Você não pode fazer este trabalho e culpar seu irmão ou irmã pela sua infelicidade. Fazer isso é possibilitar a separação.

Isso não significa que você não reconheça onde foi prejudicado, como foi prejudicado ou quem causou o dano. Significa que você entende que é, de fato, cúmplice dos eventos de suas vidas. Essas são oportunidades para aprender escolhas que foram feitas ou, em alguns casos, experiências cármicas que você busca utilizar para aprender. Nada será aprendido até que seja primeiro visto. Nada será reconhecido quando você busca negá-lo. E nada de novo será escolhido quando você está exigindo que o velho cardápio, baseado em circunstâncias e

histórias passadas, seja o que você escolhe.

O presente deste ensinamento em memória continuará mais tarde. Vamos ensinar-lhe o que a memória não é e como se alinhar à verdade ao custo do desejo do pequeno eu de interpretar o que já foi através de uma lente defeituosa com uma base no medo.

Agradecemos a cada um de vocês por sua presença. Pare agora, por favor. Sim, no texto. Ponto. Ponto. Ponto.

(PAUSA)

O que está diante de você hoje é uma nova escolha: “Estou disposto a me absolver pelas memórias que mantenho e que se incorporaram como personalidade que nega o meu Verdadeiro Eu. Estou disposto a liberar uma ideia do que eu tenho sido, conhecida através da memória, que me afirma em separação. Estou escolhendo me conhecer na ordem elevada da Sala Superior, onde todas as coisas são feitas de novo.”

Agora, a escolha é sua, e a ideia de perdão da memória é realmente útil aqui. Você incorporou ideias envoltas em história, conhecidas como memória, que afirmam você em separação, e você se alinha através da memória a realidades além do que você vê. Em outras palavras, amigos, quando você entra no momento presente e entende que todas as coisas são agora, você também entende que a memória é uma forma de transportar a ideia de consciência fora da sua ideia do momento presente e confirmar uma identidade que já não é mais verdadeira. Você não tem mais dois anos, ou talvez vinte ou quarenta. Há um aspecto de você que é dois, e vinte, e quarenta, mas sua memória de dois, e vinte, e quarenta está realmente em acordo com a ideia de consciência e identidade que você tinha na época. Em outras palavras, a memória é falha. Ela é percebida pelos olhos daquele que experimentou através de uma afirmação em limitação. Isso significa que o você de dois anos não pode compreender, ou mesmo o você de vinte anos, o que a Mônada ou Verdadeiro Eu pode afirmar como novo.

Agora, quando algo é reivindicado de novo, ele não é erradicado. Ele é revisto e elevado. E ao oferecer a memória à Sala Superior para ser reivindicada de novo, você simplesmente está alinhando as ideias que você mantém, nascidas em tempo linear, sobre o que talvez já tenha sido a uma nova visão, uma nova forma de ser e de ver. As estruturas herdadas, as maneiras como você foi ensinado a perceber, informam como você vê a maioria das coisas. As atribuições dos outros, as escolhas que outros fazem, que se tornam codificadas em uma vida, que informam as escolhas dos indivíduos, maneiras de serem vistos e de ver, de fato podem ser feitas de novo uma vez que você entenda que a ideia de si mesmo, informada pela memória, pode de fato ser reivindicada além do velho, além da velha atribuição, além da velha identidade, que, embora útil em algum momento, exige que suas velhas afirmações sejam analisadas no momento presente.

Paul interrompe o ensinamento. “Acho que entendo o que você quer dizer — não tenho certeza. Você pode reformular isso, por favor?” A ideia de quem você era foi herdada através de acordos coletivos, as estruturas da realidade pelas quais você foi ensinado. Grande parte do que você acredita ser é realmente informada por essas coisas, e a memória é acumulada em relação a elas. Você se lembra de si mesmo como uma criança desejando ser mais velho. Agora que você é mais velho, deseja que o eu seja jovem novamente. Suas ideias de quem você é são, na maioria das maneiras, relacionais. E os obstáculos à realização que estamos ensinando agora são artefatos na memória que podem e serão renascidos ou revistos a partir da Sala Superior.

Ofereceremos isso agora, se você desejar: Não há nada que já foi visto que não possa ser revisto de uma perspectiva mais elevada. Não invalidamos a visão do primeiro andar, mas se você subir até o vigésimo quinto andar, a visão do que estava abaixo é vista de uma perspectiva muito diferente. Estamos reidentificando cada um de vocês além das ideias de si mesmos que vocês utilizaram para fomentar a identidade e reivindicando cada um de vocês de uma nova maneira. Quando você confia na memória para dizer quem você tem sido, reforça essas ideias e as recria involuntariamente. O pequeno eu se conhece através da história. Ele foi apropriado pela história. E tudo o que está no caminho do momento presente é a sua memória do que foi e como isso se reflete na sua ideia de tempo presente.

Agora, existe memória na Sala Superior, mas ela não está contaminada. Ela não pretende reivindicar você de diferentes maneiras. Você entende o que foi. Você aceita o que foi. Você fez escolhas baseadas nisso e, de fato, continuará a fazê-lo, mas você não está mais enquadrando sua realidade através de uma identidade que foi fomentada na sombra. Se você entende que aquele que conheceu a pobreza e continua a temer a pobreza está fazendo escolhas baseadas no medo, aquele que acredita que não pode ser amado mantém sua história de falta de amor e sua memória dela como um escudo que o impede de receber o amor que já está presente. Quando você libera a ideia de quem você tem sido, você não está liberando o que aconteceu. Você está liberando a má identificação de si mesmo através de uma trajetória nascida na memória e acordada de forma coletiva através de uma cultura que atribui grande significado a uma ideia do que foi.

Explicaremos isso melhor se nos for permitido. Qualquer história que você possa ter evoca a identidade dos outros como participantes na mesma peça — “o legado do meu pai, o legado da minha mãe, e de seus pais, e de suas culturas”. O legado do coletivo de fato informa sua ideia de si mesmo presente. Não negamos essas coisas. Mas quando você continua a reivindicar uma história nascida de uma narrativa falha, uma que foi reivindicada por outros em acordo com o que lhes foi ensinado, quando você libera a necessidade de perpetuar uma identidade nascida na acumulação de informações errôneas sobre si mesmo e quem os outros foram para você, quando você libera a necessidade de reivindicar identidade através de ideias passadas, você se move plenamente para o momento presente, onde de fato todas as coisas podem ser feitas de novo.

Agora, o ensinamento já foi feito antes: “Eis que faço novas todas as coisas.” Não é a estrutura da personalidade que é capaz dessa afirmação. Se você tentar comprovar isso, descobrirá muito rapidamente que o melhor que o pequeno eu pode fazer é rearranjar os móveis, talvez pintar as paredes de uma cor mais brilhante. A ideia de algo ser feito novo na Sala Superior é o ato alquímico da recriação, de elevar o que era, uma vez mantido na sombra, à vibração mais alta onde ele pode ser revisto e reconhecido.

A ideia da personalidade sendo renovada não é sobre melhorar a personalidade. É sobre re-compreender a essência do seu ser e alinhar-se ao mais elevado, permitindo que o inferior esteja a serviço dele. Novamente, a liberdade virá quando o trono abrir mão de seu rei. Se o rei está sentado no trono e este é o trono da personalidade, esse pequeno rei reivindicará um reino muito pequeno. Quando o Verdadeiro Eu se senta no trono, o rei ou a rainha reivindica todas as coisas como novas, porque é da alçada do Eu Divino tornar todas as coisas novas.

Cada um de vocês diante de nós, cada um de vocês que ouve essas palavras, que lê essas palavras, um dia saberá disso. A ideia de quem você é funciona como um personagem em uma peça, e a peça que você está encenando interage com outros que também estão envolvidos em suas próprias peças. Os personagens que você escolhe são maneiras úteis de experimentar o mundo manifesto. Mas quando o figurino é descartado e a máscara é liberada, quando a mascarada termina, o que resta em verdade é resplandecente — o Eu Divino, que não requer mais uma máscara, que permite que sua expressão plena seja reivindicada, tornada conhecida e, conseqüentemente, reivindique tudo o que vê na alta oitava pela qual agora se experimenta.

Paul está interrompendo. “Você vai fazer um exercício nisso? Esta palestra está quase terminando? O que está acontecendo agora?” Quando ensinamos através de Paul, ouvimos suas preocupações. Acalmamos algumas delas e continuamos mesmo assim. O texto que está sendo escrito não é realmente para Paul. É para o leitor. E o orador do texto, o homem diante de você, embora seja um estudante do trabalho, nem sempre é o público-alvo. Agora, quando ensinamos através dele também compreendemos suas preocupações. Ele ainda não entende o ensinamento da memória. “Como podemos ficar sem memória?” Você não está sem memória. Mas o que você está sem é o enfeite da memória de tal forma que desfigura a identidade, e *desfigura* é uma palavra apropriada.

A pessoa que foi deixada na sombra quando criança, que cresceu através da sombra, que se conhece na sombra, antecipa a sombra. Ela se sente confortável lá. A memória da sombra realmente informa todos os dias em que ela caminha. Pode ser o dia mais brilhante de todos, mas ela se conhece através da sombra. O Eu Divino operando como esse ser buscará reivindicar cada aspecto dela e, ao fazer isso, deve liberar a crença de que ela é conhecida apenas pela sombra. E como a memória perpetua isso, a memória deve ser reivindicada na Sala Superior. Não é que isso não tenha acontecido. É verdade que isso não é quem você é. O que você pensava que era, até mesmo quem você pensa que é, é uma ideia, e toda ideia pode ser reconhecida na Sala Superior.

Você pode dizer essas palavras muito suavemente depois que as falamos, se desejar:

“Neste dia eu escolho permitir que todos os aspectos de mim sejam reconhecidos, e eu me compreendo além de qualquer memória que eu tenha que possa desfigurar a identidade pela qual escolho aprender. Conforme eu concordo com isso, ofereço memória, e toda memória que já tive em qualquer tempo, para ser reconhecida, revista, da alta oitava que é a Sala Superior. Ao dizer essas palavras, dou permissão ao Eu Divino para reivindicar toda memória, toda desidentificação, e me apoio neste acordo com o seguinte tom. Eu sei quem sou em verdade. Eu sei o que sou em verdade. Eu sei como sirvo em verdade. Eu sou livre. Eu sou livre. Eu sou livre.”

[Os Guias entoam através de Paul.]

Permita-se ser conhecido. Permita-se ser visto. Permita-se ser reivindicado como você só pode ser em verdade. Ponto. Ponto. Ponto. Pare agora, por favor.

De fato, isso está no texto.

DIA QUATRO

O que está diante de você hoje é o reconhecimento do que você era. A ideia da forma manifesta, que já teve dois anos de idade, ou vinte, ou mais, a ideia do corpo conhecido através da memória, também pode ser reconhecida na Sala Superior. Agora, a forma em si é elástica ao pensamento. Quando você sobe em vibração, a ideia de quem você é é alterada de várias maneiras porque você não está mais em uma estrutura que nasceu em uma negociação da negação do Divino. Quando você se eleva além dessa negação, você se torna o Verdadeiro Eu, ou se expressa como Verdadeiro Eu, e o mandato da forma nesse nível de tom e vibração é que ela o alinhe através de si mesma a um nível de reconhecimento do mundo manifesto como de Deus.

Agora, para entender o que isso significa é que, ao se alinhar em um modelo mais elevado, um reconhecimento do que é sempre verdade, enquanto o corpo em si se aclimata ao novo reconhecimento de que também não é separado de Deus, sua percepção da forma em si é transformada. Agora, você sabe o que é uma cadeira. Você sabe como uma nuvem se parece. Mas a compreensão da cadeira e da nuvem, de fato alterada na percepção da alta perspectiva da Sala Superior, é revista como sempre foi — uma externalização do Divino agora conhecida como cadeira, agora conhecida como nuvem.

Cada um de vocês diante de nós conheceu a forma em encarnações anteriores — ou, melhor dizendo, outras encarnações além da que você se encontra agora. Há um aspecto de você que verdadeiramente sabe que a forma é elástica, que a consciência dita a forma. O alinhamento na Sala Superior o resgata além de um tipo de solidez — e dizemos *um tipo de* intencionalmente. Se você bater o dedo do pé, vai machucá-lo. Isso é inegociável. Mas

sua compreensão do que é o dedo do pé, o que são os órgãos internos, o que é a pele, o que cada folículo capilar é, na verdade é alterada.

“Alterada como?” você pode perguntar. Quando se nega o Divino, cria-se uma espécie de sobreposição ou uma abordagem sistemática para o que é visto. “Isso não é de Deus porque não pode ser.” Você pode pegar um exemplo que desejar: “Aquele evento horrível. Aquela provação dolorosa — isso não é de Deus.” A pessoa que enfrentou essa provação, que está em negociação com ela como um tipo de realidade, está em co-ressonância com essa ideia de separação. “Isso não pode ser de Deus porque estou percebendo isso fora de Deus.” Mas porque o observador reivindica identidade no que ele ou ela testemunha, ela se alinhou fora de Deus através dessa reivindicação.

A alteração da realidade, como você a percebe agora, tem sido conhecida em gradação. Tudo perdeu seu brilho através da negação do Divino. A afirmação do corpo que ensinamos em textos anteriores — “Eu sei o que sou em verdade” — é uma atualização da realização da forma como pode ser conhecida por aquele que de fato veio à manifestação como o Eu Divino. Você não pode excluir a forma da equação e antecipar, esperar ou concordar com um nível mais elevado de alinhamento tonal. Se o corpo é excluído — “esse corpo terrível, esse espírito glorioso” — você criou separação mais uma vez. Agora, a memória do corpo é realmente algo interessante a considerar. Quando você nasce, você não se conhece como separado de nada ao seu redor. Você se experiencia como em um mar de vibração, e como o mar, simultaneamente. A ideia de separar-se da mãe é na verdade uma metáfora útil. A criança no útero, que se conhece como da mãe, inicialmente se assusta ao perceber que não está mais no útero. Mas a percepção de um novo ambiente, nesta fase de desenvolvimento, é também a percepção de que o recipiente em que a criança estava é de um maior. Em outras palavras, a mãe também está dentro do todo, assim como todas as coisas.

Conforme você se aclimata ao eu que se acredita separado, o que é feito através do condicionamento, o mundo é alterado para você. E o que antes era uma experiência fluida de percepção se expressa de uma forma bastante delimitada. São-lhe dados os nomes das coisas. Você negocia o espaço, o que pode alcançar, o que não pode. Conforme você começa a se alinhar em uma consciência da forma — “Estou em um corpo, o corpo está com fome”, “Estou em um corpo, o corpo precisa de calor”, “Estou em um corpo, e o corpo está com dor” — você começa a se concentrar na manifestação da forma e a confundir-la com quem você é. É uma ação confusa. Você é do corpo, você se expressa através do corpo, mas você não é o corpo.

A humanidade, em sua maior parte, se acredita ou o corpo ou o intelecto, raramente o espírito, porque você não experiencia o espírito na manifestação do reino vibracional inferior como poderia no superior. O sábio pode compreender que há mais do que o corpo. O pensador pode compreender que há mais na vida do que a mente. Mas a maioria de vocês se encaixa em uma categoria ou outra. A realização da forma como sendo de Deus, ou a realização do corpo como detentor de sua própria divindade, é um passo importante para todos vocês. É tão fácil negar ao corpo sua verdadeira natureza quando ele não faz o que você quer, não tem a aparência que você deseja, não cura como você acha que deveria, ou não se move como você gostaria. Aquele que não pode caminhar está em um corpo tão sagrado quanto o corredor de decatlo. Aquele que se ergue e reivindica a luz é tão sagrado quanto aquele que se arrasta na escuridão. A forma é sagrada, independentemente do que você pense.

Agora, a memória da forma deve ser compreendida de duas maneiras diferentes: o corpo no qual você cresceu e a memória do corpo em diferentes idades, bem como a memória prescritiva do que um corpo deveria ser, que é herdada por você através da interação com o coletivo. E a reivindicação do corpo como sua verdadeira natureza, que se conhece além do tempo.

Vamos explicar isso para Paul. Ele tem memória do corpo em idades precoces — seu medo do corpo, seu prazer no corpo, a experiência de nadar no oceano ou de se esconder em medo de um pai irritado. O corpo guarda memória. E a identidade que foi ancorada no corpo qualifica seu senso de segurança através do reino físico. Aquele que se conhece em espírito não desconsidera a forma, mas não tem medo da maneira que o pequeno eu possa ter. A articulação da forma como sendo de Deus, de fato um processo que você empreende, não é a divinização da forma. É a recuperação da forma como sendo de Deus. Porque você guarda memória e reivindicou a memória do corpo como separada da Fonte que na verdade está contida no campo vibracional, até mesmo os tecidos e os órgãos guardam memória do que foram considerados como sendo.

Agora, cada vida é uma oportunidade de se desenvolver, e dizemos a palavra *desenvolver* porque é o que você faz. Você vem ao mundo como um pequeno bebê, cresce para uma forma adulta, talvez uma forma envelhecida. É assim que você progride através da forma. Você está sempre crescendo, saiba você ou não. O reconhecimento da divindade amplia esse crescimento e, em última análise, o substitui, porque uma vez que você verdadeiramente compreenda a divindade inata da forma, a forma deixa de ser um requisito para sua expressão.

Quando o corpo é visto como Fonte, um aspecto da Fonte, se você quiser, vibrando em um nível de tom em congruência com sua verdadeira natureza, o corpo deixa de se expressar como uma necessidade.

Agora, operamos através de Paul, que está em forma, e a forma que ele assumiu conheceu muitos desafios. Ele teria preferido não ter uma forma, porque há um aspecto dele que se lembra vividamente da liberdade que vem quando não se está mais preso em uma experiência de densidade. Usamos a palavra *preso* intencionalmente, não porque seja uma avaliação precisa do corpo, mas porque foi sua experiência ao se encontrar em um corpo e então querer estar em outro lugar. Você não se alinhará em um modelo superior quando o corpo está sendo

rejeitado. Você não pode se alinhar na Sala Superior se relegou o corpo ao porão. A memória do corpo como separado deve ser reconhecida como outra ilustração de doutrinação através da separação. Não estamos negando suas memórias. Não estamos apagando o quadro-negro. Mas o que estamos fazendo com você é liberar a sujeira que cobriu o espelho de sua experiência, a distorção pela qual vocês se experimentaram. E você não se alinhará na Sala Superior em um novo estado de compreensão se a memória em si busca ocultar a divindade que é sempre sua.

O que significa conhecer o si mesmo como Divino? O que não significa é que você está tendo um dia feliz e você diz: “Ah, eu devo estar na Sala Superior. Não há uma nuvem no céu.” E no momento em que algo difícil acontece, você nega Deus na experiência e em si mesmo. Sua realização da divindade é, de fato, um ato restaurador. Entendam isso, todos vocês. Vocês estão sendo restaurados, recuperados e ressuscitados. Estão sendo concedidos o Reino. Mas você não pode incorporar no Reino quando a memória em si serve para distorcer sua verdadeira natureza ou o que você percebe, e o corpo em si conhecido por você na memória — “aquela sarda que eu sempre detestei,” “aquele desafio que eu nunca superei,” “a perfeição à qual eu aspiro e que nunca posso alcançar,” tudo sustentado pela memória e tudo informando sua experiência de ser. *Sua experiência de ser*. Sublinhem essa frase. É o que está em questão aqui. Alguns de vocês determinam que o que conheciam deve ser correto porque investiram tempo e energia nisso. Se você acredita bastante em uma mentira, isso não a torna verdadeira, e muitos de vocês preferem investir em uma mentira do que ser recuperados, ou oferecer o si mesmo para ser recuperado, no que chamamos de Sala Superior, e pelo simples motivo de que seu senso de identidade é baseado na mentira que nasce na separação e busca mais e mais evidências para confirmar-se como separado de sua Fonte.

O Verdadeiro Eu, você vê, já compreende isso. E o próprio corpo também compreende do que é formado. Mas você deve se alinhar a esse conhecimento, não de uma forma intelectual, mas de uma forma realizada. Realização é conhecimento, e o conhecimento do corpo como sendo de Deus não descarta suas experiências, mas lava o resíduo da onda escura que contaminou sua ideia de forma. Imagine que você é um ser puro, um ser inocente, um ser que sabe quem e o que é. E imagine uma onda escura, reivindicada pela separação, se manifestando, acariciando e depois dominando. Isso não é mal, embora o mal possa ser conhecido por essa onda. Isso é negação da Fonte. Como fuligem de uma chaminé de fábrica que ultrapassa a cidade, a separação reivindicou o mundo manifesto, e a memória invocada por esse eu separado sempre continuará a separação porque sempre terá mil exemplos de por que Deus não pode ser.

A afirmação “Deus É”, que ensinaremos em breve, é o Divino Manifesto como reivindicado por você como e através de todas as coisas. É o antídoto para a negação do Divino. E a afirmação de “Deus É”, a realização da verdade onde a mentira foi mantida, irá purificar você, renovar você, se você desejar. Agora, para estar livre do pecado, se você realmente deseja saber o que isso significa, é estar livre da negação do Divino. Não tem nada a ver com o que você possa pensar. Uma ação que alguém possa acreditar ser pecaminosa simplesmente pode ser como algo foi descrito pelo coletivo. Mas a sua ideia de pecado — seja gula, orgulho, avareza — podem todos ser vistos como maneiras pelas quais você nega o Divino. Quando você sabe que há o suficiente, você não agarra mais do que precisa. Quando você conhece o seu valor inerente, não há nada para ter ciúmes. A transformação que você passa não é em direção à santidade. É em direção ao reconhecimento de quem e do que você sempre foi.

Agora, porque o corpo guarda memória, e o campo energético reivindica manifestação de acordo com a expectativa e a maioria das suas expectativas são conhecidas através da memória, a recuperação da memória é uma parte essencial para manter o tom ou a vibração da Sala Superior. A recuperação da memória não é negar o que aconteceu. É saber o que aconteceu de uma forma verdadeira.

Ele interrompe o ensinamento. “Mas foi dito que o mundo manifesto é uma ilusão. Até onde vamos? Não podemos estar flutuando nos éteres o dia todo. Temos trabalho a fazer, contas a pagar.” Vamos abordar isso de forma diferente da que você gostaria. A verdade da realidade pela qual você se conhece, ou a oitava da experiência que é o mundo coletivo em que você se conheceu, está implicitamente na negação do Divino. A ideia de uma queda da graça foi simplesmente a rearticulação do mundo manifesto como separado de sua Fonte. Estamos trabalhando em direção à reconciliação, inicialmente com aqueles que leem os textos. Mas o ato operativo aqui é reconciliação. E à medida que cada um de vocês faz isso no nível que pode sustentar, você recupera o que vê e o que experimenta neste nível mais elevado de alinhamento. A verdade do seu ser, você vê, quando não é mantida por uma mentira, não é refreada pelo medo, não é reivindicada no medo, iluminará o mundo. E a luz do mundo, vindo como cada um de vocês, é o Cristo ressuscitado que pode ser conhecido em forma.

Agora, lembrar quem você realmente é é um ato significativo. Alguns de vocês fazem isso de maneiras que são confusas. “Bem, eu me lembro da minha vida há milhares de anos atrás, quando eu era o faraó”, ou “Eu me percebo tendo uma vida simultânea naquele sistema estelar lá fora”. Preferiríamos muito mais que a manifestação do Divino, vinda como quem e o que você é, esteja no eterno agora, que é a única verdade que você poderá conhecer. Todo o resto é uma ideia. O próprio corpo, quer você saiba ou não, está preparado para o momento presente. Ele foi criado para isso. E quando você não está mais ancorado e atado através de falsa memória, uma falsa ideia de quem você tem sido, do que você tem sido, como você tem servido, a verdade desse refrão — “Eu sei quem eu sou em verdade, eu sei o que eu sou em verdade, eu sei como eu sirvo em verdade”

— cantará através de sua expressão e cantará para o mundo, para que ele possa ser cantado e elevado pela sua presença e ser.

Quando retornarmos, continuaremos com um ensinamento sobre o corpo e a memória da forma, e o apoiaremos no reconhecimento de sua reaclimação. No texto. Ponto. Ponto. Ponto. Pare agora, por favor.

(PAUSA)

O que se apresenta diante de você hoje é reconhecimento e escolha. No momento em que algo é visto como sempre foi, uma nova escolha pode ser feita, uma nova oportunidade pode ser reivindicada. E a realização de que o próprio corpo, doutrinado através da separação, guarda memória que buscaria reivindicar a separação, pode dar a você a amplitude que você precisa para fazer a escolha diante de você agora. Conhecer o corpo de uma forma mais elevada, alinhar o corpo a um nível de verdade que dissipará, ou recuperará, ou reconhecerá as mentiras que ele tem mantido, apoiará cada um de vocês em um nível de manutenção no campo da Sala Superior, mais do que vocês conhecem até agora.

Imagine que você tem uma coceira, uma irritação no corpo, sempre presente. Você aproveita o seu dia, mas há essa coceira persistente e a necessidade de coçá-la. Uma memória no campo inferior que procuraria trazê-lo de volta a ele é exatamente tal coisa. Agora, alguns de vocês diriam a nós: “Eu desejo lembrar de tudo”. Você não está esquecendo nada. Sublinhe isso. *Você não está esquecendo.* Você está revendo e reconhecendo. Você está limpando o espelho, o resíduo que se acumulou ao longo de vidas de negligência e adesão a uma crença de que a forma que você assumiu não pode ser de Deus porque Deus é apenas espírito. Tudo é espírito, incluindo o corpo. Ele apenas opera em um nível mais baixo de vibração.

Quando algo é reivindicado em forma, quando algo é nomeado e reivindicado, ele oscila em um campo mais baixo. Quando você vai além da nomeação e se move em direção à permissão para o que é, sua experiência da matéria é alterada. De certa forma, você volta àquele eu infantil que percebe todas as coisas como uma só, sem deixar o nível de consciência que é exigido por cada um de vocês para manter um sentido de si mesmo de forma operacional. Saber que você é um com a Fonte não significa que você negligencia o corpo. Saber que você é um com a Fonte não significa que você pode comer do prato do seu vizinho sem a permissão dele ou dela. Compreender-se como um com o seu vizinho, com os elementos, com o próprio Deus, apenas o reivindicará para além da ilusão da separação. E a separação é uma ilusão que se tornou fato pelo seu acordo com ela. Nada existe neste mundo sem o seu acordo com isso. Entenda isso, de uma vez por todas. Você não fez o furacão, mas você concordou com ele. E confirmá-lo através do seu acordo é reivindicar um nível de alinhamento com ele.

A transmissão que você está recebendo esta manhã está acontecendo de duas maneiras. Enquanto você ouve a linguagem e opera em seu discernimento sobre as ideias que estão sendo oferecidas, você também está sendo reivindicado por nós como uma onda de vibração — uma onda de vibração que recupera a memória, contaminada em uma crença falsa em separação, acumulada ao longo do tempo, e acordada através da experiência coletiva. A amplitude da onda que estamos prestes a trazer para você supera em muito o que muitos de vocês experimentaram até agora. Então estamos preparando vocês para isso. O tom que cantaremos, e só nós cantaremos, reivindicará cada um de vocês em um nível de alinhamento onde a invocação da liberação da memória falsa mantida pela forma e corpo energético possa ser completada.

Agora, isso é primeiramente realizado em um nível de vibração. Sua aclimação e realização disso virão em etapas. Você precisa saber onde está sua caixa de correio. Não estamos tirando sua memória. Mas porque você codificou sua experiência neste reino através de uma memória e um acordo com a separação, tanta coisa pode mudar quando isso é movido que deve ser movido em etapas. Não desejamos que você se dissocie da experiência de ser. Desejamos que você a reivindique em sua plenitude, sem o toque do medo, o acordo com a separação que a memória deve mandar, e não porque a memória o deseja — a memória não tem vontade — mas porque você utiliza a memória para reivindicar acordo vibracional. “Essa é aquela mulher que foi rude comigo um dia. Vou ficar longe dela.” A ideia de memória como condição para a ação é facilmente compreendida por todos vocês. Mesmo com a nova reivindicação que estamos fazendo em seu nome, você pode escolher não fazer companhia a ela. Isso cabe a você, e é um ato de vontade. Mas o ato de vontade não é mais informado pelo mandato de separação em que o pequeno eu foi criado.

Neste dia, reivindicamos que todos que ouvem estas palavras serão reconhecidos em um modelo superior de acordo, para que a forma em si possa ser realizada além de qualquer acordo com uma memória em separação que distorce a verdadeira natureza de alguém como expressa, como realizada, na Sala Superior. Cantamos suas músicas para que vocês possam aprender as palavras. E enquanto cantamos em seu nome, cantamos a verdade de sua expressão e o que agora pode ser conhecido.

[Os Guias entoam através de Paul.]

Eis que faço novas todas as coisas.

Permita que o corpo seja recebido. Permita que a memória do corpo seja mantida nesta alta frequência. E permita que a ideia do eu, ancorada na memória da forma, através de todo o tempo seja recuperada na alta oitava que é a Sala Superior.

Diremos isso agora a todos vocês, à própria memória, como o Divino Eu que viemos como em seu nome:

Deus É. Deus É. Deus É.

Permita que o corpo receba. Permita que o campo energético receba. E conheça o eu como inteiro.

Deus É. Deus É. Deus É.

Ponto. Ponto. Ponto. Pare agora, por favor. Isso está no texto.

(PAUSA)

O que se apresenta diante de você hoje é um novo reconhecimento do que você é, o Divino como manifestado em carne e sangue, em todas as coisas que você vê ou que possa encontrar. Alguns de vocês dizem: “Bem, talvez isso seja verdade, mas qual é a minha experiência disso? Como posso saber que isso é verdade?” A autoridade que você realmente tem para reconhecer isso está implícita em sua expressão, em como você é. O reconhecimento do Divino Eu que veio como forma é expressão como pode ser conhecida no plano manifesto.

Agora, enquanto você está se alinhando no que chamamos de Sala Superior, que é a oitava acima daquela que você conhecia, suas interações ainda estão presentes no que você conheceria como um campo inferior. Você está operando como a Sala Superior, e sua reivindicação de vibração, “Eu Vim, Eu Vim, Eu Vim,” tem conduzido você a um estado realizado de manifestação. O ser que você é, em sua vida expressa, em sua presença expressa, doutrina por nível de vibração ou entonação tudo o que ele ou ela encontra. O efeito residual disso é duplo. O que é encontrado por você é transformado ou elevado à Sala Superior. E sua realização dessa manifestação serve como contrapartida.

Agora, sua experiência disso é individual, mas há experiências comparáveis para todos que seguem esse caminho. Embora frequentemente tenhamos dito que o que você abençoa, abençoa você em retorno, você ainda não entende que você se torna essa bênção. Sua presença ativa serve como condutora para o reino superior transformar ou traduzir — se desejar, transpor — o que é visto e encontrado para a alta oitava de onde você está operando. O efeito residual disso é o anúncio de presença daquilo que é visto por você. Imagine que você está dizendo olá para algo e agora ele está dizendo olá de volta. Você entende o princípio simples de que o Divino vê o Divino em todas as suas criações. Mas quando algo é reconhecido como realmente é — “Eu sei quem e o que você é na verdade” — o campo energético do chamado, ou da coisa chamada, se moverá para uma conversa com você.

Agora, essa não é uma conversa em linguagem, mas em tom e vibração. Quando falamos através de Paul, ele serve como condutor, mas ele está presente como condutor mesmo sem a nossa fala através dele, através da aclimação de seu campo vibracional na Sala Superior onde ele reivindica todas as coisas. Ele opera na ignorância disso, a menos que esteja trabalhando conosco. A maioria de vocês é a mesma. Você serve como condutor através do alinhamento que você mantém. Agora, isso é sempre verdadeiro em qualquer nível de alinhamento que você mantém. Você está servindo como um condutor para o nível de vibração em que você está manifestado. Aquele que se conhece na autopiedade ou na grande raiva está reivindicando essa vibração em todos os seus encontros.

A grande diferença no que ensinamos é que movemos você além da oitava que você conhecia, que reivindica todas as coisas através do medo — não por intenção, mas pela onipresença do medo ou pela infiltração do medo através desta oitava. Na Sala Superior, a manifestação que você pode reivindicar, que não detém o medo, nunca estará em ressonância com ele. Então, a partir deste lugar de expressão, você está reivindicando todas as coisas renovadas pela presença e pelo ser, menos pela intenção.

Agora, quando você é a luz, você não precisa andar por aí anunciando isso. Você simplesmente é. Quando você é a luz, você não busca iluminar as coisas. As coisas são iluminadas pela sua presença de forma tangível. Sublinhe a palavra *tangível*. Este é um ensinamento experiencial. Compreender o Divino como ideia é um nível de acordo. Você pode concordar com qualquer ideia que desejar. Mas para realizar o Divino, ou conhecê-lo como o que você experimenta, chama para você a bênção das coisas vistas. Novamente, a ideia e a verdadeira reivindicação: o que você abençoa, abençoa você em retorno.

Agora, a escolha é sempre sua. Sua expectativa sobre o que isso pode significar é que você caminhe sobre a água, que vire as nuvens do avesso e de cabeça para baixo. Na verdade, é tão simples que você não entende. A realização que você tem sobre a divindade, o que é sempre verdade, é encontrada por você de forma experiencial, não através de esforço, não através de prática, mas por presença e ser.

Agora, o acúmulo de experiência através da presença e do ser traduzirá sua ideia de si mesmo de formas significativas. Mas até que isso se manifeste de maneiras que você possa conhecer, você está embarcando em uma aventura, uma experiencial, sobre o que significa conhecer e realizar a Mônada como forma. Quando falamos da Mônada, estamos nos referindo ao aspecto do Divino como você, vindo como você, informando cada aspecto de você, e então tudo o que você experimenta, porque o Cristo não é limitado pela forma, embora a maioria de vocês gostaria de confiná-lo porque podem compreendê-lo mais facilmente. O campo energético que você mantém, neste estado traduzido, se exterioriza como todas as coisas vistas e não vistas. Em outras palavras, todas as coisas são reclamadas para a Fonte através de sua presença e ser, individual e coletivamente. O efeito residual disso é o retorno do campo vibracional, o agradecimento, o reconhecimento, o Divino dizendo sim à sua ressurreição através da manifestação.

Agora, você pode começar consigo mesmo. Quando você reivindica, “Eu sou Palavra através do meu corpo, Palavra eu sou Palavra, eu sou Palavra através da minha vibração, Palavra eu sou Palavra, eu sou Palavra através do meu conhecimento de mim mesmo como Palavra,” a invocação da Mônada como identidade, como forma e como expressão é experienciada pela maioria de vocês de uma forma palpável. Você sente a corrente da vibração onde ela é invocada. “Eu sou Palavra através da minha mão.” “Eu sou Palavra através das minhas

costas.” “Eu sou Palavra através do que vejo diante de mim.”

A experiência energética desta invocação é o presente da experiência como pode ser conhecido pelos sistemas que você mantém que são experienciais. Há níveis de experiência que você não atingirá enquanto ancorado a esta realidade dimensional através da forma, mas há formas de entender e compreender a experiência do Divino como manifesta. Na Sala Superior, você não está tão excluído dessas experiências porque você é movido além do medo, e sua experiência de si mesmo como manifesta como matéria é desafiada apenas pela ideia de que o Divino não pode se expressar como deve, o que é sempre sua própria decisão — que Deus é limitado e não pode se conhecer como forma.

Seu triunfo, o triunfo do Verdadeiro Eu em um estado ressuscitado, é a reivindicação sobre todas as coisas que vê: “Eis que faço novas todas as coisas.” É a Mônada, ou a Palavra expressa como forma, que anuncia isso como verdadeiro, porque neste nível é sempre verdade. Não é a luz tentando ser a luz. É a natureza do ser e da presença, através da invocação, que alinha o que encontra com a divindade que estava sempre presente, mas tinha sido negada.

Agora, alguns de vocês dizem: “Bem, onde está a magia aqui? Eu quero sentir a magia. Me dê mais magia.” Não há magia aqui. Há realização e a alteração da forma através da realização. Agora, sua forma é alterada, saiba ou não, através do reconhecimento de sua divindade inerente. Porque agora isso está disponível, porque você pode percebê-lo, você agora embarcará na realização do reino material além da densidade que ele acumulou através do alinhamento do campo inferior. Você deve entender que a árvore e o riacho se expressam na Sala Superior, mas em um estado mais refinado, porque os olhos que percebem a árvore e o riacho são os olhos que percebem o Divino, e o riacho e a árvore reivindicam isso pelo reconhecimento próprio de sua reivindicação sobre eles.

Agora, você pode dizer as palavras “Eis que faço novas todas as coisas” e sentir o efeito delas. O efeito residual é a tradução de uma oitava para outra, ou a realização do que sempre foi, mas que tinha sido negado. O ponto em que alguns de vocês estão é que vocês querem isso, mas não aceitarão o potencial disso até que a prova seja fornecida. E embora isso seja compreensível em um nível, isso exclui a experiência porque você está negando o que já é verdadeiro. O que já é verdadeiro é que aquele à sua frente é de Deus, que o osso e a medula no osso são de Deus, que o céu e o mar e a terra são de Deus — a oscilação da vibração do tom do Divino em vários níveis de experiência.

Agora, quando você se move além do plano denso e não nega mais a divindade do eu, o acordo é feito com a divindade de todas as coisas. Acordo não é consentimento. É concórdia. Quando você sai do elevador no quinto andar, você está em concórdia com tudo o que se expressa no quinto andar. Você não está consentindo estar lá. Você está lá porque se alinhou e concordou com isso. *Em acordo* significa concórdia vibracional. A concórdia vibracional que é a Sala Superior, a consciência crística que sempre esteve disponível para a humanidade, mas que até agora foi negada apesar das grandes instruções que vieram em vários momentos da história, o acordo de ser reconhecido, renascido, se você quiser, neste nível de oscilação, reivindica todas as coisas renovadas pela presença e pelo ser.

Quando ensinamos através de Paul, monitoramos seu corpo, o que ele pode suportar e por quanto tempo ele pode falar. Temos uma coisa que desejamos abordar antes de interromper esta palestra por enquanto — o acordo com o medo que você valoriza, o acordo com o medo que você esconde no bolso de trás, o acordo com o medo que sugerimos, finalmente, é traiçoeiro para o Eu Divino. Alguns de vocês procurariam introduzir o medo na Sala Superior e contaminar sua ideia dele também. “Veja esta Sala Superior terrível, não pode haver nada aqui para mim” — as palavras do medo reivindicando você em um clima que é informado por si mesmo. Quando isso ocorre, você não está na Sala Superior. Você está em uma ideia dele, porque o medo não se expressará neste nível de entonação. Dissemos *lidar*, Paul, porque não negociaremos isso. A escolha deve ser feita para apoiar um novo acordo de que a exigência de ter medo, a crença no medo como necessidade, deve ser movida para que a energia que foi medo seja movida novamente, ou reconhecida de uma forma mais elevada. Dissemos *reconhecida* intencionalmente. Diremos novamente. O medo é de Deus, mas busca negá-lo. É o aspecto do eu que diria: “Não vá lá. Você vai se perder. Você não será como deseja. Você será decidido por outros.” Se você estiver disposto a liberar o acordo de que o medo é seu aliado e seu protetor, você pode cruzar o limiar.

Agora, Paul interrompe o ensinamento. “Há momentos, no entanto, em que o medo é útil? Ele nos impulsiona a fugir do urso. Ele nos mantém seguros em situações perigosas.” Sua reação pode ser de medo, mas na Sala Superior, a consciência do que é opera muito bem sem que o medo sirva como seu catalisador. Você entende isso? Você pode se afastar do urso com a consciência do perigo que o urso pode lhe trazer, mas isso não é necessariamente medroso. É prudente, é ação verdadeira, e você deve começar a confiar que o Eu Divino sabe o que é para o seu bem maior e o apoiará ao se afastar do perigo quando ele aparecer.

Quando dizemos essas palavras para você agora, por meio de acordo com você ou concórdia com você, estamos apoiando você na escolha que você pode fazer como desejar:

Neste dia, afirmamos que todos que ouvirem essas palavras podem reconhecer sua participação em reivindicar o medo como um aliado e fazer uma escolha mais elevada — para liberar o mandato de que o medo os acompanhe ao que acreditam ser a Sala Superior, com a consciência de que o medo sempre os levará a um estado confuso, uma pequena ideia do que Deus poderia ser, onde o medo pode se reivindicar como soberano.

Ao dizermos essas palavras para cada um de vocês, reivindicamos vocês na liberação *com o seu consentimento*.

Sublinhe *com o seu consentimento*. Não podemos tirar algo de você que você não deseje oferecer, mas o apoiaremos nesta liberação se você estiver disposto a recebê-la.

Cada um que possa ouvir essas palavras agora será encontrado em sua verdadeira natureza, a verdadeira expressão de sua própria divindade, o que eliminará o medo que eles utilizaram ou os restaurará e ao que eles mantiveram na escuridão a um estado mais elevado de liberação e compreensão de presença e ser. Nós sabemos quem você é de verdade. Nós sabemos o que você é de verdade. Nós sabemos como você serve de verdade. Você é livre. Você é livre. Você é livre. Você está na Sala Superior. Você Veio. Você Veio. Você Veio. Eis que faço novas todas as coisas. Assim será. Deus É. Deus É. Deus É.

Bênçãos a cada um de vocês. Pare agora, por favor. Sim, no texto.

(PAUSA)

O que está diante de você hoje é o reconhecimento do que você pensava que era, as memórias acumuladas por meio dessas experiências e a identidade que você agora pode ter, não adornada pelo eu traiçoeiro, que simplesmente significa o aspecto do eu que negaria sua divindade inerente. A realização da concórdia que você pode agora manter virá em etapas. A disponibilidade do indivíduo e da consciência nele deve ser atendida em etapas, para que a ideia do eu não se fragmente de tal forma que ocorra distorção. Somos cautelosos neste ensino para que a amplitude que um indivíduo possa atingir seja bem-vinda por ele em adesão à verdade. E o que isso significa é que você não pode carregar mais do que pode suportar. Você não pode elevar-se mais do que pode gerenciar.

Alguns de vocês dizem: “O Reino está aqui, eu quero o Reino.” E, de fato, o Reino está aqui, e a realização do Reino é o que vem através da progressão pela qual estamos conduzindo vocês. Agora, *conduzindo vocês* é uma ideia interessante. Não é uma pista de obstáculos. Na verdade, os únicos empecilhos são suas próprias criações e as criações que o coletivo manteve e às quais vocês dão credibilidade. Quando vocês param de se alinhar a uma ideia que foi reivindicada na separação, quando vocês não estão mais apoiando-a com um senso de identidade que exige que ela esteja lá, vocês se elevam além dela. Ela perde significado. O sentido é alterado.

Agora, a ideia da Sala Superior como um lugar onde todas as coisas são feitas novas é, para alguns de vocês, um estado de sonho, uma paisagem de fantasia onde seu pai não morreu quando você era jovem, onde sua esposa não foi embora, onde as coisas aconteceram como você desejava. Em muitos casos, o que ocorre na Sala Superior é que a exigência de que as coisas sejam como deveriam ser é liberada, porque o aspecto do eu que *deveria* é o aspecto do eu que nasceu através da história. Quando seu apego ao resultado é liberado — quem você acha que deveria ser na Sala Superior, o que a Sala Superior é — você se descobre simplesmente sendo e expressando-se em um nível de tom onde o que você requer é atendido por você de maneiras perfeitas. A natureza dócil que alguns de vocês têm busca comandar que isso seja sobre conforto. Isso é menos sobre conforto do que sobre receptividade. Imagine que sua entrada de carro esteja cheia de neve. Você precisa de uma pá ou de ajuda para a remoção da neve. Você pode descobrir a pá que estava escondida no fundo da garagem ou o vizinho que aparece e oferece uma mão. Você não está clamando ou assustado. Você confia na Fonte para atender a essas necessidades da maneira como elas podem ser atendidas por você. E se você deve ir até a garagem, por favor, vá e descubra o que pode estar lá.

A trajetória do texto que estamos escrevendo é encarnação, sim, mas é a concretização da encarnação em um nível de tom onde a realização ocorre. O capítulo sobre memória que estaremos concluindo em breve é de certa forma um requisito para o que vem a seguir, porque enquanto você estiver mantendo um senso de si mesmo nascido em coerência com uma ideia falsa de quem você é, e uma ideia falsa que o coletivo lhe impôs ou concordou com, você será desviado. Em vez disso, você fabricará uma ideia de um eu que *deveria* estar na Sala Superior e decidirá o que a Sala Superior *deve* ser e o projetará como acha que *deve* ser para cumprir os desejos do pequeno eu. O pequeno eu se expressa na Sala Superior, mas está alinhado à alma, e a Mônada o reestrutura para que ele possa ser utilizado de forma plena.

Alguns de vocês dizem: “Eu tenho coisas que não consigo esquecer” ou “O mundo viu coisas terríveis que não serão esquecidas”. Novamente, ninguém está pedindo para você esquecer qualquer coisa. É útil lembrar que a cascavel é venenosa e evitar pisar nela, mas não há necessidade de ter medo do que pode acontecer quando você sai de casa e vira a esquina. A realização da Mônada, de fato, reivindica um caminho para você, define um caminho para você, de acordo com a vontade elevada.

Agora, vontade elevada ou verdadeira vontade deve ser entendida. A Vontade Divina não é uma ideia separada do eu. É o eu que sabe quem é, operando em conformidade com sua verdade, ou uma verdade elevada que se expressa além da memória ou edital nascido através da razão coletiva. Em outras palavras, a vontade que se expressa neste nível está em um alinhamento elevado e não concordará com um lugar-comum, não concordará com uma escolha coletiva, se a escolha coletiva mantiver um viés nascido no medo. A vontade que vocês conheciam, vontade pessoal, se preferirem, é claro que é integrada aqui. É sempre o entrelaçamento da vontade, a verdadeira vontade e a vontade da estrutura de personalidade, em um estado verdadeiramente alinhado que expressa a Vontade Divina e irá guiá-los em um curso, direcionar seu caminho de maneiras perfeitas.

“O que é um caminho perfeito?” ele pergunta. “Soa encantador, mas o que isso significa?” Um caminho perfeito para você, Paul, seria um caminho onde a realização do eu é conquistada em conformidade com o que você pode manter em alinhamento de maneiras perfeitas. É a realização, conforme pode ser manifestada e mantida. Não é uma corrida para um estado mais elevado de experiência ou consciência. Muitos de vocês,

atualmente, confundem uma experiência mais elevada com um alinhamento mais elevado. Você pode sair e assistir aos fogos de artifício, mas quando eles não estão acontecendo, tudo o que você tem é a memória deles. Alcançar um estado mais elevado, por qualquer meio, deve apoiá-lo em uma consciência do que foi essa experiência. Mas, a menos que essa experiência seja utilizada de forma elevada, ela tem sido algo menos que a exibição de fogos de artifício. Foi uma experiência, talvez passageira, que não deixou uma impressão digital que pode ser respondida e realizada em suas vidas diárias.

Embora ofereçamos experiência nestes ensinamentos, e de certa forma promovamos a própria experiência do ensinamento como o caminho para conhecer a verdade deles, a experiência é o subproduto do ensinamento e a integração deles, não o propósito deles. Vocês todos alcançarão um nível de vibração nesta encarnação ou em outra onde a ideia de experiência é substituída pelo ser. Você não está buscando experiência. Você está *sendo* em um nível de tom onde todas as coisas são feitas novas, e seu reconhecimento disso não é muito diferente do seu conhecimento da cor dos seus olhos ou do céu noturno brilhante. Essas coisas simplesmente são. Você está em concordância ou acordo com elas porque elas são as manifestações do nível de consciência ao qual você se alinhou.

Anteriormente neste texto, falamos de esforço ou da necessidade do pequeno eu de se impulsionar para frente em busca de aquisição, até mesmo nos domínios espirituais. Este é um estágio de desenvolvimento pelo qual todos podem passar, mas há pouco sustento lá. Mantém você se esforçando, buscando a próxima experiência de pico, a próxima experiência que você pode decidir que é do espírito. Quando você se entende como da Fonte, toda experiência se qualifica como tal. A caminhada até a loja, acariciar o cachorro, apreciar o pôr do sol, chorar por uma perda — todos são estados sagrados. E aquele que os experimenta não é menos sagrado do que seria em oração no topo de uma montanha, ou experimentando algo que ele ou ela decretaria ser de um domínio mais elevado.

Aquele que vive no topo da montanha não está se esforçando para estar lá. Ela simplesmente é. Ele simplesmente é. Você simplesmente é. Nós amamos você como você é, porque não podemos fazer diferente. Nós conhecemos *como* você é, o que você é, como você se expressa, porque nos tornamos quem você é quando te conhecemos e entendemos o que significa temer ou compreender o eu como separado. Mas entenda que nós não vivemos lá. Nós nos elevamos. Nos alegamos com o que nos alinhamos, mas nos alegamos por cada um de vocês em cada estágio de alinhamento, por qualquer experiência que vocês aprendam, porque esse é o seu dom, o seu empenho, a sua expressão, à medida que avançam no alinhamento e progressão que nós apoiamos.

Obrigado a cada um de vocês por sua presença. Pare agora, por favor. Ponto. Ponto. Ponto. Sim, no texto.

DIA CINCO

Quando você acorda todas as manhãs para um novo potencial, uma nova oportunidade de realizar o eu, você terá escolhas. “Como eu navego o dia?” “Como eu me conheço na Sala Superior?” “Quais são os requisitos para manter essa vibração?” As perguntas são úteis. As oportunidades para enfrentar essas perguntas ocorrerão no dia. Todos os dias são uma oportunidade, sim, para um nível mais alto de tom. Não se aspira a isso tanto quanto se alinha a isso. E o requisito de cada dia é apresentado ao indivíduo enquanto ela caminha em seu caminho, enquanto ele diz sim ao caminho à sua frente.

Alguns de vocês nos dizem: “Bem, isso é tudo muito bom na teoria, mas a humanidade não vai mudar. Nós eventualmente nos destruiremos.” E esse é o aspecto do eu que contribui para essa destruição. Você pode ter isso, se desejar. Você pode escolher essa experiência, se gostar. Mas sugeriremos o contrário. A escolha que a humanidade fez para ir além de um sistema de separação é uma tarefa árdua para a estrutura de personalidade e uma muito simples para o aspecto do eu que já sabe quem ela é. E esse aspecto está presente em todos vocês, independentemente de aderirem a ele ou não.

O tema do dia é preparação. O assunto da conversa é como se escolhe. E como se escolhe será encontrado por você apenas no nível de consciência ao qual você se alinhou.

Agora, cada um de vocês diz sim a um potencial aqui. “Eu posso me conhecer de uma forma mais elevada. Eu posso escolher em um acordo mais elevado.” Mas a oportunidade de escolher é oferecida a você todos os dias. E o pequeno eu, ainda se conhecendo pela memória ou adesão prévia, escolha anterior, predileção anterior, buscará manter a estrutura de identidade que conhecia. Quando você diz sim ao novo, você deve estar disposto a recebê-lo. Você não pode dizer sim ao novo e reivindicar o antigo simultaneamente. Isso não te apoiará. Você acabará com o antigo e decidindo que o novo nunca poderia ser obtido.

Quando você tem uma oportunidade para mudar, você deve pesar essa oportunidade pelos requisitos que ela impõe ao pequeno eu e pelas oportunidades de crescimento que podem ser apresentadas a ele. Mas você também deve entender que, quando você se mudou para a Sala Superior em seu alinhamento, cada escolha que você faz se torna a oportunidade para um grau mais elevado de presença. Ele interrompe o ensinamento. “Você está falando de graus mais elevados, como se devêssemos aspirar a isso.” De forma alguma. Isso não é sobre aspiração. É sobre o que ocorre quando você libera a densidade da escolha anterior, reivindicada pela memória ou adesão ao coletivo.

Cada um de vocês que diz sim a este ensinamento começa equilibrando, de uma maneira que parece não ter apoio, os dois níveis de realidade pelos quais você pode se conhecer. Você pode chamar de superior ou inferior, mas falaremos de forma diferente. O aspecto do eu — a personalidade, sim — criada no reino inferior, tem todas as evidências de que ele ou ela poderiam exigir que esta é a única forma pela qual podem se conhecer, e

tudo o mais parece um potencial que pode ser realizado por poucos. Quando você se move para a Sala Superior em vibração, não é um fio da navalha, embora você possa experimentá-lo como tal porque o velho — ainda presente pelo hábito, aderência à memória, escolha anterior e acordo coletivo — tentará chamar você de volta. Você mantém um olho na história e outro no potencial. Quando você se move para o momento presente, que é o único momento em que Deus pode ser conhecido, você avança. Você caminha reivindicando o novo como o que é — não o que pode ser, mas o que é.

Agora, *o que é* é diferente do que você pensa. Imagine por um momento que você está em uma escada rolante. Você não sabe onde cada andar termina. Você não sabe onde está até desembarcar. O mesmo ocorre com a Sala Superior. A experiência de operar aqui, em tom e vibração, é um alinhamento simples. À medida que você se torna estável aqui, que você não é tentado pelo medo ou pelas regras do coletivo para manter o velho, você começa a se mover em uma escalada de vibração.

Agora, cada oitava através da qual você pode se conhecer tem notas altas e baixas. Se você olhar para o mundo pelo qual se conheceram, com sua alegria e desespero, você pode encontrar equivalência aqui. A maior dor que a humanidade conheceu, o maior grau de separação, que culmina em guerra, autoabuso, dano aos outros, são as notas baixas que podem ser tocadas, se você desejar, para aprender através delas. Mas nesta oitava através da qual você se conhece, também há alegria, também há amor, também há grande beleza e esplendor. A Sala Superior é uma oitava por si só.

Agora, chamamos a Sala Superior de um espaço ou nível de consciência que é a entrada para o que chamamos de Reino, que é um vasto nível de consciência que você pode descobrir, uma vez que se sinta confortável no vestíbulo, ou na Sala Superior. O ato de equilíbrio é liberado muito rapidamente quando você começa a realizar a simples afirmação “Deus É”. Você não está invocando Deus. Você está reivindicando a presença de Deus onde ela foi previamente negada, e o efeito alquímico dessa reivindicação é um novo acordo com o que sempre foi assim.

A oportunidade está presente hoje para entrar nesta oitava e deixar sua bagagem no andar de baixo. Você deseja trazer sua bagagem para a Sala Superior. O trabalho que fizemos com você sobre memória apoiará essa liberação. Se você não se lembra onde estão suas malas, não as arrastará para cima com você. Quando você começa a se compreender como libertado do antigo, você não buscará mais se reanexar a uma ideia arcaica do que você foi — o eu separado, aquele que está com medo, aquele que opera na sombra e implora para que Deus o salve. Permitir que Deus seja Deus é ser conhecido por Deus, e a afirmação que oferecemos anteriormente — “Eu Sou Conhecido, Eu Sou Conhecido, Eu Sou Conhecido” — é um alto decreto de verdade.

Agora, a validação de qualquer afirmação que oferecemos deve estar na experiência dela. Pronunciar as palavras sem intenção é juntar vogais e consoantes que não têm acordo com o que existe através da intenção que elas carregam. Quando você faz uma afirmação que oferecemos, estamos apoiando a afirmação conforme ela é mantida. A entonação da afirmação é momentânea, sim, mas cada afirmação oferecerá um nível de concordância vibracional ao qual você pode se alinhar. Manter esse alinhamento não é árduo. Vocês são rádios. Estão sempre em transmissão. Sua transmissão é a sua consciência. Quando você sintoniza a estação na Sala Superior, esse é o nível de concordância que você pode tocar. Quando você muda a estação para a antiga dor ou medo, você se alinha à antiga dor ou medo. Mudar de estação é um ato simples.

Nós reivindicamos para vocês o efeito de cada disco que tocamos. E o disco que tocamos — “Eu sei quem eu sou na verdade, eu sei o que eu sou na verdade, eu sei como eu sirvo na verdade” — apoiará todos vocês em um nível de alinhamento que pode ser mantido, mesmo no campo comum, enquanto vocês se preparam para o efeito da manifestação na Sala Superior. Manifestação na Sala Superior. O acordo de estar sem o condicionamento que vocês utilizaram para navegar em um plano repleto de medo. O acordo de estar aqui é em conjunto com a estrutura de personalidade, não em oposição a ela. A vontade através da qual vocês se conheceram é utilizada todos os dias na escolha, e o eu da personalidade reivindica a vontade, assim como o superior. Quando os dois trabalham em união, quando uma afirmação é feita em um tom elevado — “Eu sei quem eu sou, o que eu sou, como eu sirvo” — a vontade é utilizada de acordo com o tom vibracional ao qual vocês se alinharam.

Tentamos tornar isso muito simples para todos vocês. Isso não é teologia. É um acordo. E acordo é alinhamento, ou concordância vibracional. Para apoiar cada um de vocês neste trabalho, utilizamos a linguagem para suportar a compreensão, mas os textos que escrevemos existem além da linguagem, e vocês podem se alinhar a eles, e aos verdadeiros significados deles, através da escolha de saber quem e o que vocês realmente são. A ideia disso não é feita pela personalidade, através da personalidade, ou como personalidade. A escolha de alinhar pode estar em acordo com a personalidade, mas o nível de alinhamento que vocês podem reivindicar como os textos, através dos textos, existe além da linguagem como um modelo que pode ser seguido.

“O que isso significa?”, ele pergunta. Todo texto que oferecemos suporta um modelo de reconhecimento através do eco e do tom. O tom de cada texto é ao que vocês estão se alinhando. As informações que um texto contém são o que os apoiam em um nível de acordo ao compreender a experiência que estão passando. Não dizemos o que sentir, mas oferecemos o raciocínio por trás disso. Imagine que você acordou em um país estranho, não conhecia o idioma, não conhecia as regras. Os textos podem apoiá-los na compreensão de onde vocês chegaram — a Sala Superior, não um lugar físico, um nível de tom e consciência que apoia o seu alinhamento e a recuperação do mundo manifestado na luz, além da sombra, além do decreto de separação que a humanidade escolheu aprender através.

Cada um de vocês aqui, por acordo, está respondendo a este texto no nível de aderência que podem manter. Cada um de vocês que aprende sustenta a vibração do texto no campo energético através das afirmações de verdade que oferecemos. A escolha que você faz nesse alinhamento é tornar-se a porta para os outros. Agora, isso não é feito através de proselitismo. É feito através da presença e do ser, ou o acordo de estar, na Sala Superior, que apoia a porta, ou alinhamento com todos, para todos e a todos que encontram a porta. Você como a porta. Você não está escolhendo isso tanto quanto sendo isso. E a invocação da afirmação que até agora lhes ensinamos — “Eis que faço novas todas as coisas” — é o acordo para re-ver, para re-conhecer, tudo o que se encontra a partir da alta ordem que é de fato a Sala Superior.

Neste dia, temos duas intenções: Reivindicar você como tem sido e frequentemente negado, permitir que vocês tenham o conhecimento para realizar isso por si mesmos e apoiar cada um de vocês em manter o equilíbrio que a Sala Superior oferece, para que vocês não tenham medo de se afastar ou liberar o novo em favor de uma estrutura antiga, que, embora dolorosa, é familiar para vocês.

Agradecemos a cada um de vocês por sua presença. Pare agora, por favor. Ponto. Ponto. Ponto. De fato, no texto.

(PAUSA)

O que está diante de vocês hoje, em reconhecimento da memória do que conheciam ou acreditavam ser, é o que agora pode ser reivindicado. A ideia de ser, simplesmente ser, a partir do alto nível de tom que lhes instruímos, deve ser compreendida por cada um de vocês, não como um potencial, mas como uma realidade. Vocês foram doutrinados a acreditar que não podem manter um nível de auto-identificação que esteja em coerência com o Divino, e por várias razões. Vocês criaram uma arquitetura onde o adivinho, o rabino, o padre, o xamã, tem acesso ao que vocês não têm. E as experiências mesquinhas que vocês podem receber ou entender através de si mesmos vão ser o produto da benevolência deles.

Quando vocês entenderem seu direito de nascimento — “Eu Vim, Eu Vim, Eu Vim”, o Divino como vocês reivindicando todas as coisas para manifestação — vocês confiarão a vida que vivem à Mônada, ou à Verdade Cristã, que habita em cada um de vocês. A porta está presente através das ativações que vocês invocaram através destes ensinamentos. O efeito da manifestação destas reivindicações deve ser evidente nas vidas vividas por cada um de vocês. O triunfo deste ensinamento para o mundo é o modelo que foi forjado, que agora está presente, ao qual qualquer um pode se alinhar. E dizemos *qualquer um* intencionalmente. A Sala Superior não é a alçada de nossos alunos. A Sala Superior é o dom divino de experimentar Deus como os seres que são. *Como* os seres. Não em algum outro mundo quando vocês perderam seus corpos, mas enquanto caminham pela terra em concordância, em acordo, com o que é apenas verdadeiro. Sublinhe a palavra *apenas*. O autoengano buscará levá-los a uma terra de sombras, onde um momento vocês estão na luz e no próximo passo estão de volta à escuridão. É assim que a maioria de vocês tem operado. A ideia, a possibilidade, de que vocês possam reivindicar a luz, estar na luz e como a luz, não é apenas estranha para vocês. Para alguns, parece blasfêmia, e para outros, impossível. Estamos lhes dizendo algo muito diferente. O dom do Reino é o dom do ser. Não é aspiração. Não é decidir o que deve ser. É saber o que é. Saber e realização são idênticos, e a experiência da Mônada como aquela que os conhece e dando a memória do que nunca foram à Mônada, apoia a encarnação ou expressão do Divino que busca a si mesmo através de vocês. Ouçam essas palavras, amigos. *Busca a si mesmo através de vocês*. Vocês são a luz. Vocês apenas não sabem disso, e vocês negaram isso.

Agora, para manter a vibração da Sala Superior é preciso saber quem você é, e não entender os mecanismos da Sala Superior ou um livro de regras que o manterá olhando para os próprios pés. Não queremos que você olhe para os pés. Queremos que você caminhe para a frente como o ser que você é, o Cristo que veio como Mona, como Gerald, como Anna, como Joan, o Divino que veio como Phillip, como Oscar. À medida que a expressão direta ocorre, vocês se conhecem como isso, como parte disso, e por isso, mantendo a identidade em um novo nível de evocação, vibração, tom e ser. O que isso significa é que o extraordinário se torna o ordinário, porque é Oscar na Sala Superior, é Anna amando os outros, é Joan indo à loja e vendo aqueles à sua frente como só podem ser vistos na verdade.

Alguns de vocês desejam um sistema que possam manter através da identidade. “Dê-me a máscara certa para usar para que eu possa permanecer aqui em cima.” Você deve estar aqui sem a máscara. Você não precisa da máscara. Você precisa permitir a verdade de sua expressão, manifesta como você, para apoiar o despertar dos aspectos do eu que requerem o amor, a luz e o conhecimento de sua verdadeira natureza. Qualquer aspecto do eu que está sendo negado irá e deve ser trazido à luz para ser re-visto. É imperativo que vocês entendam a ideia de o coletivo passar por tal mudança. A ideia de que a própria humanidade está retirando as balas que acumulou através da dor e do sofrimento, nascidas na separação, de que a própria humanidade está ascendendo a um novo nível de tom e compreendendo-se através de suas escolhas para abandonar-se à sombra, dará a vocês uma compreensão do caminho à frente da humanidade.

“Bem, como mantemos a Sala Superior em tempos de grande agitação?” A agitação não se expressa como a Sala Superior. A ideia da Sala Superior como consciência pode dar a vocês o entendimento de que o que é vivenciado aqui é re-visto como o Eu Divino, então não está carregado de medo ou julgamento dos outros. Você não é passivo à mudança. Você é carregado pela onda da mudança. Você não está lutando contra a maré. Você está cavalgando a maré. E você é reivindicado, como todos um dia serão, na alta margem de uma nova realização de quem e o que você sempre foi.

A doutrinação que vocês mantiveram em apoio à separação está sendo abordada aqui. A causa para essa separação, como já ensinamos antes, é um acordo para ela nascido em uma crença na escassez. E não poderia haver um Deus que permitiria a dor, ou uma escolha para enganar o eu e reivindicar Deus como a fonte da dor. Deus como a única nota cantada, ou Fonte de todas as coisas, não é o executor da dor. Ele não apoia o sofrimento. Mas permite a escolha. E até que a escolha da humanidade vá além da separação — a necessidade de guerra, a necessidade de manter os outros cativos através da pequena vontade do eu — a humanidade será desafiada.

A operação agora é revelação. As coisas estão sendo reveladas para que a humanidade possa vê-las e transcender a elas. Transcender é o processo de ascensão que tem sido discutido, ou o elevar-se, de forma incremental, para o que é sempre verdadeiro. Manter a vibração da Sala Superior não é sobre fingir que as coisas não existem. É sobre o que existe ser visto como de Deus ou elevado a Deus, onde a sombra tem mantido em suspensão ou governado.

Sugeriremos isso para Paul. Pare de tentar ouvir enquanto falamos. Você interfere quando o faz. Continuamos agora.

A jornada que esta classe, estes estudantes, estes leitores, estão passando é um acordo com a alma. Tem que ser. A vontade que você utiliza para virar as páginas deste texto é a mesma vontade que você utilizou para concordar com este ensino e para se apoiar no processo de engajamento com ele. O processo de engajamento com o texto é o acordo com o que já é verdadeiro. Você não precisa se esforçar por isso, nem está dando autoridade ao que você não concorda. Reivindicar o que é sempre verdadeiro é sempre a essência da coisa, ou o tom, a única nota cantada, a Palavra que é o próprio Deus.

A jornada que você fará agora não é reflexiva. Estamos indo além de pedir que você reflita sobre o que você pensava ser e se torne quem você realmente é. A desidentificação — através do design cultural e através do acordo coletivo sobre o que você acha que deveria ser — está sendo abordada aqui.

Vamos fazer uma pausa para Paul. Ainda estamos continuando o capítulo sobre memória. Esse pode ser o título. Diremos a você mais tarde. Ponto. Ponto. Ponto. Pare agora, por favor.

DIA CINCO (CONTINUADO)

Quando falamos com você hoje sobre ressurreição, estamos falando do aspecto do eu, o Verdadeiro Eu, o Cristo ou Mônada, que é ressuscitado como você. Agora, o Eu Divino não guarda o registro que você tem de suas indiscrições. Não importa se você colou em um teste quando tinha dez anos. Ele não está olhando no seu quarto, decidindo se o que você está fazendo é seguro ou belo ou santo ou não. O Divino como você é a expressão de Deus.

Agora, a afirmação que oferecemos a você antes — “Eu Sou Conhecido” — o Verdadeiro Eu que de fato conhece você compreende essas coisas, mas não no nível em que a estrutura da personalidade compreende, porque o Eu Divino não tem a antena moral que você acredita que ele tem. Há sempre um registro de ações. Você pode chamá-lo de registro kármico. Você pode chamá-lo de registro de identidade e escolhas feitas. Quando afirmamos o termo — “Você É Conhecido” — você é de fato conhecido pelo Divino como todas as coisas, através de todas as ideias de tempo e personalidade que você possa já ter encontrado.

Ele já interrompe o ensinamento. “Bem, você acabou de dizer que o Divino não está olhando no quarto. A Mônada não se importa. Então o que a Mônada sabe sobre nossas indiscrições ou nossos medos ou nossas mentiras?” Diremos de forma diferente para você, Paul. Mais uma vez você impõe identidade ao Criador através da estrutura mitológica. “O Divino que sabe o que é bom e o que é ruim manda alguns para o céu, outros para o inferno.” Não há Deus que opere assim. Isso é uma criação. Mas devemos dizer, como todas as criações, esse será o seu Deus se esse for o Deus que você deseja, e vocês continuarão a se atormentar ou a se considerar pecadores e indignos. Falamos do pecado como a oposição ao Divino, ou contrário ao alto propósito do Verdadeiro Eu. Mas pecado não é mau comportamento. Pecado é simplesmente a negação do Divino. Quando dizemos que a Mônada não se importa, sua ação é sempre a mesma — reivindicação e ressurreição.

Agora, o ensino da história, o ensino da memória, pessoal e coletiva, como informantes do mundo em que você vive, é necessário para que você entenda, porque você reencena velhas batalhas, reivindica velhas guerras e constrói Deuses a partir das cinzas de estátuas que caíram há milhares e milhares de anos. Houveram muitos Deuses que governaram este plano. Alguns foram elevados, outros não, mas quer você queira acreditar ou não, qualquer Deus é um Deus se disfarçando como algo diferente.

Agora, quando dizemos que você cria Deus, você cria os princípios de um Deus, os atributos de um Deus, e você se comporta de acordo com esses princípios ou atributos. “Não comeremos esse tipo de carne. Sempre rezaremos neste horário de uma determinada forma. Faremos penitência assim. Daremos o dízimo assim. Faremos essas coisas em acordo com uma estrutura para aplacar um Deus que foi criado e serve esse propósito.” Quando você reivindica uma divindade que é benevolente, que é amorosa, sua experiência do Divino é tal. Quando você reivindica um Deus vingativo, você reivindicará todos os atributos da vingança e decidirá o que esse Deus deve desprezar, porque é o que você deseja ver. Esses são Deuses falsos.

Paul interrompe. “Você disse que todos os Deuses são um Deus. Como eles são falsos?” Eles são idênticos ao nível de consciência que os criou. Mas como todas as coisas devem ser de Deus, até mesmo o totem, até mesmo o Deus irado, tem uma presença como uma evocação da Fonte. A liberação da memória, como instruímos você, na verdade inclui isso, a negação do Divino que vem em forma pagã. Agora, não queremos dizer *pagão* para

desprezar uma religião que pode ser chamada de pagã. Estamos simplesmente falando de uma estrutura, ou de um ídolo, ou de uma forma de compreensão por meio de delineamento do que um aspecto de Deus possa ser, e rezar para esse aspecto — seja o Deus da vingança ou o Deus do amor. Quando você vai além dessas estruturas e da necessidade de replicá-las, o que você faz sem intenção — “Devo me humilhar diante do meu Deus, devo me erguer diante do meu Deus, meu Deus deve saber o que eu preciso como eu digo que deveria” — deve apoiá-lo em um acordo com o que você acredita.

O desafio para alguns de vocês agora é que vocês acreditarão estar sem Deus se os Deuses que vocês têm utilizado forem afastados de vocês. Nós não afastamos um Deus. Elevamos você ao Infinito, à Verdade de Cristo. Cristo não é Deus, mas é o aspecto de Deus que é conhecido em forma e o nível de acordo consigo mesmo ao qual você pode aderir, dentro e a partir da Sala Superior. O desafio agora, como dissemos antes, é como você mantém o tom e o benefício do alinhamento através da Sala Superior? É realmente muito simples. Presentear o eu e a vontade ao Divino é permitir que o Divino reivindique a vontade. Presentear o eu em oferta à Fonte de todas as coisas é ser reconhecido novamente. Novamente, a afirmação “Eis que faço novas todas as coisas.” De fato, você é renascido e o que *renascido* é, é reconhecido em um estado de inocência, que foi interpretado como significando sem mácula e sem pecado.

A ideia de Cristo ser sem pecado é mal compreendida. O Cristo *é* sem pecado, mas o Cristo que vem como José, Marianne ou Philomena pode ter feito coisas terríveis e desfrutado de cada momento delas. O Cristo, vindo como ela, encarna como e através dela, e ela é feita nova através dessa interação. Estamos chamando isso de interação porque de fato é. Se você pensar em um fluxo de lava encontrando tudo o que toca e criando algo novo a partir disso, a invenção da expressão nesse nível deve ser vista como uma nova invenção—além do antigo, além do Deus castigador, até mesmo além do Deus amoroso que você acha que olha para o seu quarto e talvez desaprove o que você faz.

A ideia de que Deus simplesmente é, *é todas as coisas*—que ele sabe o que você precisa porque o aspecto de você com o qual ele está em contato está reivindicando suas necessidades de formas que o Verdadeiro Eu entende—tira o trabalho duro de manter a Sala Superior. Você não está sentado impientemente em sua cadeira, dizendo: “Deus, você sabe o que eu preciso. Por que ainda não está aqui?” O Verdadeiro Eu, você vê, na compreensão das verdadeiras necessidades de alguém, em conluio com a alma, em acordo com a alma, apoia a manifestação porque você não está operando em separação. O Reino, você vê, oferece tudo, contém tudo. Porque contém tudo, todas as coisas podem ser conhecidas aqui. A negação do Divino, que é de fato a fonte da falta, não está presente neste nível de tom, então o que é reivindicado aqui já é seu. Você entende isso? Você não está reivindicando a Deus: “Você se esqueceu de mim e do que eu preciso.” Em vez disso, você está reivindicando: “Eu Sou Conhecido”. Agora, a ideia de ser conhecido, para alguns de vocês, ainda é decidida pelo aspecto do eu que deseja esconder coisas atrás das costas, falar mal do vizinho e presumir que isso não é conhecido. Na verdade, você já é conhecido.

Paul interrompe. “Você falou de um registro. O que acontece com esse registro? Ele é apagado? Somos perdoados? É disso que se trata o perdão?” De muitas maneiras, sim. Agora, se há algo que você precisa aprender, você terá essa lição. Mas a ideia de que você já está perdoado, que Deus não pode guardar rancor, nem negar-lhe a entrada na Sala Superior, é em grande parte incompreensível para a maioria de vocês, porque vocês ainda mantêm um Deus que está balançando o dedo e dizendo: “Faça do meu jeito, ou então.”

Ele interrompe mais uma vez. “Mas você falou da nossa necessidade de perdoar os outros. Isso não é um requisito?” Não é um requisito de Deus. É seu próprio. Como dizemos, o que você coloca na escuridão, reivindica você naquela escuridão. Quando você para de colocar coisas na escuridão, você é libertado dela. Não há nada santimonioso aqui. É extremamente prático. “Mas não é fácil”, ele diz. É fácil quando você para de se apegar ao resultado, à sua ideia do que deveria ser. “Ele deveria pagar pelo que fez.” “Eles deveriam ser informados do que é certo.” O pequeno eu é vingativo, e a vingança se disfarça de autojustiça, e é por isso que você tem exércitos se reunindo para cometer atrocidades em nome de Deus, e tem sido assim por muito tempo. Você cria o Deus que lhe dará o que você quer, e se o que você quer é sofrimento, isso será o que você receberá.

Agora, um Deus amoroso deve ser compreendido como sendo libertado de suas prescrições do que é um Deus amoroso. “Um Deus amoroso é gentil, misericordioso como eu digo que deveria ser. É uma brisa suave. É um sussurro amoroso.” Deus também é trovão. Deus é todas as coisas, não o que você deseja. Mas o amor como a essência de Deus, como o verdadeiro tom de Deus, deve ser compreendido por você como além da estrutura da personalidade do que é o amor. Você romantiza o amor. É um gatinho branco bonitinho. É uma criança feliz brincando na rua. O clima é Deus. O oceano é Deus. Todas as coisas são Deus em diferentes níveis de oscilação.

Ele interrompe novamente. “Então, a quem estamos orando se Deus é o oceano, Deus é o céu, Deus é o trovão?” Você está orando ao conhecimento da única presença, a única verdadeira consciência que se expressa como tudo, e dizemos consciência, inteligência, alta verdade e amor. Você não está embarcando numa jornada ao ateísmo. Pelo contrário, você está reivindicando uma realização do que Deus é através da experiência direta dele. Novamente, a afirmação “Eu Sou Conhecido”. Quando a memória é conhecida em oferta a Deus, quando o registro de seus atos passados é oferecido a Deus, você não está sofrendo, suplicando a Deus por perdão. Você está se alinhando a Deus e restaurando o que sempre foi Deus.

Nada está fora de Deus, exceto o que você colocou lá. A identidade que você mantém, em um estado

ressuscitado, é de Deus e na experiência dele. Este é o ensinamento da equivalência. A corda bamba que muitos de vocês experimentam é o primeiro estágio de aprender um novo idioma, aprender uma nova expressão. E então você entende que o que você pensava ser um pedaço de barbante que mal poderia carregá-lo é um platô, e que esse platô contém tons altos que podem ser compreendidos, explorados e vivenciados.

Nós cantamos suas músicas para você para que você possa aprender as palavras, e dizemos estas palavras agora em seu nome:

Vocês escolheram vir. Vocês se ofereceram. Vocês disseram sim para a liberação da memória que os condenaria ou os manteria longe da luz. E dizemos isso agora enquanto cantamos sua canção: Não só vocês são conhecidos. Vocês são amados.

Ponto. Ponto. Ponto. Pare agora, por favor. No texto, sim.

(PAUSA)

Quando falamos com vocês sobre Deus, falamos de presença infinita, aquilo que não tem começo e não tem fim. Cada um de vocês faz parte disso, o Eu Eterno que é o Cristo, a Mônada em expressão, alinhado ao que ele pode conter. Os ensinamentos que se seguirão, à medida que completamos este texto, serão sobre inocência, e o que realmente é a inocência.

Cada um de vocês aqui tem participado de uma transmissão em vibração que está além do que o homem diante de vocês sustentou até agora. E sua equação com ela, que é a calibração que vocês agora mantêm, irá apoiá-los no que vem antes, no que vem depois e no que ocorre durante sua experiência neste plano.

“O que isso significa?” ele pergunta. Quando você começa a ir além do tempo e da linearidade como uma forma de compreender a experiência, todas as coisas estão incluídas — o que foi, o que é e o que um dia será. Todas se expressam no eterno agora. O capítulo que concluímos você pode chamar de “Memória”. Está feito.

Agradecemos sua atenção às nossas palavras e ao tom em que cantamos. Ponto. Ponto. Ponto. Pare agora, por favor.

3. A VERDADE DO SER

DIA SEIS

Quando falamos com você hoje sobre o que será, estamos falando tanto para o indivíduo quanto para o coletivo. A transição que a humanidade está passando levará tempo, mas concedemos a cada um de vocês esta confiança. O que virá é o que é necessário, e o que é necessário é um nível de mudança que vocês não podem compreender. Por que vocês não podem compreender? Porque vocês não têm contexto. A ideia residual de que o que foi será, que tem dominado este plano, permitiu um crescimento incremental, às vezes grandes passos, mas de todas as formas vocês carregaram sua história consigo. Quando vocês param de carregar sua história consigo, o que está presente para vocês é o que só pode ser em verdade.

Agora, vocês olham para o mundo que criaram, os desafios que têm, os desafios físicos, os desafios culturais. Todas essas coisas são o que vocês conheciam e esperam conhecer. Não estamos apagando o quadro-negro. Estamos mudando o quadro-negro. E há uma compreensão muito diferente quando algo é substituído, em oposição a reposicionado.

Agora, quando algo é reposicionado, é a mesma coisa vista de uma perspectiva diferente. E enquanto a Sala Superior mantém uma perspectiva elevada, o que a humanidade requer agora é uma transição para um nível de tom onde ela pare de replicar o medo, pare de exigir medo e pare de contaminar tudo o que vocês encontram com escolhas nascidas do medo. Isso pode acontecer? Acontecerá. Mas a transição nem sempre será graciosa.

Agora, o indivíduo encontra isso à sua própria maneira. “Eu entendo quem eu era quando tinha vinte anos. Quem eu sou hoje é bastante diferente. Eu me identifico com as ideias que eu tinha, mas não busco mais replicá-las.” Isso é maturação, e todos vocês passam por isso. Mas quando um modelo é transformado, ou a expectativa do que é a vida e deveria ser é alterada, a transição que um indivíduo passa é muito maior.

“O que isso significa?” ele pergunta. Bem, imagine que sua ideia de si mesmo foi baseada em quem você pensou que era, e então um dia você descobre que nunca foi o que você pensou, você acreditou em uma mentira, e agora como você conduz seus negócios? Você conduz seus negócios com a consciência de que tudo foi alterado, e que você está à altura da tarefa de encontrar o novo à medida que ele se alinha a você. Agora, *a você* é importante. Novamente, você deve lembrar que, no nível do indivíduo, todas as coisas que você encontra estão em acordo com seu campo energético, que contém expectativa, sua ideia de história, o que você espera ver e obter. A transição que você está empreendendo aqui é para recuperar o campo energético sem os laços com a história, ou um falso senso de identidade, que continuaria a perpetuar uma ideia de separação que nasce em uma mentira.

O modelo é transformado quando você se alinha na Sala Superior, e a graça está presente. A presença de Deus e o alinhamento com Deus reivindicam sua experiência junto com você. Sublinhe a palavra *com*. A vontade ainda está presente, mas opera em um tom mais elevado. E as escolhas disponíveis na Sala Superior são experientialmente bastante diferentes das que você conheceu no inferior. Quando você escolhe na Sala Superior a partir do lugar de acordo com a Fonte, você não está reivindicando falta, você não está em desespero, nem está desesperado pela resposta. Você tem fé ou confiança de que o que é necessário será atendido por você de uma forma perfeita. E, de fato, se houver ações para você tomar, você as realizará. A verdade do seu ser,

expressando-se nesse nível, alinha tudo o que você encontra à Fonte de todas as coisas, que é de fato como um mundo é renovado.

Agora, o coletivo se conheceu através do medo, através do engano, através do acordo com a raiva e as oportunidades que a guerra apresenta para aumentar uma crença na separação. Quando um modelo coletivo é movido, a transição nem sempre é graciosa porque as inúmeras oportunidades para a mudança serão encontradas por indivíduos no nível que eles podem mantê-las. Se você tem uma consciência que nega a luz, refuta a graça, concorda com o medo e exige mais do mesmo, o enraizamento no medo é um grande desafio. Porque você tem vontade e pode operar a partir da vontade em qualquer nível, aquele nascido no medo, buscando doutrinar outros no medo, fará o que puder para manter uma ideia de um status quo através do qual ela se conheceu. Até mesmo este ser humano será movido, será elevado, mas não é uma passagem graciosa. Aquele que busca permanecer adormecido fará de tudo para impedir que a luz do dia se aproxime. Mas, é claro, ela se aproxima.

Agora, a transição que a humanidade empreende levará várias gerações e por um motivo. Os efeitos residuais do que vocês criaram ainda estão sendo recuperados. Eles estão sendo revistos. Mas o movimento dessas criações para a oitava superior ainda não ocorreu, e há um motivo para isso. A realidade que você conheceu ainda é a realidade de que você precisa, porque você não saberia quem você era. Reinos não precisam cair em um momento. É sempre geracional. As sociedades que vocês construíram, às quais vocês conferem grande poder, não são todas nascidas no medo. Mas há aspectos de todas as culturas que estão enraizados na negação do Divino, e são esses os aspectos que serão movidos. Você começará a operar em uma consciência de mudança além do que você poderia imaginar. “Bem, nós não pensávamos que isso aconteceria tão rapidamente”, ou “Eu sabia que aconteceria um dia, mas não na minha vida”. Os desafios que você enfrenta como coletivo nascem todos do acordo com o medo. Sublinhe isso. *Os desafios que a humanidade enfrenta nascem todos do acordo com o medo.* E a transição além desse medo exige que você concorde com algo diferente.

Agora, imagine isto: Há um pequeno pedaço de madeira flutuando na superfície do oceano. Não é um pedaço de madeira muito glamoroso. É um pedaço de madeira antigo, lascado, talvez com pregos presos. Imagine que o barco em que você esteve está começando a afundar. Alguns nadarão até a costa. Outros dirão: “Devo ser levado.” E se a única coisa que você pode agarrar é a coisa que você nunca pensou que agarraria, talvez você o faça. E Deus, para todos vocês, ou um Deus verdadeiro, a única Fonte de todas as coisas que se realiza através de sua criação, será aquilo a que você se agarrará.

Quando o intelecto falha, quando a ciência falha, quando os sistemas econômicos estão caindo e sendo recuperados de diferentes maneiras, os desafios são muitos. Mas isso não precisa ser um colapso. É uma ressurreição. E enquanto isso for conhecido, o movimento para a frente é, na verdade, garantido. Você não terá uma semente crescendo da terra sem perturbar a terra ao redor dela. E você é a semente. Você está crescendo. O aroma das flores que você é informa o mundo pela natureza de presença e ser.

Agora, diremos isso apenas aos alunos nesta sala: A energia que vocês têm experimentado está aumentando em amplitude. O que vocês experimentaram hoje e nos dias anteriores através da dicção deste texto é a energia que a humanidade experimentará à medida que o tempo avançar, ou sua ideia de tempo avançar. A mudança de frequência requer que todos que a encontram se movam além do que estiveram enraizados ou afirmaram no medo. Quando você permite esse processo, o movimento pode ser gracioso. Quando você nega o processo, você se encontrará muito confuso. É como se você fosse ao mercado e não houvesse nada nas prateleiras que você reconheça. É como se você fosse para a cama e descobrisse que o sono não é o que você pensava. Render-se aos tempos não significa que você precisa ser passivo a eles. Você pode levantar sua voz. Você pode ser ouvido. Você pode oferecer aos outros a ajuda de que precisam. Mas o verdadeiro trabalho é feito ao nível do Verdadeiro Eu, que eleva todas as coisas ao seu tom ressonante.

Paul interrompe. “Você disse, ‘para as pessoas na sala’. Isso está no texto?” Nós lhe diremos quando completarmos a palestra. O ensinamento que está sendo recebido agora é, na verdade, necessário para fornecer contexto tanto para o leitor que está experimentando este texto como transmissão energética, quanto para aqueles que estavam presentes no campo que foi criado para que esta dicção acontecesse. De fato, um campo foi criado, e a liberação da história através da falsa memória foi o requisito da aula que empreendemos. Mas o texto é várias aulas, e continuará sendo. Há muito para ensinar. Há muito para aprender. Mas mais do que isso, há muito para ser—muito mais do que você sabe e muito mais do que você reivindicaria através da idealização do pequeno eu e sua ideia, sua ideia, sua ideia do que é a divindade.

Você é divino. Todos vocês são divinos. Você não pode aspirar à divindade. É o seu verdadeiro estado de expressão. Tudo o mais é detritos acumulados—um filtro, se quiser, que retém a luz que brilharia como você de se expressar plenamente no mundo. À medida que o campo energético e o próprio corpo se elevam em ressonância, o campo é exposto. E porque ele está sempre em união com sua Fonte, torna-se a expressão de Deus à medida que a humanidade enfrenta seu próximo capítulo.

Obrigado pela sua presença. De fato, isso está no texto. Pare agora, por favor.

DIA SETE

O que está diante de você hoje é a oportunidade de rever as limitações que você utilizou e decidiu, que o reivindicaram em uma realidade que o define em separação. A ideia de liberdade deve, de fato, ser vista como algo além dessas fronteiras, desses muros de separação, aos quais vocês todos concordaram. Alguns de vocês dizem para nós: “Bem, eu não sou realmente livre. Eu pago meus impostos. Tenho que ter uma carreira. Tenho

meus filhos, meus pais”, esta situação ou aquela, que o reivindica em concordância com ela. Na verdade, essas coisas estão em concordância com você por meio da co-ressonância. E como você segura qualquer coisa, como descreve qualquer coisa, como reivindica qualquer coisa, reivindica você de acordo com a expectativa que essas coisas têm.

Agora, você realmente precisa ser responsável por suas criações, mas como isso ocorre é, na verdade, muito diferente do que você presume. Quase todos vocês decidem trabalhar em uma estrutura— a ideia de carreira, a ideia de salário, a ideia de ganhar a vida— e você decide se isso é válido ou não, concedendo-lhe o que você deseja ou não, apoiando você das maneiras que você requer. E embora isso possa ser tudo muito bom e útil em um certo estrato de vibração, ele é na verdade reivindicado em limitação porque sempre há um teto, sempre uma ideia de quanto e quando e o que será que você está reivindicando de acordo com o coletivo. Todo mundo que tem um emprego que busca a promoção. Todo mundo em um escritório que quer um escritório em um andar mais alto.

Todo mundo que decide o que é meritório e o que não é com base em acordo comum. Uma carreira digna. Uma carreira medíocre. Nenhuma carreira. Quando você libera a ideia de carreira e se vê em uma aventura em libertação, suas necessidades podem ser atendidas, sim, mas talvez de maneiras que você não havia pensado ou concordado anteriormente. A escolha é sempre sua, você vê, porque vocês se entendem através do campo comum onde o que foi estabelecido por seus antepassados está enraizado em uma espécie de lógica que você sustenta e concorda. “Deve ser assim. Não pode ser de outra forma.”

Agora, o campo comum, ou acordo coletivo com a realidade, é de fato assim. Mas você não o percebe como elástico, e na verdade ele é. A elasticidade da forma deve ser compreendida por todos vocês agora, porque a liberdade é reivindicada através dessa elasticidade e nunca através do acordo comum com a limitação. Aqui estão alguns exemplos de limitação: “Só posso ir até aqui.” “Só posso ser amado dessa maneira.” “Só posso ser respeitado se eu fizer isso.” “Só posso conhecer Deus se eu apaziguar Deus.” “Só posso me conhecer como valioso se meus colegas confirmarem essa dignidade.” Todas essas são limitações. Na verdade, nenhuma delas é verdadeira, exceto que você as torna assim.

Agora, não estamos sugerindo que você abandone seu emprego. Mas você deve entender que pode. Não estamos dizendo para deixar o casamento. Mas entenda que você pode. Sua ideia de ser um bom marido ou uma boa esposa de todas as maneiras é reivindicada através do campo comum e o que *bom* ou *valioso* significa. E os acordos que essas coisas sustentam te prendem de certas maneiras, ou te deixam à deriva de outras formas, para uma vida que não está mantendo potencial, verdadeiro potencial, potencial expresso.

Agora, a Sala Superior é de fato um lugar onde você pode conhecer manifestação através dele, mas se você não se alinhar aqui e continuar tentando do jeito antigo, talvez o jeito antigo lhe sirva. Você conseguirá o escritório no andar superior. Você será amado da maneira que acha que deveria. Mas se você for para a Sala Superior como um local de acordo, o que significa co-ressonância aqui, você pode se tornar o receptor disso. Agora, a ideia de que Deus já conhece suas necessidades — e, de fato, essa é a afirmação “Eu sou conhecido” — você pode começar a confiar que você não é deixado para fora enquanto outros podem receber. Esse é um antigo paradigma, profundamente enraizado, de que o Divino deve favorecer alguns em detrimento de outros, e isso nunca poderia estar mais longe da verdade. Você nega seus dons porque você não os recebe. Na verdade, a maioria de vocês os repele ou nega os dons que o Divino ofereceu, a bela voz com a qual você canta, o senso de humor que você traz a qualquer encontro, a alegria com que você faz as coisas, seja o que for. No momento em que você começa a aquiescer aos seus verdadeiros dons, sua verdadeira expressão elevada, um caminho continuará a se desdobrar para você. Sublinhe a palavra *vai*. De fato, isso *vai* acontecer porque você está confirmando isso, não através de tentar torná-lo real, mas através da permissão a isso da Sala Superior onde a antiga interferência não é operativa.

“O que isso significa?” ele pergunta. Bem, você entende seu mundo através da negação do Divino. “Esse homem terrível.” “Esse evento terrível.” “Essas pessoas terríveis.” Você começa a confiar nas coisas terríveis, o que significa esperá-las mais e mais, e qualquer calamidade que você enfrente de repente o coloca em confirmação. “Não pode haver Deus. Deus nunca poderia me conhecer se algo assim pudesse acontecer na minha vida.”

Para liberar o antigo — ou as expectativas nascidas pelo medo, pelo descaso com sua verdadeira natureza — oferece aspectos de você além da limitação que foram enraizados e conhecidos em forma através da negação do Divino. Qualquer coisa que você odeie, você está negando o Divino, seja o corpo que você tem, o comportamento de outro — realmente não importa. Odiar algo é defini-lo através da separação. Odiar outro e criar uma razão plausível para isso pode ser útil de certa forma. Talvez você redescubra a autoestima através da recusa em permitir que outro o machuque. Mas o presente que você está realmente oferecendo ao outro é a liberação de uma expectativa de quem e o que eles deveriam ser. Então não há nada para odiar, e o ato de restauração pode ocorrer na Sala Superior.

Mudar para a Sala Superior em vibração é permitir que a Sala Superior exista. E dizemos isso a todos os nossos alunos, novos e antigos: Se você não se mover para cá em vibração, não receberá os dons do Reino. Agora, os dons do Reino podem não ser o que você deseja, mas sempre serão o que você precisa para apoiá-lo no movimento ou novo acordo em direção à unificação — unificação com a Mônada, o aspecto de você que afirma, “Eu Vim”, e a verdade universal que deve ser chamada de Deus.

Agora, Deus como verdade universal é um conceito muito interessante para alguns de vocês porque vocês já

decidiram o que é verdade e o que não é, e em todos os casos essas decisões são feitas em um tipo de limitação e acordo com o que não pode ser. “Aquela mulher nunca será quem eu quero que ela seja.” Bem, essa é talvez uma verdade pessoal, e não vamos negar seu direito de escolhê-la, mas devemos dizer a você que quem invoca isso não está operando na Sala Superior. Ela pode fingir ser espiritual, mas seu investimento está na separação. Você não precisa gostar de ninguém nesta sala. Isso nunca foi sobre a personalidade. Mas é sobre o reconhecimento de alguém que se tornou o receptor de Deus, que se conhece, ele ou ela, de novo. E os desafios que ele ou ela enfrentam, a partir deste novo viés, são o acordo com a verdade onde a verdade não é conveniente, onde não é o que você quer ouvir ou concordar.

Agora, entender Deus como verdade não descarta Deus como amor, não refuta Deus como conhecimento, e a bênção que Deus traz em todas as suas facetas. Cada um de vocês está dizendo sim para uma realização de quem você sempre foi. Sublinhe *sempre*. E porque este é quem você sempre foi, você pode se conhecer em verdade, realizar-se em verdade, mas não concorde por um momento com a ideia absurda de que a verdade é sancionada pela personalidade. Em palestras anteriores, discutimos a memória e os atributos da memória, a maneira como um indivíduo pode enquadrar uma experiência acumulada em separação e buscar recrutar através dessa crença, dessa memória, que foi tão deturpada pelo medo. Porque a memória contém medo, ou o acordo com a separação que tem sua base no medo, todos vocês que escolhem isso acabam recrutando a si mesmos em medo e liberando o potencial que já está presente para um nível mais alto de manifestação na Sala Superior.

Porque sabemos quem você é, também compreendemos a ideia de memória como você a utilizou. E a oferta de memória a Deus, e ao Deus da verdade, é incrivelmente útil agora, porque todas as crenças que você tem de que está separado de Deus foram conhecidas através da separação, o que, finalmente, sugerimos, é uma grande mentira.

A oportunidade aqui é ser reconhecido em alta verdade, aceito em alta verdade. E, na Sala Superior, o que você precisa para crescer, que talvez possa se manifestar de qualquer forma, estará disponível para você através do seu acordo com o potencial que existe além do reino inferior.

Agora, alguns de vocês nos dizem: “Bem, eu oro dia e noite. Acredito que Deus quer o que eu quero, mas não estou conseguindo o que quero, então o que Deus quer de mim?” Talvez a vontade. Talvez uma rendição a algo maior. Talvez o escritório no canto ou a ideia de um grande amor trariam para você grande vergonha e dor, e as outras oportunidades disponíveis para você, que você de fato poderia aprender através delas, estão de fato sendo oferecidas — mas você tende a recusar. Nenhum de vocês aceita o que acredita que não possa ter, e quase todos vocês negam o que lhes é oferecido, porque têm uma ideia de como isso deveria parecer e se expressar.

Na Sala Superior, a humanidade pode se conhecer de uma forma mais elevada. E Deus como Deus — não Deus como o homem na nuvem, mas Deus como verdade, Deus como amor, Deus como conhecimento expresso — pode ser encontrado por você nas maneiras que você pode sustentá-lo. “Mas como sustentamos isso?”, ele pergunta. “Isso parece muito agradável, mas o que realmente fazemos?” Você se perdoa por não estar onde acha que deveria estar. Você para de negar a si mesmo o que pode ter porque isso não se assemelha à sua ideia do que deveria ser. Você para de criar totens no céu de um Deus que é Papai Noel e que dará a você como você redigiu e delineou seus desejos.

“Há um lugar para isso?”, pergunta Paul. De fato, há, e de fato você aprenderá através disso. Mas já dissemos isso tantas vezes: Qual aspecto de você quer o que você quer? Aquele que quer a promoção, deseja o grande amor como ele disse que deveria ser, está geralmente reivindicando através da estrutura da personalidade. Embora isso não seja errado — é como você foi ensinado a ser —, ele carrega a limitação como sua expressão. Você entende isso? O reino ou oitava inferior, o esquema da realidade através do qual você se conheceu, de fato tem um teto — até você fazer a afirmação “Eu sou livre”, reivindicada como a Mônada, que é seu passaporte para o reino superior ou Sala Superior.

Novamente, a afirmação “Estou na Sala Superior” lhe reivindica de acordo com o potencial além do que você escolheria como um pequeno eu.

“Não podemos ter uma ideia do que queremos?” Você pode ser divinamente inspirado, sim, a tomar ações nos reinos superiores que você não ofereceria a si mesmo no campo inferior porque determinou como isso deveria parecer. Aquele que se sente movido a pintar um quadro, escrever uma peça, propor casamento, pode estar operando em alta inspiração. Aquele que se oferece a Deus, a si mesmo à verdade, está sempre agindo em alto acordo, porque a oferta contém uma promessa além dos ditames da personalidade e do que você acha que deveria parecer.

Paul interrompe esse ensinamento. “Esse ensinamento é para o texto?” De fato, é. Estamos continuando o último capítulo e gostaríamos de continuar um pouco mais.

A promessa do dia para todos vocês é um acordo com a Sala Superior como um lugar onde vocês podem ser reivindicados, e todo desejo que seu coração já teve pode ser reivindicado lá em união. Você não está abandonando a reivindicação. Você está oferecendo a reivindicação ao Divino, o grande desejo a Deus, para que Deus possa fazer o que desejar. Não é que você não esteja pronto para receber. É que você não sabe que tem permissão. E você está tão ocupado agarrando que esqueceu como dizer sim ao que pode ser oferecido a você aqui.

Vimos em nome do verdadeiro Cristo. Vimos em nome de Melquisedeque, o arquétipo da Mônada que pode

ser expresso como forma. À medida que você se alinha a este ensinamento, você se torna como nós — além da janela manchada através da qual você buscou um mundo, além da aclimatação à separação que a memória escolheu para conhecer você. Cada um de vocês aqui está sendo recebido agora, está sendo reivindicado na promessa do novo.

Agradecemos a cada um de vocês pela sua presença. Pare agora, por favor. Ponto. Ponto. Ponto.

DIA OITO

O que está diante de você hoje é uma forma de experimentar o eu além dos parâmetros que você utilizou para distorcer a realidade. Usamos a palavra *distorcer* intencionalmente. De fato, é a sua ideia de quem você é, operando em distorção, que adquire informações com as quais você concorda. Essa coerência com uma narrativa falsa, uma ideia falsa de quem você é, aplaca a estrutura do pequeno eu, mas a obriga a operar dentro dos limites de um reino falso. Dizemos *reino falso* intencionalmente.

Agora, a realidade através da qual vocês se conhecem, de fato operável, de fato útil, é o melhor que vocês podem gerenciar, mas só requer de vocês uma porção insignificante de sua expressão para se realizarem através dela. Vocês entendem, sim, que a estrutura da personalidade, em coerência com o mundo manifesto, reivindica todas as coisas de acordo com ela. E na expressão superior, todas as coisas são chamadas à Mônada, ou vistas ou realizadas como e através do Eu Cristificado, o Eu Mônada, o Eu Eterno, que opera em um Reino elevado. Quando vocês entendem isso, a expressão que vocês mantêm é realmente desenfreada, desimpedida e não está operando em distorção. Vocês olharam através de uma janela com vidro esfumado por tanto tempo que assumem que o que está além dela é baseado em como vocês o veem através dessa lente de distorção. Quando vocês operam no superior, o acordo é feito com o superior, e o desdobramento do que pode ser experienciado será conhecido por vocês em etapas.

Quando aqueles de vocês que entram no Reino se alinham primeiro aqui, ficam um tanto surpresos por não estarem operando no medo — que a escolha de temer está presente, mas não é agida. Não há nada lá. E vocês começam a acumular dados através da experiência de alguém para apoiar essa realização. É assim que o conhecimento ocorre. Quando vocês compreendem o eu em segurança nas estratas superiores de vibração, a natureza episódica da realidade à qual vocês se acostumaram é realmente alterada. Um desdobramento começa, ou uma experiência fluida de presença e ser. E não é que vocês não saibam que dia é terça-feira ou que horas são. Vocês estão realmente experienciando o eu além dessas ideias, mas inclusive delas. Outro calendário se torna aparente, outro mostrador de tempo está presente, e chamaremos essas coisas de acordo com a eternidade. Vocês podem estar na terça-feira, mas conhecer o eu na eternidade. Podem cumprir seu compromisso das quatro horas, mas estar na eternidade ao mesmo tempo.

Agora, o Verdadeiro Eu se expressa além do tempo e, sem essa única fronteira, o que se torna disponível para um indivíduo em vibração é vastamente diferente do que vocês conheciam. As ideias que vocês tinham sobre o que deveria ser são quase todas nascidas em concordância com o tempo — “meus quatro anos de faculdade,” “o casamento que durou cinco anos,” “o filho que agora tem vinte anos,” “o corpo que agora tem setenta anos.” Você compreende a evidência do tempo através do acordo com ele, que é a fragmentação da vibração em um sentido diluído que deve ser compreendido como o resultado do campo inferior. Não é que você não envelhece na Sala Superior. O corpo pode, de fato, envelhecer. Mas o aspecto de si mesmo que é eterno é realmente anunciado e está operando em uma coerência superior. Portanto, os estágios de decadência, como você acreditava que seria aos setenta anos, após o casamento de cinco anos, após os quatro anos de faculdade, é alterado porque o seu acordo com o tempo em si, enquanto presente, também está operando em um estado simultâneo de agora — da eternidade como agora.

Agora, a compreensão da eternidade é menos entendida pelos sentidos do que pela totalidade do campo vibracional. Você depende dos sentidos e, até certo ponto, continuará dependendo, enquanto mantiver um corpo. Mas os sentidos operam de forma diferente na Sala Superior. Eles não são mais mantidos em abstinência por *deveria*, ou pelas expectativas anteriores através da estrutura herdada — o que setenta deve ser, o que o inverno deve ser, o que a ideia de si mesmo deve ser dentro dos limites dentro das antigas fronteiras.

Paul interrompe o ensinamento. “Mas como podemos estar no mundo, mas não ser dele? O inverno é o inverno. Se eu preciso de um suéter, preciso saber que é inverno.” Diremos isso de forma um pouco diferente do que você gostaria. Sua ideia de inverno faz parte de um acordo comum. Até mesmo a sua ideia de frio nasce em um acordo sobre o que deveria ser. Não é que você ultrapasse essas coisas, mas você se move para uma coerência superior, e o nível de realização dessa coerência realmente o restabelece nas altas estratas com novos requisitos. De fato, se você está com frio, pegue um suéter. Mas é a sua expectativa de frio, a sua expectativa de como o tempo passa e o efeito do tempo, que o enraíza em um certo tipo de lógica nascida através do acordo coletivo sobre o que deveria ser. Quando você se move para o que verdadeiramente é, e sempre é, você está além desse sistema.

O alinhamento com esse sistema — a Sala Superior e além — deve ser compreendido por você como onde você se alinha à medida que pode se alinhar a ele.

Você deve entender que, se colocar sua mão no fogo, você se queimará, não apenas porque sua expectativa é essa, mas porque as regras do reino físico exigirão que seja assim. O alinhamento no superior não é evitar essas antigas regras, mas compreender o eu além delas.

Agora, isso não é semelhante a um jovem que acredita que pode voar e então cai pela janela com um braço

quebrado. Isso é uma realização de que a consciência está informando a manifestação. E na alta consciência que estamos ensinando a você agora, o que está disponível para você se expressa além da normalidade, solidez, expectativa, que você atribuiu às coisas. Você compreende que a neve vai derreter e se tornar água. Você compreende que a neve é fria, mas sabe que a água pode ter qualquer temperatura. Você já tem algum entendimento sobre a fluidez da forma. O que você ainda não entende é o quanto mais há para saber e vivenciar.

“O que isso significa?” ele pergunta. Estar em experiência com algo é aprender através do alinhamento com ele — não o que ensinamos, mas *como* você se torna consciente e como você se move para o acordo através do fato de presença e ser. “O que isso significa”, ele pergunta, “*o fato de presença e ser?*” Bem, o ser que você é opera em múltiplas realidades. Você pode se conhecer neste campo denso na Sala Superior, que é significativamente mais leve e completamente desvinculado de um corpo, o que de certa forma você faz em estados de sonho, de certa forma você faz quando viaja para outras ideias de planetas ou sistemas de tempo, realidades alternativas que podem ser experimentadas em você e através do seu corpo. Mas o corpo ainda está retido ou ancorado de muitas maneiras às suas necessidades de bem-estar. Presença, você vê, é eterna. Mas como você se percebe na presença — como você é, em outras palavras — pode ter muitas maneiras diferentes de se entender.

Cada um de vocês que vem até nós tem seu próprio requisito, sua própria necessidade, para o desdobramento. Um tamanho não serve para todos aqui. Imagine que há uma escada e há diferentes degraus nesta escada. Mover-se para um degrau mais alto é ir além do mais baixo, e você deve se firmar em cada degrau, ficar confortável lá antes que uma ascensão adicional seja útil ou possível. Dizemos *útil* porque você pode tentar se esforçar para subir e acabar caindo. Ficar confortável em cada estágio é se alinhar às lições que vêm aqui, e a lição que cada iniciado enfrenta será alterada por suas necessidades.

“Quais são os requisitos?” ele pergunta. “Esta é uma grande jornada, não é? Todos somos um, não somos? Não temos as mesmas experiências e lições?” Você pode todos olhar pela mesma janela e ter experiências completamente diferentes do que você vê. Você pode todos conhecer o amor, mas conhecer o amor em diferentes formas e texturas. A experiência individualizada está realmente presente na Sala Superior, mas quando nos movemos para uma verdade eterna — o que é verdade é sempre verdade — você também compreende que a lente individualizada está contribuindo para a grande e vasta imagem da compreensão de Deus.

“Eu não entendo isso.” Ele pede uma explicação. Diremos isto: Cada um de vocês olhando por uma janela tem uma prescrição para si mesmo e para o que ele ou ela espera. Quando você vai mais alto, essas expectativas são alteradas, a percepção é alterada, e o que é recebido na percepção é alterado. Alguns de vocês dizem: “Eu sei o que Deus é”. Mas você só conhece Deus no nível de acordo a que pode chegar. Ninguém pode verdadeiramente conhecer Deus porque ele é incognoscível em sua vastidão. Mas você pode ser conhecido por Deus e experimentar essa vastidão no nível que você pode mantê-la. Como dissemos, você ainda precisa do tempo, embora possa ser capaz de ir além dele experiencialmente para conhecer o eu na atemporalidade, além da estrutura do tempo e dos mandatos do tempo em que você foi doutrinado.

Quando ensinamos através de Paul, temos que ouvir suas preocupações. “Isso está no texto? Eu ouvi uma palavra troçada. Isso vai estar no texto? Você vai me avisar?” De fato, isso está no texto. Acabamos de informar você. E agora, se você nos permitir, gostaríamos de retomar nossa palestra.

O ensinamento do dia é, na verdade, sobre a infinitude, onde Deus é conhecido no nível em que Deus pode ser recebido. Embora você possa conhecer Deus na terça-feira, na décima primeira hora, às quatro ou duas, sua experiência de Deus está sempre na infinitude, porque Deus está além do tempo, e em seus momentos de conhecimento você também está além do tempo. Viver na Sala Superior, ou na presença do Divino, é se mover para um estrato de vibração onde você pode estar no mundo, sim — “Eu cumpri meu compromisso das quatro” — mas não ser dele — “Eu sei que é sempre agora”. O eterno *sim* cantado para Deus, o eterno acordo com Deus, está realmente sempre presente para você aqui porque você não está negando.

Quando você para de negar o Divino, até mesmo a ideia de tempo se move para sua divindade e pode ser utilizada como tal. Sim, você toma sua medicação duas vezes ao dia. Sim, é sábio saber quando buscar seu filho na escola. Mas a compreensão de si mesmo como infinito permite que você se alinhe à infinitude. Você acredita que isso deve acontecer em meditação ou em alguma postura de oração. O que você não entende agora é que você já está na infinitude, e a ilusão é o tempo, a ilusão é o mundo manifesto. É tudo Deus, sempre foi Deus e só pode ser Deus.

Cada um de vocês que vem até nós faz essa pergunta: “Por que estou aqui?” Porque você não pode estar em lugar algum *a não ser* aqui. E você está aqui, de todas as maneiras, e em todos os outros lugares simultaneamente. Esse ponto de consciência que é seu acordo para essa prerrogativa de identidade que pode ser chamada de Jonathan ou Bill ou Freda ou Alice está presente de todas as formas. Mas você é tão vasto que você não entende quem você pode ser. Então, nosso desejo é mover você agora para além das fronteiras, para além dos sistemas entinchados, que o reivindicaram em limitação. E dizemos estas palavras agora em seu nome:

“Nesta noite, eu afirmo que tudo o que conheci em limitação será renovado, que dou permissão para ir além das fronteiras da consciência que herdei ou ergui, que estou disposto a estar nesta jornada para o que está além da Sala Superior e posso me conhecer em plenitude, pois este é o meu direito de nascença. Eu sei quem sou na verdade. Eu sei o que sou na verdade. Eu sei como sirvo na verdade. Eu sou livre. Eu sou livre. Eu sou livre.”

Obrigado por sua presença. Pare agora, por favor. Ponto.

DIA NOVE

O que está diante de você hoje é o reconhecimento do que você pensava ser, do que você acreditava que poderia ser e de como você reivindicou uma identidade em potenciais com base em construções anteriores. A ideia de si mesmo, até mesmo, é uma conflagração de ideias, muitas ideias que criam um composto que você utiliza como identidade. Alguns de vocês dizem: “Eu sou um trabalhador”. Alguns de vocês dizem: “Eu nunca trabalho”. E você se define através de ações e maneiras de ser vistas em consórcio com o todo. A grande mudança que está sobre você agora é uma reivindicação de presença e ser como a expressão pela qual você se identifica. Se você sabe como usar um martelo, use o martelo. Se você sabe como subir em uma árvore, suba na árvore. Mas você não é identificado através de martelar, através de subir, mas através de presença e ser.

Agora, o presente deste ensinamento para alguns de vocês é uma nova utilização da ideia de si mesmo além da construção que determinou o resultado. Aquele que se identifica como o que martela busca fazer o trabalho para o qual foi chamado. Aquele que acredita que não pode ser amado reivindica a falta de amor porque é o que ela reivindicou e, conseqüentemente, espera reivindicar. Quando você se move além da rubrica de prescrição baseada na história, muitas coisas caem imediatamente. É o comportamento habituado — a ideia de si mesmo invadida pelo pensamento, predeterminada pela memória, que o sustenta em um tipo de estase. Você se considera preso. Você nunca esteve preso. Você se considera limitado. Você nunca foi limitado. Mas você concordou com a limitação e com o resultado predeterminado por meio dela.

Agora, quando ensinamos através de Paul, compreendemos as limitações de seu corpo e trabalhamos além delas porque não concordamos com elas. Entendemos o que ele acredita, o que pode ser reivindicado através da identidade que ele usou, que foi bastante expandida para apoiar o trabalho que ele faz com vocês. Mas nossa reconciliação com a forma é para a forma como ilimitada — pelo menos pelos padrões que você utilizaria. Agora, o corpo um dia morrerá, sim, apenas para sua forma atual, e será reconhecido de outra maneira. Mas, enquanto mantém a forma, a escalada da vibração pode continuar além do que você acredita.

Imagine que você tem uma casa muito pequena e acende uma vela no meio da sala. A sala será bem iluminada. Talvez você veja os cantos, talvez, por aquela única chama. Mas agora imagine que essa mesma casa é expandida e expandida novamente. Uma pequena chama pode ser construída. Um grande fogo pode encher a casa. Um fogo de luz. Um fogo de verdade. Um fogo de Deus. E à medida que sua casa, que é sua expressão em forma e além da forma, é movida além das antigas ideias do que é possível, você não só ilumina o mundo, como tudo o que você encontra é iluminado pela presença e pelo ser. Este é um ensinamento radical, e falamos sobre isso em textos, mas nunca da maneira que pretendemos agora, e por um motivo simples. Tivemos que tirar o teto da casa, e essa tem sido a afirmação “Eu sou livre, eu estou na Sala Superior, Eu Vim”. A manifestação dessas reivindicações é o que expande a casa ou recupera a casa na Sala Superior sem ideias predeterminadas que limitariam sua expressão — *ela* sendo a forma e como a forma pode ser reconhecida.

Quando você nos encontra falando através do homem à sua frente, você encontra uma ideia de um homem, uma ideia de uma voz e ideias saindo da boca do homem falando. Você na verdade não conhece o homem. Conhecer verdadeiramente o homem é saber o que criou o homem. Compreender verdadeiramente a linguagem que usamos não é ouvir com seus ouvidos, mas mover-se em direção à compreensão da presença e do ser. Se todos vocês tirassem um momento agora, onde quer que estejam, e permitissem ser informados pelo homem que fala, sem ideias predeterminadas reivindicando vocês em expectativa, talvez vocês tenham um acordo para começar a conhecer o homem além da estrutura que ele reivindicou. A luz que o homem carrega está realmente em alta irradiação, e este é um efeito de nosso trabalho através dele. Mas, como uma vela acende outra, todas acabarão finalmente iluminadas pela presença de todos que foram recuperados, que estão ouvindo com o seu ser e conhecendo com suas almas.

“O que isso significa”, ele pergunta, “*conhecer com suas almas?*” Conhecer com sua alma é ir além da ideia de substância da forma como você tem utilizado a substância. A forma é útil, mas, como dizemos, a forma é uma vibração operando em um nível denso de foco, entonação e ressonância. Quando o campo é elevado, a alma, que está presente em um estado rearticulado através da presença de Deus ou do Cristo Interior ou Mônada experimentando a alma, todas as coisas se tornam novas. E o veículo que você é — alma, Mônada, em expressão alinhada na Sala Superior — opera além do tempo e do espaço, incluindo a forma, mas também além dela. Em outras palavras, você sabe onde está sentado, pode descrever o quarto em que está, mas também pode ver além do quarto e além do tempo e compreender o eu além das velhas estruturas que a humanidade utilizou para negociar uma paisagem reivindicada na sombra e na separação.

Aquele que vive no vale conhece a experiência do vale. Ela entende o céu através das árvores. Ela entende a brisa como ela vem. Aquele que vive na alta montanha experimenta o mundo de forma diferente, e talvez sem sombra. Experimentar um mundo sem sombra não significa que não haja sombras no vale. De fato, haverá. Mas a visão do topo da montanha está em escalada, e aquele acima das nuvens percebe o que está abaixo das nuvens e eleva o que é e tem estado lá para si mesmo em uma expressão mais alta. Em outras palavras, você está traduzindo a realidade através do acordo que mantém.

Agora, a experiência disso, como já dissemos antes, deve vir em etapas. Não iremos elevá-lo muito rapidamente, mas iremos elevá-lo, sim, ou pelo menos apoiá-lo em sua escolha de ser elevado. Dizemos *ser elevado* intencionalmente porque você não está se elevando. Simplesmente, você não pode. Mas você pode se alinhar

à Mônada — que está elevada, que opera no campo mais alto, no topo da montanha ou na Sala Superior — e elevar todas as coisas a ela, porque é ela que faz a elevação.

A afirmação “Eu Vim”, a reivindicação do iniciado de reconciliação com a Fonte, o acordo da Mônada ou do Cristo de renascer na humanidade, não só veio, mas está removendo obstáculos tão rapidamente que você acredita que os dominós estão caindo e devem chegar a um final terrível. Quando muitas coisas são trazidas de uma vez, auto-engano e engano comunitário, o acordo para o engano e para se envolver no engano, o engano é o que você verá. E aquelas coisas reivindicadas em engano, conhecidas através da sombra, nascidas em acordo com a separação, podem e serão encontradas na Sala Superior através do acordo em tom.

Quando dizemos isso, simplesmente queremos dizer que você não está tentando consertar nada. Na maioria dos casos, buscar reparar é apenas colocar um curativo no antigo, colocar uma nova telha no telhado que está vazando. O telhado e o edifício precisam ser elevados a um nível de estrato ou frequência onde o que foi uma vez perdido seja recuperado ou reconhecido. E aqui falamos de verdade. Dissemos por muitos anos que na verdade uma mentira não será mantida. A verdade é uma expressão de Deus — assim como o amor, assim como a sabedoria, assim como a caridade. A evocação da Mônada na forma como verdade simplesmente significa que existem níveis de alinhamento que você não alcançará até que vá além das mentiras nas quais você participou. Há muitas mentiras nas quais você participou sem saber, sem a consciência de que eram falsas. O acordo com o tempo é uma mentira apenas no sentido de que a ideia de tempo pode se tornar um obstáculo ao Divino quando você faz do tempo um totem ou um ídolo que Deus não pode existir além.

Para entender o eu como em liberação das coisas com as quais você concordou, isso deve ser compreendido agora. Imagine que você nunca tenha tomado um banho, se banhado em uma cachoeira, ficado em uma tempestade. Imagine que a experiência da água lavando a forma que você assumiu fosse completamente estranha para você. É provável que você fugisse do banho, buscasse um abrigo, tentasse recuperar o corpo em seu estado antigo. A purificação que está ocorrendo agora remove, sim, mas não antes de revelar. Paul vê a imagem de alguém tomando um banho. Ele vê a lama acumulando aos pés da pessoa enquanto o corpo é lavado. A lama que é lavada está na verdade presente na inconsciência, e muito do que você terá que lidar nos próximos anos é o efeito residual do acordo inconsciente e da escolha inconsciente.

“O que isso significa?” ele pergunta. Significa que você não tem consciência de como contribui para o medo, como o viés que você mantém reivindica a separação, como sua tendência a favorecer um em detrimento de outro nega a muitos o amor que estaria presente para eles. Quando você entende que o estado expandido que você está reivindicando agora não pode ser limitado pelo antigo, você entenderá o processo no qual está envolvido. Não é uma casa de espelhos onde você vê as distorções uma após a outra. É a consciência tranquila de como você participa da injustiça, e talvez saboreie a separação, e contribua para a estrutura da separação através da sua aquiescência a ela.

Novamente, um grande vento vem e move muitas coisas. Novamente, uma grande purificação ocorre e lava muitas coisas. Aquele que está presente para isso com uma consciência do que está ocorrendo pode contribuir para o bem de todos. Aquele que busca negar essas coisas — “Pegue os martelos e pregos, construa um galpão para se proteger da chuva, esconda-se do vento” — se verá fracassando, porque a frequência que está presente neste plano agora não irá diminuir por algum tempo. Voltar ao que você tinha? Não vai acontecer. Reivindicar o que você deseja à moda antiga? Não pode ocorrer. O que ocorre em seu lugar é uma reconciliação de tudo que o Divino foi negado. Isso não pode acontecer sem a sua testemunha. A simples reivindicação que você foi instruído a fazer — “Eis que faço novas todas as coisas” — é uma reivindicação de reconciliação. Mas à medida que seu alinhamento aumenta, é a presença e o ser que operam como a reivindicação ou o redentor. E usamos a palavra *redentor* intencionalmente. Você está redimindo o que foi envolto em sombras. Você está trazendo isso à luz porque você não se esconderá disso. Você não reivindicará outro na escuridão, porque chega um ponto em que simplesmente não pode. Não é possível.

Você entende a ideia da Sala Superior mais do que a experiência de estar aqui. Se você tirasse dez minutos por dia em meditação simples — “Eu estou na Sala Superior; Eu Vim, Eu Vim, Eu Vim” — e permitisse que o Cristo Interior operasse em reconciliação através de você, você seria abençoado pelo resultado, talvez não como você pensa, mas como você pode manter a frequência. A palavra operativa aqui é *manter*. Agora, manter é, sim, manter. Mas a manutenção da Sala Superior não pode ser uma tarefa árdua ou ninguém a empreenderá. Finalmente, não é um ato de equilíbrio. Finalmente, é um simples estado de expressão, presença e ser, como o Cristo Interior anuncia-se a tudo que encontra, pode ver e conhecer, e redimir.

A verdade da expressão — “Eu estou na verdade, estou alinhado à verdade, percebo a verdade, falo a verdade e conheço a verdade” — irá reivindicar você em uma coerência que pode ser instilada no campo. Quando algo é instilado no campo, é semeado. Uma vez que algo é semeado, torna-se presente e conhecido. E sua expressão como você, e como o campo que você mantém, é o que você reivindica neste ensinamento.

Neste dia, reivindicamos que todos os que ouvem essas palavras possam ser reconhecidos na verdade, anunciados na verdade, alinhados à verdade, expressos na verdade, com uma única intenção: Conhecer e ser conhecido pelo Divino como pode ser conhecido, experimentar o Divino no nível que pode ser mantido enquanto se mantém a forma, com permissão para ir além de qualquer limitação que você tenha utilizado para negar Deus em si mesmo, nos outros e em qualquer coisa e tudo que possa existir.

Agradecemos a cada um de vocês por sua presença. De fato, isso está no texto.

Pare agora, por favor. Ponto. Ponto. Ponto.

DIA DEZ

O que está diante de você hoje é a oportunidade de perceber um aspecto de si mesmo que foi ocultado de você, ou negado por você. A verdade do seu ser, veja bem, deve se expressar à custa do antigo: “Eis que faço novas todas as coisas”, inclusive de qualquer aspecto que tenha contribuído para a sombra. Alguns de vocês nos dizem: “Eu sou como sou”, e de fato vocês são. Mas ser como você é na Sala Superior não pode conter o antigo que negará a luz. Portanto, a dependência do antigo, as reivindicações da memória, as reivindicações do autoengano, estão sendo abordadas aqui intencionalmente. Virar para a verdadeira inocência é recuperar a verdade do seu ser ao custo do que o encapsulou, o que negaria a luz, o que você chamaria a si mesmo com medo.

Agora, o aspecto que está sendo abordado hoje é a necessidade de estar certo, a necessidade de ser soberano, através de uma ideia distinta do que é a vontade. Entender o que estamos dizendo não é negar a soberania. De fato, é o Eu Divino que é soberano dentro de você. E o alinhamento da vontade que abordamos anteriormente, a realização da vontade como de Deus e contribuindo para o bem, deve ser reivindicada como o que você está fazendo agora. O que estamos falando é o aspecto de si mesmo que desafiou a luz e reivindicou todas as razões possíveis para isso. “Eu estarei certo ao custo disso, porque se eu não estiver certo, o que eu poderia possivelmente ser?” A escolha de estar certo, de negar a outra pessoa sua vontade, ou pelo menos sua própria autoridade para escolher, é sempre um mandato do pequeno eu.

O desafio que a humanidade enfrenta agora é que decidiu ir além de um sistema antigo enquanto aplaude grande parte do sistema antigo, ou se agarra a ele em busca das respostas antigas. Quando um mundo é feito de novo, a autojustificação, que é uma forma de negação do Divino, deve ser deixada de lado. Você deve reivindicar o Verdadeiro Eu ao custo da ideia do que você acha que deveria ser. Agora, qualquer coisa que você pense pode ter mérito, pode ser útil. “Eu acho que vou pendurar o quadro ali, plantar as rosas ali, dizer olá para esse ou aquele.” Você pode pensar o que quiser. Mas compreender o eu como certo ao custo de outro ser errado é decidir quem eles são para você.

Paul interrompe o ensinamento. “Eu não concordo nem um pouco com este ensinamento. Se eu digo, ‘Dois mais dois é quatro,’ e a pessoa ao meu lado diz, ‘Dois mais dois é seis,’ eu estou correto. Não há nada para discutir.” Talvez, Paul, exista um universo onde dois mais dois são seis. Talvez exista uma ideia de si mesmo que está progredindo através de um sistema antigo, e utiliza o sistema antigo para confirmar uma realidade na qual ela foi doutrinada.

Imagine que você está caminhando por um caminho. Você entende a visão a partir da terceira milha, e dirá às pessoas atrás de você, “Quando você chegar à terceira milha, haverá uma árvore” ou “haverá um pomar” ou “haverá um monte de poeira e você o reconhecerá.” À medida que você continua em seu caminho, você não tem ideia do que espera aqueles que estão atrás de você. Sua presunção para eles — “Eles verão a árvore,” “o pomar,” “o monte de poeira” — baseia-se na sua ideia do que você viu, equivalência nascida da memória. E o que eles podem perceber, através de quaisquer olhos que tenham ou quaisquer razões que sustentem, pode parecer diferente. Talvez a árvore tenha sido cortada. Talvez o pomar tenha sido arrasado. Talvez o monte de poeira tenha sido disperso por uma brisa. Você não pode conter uma ideia do que deve ser, baseada em uma premissa que talvez não seja mais verdadeira. E o autodireito, sempre dizemos, é de fato o pequeno eu tentando provar que está certo, e sempre à custa de outro estar errado.

Agora, uma opinião é uma ideia que foi formulada em uma teoria. Se eu acredito que isso acontecerá se eu fizer aquilo, eu tenho uma teoria. Se minha opinião sobre você é que você não é isso ou aquilo, por causa de experiência passada ou comportamento, eu estou delimitando quem você é através da mesma ideia daquela árvore ou daquele pomar. O que eu vi dois dias atrás deve ser verdade hoje, porque os olhos que viram dois dias atrás buscam perpetuar o que conheciam. Quando um mundo é feito novo, todos se agarrarão a uma ideia para sustentá-los.

Este mundo está sendo feito de novo de uma forma elevada. Este mundo está caindo, desmoronando, nunca mais será o mesmo. Muitos passarão fome ou sede. Ninguém passará fome ou sede. Como a humanidade vê as experiências que estão diante dela realmente contribuirá para o mundo manifestado através da premissa simples de que o que se condena, ou o que um coletivo condena, sempre o condenará em retorno. Agora, não estamos dizendo que se houver uma fome haverá bastante comida na mesa. Mas o que diremos é que sua realização da Fonte de todas as coisas realmente reivindicará além de uma fome e de uma dependência da abundância. Isso é feito por aquele que sabe quem ela é, o que ele é e como ele serve. Vocês foram ensinados histórias sobre pães e peixes. Vocês foram ensinados histórias sobre água transformada em vinho. Mas vocês não entendem que a base para essas histórias é um simples entendimento da matemática da Fonte. Na Fonte, dois mais dois são sempre mil, ou um milhão, porque a matemática que existe na Sala Superior não se conforma com a matemática que você conheceu, que em sua maioria nasceu em acordo com sistemas conhecidos na escassez.

Ele interrompe novamente. “Primeiro de tudo, eu não gosto de matemática. Segundo, dois mais dois é quatro. Como pode ser mil?” Paul, imagine que há um espelho à sua frente e você vê aquele reflexo único. Você está encarando o reflexo de uma maneira singular. Agora, imagine que também há um espelho atrás de você e, de repente, você está percebendo reflexos infinitos, indo até o infinito. A ideia de um espelho contendo um único reflexo deve ser abandonada quando as regras mudam. Agora, se você deseja argumentar que é uma ilusão,

lembraremos que o mundo manifesto também é uma ilusão. Tudo está em vibração, em tom e expressão através do tom. A ideia de uma realidade que é elástica ao pensamento começou. Mas você não entende o acordo que está disponível para você na oitava mais alta. Cada um de vocês busca colocar a matemática, as regras de certo e errado, na Sala Superior. E no momento em que você faz isso, você chama a Sala Superior de volta para o campo inferior. Imagine que a Sala Superior tinha cortinas rosa, e você sobe até a Sala Superior e diz: “Ah, lindas cortinas rosas.” E então você condena seu vizinho, e diz: “Bem, eu coloquei uma cortina rosa no andar de baixo, então este deve ser a Sala Superior.” Isso seria o autoengano do piedoso, do blasfemo, daquele que afirma que Deus está lá para fazer a sua vontade, porque deve concordar com sua política ou opiniões.

Quando você se move para a Sala Superior em vibração, você começou uma jornada, e uma grande jornada, em elasticidade e o produto da elasticidade de uma consciência que não foi criada e criada em limitação. Agora, você entende o que é uma sala. Se perguntássemos a qualquer um de vocês o que é uma sala, você diria: “Bem, quatro paredes, talvez uma porta e um teto.” E então você diria: “Eu tenho uma sala.” A ideia de *sala* é o que codifica essa experiência. Quando a ideia de *sala* é liberada, inclusive da Sala Superior, você tem uma extensão de potencial. Você não percebe que a ideia de uma sala pode englobar um universo inteiro, não ter paredes, nenhum limite como você os conheceu. Quando você ouve música, você realmente assume que, quando a música acaba, ela parou. Na verdade, a música está sempre presente. Uma vez que uma nota é cantada, ela é sempre ouvida. Aqueles de vocês que têm a habilidade de ler o que vocês chamam de passado ou futuro estão realmente sintonizando a música que ainda paira através da ideia de tempo e espaço. Quando o tempo e o espaço são re-conhecidos e re-vistos — novamente, a simples afirmação “Eis que faço novas todas as coisas” — a realidade em si, o próprio tecido da realidade que você conheceu, pode ser transposto, o que simplesmente significa cantado e expresso na oitava alta, onde de fato todas as coisas são feitas novas.

Ele interrompe o ensinamento. “Você começou falando sobre autossuficiência. Como isso ainda é um ensino sobre isso?” Toda opinião que você mantém que é doutrinada através de uma ideia de si mesmo nascida em limitação contém limitação dentro dela. Você entende essa ideia? Agora, imagine que há uma prisão, e uma prisão com paredes e portas. Você se conhece nesta prisão, incapaz de sair. Você qualifica sua experiência aqui como o que você conheceu, e qualquer ideia do que existe além dessa prisão só pode ser uma ideia. Quando você percebe, o que simplesmente significa *saber*, que a própria prisão é a construção de uma ideia manifestada, e que tudo que compõe a prisão é aquela única Fonte, codificada e tornada permanente em ideia, você pode reconhecer a prisão, e você pode mover as paredes. Mas você não fará isso quando decidir que está certo e que outro está errado. Todas essas opiniões nascem em uma realidade que celebra a separação. De fato, você gosta de estar certo — não tanto quanto você gosta de fazer o outro errado. E isso lhe dá um senso de importância, que é como o pequeno eu busca governar. Novamente, devemos dizer que o pequeno eu, que governa um pequeno reino, tem todo o interesse em estar em autoridade, que é a sua ideia de soberania. Agora, a Mônada ou o Eu Divino é o verdadeiro eu soberano, e por uma simples razão: ele não opera através da estrutura antiga. Não pode operar através da estrutura antiga. Essa prisão que descrevemos não está presente na Sala Superior porque já foi renovada pelo aspecto do eu que é livre, é livre, é livre.

O ensinamento que oferecemos agora em elasticidade é, na verdade, um requisito para onde pretendemos levá-los, que é um retorno à inocência ou à sua própria natureza crística. Permissão é necessária. Mas enquanto o pequeno eu estiver buscando ditar os termos disso, sua experiência será uma de limitação e autoengano. Paul interrompe o ensinamento mais uma vez. “Eu entendo, acredito que entendo, o que você está tentando nos ensinar. Mas como isso é possível para nós? Isso parece muito improvável ou exagerado. Como qualquer um de nós pode retornar a um estado de inocência?”

Através da presença e do ser, e o dom da presença e do ser na Sala Superior, que é a manifestação do verdadeiro Cristo que faz todas as coisas novas, inclusive da dúvida que você mantinha, o autoengano que você utilizou para ter a sua ideia do seu jeito, e sua compreensão do que significa ser, que é efetivamente retificada, recuperada, na oitava alta uma vez que você reivindica sua verdadeira presença aqui. Dizemos *aqui* intencionalmente porque estamos ensinando vocês na Sala Superior. É para onde nos mudamos de um campo mais elevado para esta instrução. E o aspecto de qualquer um de vocês que já reside aqui está dando boas-vindas aos aspectos do eu que negariam a verdade, buscam manter uma mentira sobre si mesmos, ou quem outro deveria ser, baseado em um falso pressuposto conhecido através da separação. Entenda que dissemos *através da separação*. Quando você tem uma lente em uma câmera, a lente reivindica o que é visto. Quando o foco da lente é mudado, o que é visto é outro. Quando a lente da separação não está presente, quando o filtro se foi, o que é expresso é tudo que existe além dele. Para entender o que queremos dizer, deve lhe dar uma nova oportunidade de compreender a ideia de elasticidade.

Agora, imagine que você está olhando para um alvo, talvez uma placa em um prédio, e tudo o que você vê está contido no campo de visão que você pode manter enquanto foca naquele alvo. Agora, imagine que você é movido a milhares de quilômetros desse alvo. Esse alvo ainda existe na parede. Você pode dizer: “Não consigo ver tão longe”, mas, na verdade, você está vendo em um padrão mais amplo agora, e todas as coisas dentro desses milhares de quilômetros, esses pés, essa distância, ainda estão contidas na visão que você mantém. A ideia de que a separação sempre será o filtro seria dizer que você está sempre olhando para aquele alvo a poucos metros de distância, e seu senso de limite é informado por esse senso de limitação. Quando ensinamos na Sala Superior, ensinamos em um vasto espaço. A Sala Superior contém muitas ideias que você pode nunca conhecer,

que estão além do seu alcance e compreensão. O acordo com a Sala Superior e a incorporação aqui não são apenas um presente, mas um acordo. Uma vez feito o acordo para isso — “Estou na Sala Superior, Eu Vim” — a manifestação ocorre nos estágios que você pode manter. Mas enquanto você estiver empenhado em mandar na separação através da vontade do pequeno eu — “Estarei certo à custa de outro estar errado”, “Manterei meu livre-arbítrio e o usarei como desejar, mesmo que isso me negue o que está disponível para mim na oitava mais alta” — a escolha é sua. Você pode escolher como desejar. Você pode viver como desejar. Mas a habilidade que você tem agora de ser recebido em plenitude na Sala Superior é completamente experiencial.

Diremos estas palavras agora para cada um de vocês: As regras mudaram. Dois mais dois é igual a um milhão. Não há uma única reflexão de identidade, mas expressões infinitas. As únicas regras pelas quais você será guiado são as regras nascidas na verdade, e você deve se libertar das antigas evidências, ou dos antigos sistemas, que o vinculam ou prendem ao campo inferior.

Neste dia, reivindicamos que todos que ouvirem estas palavras agora estarão em recebimento de uma libertação de expressão que dissolve a ideia de separação.

A separação é apenas uma ideia, e sua dissolução na Sala Superior é a promessa deste ensino.

Obrigado pela sua presença. Isso está no texto. Ponto. Ponto. Ponto. Pare agora, por favor.

(PAUSA)

O que está diante de você hoje é uma consciência mais elevada de um potencial. Quando você parou de se disfarçar através da limitação e de adornar a ideia do eu com os adornos da sua idade, você começa a perceber o eu como só pode ser. Sublinhe isso, amigos: *como só pode ser*. Tudo o mais é uma ideia, uma farsa, uma fantasia vestida, um vocabulário utilizado, para mandar em uma realidade que, de fato, toda a humanidade está superando agora. Isso não é apenas o fim de uma era. É o início de outra. E o tecido da própria realidade deve ser alterado para que isso aconteça. A elasticidade de que falamos é menos sobre o indivíduo se tornar um fazedor de milagres do que a realidade em si ser assumida em uma oitava mais alta de experiência, onde todas as coisas são feitas novas.

A trajetória da humanidade é soberana, ou em direção a um estado soberano que não é testemunhado neste plano há muito tempo. De fato, houve um tempo em que a humanidade sabia quem e o que era, quando se considerava mutuamente, um ao outro, como sagrado, como de Deus. E cada expressão de Deus era vista como motivo para celebração. O retorno a um estado de inocência—ao jardim, se desejar—é um processo, sim. Mas é a próxima etapa da passagem da humanidade. Já dissemos isso muitas vezes, mas você certamente não pode continuar como tem estado. E o fim de qualquer era ou qualquer tempo ou qualquer experiência muitas vezes é acompanhado por luto ou uma tristeza pelos esforços feitos. “Tentamos tanto encontrar a paz e, mesmo assim, fomos à guerra novamente.” “Tentamos tanto encontrar felicidade. Falhamos. Fizemos o nosso melhor, sim, e lamentamos.”

É hora de celebração mais uma vez, quer você concorde ou não com nós ou com esse ensinamento. E o motivo para celebração é a escolha que foi feita, e de fato foi feita—que a humanidade triunfará, mas em um estado alterado. O estado alterado que a humanidade assume não pode ser montado no nível de densidade em que vocês têm operado. É por isso que o mundo é feito de novo—porque vocês não podem continuar da maneira antiga e reivindicar um nível mais alto de alinhamento do que têm. Paul está vendo um aquário. Está bem sujo. Os peixes não vão sobreviver. O aquário deve ser esvaziado, renovado. Talvez nenhum aquário seja necessário e os peixes possam nadar livremente em um oceano limpo.

A ideia do eu, ancorada na realidade que você escolheu para aprender, tem sido benéfica, mas seu tempo está terminando.

Agora, o clamor pelo antigo nasce principalmente de uma necessidade de sustentar uma ideia de realidade, mesmo que ela não lhe sirva. Imagine os pobres peixes tirados do aquário. Eles acreditam que devem perecer. O novo ainda não está presente. E quando estiver, haverá um enorme suspiro de alívio. Há um ato de retificação ou correção daquilo que caiu que está prestes a acontecer. E o que caiu é a sua própria relação com o Divino que foi negada pelo coletivo.

Agora, vamos enfatizar isso, para que ninguém procure tornar isso um ensinamento religioso: Isso não é uma religião. Esta é uma oportunidade para reivindicação ao custo do antigo. Você não está sendo punido. Imagine um barco que virou. Está debaixo d’água há tanto tempo que acredita que o baixo é o alto. Quando o barco for endireitado, muita coisa cairá dele. Mas o barco será estabilizado uma vez que você entender que a base para o barco é o mar no qual ele flutua. A base para o seu ser é o Deus que é todas as coisas, o grande oceano ou mar em que você sempre existiu, mas negou.

Agora, entender o eu como livre de medo não significa que você caminhe no trânsito e diga: “Não serei atingido”. Não é presumir que não haja penalidade por uma ação tomada. Estar sem medo é parar de concordar com sua promessa de que ele é seu protetor, quando, na verdade, ele é seu prisioneiro e sua prisão, ambos. “O que isso significa?”, ele diz. Bem, o pequeno eu utiliza o medo, e dessa forma o medo é seu prisioneiro. Mas, finalmente, é a prisão, porque tudo o que ele fará é reforçar a si mesmo e seus mandatos, e seu mandato principal é sempre a separação.

O presente dos tempos não é apenas a promessa do novo, mas o dom que vem da disposição de perceber todas as coisas como sendo alteradas e mudadas. Pare de lamentar a mudança. Pare de tentar endireitar o barco quando você simplesmente está tentando mantê-lo debaixo d’água porque é tudo o que você acha que

pode ser. Quando a realidade é transformada, ou a estrutura da realidade alterada, há sempre um período de tempo em que o que está embaixo parece estar em cima, e vice-versa. Sempre haverá um período em que aquelas coisas que foram ignoradas devem ser vistas para se mover a partir delas. E sempre haverá um tempo em que a escolha é feita, de novo e de novo, para ascender além de uma antiga forma de operar em uma realidade que era conhecida pelo medo, pela divisão e pela negação de Deus.

Se cada um de vocês hoje dedicasse uma hora e compreendesse a união de forma experiencial, a sua vida mudaria para sempre. Você entende que o corpo é sólido em forma, embora nós lhe digamos, repetidamente, que ele é uma evocação de som e tom, a única nota cantada vibrando em forma. Se você sentar e permitir que o corpo reivindique sua essência—“Eu sei o que sou em verdade”—e permitir essa essência, o corpo como som e tom em vibração, não sólido, você começaria a experimentar o corpo em si além da separação que você conheceu através dele. Você começaria a perceber que o campo energético não é sobreposto à forma, mas é simplesmente outra expressão de vibração. Novamente, entenda: O corpo está em vibração, o campo energético em vibração, a Mônada em vibração como a mais alta articulação que se pode conhecer enquanto mantém a forma. Ao sentar-se por uma hora—“Eu sei o que sou em verdade”—e permitir que essa expressão seja a *que* do corpo e do campo energético, como a Mônada invoca isso porque *deve* ser a Mônada que invoca essa reivindicação, você pode se encontrar expandindo em forma e campo pela vastidão da Sala Superior.

Agora, você faz isso na Sala Superior porque a Sala Superior é onde a Mônada é expressa de forma mais completa. Talvez tenha havido um místico, ou algumas dezenas, que perceberam a Mônada em forma em um estado mais elevado de articulação, onde o próprio corpo pode ser assumido em um estado alterado. A ideia de estar além da mortalidade, além da destruição, é apta quando você entende que o corpo é vibração, uma estrutura energética, e a energia não pode morrer. Todos vocês perderão o corpo porque esse é o acordo com esta forma. E até mesmo aquele que ascendeu estando em forma desviou-se do corpo, ou liberou o corpo, porque perceberam, finalmente, que o corpo é um obstáculo para a vastidão da experiência que está disponível quando você ascende além da Sala Superior para a paisagem eterna do ser.

Paul interrompe. “Existem alguns que mantiveram a forma? Ouvimos histórias daqueles que não morrem ou não podem morrer.” Isso seria uma escolha feita por um avatar, ou alguém que você poderia considerar como um avatar, mas não é feita sem custo. Aquele que mantém o corpo, finalmente, devemos dizer, está atado a uma paisagem que oscila em concordância com uma densidade que deve assumir forma. Sua experiência de corpo é um estágio da evolução. Você não espera que o verme seja sempre o verme. Talvez ele se torne parte do solo e, talvez, do crescimento que o solo produz. Nada é destinado a manter a forma atual que tem. Sublinhem isso, amigos: *Nada é destinado a manter a forma atual que tem.* Ensinos religiosos podem falar de seres avançados que voam pelos mares, surgem dos escombros da história para abençoar a humanidade. Mas, se você entender que nada morre, que nada pode morrer e que a própria morte é uma ideia, você irá além até mesmo da morte como um método de aprendizado. Ainda é útil.

Há alguns de nós aqui, que falam através de Paul, que nunca conheceram a forma. Nos conhecemos na eternidade. Há outros que reivindicaram a forma e depois a renunciaram. Não dependemos da forma para instruir, porque sempre há uma presença a qualquer momento neste plano que está disponível para ser o intercessor desses ensinamentos. Estes não são ensinamentos novos. Eles são mais antigos do que o tempo como você o conhece. E o presente do tempo em que você escolheu se encarnar é o tempo e o presente da reconciliação, aquilo que foi negado a Deus em redenção e ressurreição.

O presente dos tempos em que você se encontra—grande mudança, de fato—proporciona uma promessa para um futuro, ou pelo menos sua ideia de futuro, além de um cisma que você utilizou como o instrutor mais severo que você poderia ter escolhido. A negação do Divino é um professor muito difícil. Confiamos agora que, à medida que a humanidade é restaurada à sua natureza inata—você não pode ser tornado inocente, de fato você sempre foi—mas aquilo que negou sua inocência está sendo movido, reivindicado de uma forma mais elevada, re-conhecido e redimido.

Este é o fim deste capítulo. Daremos a você o título quando desejarmos. Ponto. Ponto. Ponto. Pare agora, por favor.

4. RECONCILIAÇÃO

DIA DEZ (CONTINUADO)

O que está diante de você hoje é uma disposição para responder às necessidades do momento, e apenas às necessidades do momento. O precursor do medo é sempre a antecipação. E se? O que *poderia* acontecer. Estar no momento presente é conhecer o eu em oportunidade além do ditame ou mandato do medo. Agora, cada um de vocês nos diz, “Eu gostaria disso, mas não consigo alcançá-lo”. Você não pode pensar nisso como algo a ser alcançado, mas sim como algo acordado. Acordo não é realização. Acordo é recepção. E estar no momento, respondendo ao momento, independentemente do que você pensa que o momento é, irá apoiá-lo em uma consciência do que é a eternidade.

Você está na eternidade agora. Você não está numa terça-feira ou num sábado. Você está na eternidade agora. Terça e sábado são ideias, nascidas em uma estrutura acordada e reivindicada pela necessidade de organizar a experiência através da ideia de tempo. Quando você entende que o próprio tempo é uma ideia e

você libera o mandato do tempo para ser a estrutura que você segue, você é libertado de muitas coisas. Isso é feito novamente por acordo. Ninguém está pedindo para você jogar seus relógios fora ou deletar a agenda que você tanto valoriza. Estamos dizendo, em vez disso, que o momento em que você se senta é o único momento que existe. Tudo o mais é uma ideia que foi dotada de significado ou medo pelo aspecto do eu que busca reivindicar identidade na separação.

Agora, o tempo não é uma estrutura baseada em medo. O tempo é simplesmente uma ideia, uma estrutura organizadora na linearidade que você pode utilizar de forma eficaz, se desejar. É prudente saber quando se preparar para o inverno. É prudente saber quando dar um passeio quando o tempo está bom. É útil conhecer seu vizinho e ter talvez um acordo sobre quando vocês podem se encontrar. O que não é prudente é projetar uma vida dentro de uma estrutura rígida onde você está sendo ensinado o que fazer através dos mandatos de uma estrutura reivindicada no tempo. “É fevereiro, devemos fazer isso.” “É Natal, devemos fazer aquilo.”

Cada um de vocês que diz sim a este ensinamento está realmente indo além do modelo de tempo porque a Sala Superior não comporta linearidade. Você pode compreendê-lo, você pode escolher reivindicá-lo a partir da Sala Superior, mas você está fazendo isso. Ele não está informando suas decisões tanto quanto está disponível para você para suas necessidades ou requisitos. Se você realmente entende que o único momento em que você pode estar é neste momento agora, e que todas as coisas podem ser conhecidas neste momento, a equivalência muda, as expectativas mudam. A expectativa se dissipa e se torna acordo, que é concordância. Quando você conhece o eu no eterno agora, suas necessidades podem ser atendidas além do calendário, além do relógio, porque quando é sempre agora, não há interferência.

Paul interrompe o ensinamento. “Tenho muitas perguntas. Temos estações. Uma gravidez leva tantos meses. Nos compreendemos através das exigências do tempo. Isso não é algo ruim. Como todas as necessidades podem ser atendidas no eterno agora?” Se você entender que é sempre agora, suas necessidades sempre podem ser atendidas. Sua moeda sempre foi a imediatidade, o desejo pelo agora, nascido na expectativa ou antecipação. O abandono desta ideia—“Dê-me o que eu quero como eu quero”—permite a receptividade. Você não está clamando pelo que quer. Seus braços estão abertos para recebê-los, para receber os presentes que estariam disponíveis para você quando você para de decidir quando e onde deveria ser.

Vamos lhe dizer por que estamos ensinando isso agora. O Eu Divino, como já afirmamos, se expressa além do tempo, além da linearidade. Narrativas pessoais que você utiliza para conhecer o eu através do condicionamento são baseadas em uma premissa de tempo. “Quando eu tinha cinco anos.” “Quando eu tinha vinte.” E porque você usa essas narrativas, você se coloca involuntariamente em um mundo linear onde você envelhece e decai e o Natal vem como esperado todos os anos. Quando você se move para a imediatidade do agora, o Eu Divino pode assumir tudo o que encontra.

Agora, até a sua ideia de tempo é conhecida apenas no momento presente. Sua ideia de Natal é conhecida neste momento. Sua ideia de um mês ou de um dia é conhecida apenas agora. E abençoar o dia, ou a ideia de um evento futuro, ainda só acontecerá agora. Reivindicar a presença do Divino sobre sua ideia de um evento futuro é, na verdade, mover o evento futuro para o momento presente, porque é quando a bênção ocorre—no momento presente. Quando você teme algo no futuro, você está reivindicando o medo na imediatidade do momento presente e utilizando esse medo para atrair a você a coisa que você diz que não quer. Em outras palavras, se você amaldiçoou um evento futuro, você está em alinhamento com esse medo através da sua maldição e ele continuará a acumular energia à medida que você continua a amaldiçoar ou temê-lo.

Este momento em que nos sentamos com você, este momento de ser, é informado por apenas uma coisa—o Divino que se expressa como todas as coisas, incluindo esta voz, e estas palavras, e o corpo em que você se senta, e os olhos que veem e os ouvidos que ouvem. Estamos no Divino, como e dele, e não distintos de você. Estamos simplesmente operando em um nível de conhecimento de quem e o que sempre fomos, que estamos buscando—usaremos uma palavra diferente de *buscando*, pois isso implica expectativa—que estamos *oferecendo* a você, que você está disposto a receber e pode, também, receber conforme concorda com a premissa. Estamos juntos agora. Não estamos separados de Deus agora. E o calendário e o relógio existem como estruturas às quais podemos aderir ou optar por transcender.

Se o relógio é mais poderoso do que Deus, você criou um ídolo. Se a sua ideia de tempo e envelhecimento é mais poderosa do que Deus, você criou outro ídolo. Envelhecer é um presente. Uma árvore envelhecida é uma árvore bela, e você envelhece através da exposição aos elementos. Você entende isso no tempo, mas se você transcender a ideia de tempo, a própria árvore se conhece na juventude, porque ela está sempre presente como agora. Paul interrompe o ensinamento. “Então nós não envelhecemos?” Você se conhece como novo, e o condicionamento que você utilizou que cria o envelhecimento, de certas maneiras, é abandonado. A imediatidade do momento presente na Sala Superior pode reivindicar o corpo além da velha ideia e condicionamento.

Agora, uma estação vem, sim. As folhas podem cair, sim. Mas a energia da árvore é sempre vital, porque toda energia é vital, e a forma mudará conforme a forma requer mudança. A tendência que todos vocês têm de solidificar uma ideia, de codificar uma ideia, reivindica a ideia em firmamento, ou uma estrutura em baixa densidade. Quando você se move para a Sala Superior, você entende o tempo como uma forma de conhecer as coisas, mas a eternidade supera o tempo. Você entende isso? O tempo é uma estrutura. A eternidade está além da estrutura. Não há realmente um começo e um fim. E quando você retornou completamente ao oceano da Fonte, a ideia do tempo em si é uma curiosidade, uma forma que você aprendeu. Mas você se tornou um com

tudo, e a delimitação, como você a utilizou, moveu-se além, liberou-se, para o bem de todos.

“O que isso significa”, ele pergunta, “*para o bem de todos?*” Enquanto você estiver condicionado ao calendário e ao relógio, você está atribuindo poder ao relógio e está atribuindo ao calendário a estrutura da narrativa da sua experiência. E a receptividade que está disponível para você na Sala Superior é realmente interrompida ou alterada pela ideia de que o tempo utiliza para lhe dar uma sensação de segurança e estrutura. Por exemplo, se todas as coisas estão disponíveis agora, você encontrará uma sequência de como deseja receber as coisas. Se você está na imediatidade do agora e recebendo o que precisa, você confia na sequência da exigência para lhe entregar o seu bem. Você não está impondo um resultado, nem se sentindo traído quando o que você esperava que viesse, e quando, não chegou como você desejava.

Nosso acordo com você hoje é que ir além da ideia do tempo permite realmente a sua receptividade. Agora, entendemos que você existe em um mundo cocriado e, mesmo quando você se alinha na Sala Superior, o uso do relógio e do calendário é uma exigência. Não há nada de errado com eles em si, exceto como você os utiliza e como você transmite sua ideia de tempo à medida que configura uma realidade que opera na negação do Divino. Imagine que você foi à igreja no domingo. Domingo é o dia em que você visita Deus. Foi proclamado um dia santo ao custo dos outros dias da semana, desprovidos de seu devido reconhecimento ou sua santidade implícita. Quando você entende que agora é tudo o que existe e você se torna receptivo no agora, todas as coisas serão apresentadas a você quando você diz sim a elas. Ponto. Ponto. Ponto.

Sim, isso está no texto. Pare agora, por favor.

DIA ONZE

O que se apresenta diante de você hoje é um despertar para um potencial, uma realização de algo que está presente, sempre esteve presente, mas excluído de sua experiência através de sua negação do Divino. Tudo o que você vê diante de você—alto, baixo e intermediário— é de fato de uma única Fonte operando em diferentes níveis de entonação ou vibração. Tudo o que é nomeado de alguma forma está alinhado ao nome dado e ao significado que esse nome foi dotado—“aquele homem horrível”, “aquela coisa maligna”, “aquela noite mais escura”. A equivalência que você atribui a essas coisas é, na verdade, o que o reivindica de acordo com elas. Mas elas não seriam baixas, elas não seriam amaldiçoadas, sem o seu acordo para isso.

Agora, quando você vem até nós e ouve estas palavras, você analisa as palavras cuidadosamente. “Com o que eu desejo concordar?” “O que eu desejo guardar para mais tarde?” “O que eu nunca posso confirmar que está sendo falado aqui?” Gostaríamos de falar sobre isso muito diretamente. Na verdade, não nos importamos se você concorda com o que dizemos. Esse não é o nosso objetivo. Nossa intenção para você é ter uma experiência da sua própria divindade que está sendo prevenida pela sua negação da divindade em todas as coisas. Você diz que quer união, mas você combate o que não gosta, condena quem discorda de você e, muitas vezes, se dá tapinhas nas costas por se sentir autossuficiente, sendo o vencedor, sendo aquele que só conhece a verdade.

Quando ensinamos através de Paul, servimos como intercessores para muitos dos nossos alunos. Em outras palavras, quando você busca retornar ao antigo, nós realmente te apoiamos na percepção das outras opções que estão sempre presentes, sempre disponíveis para você. A maneira como você denuncia as coisas é, de fato, como você se alinha a elas. E a exclusão da divindade, quando ela está sempre aqui, é o que devemos entender agora como o relacionamento que você mantém com o mundo manifesto.

Vamos explicar isso para Paul. Tudo está em relação com você, individualmente e coletivamente, e quando dizemos *relação* queremos simplesmente dizer acordo. O recipiente que você é, que opera em uma realidade física, está na verdade confirmando toda a realidade física e reivindicando o tom ou o relacionamento que você mantém com o que está diante de você. “Isso é algo bom” ou “algo ruim”, “um homem malvado” ou “um homem adorável”. Sua coerência em seu próprio campo vibracional está, de fato, decidindo como você está em relação a absolutamente tudo no seu mundo.

Agora, dizemos *absolutamente tudo* para que não haja confusão. Isso significa todas as coisas, tudo o que é visto e não visto, em forma e não manifesto. A Mônada, que é o Cristo Interior, é de um nível de amplitude ou tom vibracional onde pode assumir todas as coisas, reivindicar todas as coisas. A ideia de Cristo como redentor se tornou confusa para significar o homem que se corporificou como Cristo. E enquanto isso é útil para muitos, realmente desvia da verdade muito simples de que o Cristo como redentor está instaurado em cada um de vocês. E é esse ato de redenção que você está concordando através desta instrução. Ser redimido não é ser melhor do que outro. É ser reconhecido como você realmente é.

Agora, existem profecias de uma Segunda Vinda, talvez o homem na nuvem. Na verdade, a Segunda Vinda é o Cristo desperto em toda a humanidade em amplitude em um estado ressuscitado. O acordo para isso foi feito, foi predito, e é na verdade um ensinamento verdadeiro. Quando a Mônada na encarnação como qualquer um ou qualquer coisa está em expressão, presença e ser, o que é encontrado por ela é, de fato, redimido ou feito novo através da igualdade, da equação, de tom e vibração. Você pode pensar, se desejar, em uma chama de vela que cresce e cresce em brilho à medida que assume todas as coisas, à medida que a chama reivindica o que encontra e se torna uma labareda. Você acredita que isso é assustador, ser queimado na fogueira. Mas na verdade o que é queimado é, na verdade, reivindicado, trazido de volta à Fonte, assumido pela luz de Deus, que como já dissemos, é de todas as coisas.

Agora, se você deseja mais do que isso, um entendimento mais profundo, só diremos isto: o ato em que você está envolvido aqui é de fato um ato alquímico—de transmutação, de forma e carne sendo reconhecidas em seu

princípio inicial, o princípio inicial sendo a única nota cantada que você pode chamar de Deus. Agora, como som e tom não são limitados exceto pela sua compreensão deles, você pode começar a entender que essa única nota cantada como todas as coisas não está apenas presente, mas totalmente disponível para você—sublinhe a palavra *totalmente*—*totalmente* disponível para você conforme você concorda com ela.

Agora, o acordo intelectual é útil apenas porque concede um tipo de permissão. “Estou disposto a considerar essa ideia. Estou disposto a decidir que talvez isso seja verdade.” Mas concordar plenamente com algo é simplesmente permitir que isso seja. E, finalmente, temos que dizer que o intelecto não pode conter isso porque o intelecto é tão informado pela razão, conhecido através da lógica, conhecido através das ideias da época em que você vive, que negaria o que não consegue entender. Então, de certa forma, nós contornamos o intelecto nesse alinhamento, e por *alinhamento* queremos dizer acordo vibracional.

Agora, o próprio intelecto pode ser assumido pelo Divino, e de fato deve ser se essa equação se realizar. O Divino Manifesto utilizará o intelecto para criar nova ciência, novos métodos de cura, novas maneiras de compreender a realidade que já existem, mas que foram colocadas na Sala Superior para guarda segura. “O que isso significa?” ele pergunta. A humanidade fará mau uso de qualquer coisa que possa segurar e que acredite que trará lucro ou será usada para dominar o outro. Entender que na Sala Superior essa configuração é alterada, porque o medo não está informando a escolha, mostraria por que as coisas são guardadas aqui. Então, quando muitos de vocês dizem: “Como a humanidade sobreviverá?”, as respostas não estão no campo e nos acordos intelectuais que vocês poderiam fazer nesta realidade coletiva que conhecem, mas podem ser participadas e, de fato, recebidas plenamente, na Sala Superior.

Agora, tornar-se receptivo na Sala Superior não é chegar aqui com a intenção de acumular informações. Você se confundirá. E a indústria que você buscava utilizar é conhecida por você no campo inferior e não operará plenamente na oitava superior porque nasceu em acordo com o medo. “Devo resolver isso até segunda-feira. Devo ser eu a resolver a equação.” A ideia do eu como receptor dos dons do Reino deve agora ser entendida como o dom da presença e do ser. Você não está se esforçando, nem está exigindo. Você está se alinhando e em acordo, que é a concordância, com o que já existe aqui. Note que dissemos *já existe*. Porque já existe na Sala Superior, pode ser recebido. Você está tão ocupado conjurando, tentando fazer Deus fazer o que você quer, que você perde o que já está sendo oferecido.

Agora, quando você recebe um presente, talvez não entenda como ele é útil até que seja hora de usá-lo. Você não decidirá que o presente que está recebendo lhe trará renda, fará você mais especial do que você jamais poderia ser. Receber um presente é ser grato. Agora, imagine que alguém lhe deu um pincel e você diz: “Bem, isso é muito bom, mas não tenho tinta.” Você pode se sentir desiludido. Mas um dia você entende que é segurando o pincel que a tinta aparece, nem antes nem depois. É a imediatidade da demonstração do presente em acordo vibracional com o que está diante de você que reivindica o presente na presença e no ser. A articulação nesse nível é manifestação de forma, campo e consciência, que podem ser alinhados em uma estratificação superior, sem explodir ou aniquilar a identidade porque você precisa disso. Aqueles de vocês que dizem: “Eu quero que o ego morra”, ficarão bastante desolados quando não souberem que sapatos calçar de manhã ou onde estava sua casa ontem. Essas coisas são úteis, mas em seu devido lugar. Muitos de vocês buscarão reivindicar os dons do Reino para a retificação da estrutura egóica. “Vejam, minha vida agora tem sentido. Vejam como fui agraciado?” Na verdade, os dons vêm, não porque foram reivindicados, mas porque foram permitidos.

Agora, já dissemos no passado que você deve reivindicar os dons oferecidos. E embora isso seja verdade na oitava inferior, “Eu preciso dessa coisa, que ela venha até mim”, e você não abre a porta para reivindicá-la, seria bastante diferente se você entendesse como as regras operam na consciência crística. Você está recebendo o que já está presente. O pincel em mãos delinea o contorno do que é recebido. O presente que é recebido é o presente que é necessário no momento — não um dia, não como você deseja, mas como você pode sustentá-lo. Para entender a metáfora do pincel, você precisava saber que ele era seu e trabalhar com ele, o que significa segurá-lo ou alinhar-se a ele para compreender como ele serve.

A reivindicação da identidade já foi discutida neste texto — a reivindicação da identidade e da memória, que é como você percebe e por que você atribui significado às coisas. Entender onde você se encontra hoje é o começo de uma passagem em direção à inocência, e explicaremos por que dizemos *começo*: A oportunidade está aqui para uma reenquadração da realidade além do que foi decidido por seus antepassados, ou o que você acredita ser verdadeiro por meio de prescrições ou crenças anteriores. Se você continua decidindo, “Isso é bom” ou “mal”, você continuará a reivindicar a identidade na separação. Não estamos tornando algo que você chamaria de *mal* em bom. Estamos reenquadrando o que é visto como sendo de Deus, porque uma vez que é conhecido como de Deus, pode e será elevado, através da presença e do ser, ao seu acordo legítimo.

Agora, imagine que você vive em um vale. Você tem alguma pequena suposição sobre as vidas que as pessoas vivem no topo da montanha, mas o melhor que você pode fazer é adivinhar. Talvez alguém visite do topo da montanha e diga: “Ah, você deve adorar aqui em cima. Por que você fica lá embaixo onde não precisa?” Você fica lá embaixo onde não precisa porque acumulou um mundo e uma linguagem para um mundo que reivindica coisas em identidade e significado aos quais você está tão apegado que não consegue imaginar algo diferente. Agora, imaginar algo diferente, quer você saiba ou não, é dar permissão para que se manifeste. Mas você não pode delinear o Reino porque não pode conhecê-lo até que esteja presente nele. Mas o que de fato você pode

saber é como ele se sente, ou a experiência do Reino que pode ser encontrada por você em forma. Uma vez que você começa a ter essa experiência, você tem uma impressão no campo energético que apoiará seu alinhamento nos estágios superiores de equivalência.

Quando a memória é reivindicada e não mais contaminada pelo obstáculo do medo, quando o desejo é encontrado em Deus e oferecido a Deus para estar em alto serviço, quando o amor é conhecido como sua expressão e não como um mandato para a personalidade — “como eu devo ser com outro” — você já reivindicou um nível de potencial que poucos conheceram em forma. O acordo individual para ascender ou alinhar-se ao tom elevado é, na verdade, o predecessor do coletivo fazer o mesmo, porque no momento em que alguém é visto no topo da montanha e acena lá de cima, todos os outros têm permissão para abandonar o velho ou reenxergar o velho, reivindicar o velho, na alta ordem da Sala Superior e não mais criar a partir das velhas expectativas do que você acredita que deveria ser.

A identidade em si, embora seja um requisito para a forma, é mal compreendida por você, não importa o que digamos. E até que você conheça o eu, perceba o eu, além da separação, você acreditará ser separado, e a identidade ou a máscara que você utiliza para isso continuará a reivindicar você. Agora, a máscara não é tanto abandonada quanto reconhecida novamente. E a oferta da identidade — “Querido Senhor, receba quem eu acho que sou para que eu possa ser visto novamente; reivindique quem eu acredito ser para que eu possa ser conhecido; permita-me conhecer, como eu posso conhecer, a verdade do meu ser além da separação” — o apoiará bem. Mas é de fato uma escolha e deve ser uma oferta.

Ele interrompe o ensinamento. “Bem, quando reivindicamos ‘Eu Vim, Eu Vim, Eu Vim,’ isso não acontece automaticamente?” Sim e não. O alinhamento ocorre, mas o livre-arbítrio ainda está presente. Imagine que há um fluxo de lava. Eventualmente, ele vai ultrapassar o que encontrar, mas alguns de vocês erguerão barreiras. “Por favor, não aqui. Por favor, não ultrapasse esse medo ou essa terrível vergonha que acredito que preciso para sobreviver.” Quando você diz, “Estou disposto,” você realmente dá permissão para que o processo continue da forma mais perfeita possível. Quando você tenta manter algo fora, isso exige grande energia, e você realmente fortalece o processo através do seu esforço para conter. Quando você libera a necessidade de conter, quando permite ser visto novamente — ultrapassado, se desejar — pelo Divino, a equivalência ocorre de uma forma muito mais graciosa. Quando você entende que o que está sendo liberado ou reivindicado é simplesmente o que atrapalhou seu processo, você será um pouco menos protetor do que deveria ser, porque pode começar a confiar no que é.

Alguns de vocês nos dizem, “Quanto tempo isso leva? Eu quero nesta vida ou por que se preocupar?” Você está de volta lá embaixo. Novamente, a Sala Superior opera além do tempo. O calendário e o relógio são conhecidos no campo inferior, mas eles não se compreendem de maneiras imperativas na Sala Superior. Se você deseja apressar o Reino, garantimos que terá um tempo muito difícil. “Por que isso?” ele pergunta. A própria psique, ou a ideia de realidade através da qual você se conhece, é elástica, como dissemos. Mas dobrar algo, ou abri-lo amplamente como uma flor pode abrir, é muito diferente de arrancar as pétalas da flor ou gritar: “Agora, agora, agora!” O corpo em si só pode ceder e se alinhar à tonalidade de alta voltagem da Sala Superior na medida em que consegue administrá-la. E a consciência, sempre presente, se movida muito rapidamente, pode criar distorção numa ideia de si mesma. É por isso que alguns acreditam ser Jesus, ou a santa mulher que conquistará tudo.

O cansaço que você enfrenta ao se esforçar dessa forma é na verdade derrotista. Se você é presenteado com uma grande experiência espiritual, saiba que precisará ser integrado por ela. *Ela* será o que integra você, e não o contrário. Portanto, não há pressa para o Reino. Mas, como qualquer outra coisa, quando um regato se transforma em um córrego, e o córrego se transforma em um rio, a magnitude da força aumenta à medida que você pode administrá-la. E, de fato, esse é o caso aqui. Então, nesta vida? Talvez. Mas esse não é o ponto aqui. Qualquer progresso que alguém faça em seu crescimento é mantido no campo ao longo da sua ideia de *tempo* ou *vida*. E, de fato, devemos dizer que essas são apenas ideias e nada mais. Ser reivindicado por Deus é restauração. Não é um ato de força. É permissão. É recebimento.

E dizemos isso agora a cada um de vocês: Estamos ensinando um capítulo sobre “Reconciliação”. Esse será o título. Estamos nos preparando para “Inocência”. Esta ainda é a Parte Um do texto. “Inocência” será a Parte Dois. Obrigado por sua presença. Pare agora, por favor. Ponto. Ponto. Ponto.

(PAUSA)

O que está diante de você hoje, em um estado desperto, é um acordo com o que já está presente. Por favor, sublinhe isso: *um acordo com o que já está presente*. A negação do Divino — obstrução, sim, do que já está presente — é o que está sendo atendido agora. E o alinhamento que você mantém — na Sala Superior, sim — resgata você além desses obstáculos. As coisas que interfeririam nessa realização são as coisas às quais você dá poder, concorda, que você reivindica por medo ou denuncia como fora de Deus.

Agora, algo pode estar em baixa vibração, com uma intenção pobre, ter uma base no medo, mas essas coisas não são reconhecidas novamente através da sua condenação, mas através do acordo com elas como de Deus. Conhecer algo como de Deus certamente não é aprová-lo ou abençoá-lo através da estrutura da personalidade. É simplesmente concordar com o que é, e acordo é acorde, acorde vibracional. Reivindicar Deus onde ele foi negado é ser o redentor e se envolver no ato de redenção. Quando você nos pergunta: “Como um mundo é feito de novo?”, você não gosta da resposta: Através do novo olhar sobre o mundo, o reconhecimento do mundo, sem

a negação do Divino em um lugar ativo operando em seu próprio acordo. Elevar-se acima disso é *ser* elevado, *ser* ressuscitado. Você não acredita que seja possível, mas na verdade já é. Novamente, a Mônada *está* elevada. *Está* ressuscitada. Ela já se alinha na Sala Superior, e tudo o que está sendo movido é o que obscureceu sua presença, desafiou seu ser.

Agora, quando ensinamos através de Paul, realmente viemos com uma consciência de como esse trabalho será recebido. Estamos com o leitor que está lendo enquanto ditamos. Estamos com aquele que, daqui a vinte anos, abordará essa linguagem pela primeira vez. Existimos além do tempo, então estamos presentes de todas as formas. E a interferência primária que a maioria de vocês enfrenta nasce na razão ou na sua ideia de razão, no que você acredita que pode ser possível. Novamente, voltaremos à velha metáfora do peixe no tanque. O peixe conhece o tanque. Esse é o seu universo. Ele se acostumou com a água turva. Ele não sabe como é nadar livremente, estar além dos parâmetros que usou para se conhecer em forma. Porque a Sala Superior é de fato ilimitada à sua própria maneira, compartilharemos algo com vocês. O que está disponível para você aqui, dentro desta oitava que chamamos de Sala Superior, que tem fronteiras infinitas, o que simplesmente significa que você pode se expressar aqui plenamente enquanto mantém a forma, você pode encontrar um aspecto de si mesmo que está plenamente realizado e buscaria ser o seu conselheiro. Você não entende que na Sala Superior o aspecto do eu que plenamente conhece e realiza está presente e disponível para você.

“O que isso significa?” ele pergunta. “Temos um sócio na Sala Superior?” De modo algum. Mas você tem um eu realizado que já está em manifestação, que conhece a lei, conhece os parâmetros e pode guiá-lo através dessa nova realidade. “Como isso se parece?” ele pergunta. “É como o eu superior?” Vamos dizer de forma um pouco diferente. Usamos a imagem de um espelho singular e como você percebeu o eu em singularidade no último capítulo. Mas o que está diante de você agora é toda reflexão possível que você possa ter. E para garantir a alta, aquela que conhece o caminho e pode ser reivindicada, é autorizá-la a ser o seu instrutor. Ser reclamado pelo Eu Divino que já está manifestado é entrar em um acordo com o que você já é nessa alta oitava de expressão e experiência.

O encontro da Mônada em forma é realmente uma experiência pela qual você pode passar, e o único requisito para isso é entregar totalmente o eu a ela, para que possa se tornar o seu mestre. Permitir que o Eu Divino em um estado articulado que já está presente na Sala Superior é conhecer o aspecto do eu que está realizado. Se você entende que agora está operando além do tempo e do espaço como você os utilizou, isso não parecerá tão confuso. Além do tempo e do espaço, aquela que se chama Antoinette, aquele que se chama Joseph, aquele que sabe quem ele é na Sala Superior de uma forma mais elevada é conhecido por aquele que ele se tornou. Sublinhe as palavras *se tornou*. Você se tornou isso na Sala Superior. Não é um estado de esforço. Já está expresso aqui. Fundir-se com o Divino que já está em plena expressão é um casamento ou união sagrada, mas isso vem ao custo de uma crença em separação que o eu realizado não possui. Então, concordar com isso não é se dissociar, não é depender do novo ao custo de uma ideia de si mesmo. É permitir que o eu seja recebido por quem você realmente é como manifestado. E o curso dessa resposta, o efeito desse acordo, é a liberação da separação.

Sempre ensinamos você em sintonia ou acordo vibracional. Então, tudo o que dissemos é que já existe um aspecto do eu que está totalmente realizado, que está confortável na Sala Superior, que pode manter a oitava à sua própria maneira. Seu acordo com isso, e a fusão dele como quem e o que você é, concede-lhe o acordo de conhecer o eu além do eu separado, porque o acordo mais elevado ou o Eu Manifesto é com o que você agora se alinhou.

Ele interrompe o ensino. “Tenho várias perguntas. Você chamou a Sala Superior de ilimitada e também de oitava, que claro, deve ter um alto e um baixo. Como essas coisas são comparáveis?” Uma oitava é expressa em largura, e até a nota alta é ilimitada em sua expressão. Quando você se eleva à oitava acima desta, essa também será ilimitada. E mesmo que os parâmetros do plano físico sejam conhecidos em definição, a experiência de alguém encarnado aqui é ilimitada no nível do tom que você pode manter. Conforme você passa pelas oitavas, inicialmente com forma e depois sem, cada oitava de expressão é conhecida em sua ilimitação.

Agora, a segunda pergunta que você tem, Paul, é como é estar neste estado fundido com o aspecto do eu que já está realizado? É como você é hoje com uma diferença distinta: Você mudou a mente que foi treinada em separação para uma igualdade com a Mente de Cristo, e isso deve incluir o intelecto, que já foi discutido anteriormente. Alinhar-se à Mente de Cristo é alinhar-se à Mente Infinita que pode ser expressa através do indivíduo. Agora, o indivíduo pode acumular tanto e segurar tanto, mas não pode manter o Infinito, porque a vastidão disso é muito ampla e demais para um indivíduo segurar. Mas o que o verdadeiro Eu Manifesto com o qual você está se fundindo reivindica é o que ele pode conhecer, e ele sabe muito mais do que você pode imaginar. Se desejar agora, você pode fazer essa escolha:

“Estou na Sala Superior. Eu Vim. Eu Vim. Eu Vim. Eis que faço novas todas as coisas. Assim será. Deus É. Deus É. Deus É.”

E neste campo de Deus, tudo o que pode ser e tudo o que será conhecido, permita que o eu que você conheceu, vibrando neste nível de tom, esteja em um encontro com o aspecto do eu que está totalmente realizado aqui, que não duvida, não teme, não se sente mais em separação e é a Mente de Cristo em um estado articulado. Se você está disposto a ser um com isso, ofereça o eu a ele. Você pode usar esta linguagem se desejar:

“Neste dia escolho permitir que o Divino Manifesto, a verdade de quem eu realmente sou, me reivindique em plenitude, transmita sua sabedoria, transmita sua alegria, transmita sua consciência da Fonte, seja meu mestre,

seja meu aliado, seja minha expressão em plenitude de ser. Ao dizer sim para isso, permito essa fusão. Ao dizer sim para isso, concordo com esta manifestação. Ao dizer sim para isso, digo sim a Deus como tudo o que é e pode ser. Eu sou Palavra através desta intenção. Palavra Eu Sou Palavra.”

Seja encontrado em plenitude. Seja testemunhado. Seja conhecido. Seja reivindicado. E torne-se um.

(PAUSA)

Deixe a luz que você é ser a luz que é. Deixe a verdade que você é ser a verdade que é. Deixe esta reivindicação ser conhecida em qualquer ideia de tempo e espaço que você possa ter utilizado para conhecer o eu em separação. Assim será. Deus É. Deus É. Deus É.

Obrigado pela sua presença. Pare agora, por favor. Sim, isso está no texto.

(PAUSA)

O que está diante de você hoje em sua consciência é um reconhecimento de como você escolheu, como você reivindicou o medo e, talvez, por que o fez. Embora esse reconhecimento seja essencial, não deve ser prolongado. Simplesmente, o que era, era, ou sua crença no que era, era, porque você está no momento presente onde o que pode ser conhecido é do agora. Agora, o que é do agora, exceto todas as coisas. Todas as coisas podem ser renovadas, todas as coisas podem ser vistas de novo, e isso deve incluir o eu que estava uma vez em negação.

Agora, o aspecto do eu que uma vez esteve em negação estava em acordo com muitas coisas, e fazia parte de uma paisagem, ou contribuía para uma paisagem, que foi reivindicada em separação. Devido à fusão pela qual você passou e continuará por algum tempo, sua relação com a história e a paisagem através da qual você se conheceu será alterada. E a paisagem alterada será o que você percebe da Sala Superior.

Agora, quando dizemos que todas as coisas são de Deus, isso não significa que todas as coisas sejam agradáveis de se olhar. Você entende isso? Alguns de vocês desejam que isso seja um ensinamento de arco-íris e passarinhos azuis. Mas todas as coisas devem ser de Deus, e sua percepção da Sala Superior permite que você perceba o que uma vez foi profanado no eu, em outro, no campo comum com uma consciência de sua verdade. Isso é simplesmente algo ou alguém que foi conhecido fora da luz, cresceu em distorção, foi habilitado por um medo no plano causal que procurava se reivindicar através deste ser ou desta situação. Você não está tornando o medo errado. Você foi além dele. Isso não significa que você não o reconheça, mas você o vê de forma um pouco diferente. Você pode olhar para um pedaço de prata e conhecer seu valor sob o desgaste que acumulou. Você pode olhar para um ser humano e compreender a inocência, a verdadeira divindade, que deve estar lá, porque como poderia não estar?

A encruzilhada em que você está hoje é nesta oferta: “Estou disposto a servir como a luz que sou. Estou disposto a ser como esta luz. E estou disposto a reivindicar como esta luz tudo o que posso encontrar.” O desejo que o pequeno eu tem de conquistar a Sala Superior — “Serei o primeiro a vender o mapa de como funciona aqui em cima” — se dissipará, porque não pode permanecer. E à medida que o pequeno eu é acumulado pela fusão com o Eu Manifesto, até mesmo os desígnios que o pequeno eu utilizaria e reivindicaria em glória serão superados por uma consciência da glória do Divino.

“O que isso significa?” ele pergunta. Bem, a auto-glorificação é sempre o pequeno eu. A ideia de dar todas as coisas a Deus tem sido um tanto confusa. “Vou dar este triunfo a Deus.” Bem, Deus é o triunfo, mas também talvez a derrota. E seu desejo de aplaudir as coisas de que você gosta e negar as que você não gosta está prestes a ser substituído por uma percepção abrangente do que é. O que é sempre verdadeiro é Deus. O que nega Deus nunca é verdadeiro. A ação da negação do Divino é sempre enganar. Você foi ensinado sobre um grande enganador que lutaria contra Deus. Isso é um mal-entendido. O medo não é nobre. É altamente ignorante. Ele faz o que acha que deve para sustentar a si mesmo e sua vibração. Não é mal, embora possa ser alinhado de maneiras que você pode chamar de mal, e isso seria através de um uso indevido da vontade, a intenção de prejudicar, que é sempre nascida na negação do Divino.

A gratidão que você mantém agora pelo que chegou a ser, de fato, possibilitará ainda mais, mas o reconhecimento de que você detém autoridade aqui como o Verdadeiro Eu não glorifica esse aspecto do eu. Simplesmente é. Em outras palavras, amigos, o Divino como quem você é, o que você é e como você serve, simplesmente é. Quando você entende isso — “Eu simplesmente sou, Deus simplesmente é, estamos na Sala Superior, Viemos, estamos reivindicando o novo através da presença e do ser” — a necessidade de deificar ou suplicar, ambas, são liberadas. E você simplesmente é. Presença e ser.

Agora, alguns de vocês nos dizem: “O que há nisso para mim? Por que eu deveria me incomodar em seguir esse caminho?” Na verdade, o caminho está sobre você, saiba disso ou não. Seu acordo na afirmação “Eu Vim” permitiu que você recuasse no nível da personalidade e fosse recebido em vez disso pela Mônada em expressão. A Mônada ilumina o caminho de acordo com a jornada da alma, e este é o caminho que você percorre.

Agora, imagine que você está caminhando em um caminho que se ilumina à medida que você o percorre. É isso que você alcançou. Não é que você não tenha escolha. É que as escolhas que você tem foram todas viabilizadas por sua confiança e acordo com a Fonte. Em acordo com a Fonte, a afirmação “Deus É, Deus É, Deus É” simplesmente significa que Deus não será negado no caminho que você está percorrendo porque ele é. Não será alterado. Tudo o que será alterado é sua dependência do antigo, e isso agora se desvanece. A fusão que ocorreu com o Eu Manifesto Divino é simplesmente um estágio de expressão. Como você honra isso e como esse alinhamento se desenrola através de você, será de maneiras perfeitas. Sublinhe *perfeitas*. Isso simplesmente significa exatamente o que é necessário para seu desdobramento através de você. E a primeira coisa que você

pode notar é que a paisagem está alterada. Parece um pouco diferente porque agora está sendo percebida por alguém que está operando em duas realidades simultaneamente. O aspecto do eu que foi manifestado na Sala Superior, conhece o terreno, e será o seu diretor, também está informando o aspecto do eu que vai ao supermercado, assiste às crianças brincar, nada ou paga impostos.

A incorporação do Divino está, na verdade, operando em duas realidades simultaneamente. E este é o ensinamento de estar no mundo, mas não ser dele. A compressão do antigo, de certa forma, parecerá ser uma delimitação do que você estava acostumado. Terá uma textura diferente. O que você está começando a experimentar é a evidência do antigo, o mundo manifestado inferior, que está sendo alterado através do processo de elevação. Agora, o processo de elevação pode estar ocorrendo de uma maneira individualizada pela qual você pode se experimentar, mas também está acontecendo em uma escala maior. E você está contribuindo para isso, saiba disso ou não. A idealização do que era, como as coisas deveriam parecer ou ser, foi trocada pelo outro, removida e substituída pelo outro, mas a sombra do antigo ou a impressão do antigo podem persistir por algum tempo.

Imagine que você provou algo azedo. O sabor pode permanecer na língua por um tempo até se dissipar. Como você percebe as coisas através do antigo molde permanecerá por algum tempo, mas adquirirá uma densidade que não durará muito. De fato, quando você começar a experimentar as coisas como talvez mais densas do que eram antes, você entenderá que isso está acontecendo plenamente. Agora, quando você se aproxima de um monte de poeira, pode parecer, inicialmente, que não é nada. Mas quanto mais perto você chega, você vê o que é a poeira, como ela foi formada. Você pode soprar sobre a poeira, o que simplesmente dissipará a ilusão do monte, mas a poeira ainda estará lá. Sua consciência da densidade do monte, ou o resíduo da visão passada, é na verdade algo que você ultrapassa ou eleva além. Quando a poeira não está lá, a densidade que foi uma vez reivindicada será entendida como o que era e não é mais.

Os testes que você enfrenta neste nível são na verdade poucos, mas valem a pena ser mencionados. A ideia do que deveria ser é o gosto que persiste. E até mesmo sua dor ou seu apego à ideia de um eu em dor podem persistir por algum tempo, porque não apenas você espera, como de fato exige. Quando você para de exigir o antigo, quando você libera a necessidade do que era, ele se dissipará de forma simples. É energia. É o desgaste na prata, e realmente nada mais. Habitar no novo não é ignorar o antigo. Não é exigir que as coisas melhorem como você acha que deveriam. É saber que o novo está diante de você, e isso é experiencial. Não estamos branqueando sua história, e certamente não estamos desconsiderando sua dor. Você está indo além da ideia do eu que foi desenvolvida na dor, exigiu esse tipo de dor, e mantém uma expectativa de que ela sempre estará lá.

Ele interrompe o ensinamento. “Mas ainda há dor para onde estamos sendo levados?” Não é para onde você está sendo levado. É o que você concordou na fusão, que é o Divino Manifesto, já em seu estado aperfeiçoado, agora assumindo você. Você concordou com a fusão. Seu acordo é com o que é necessário para você. Agora, se você bater o dedo do pé, pode sangrar. Se você se encontrar emaranhado em uma situação que preferiria não estar, você a verá como uma oportunidade para crescer e aprender. Mas o Divino como quem e o que você é agora é o árbitro de sua experiência, e não a estrutura da personalidade, que dependeu de velhos modos, velhos medos, velhos julgamentos e memória para direcionar seu futuro. A liberdade está aqui. Está aqui. Está aqui. Está aqui. E, de fato, você chegou a ela.

Quando ensinamos você hoje sobre redenção, estamos falando ao aspecto do eu que ainda anseia por isso. E, de fato, isso ainda está presente no campo. Mesmo que você fosse completamente tomado pela Mônada neste instante, e qualquer memória de vergonha ou negação de Deus fosse completamente apagada de você, ainda haveria o resíduo, ou o aspecto do eu, o gosto agriado de anseio por Deus. Bem, esse anseio pode ser saciado, e de fato é saciado nesta Sala Superior. Você está habitando na presença de Deus. “Em Deus, vivo, me movo e existo”. Presença e ser. O ambiente alterado é na verdade a ramificação desse alinhamento. De fato, você está informando sua paisagem por presença e ser, e a reivindicando na Sala Superior porque é onde o Verdadeiro Eu se expressa.

Alguns de vocês nos dizem: “Bem, posso ter essa experiência agora?” Claro que podem, se pararem de decidir o que ela deve ser e como poderiam conhecê-la. Poderíamos vendá-los neste momento e dar-lhes um gole de suco. Você não veria o que estava bebendo, mas provavelmente seria capaz de identificar o que é. A experiência da unificação é assim. Você a conhecerá. E o motivo pelo qual a conhecerá é que é de onde você vem. É onde a Mônada vive. É voltar para casa.

Obrigado a cada um de vocês por sua presença. Parem agora, por favor. Isso está no texto.

DIA DOZE

O que está diante de você hoje, em um estado desperto, é tudo que se expressa no nível de vibração a que você chegou. Agora, quando você se move para um equilíbrio na Sala Superior, quando você está mantendo sua vibração bem aqui, quando a Mônada expressa como você está em fruição e realização, ela percebe todas as coisas como de si mesma. Em outras palavras, amigos, vocês não estão se esforçando para ver o Divino em qualquer coisa. Você não pode deixar de vê-lo neste nível de amplitude.

Agora, alguns de vocês querem dizer: “Bem, eu quero o descritor.” Você pode ter o descritor, se o desejar. Você está vendo Deus em todas as formas. Mas a experiência disso será um tanto diferente do que você espera. Como vocês encarnaram — e usamos essa palavra expressamente — na Sala Superior, como a realização disso se estende além dos sentidos como eram utilizados no reino inferior, como os dados experienciais do *ser* neste

nível de tom são acumulados, o que é acumulado por você, ou como você se alinha experiencialmente, é a um nível de manifestação que você não verá tanto quanto saberá.

Explicaremos isso para Paul. Como você confiou nos sentidos para fornecer informações, você espera que os sentidos sejam o que entrega a experiência superior. E enquanto isso é verdade em um certo nível na Sala Superior, a amplificação dos sentidos, como você percebe, é radicalmente alterada. O verdadeiro benefício está em saber. Você não pode tentar saber de nada, mas todas as coisas podem ser conhecidas e devem ser conhecidas na Mente de Cristo por aquele que se alinhou lá. Se você entender que tem estado lendo um livro, um texto, se desejar, em um certo tipo de realidade, e que cresceu nessa realidade, o estrato inferior ou campo, você espera ver e traduzir as palavras do texto para o que elas significaram no reino inferior. Você está agora embarcando em um novo texto, ou uma nova experiência de braille, de compreensão experiencial, através do mundo manifestado como é conhecido no modelo superior.

Agora, aqueles de vocês que dizem: “Ah, bem, eu estava esperando por fogos de artifício”, você decidiu o que deveria ser e se gostaria ou não. Conhecer todas as coisas como de Deus é um nível de experiência que não pode ser conhecido através do antigo estrato, do antigo livro didático, da antiga linguagem da informação. “Isso é um selo.” “Isso é um urso.” “Isso é um céu noturno.”

Agora, você não perde a linguagem na Sala Superior, mas compreende todas as coisas através de um tom mais elevado. E se você desejar chamar esse tom de *linguagem*, pode, porque tudo o que a linguagem é, é comunicação e um sistema de comunicação. Quando você se move para um nível experiencial onde todas as coisas são o ser, e você é o ser, nesse nível de vibração, quando você é do céu noturno enquanto testemunha o céu noturno, e o céu noturno é Deus se apresentando como céu noturno, a experiência do ser é completamente alterada. Você ainda conhece a noite. Você ainda conhece o céu. Mas o ser de e como isso — e a palavra *como* é a chave — é o que garante a você a união.

“O que isso significa?” ele pergunta. Bem, sim, você tem um corpo. Você entende a pele como uma fronteira entre você e os elementos. Mas estar *no* céu noturno e se conhecer *como* esse céu noturno, bem como testemunhar — mas experimentar o ser — você mantém uma consciência de unidade que não dissolve a estrutura da personalidade, mas permitiu que um nível de vibração experiencial fosse acumulado.

Agora, conhecer-se como o céu não significa que você desapareceu. Mas significa que você conhece Deus como céu, ou a única nota cantada como céu, e o corpo como céu, ou a única nota cantada. Você poderia dizer céu como corpo, se fosse estender a metáfora, mas queremos que você entenda desta forma: O acúmulo de informações nascido da separação no campo inferior deve ser traduzido ou reconhecido na Sala Superior. O processo de realocação na expressão para um novo nível vibracional exige que todas as coisas sejam feitas novas, e sua experiência de todas as coisas é o que é mudado. Na verdade, o que você está vendo é o que sempre foi, mas foi negado pela sua negação do Divino.

Cada um de vocês que diz sim para isso é realmente encontrado pela experiência que você pode conhecer ou perceber. E existem níveis disso que são postos em movimento através do alinhamento na Sala Superior e o acordo de unificação, de tornar-se um com a Mônada como forma. Agora, cada um de vocês que diz: “Eu sou um com Deus,” está realmente fazendo uma declaração de verdade. E isso é verdade até mesmo para quem não conhece Deus de forma alguma, ou tem uma ideia de um Deus talvez em uma nuvem. A realização da Mônada é conhecida por você em grau e mantida por você, não no nível ou estrutura da personalidade, mas pelo que a Mônada concede a você, ou o Eu Cristificado garante a você.

A escalada do tom dentro da Sala Superior e o engajamento com a Fonte como todas as coisas são, simplesmente falando, o progresso que se faz em uma consciência da elasticidade de todas as coisas. As estruturas permanentes que o reino inferior mantém são apenas permanentes através do acordo coletivo com o nível vibracional que o coletivo escolheu experimentar. Quando você se eleva para o mais alto, o nível vibracional é alterado e a experiência de todas as coisas torna-se muito mais fluida. Novamente, você é como o céu noturno enquanto mantém a forma que você tem.

Entender isso em um estado experiencial é estar na água enquanto toma um gole de água. Você está na água e é da água simultaneamente. A crença de que você vai se afogar é o que o impede de participar mais. Mas no nível de vibração que ensinamos, você é assumido pela indução da vibração. Você não é afogado dentro dela, você não se perde dentro dela, tanto quanto se expande através dela. Você se torna como o céu enquanto mantém um senso de forma que é bem utilizado por você enquanto você se move pela realidade em que opera. Quando você decide que esse nível de experiência é seguro e pode ser encontrado, ele é encontrado. E é aqui que a vontade é utilizada. O entrelaçamento da vontade, ou a passagem para uma vontade unificada na Sala Superior, ainda permite que você diga: “Estou pronto. Será assim. Eu Vim. Posso conter isso ou expressar como isso.” Cada vez que você dá o *sim*, o consentimento para isso, a expansão continua no nível que você pode sustentar ou manter.

Agora, você pode ficar bêbado em uma festa. Você não sabia que seu limite era de dois drinques. Você tomou cinco e passou mal. Na Sala Superior, você deve entender que há um equilíbrio a ser mantido, e que a Mônada é quem reivindica cada experiência de expansão com e para você, para que você não perca o equilíbrio e caia de volta para o campo inferior. “Isso é possível?” ele pergunta. Claro que é possível.

Agora, imagine que você está sustentando o campo e a experiência da Sala Superior e decide: “Ah, isso é adorável. Vou amplificar, amplificar e amplificar.” Você experimentará uma contração proporcional ou de

acordo com o nível de amplificação que escolheu. É assim que o crescimento ocorre. Os níveis de contração que se experimenta na Sala Superior existem para apoiar o alargamento ou a expressão plena da Mônada. Você não pode ter um sem o outro.

Paul se vê respirando, uma inalação e uma exalação. Os pulmões são expandidos através da prática. De certa forma, manter a forma enquanto neste estado amplificado da Sala Superior é comparável. Então você absorve o que pode conter. Você se expande conforme está alinhado a isso. E o progresso acontece, não porque o pequeno eu está tentando se tornar o salvador ou acha que sabe o que significa ser Deus, mas porque Deus está se conhecendo através da experiência de ser você. Ele está vendo todas as coisas, tanto como si mesmo quanto através de você.

Tornar-se os olhos do Cristo é ser aquele que dá testemunho do Reino ou da presença de Deus. Os olhos do Cristo podem conhecer as coisas através da linguagem que lhes foi dada, mas também conhecerão coisas muito além disso. O que isso significa é que, enquanto a chaleira é uma chaleira, você também vê a chaleira a partir do metal de que foi forjada, do fogo que forjou o metal, da luz no céu que brilhou sobre o minério, da caverna escura de onde foi extraída. Você está em uma experiência que se expressa além do tempo, e a informação ou dados que se pode obter estão muito além do que o pequeno eu pode conceber.

“O que isso significa?” ele pergunta. Bem, sim, todas as coisas são de Deus, mas o que está disponível na Sala Superior são um milhão de espelhos para uma coisa, todas as potencialidades que podem ser vistas e testemunhadas. Agora, você não anda pela rua e testemunha todas as coisas como todas as possibilidades. Mas você compreende todas as coisas como tom, como Deus em vibração na experiência. Você percebe todas as coisas como Deus na experiência — a chaleira no fogo, a chaleira despejando no copo. A compreensão do que as coisas realmente são, além do que foram nomeadas, de como foram utilizadas, permite que você saiba o que mais elas podem ser.

Agora, quando você se eleva para uma ciência que não nasceu em consertar coisas, você passou para uma ciência que opera na alquimia. Quando você entende a plasticidade da forma e como o som pode reivindicar qualquer coisa de uma forma superior, você ultrapassa um sistema antigo. Você não descarta o sistema antigo. Ele é, na verdade, renovado e talvez utilizado de maneiras um pouco diferentes. A educação é um sistema. A educação é algo bom. Mas você tem um conjunto codificado de regras ou expectativas sobre o que a educação é ou deve ser. Você tem escolas com nomes e sistemas de princípios organizacionais que acredita que o aluno deve aprender para se tornar proficiente. O que você ainda não sabe é que esse mesmo aluno poderia entrar na Sala Superior em um estado completamente receptivo e ser informado por um nível de conhecimento que pode ser conhecido através dele. De certa forma, eles se tornam o livro didático, mas o livro didático que ainda não foi escrito.

O nível de informação que pode ser utilizado para o bem é uma vasta biblioteca, e usamos o termo *biblioteca* como uma metáfora para o que se expressa em conhecimento que pode ser acumulado. Ele interrompe o ensinamento: “Mas isso pode ser mal utilizado, então, se estiver sendo usado na Sala Superior?” Não, não pode, porque aquele que é receptivo a este nível *se tornou* a Sala Superior, ou a expressão dela, e conseqüentemente qualquer ato realizado é feito a partir dessa consciência. “Eu sou de Deus e estou me expressando como Deus.”

Agora, quando dizemos *como* Deus, por favor, não acredite que estamos dizendo o único Deus. Voltemos à metáfora daquele na água que ingere a água, ou aquele em Deus que está preenchido com Deus. Este ser é de Deus, expressando-se como e com, mas apenas com uma consciência da divindade inerente de todos, porque ele não pode não fazer isso. Você entende isso? O abismo em que a maioria de vocês cai é pensar que estão fazendo isso, e não é feito pelo você que você pensa que é.

O acordo com o mais elevado, que utiliza a vontade, é o mais elevado expressando-se através de todas as coisas. Cada célula do seu ser, cada ideia pensada, cada ideia de memória, cada palavra aprendida em qualquer língua, tudo se torna de Deus, porque só pode ser, porque sempre foi.

Restauração, reconciliação, não é invenção. É a reivindicação do que é verdadeiro como quem você é, como o que você experimenta, como todas as coisas são feitas novas.

Obrigado pela sua presença. Pare agora, por favor. De fato, no texto.

(PAUSA)

O que está diante de você hoje, neste estado desperto, é a percepção de que você nunca esteve separado. No momento em que isso ocorre, a informação que foi acumulada através da separação é realmente desmantelada. Ela ainda está presente, mas não informa mais a escolha. Aquele que verdadeiramente sabe quem ele é, está em presença e em um estado de inocência. Agora, o estado de inocência deve ser entendido como sem a ideia de separação, porque sua ideia de pecado, ou o que chamamos de negação do Divino, é separação, e permanecer na ilusão dela. Quando você é lavado, por assim dizer, neste estado de purificação, a restauração do eu, a Mônada em um estado expresso, você se torna a luz que não pode conter escuridão.

Ele já interrompe. “Mas ainda somos humanos. Temos nossas falhas. Temos nossos desejos.” E você pode continuar a mantê-los. O que estamos instruindo você agora é um estado de incorporação onde você vive na realização de Deus. E enquanto você pode se entender através de outras experiências, participar delas, se desejar, você realmente faz isso ao custo da verdade do seu ser. Agora, não há nada de errado em dizer: “Vou fazer um piquenique. Vou sair da minha dieta. Vou ter uma pequena aventura.” E vá lá, se desejar, mas não finja que está operando nas altas esferas.

“Isso parece que não é muito divertido”, ele diz. Sua ideia de diversão, na maioria das vezes, está baseada na ideia de esquecer o eu. Você está rindo tanto que não está mais autoconsciente. Você está fazendo amor com tal fervor que se conhece em união com o seu parceiro. Você está esquecendo de si mesmo na Sala Superior, e você pode rir e fazer amor à vontade. O desejo está presente, mas na verdade é reformulado, porque a ideia de que você está fazendo algo errado ou punível foi substituída por uma consciência do sagrado. O sagrado e o profano são, na verdade, a mesma coisa. Mas o sagrado conhece Deus. O profano nega. Tudo é Deus. Estes são diferentes níveis de vibração. Você não prejudicará outro através do desejo na Sala Superior porque por que faria isso? Qual seria o presente? O custo é muito alto.

Agora, as leis que você tem neste plano são principalmente nascidas em justiça punitiva. Você ultrapassa a velocidade, leva uma multa. Leva muitas multas, perde o privilégio de dirigir. Na Sala Superior, sua consciência de causa e efeito está altamente presente, mas como dissemos antes, o caminho está traçado para você. Sim, você tem vontade, mas a imediatidade dos requisitos é o que se apresenta— a imediatidade dos requisitos, o pincel antes da tinta. O momento em que você se senta é sempre o momento do recebimento. Vamos repetir isso. É importante entender. *O momento em que você se senta é sempre o momento do recebimento.* Você não receberá, não pode receber, na verdade nunca recebeu em outro momento que não seja agora.

Agora, sabedoria e conhecimento são de fato experienciais. Informação não é sabedoria. Conhecimento não é informação. “Eu li o panfleto, sei como trocar o pneu”. Isso é informação. Mas até que você troque o pneu, você não sabe como é fazê-lo. E enquanto o texto que você está lendo agora contém informações, ele também é um portal para um nível de experiência que você não conhecia. Este é um novo ensinamento. Todo texto que escrevemos funcionou de alguma forma como uma porta para um novo potencial. Mas o portal de que falamos agora é a consciência do ser e da presença em um estado unificado. E porque você opera com este texto, você pode realmente permitir que o texto apoie essa realização, não através da leitura com ardor ou decidindo o que tudo significa, mas alinhando-se ao propósito, o próprio propósito deste texto, que é uma reivindicação da inocência. A inocência não contém engano. Ela não nega Deus. Ela nem mesmo precisa de um Deus que possa descrever. A inocência é um estado de expressão em Deus e com Deus, em uma consciência de Deus sem o desgaste que a velha chaleira havia acumulado.

Nossa honra hoje é presenteá-los com isso. E dizemos *nossa honra* porque mantemos isso para vocês, como um portal, se desejarem, pelo qual realmente podem passar. Passar por este portal em um estado unificado é entrar no Reino. Entrar no Reino é como entrar no oceano. A experiência do *oceano* se torna presente ao entrar nele. A experiência do *Reino* é tão presente quanto o oceano e será encontrada por você no nível de tom que você é capaz de manter ou confirmar.

Vocês podem dizer isso muito suavemente depois que proferirmos as palavras:

“Neste dia escolho permitir que a presença do Divino informe todos os aspectos do eu e entregue todos os aspectos do eu à Sala Superior e a uma experiência do Reino. Neste dia digo que estou disposto a ser reconhecido, estou disposto a ser entregue, estou disposto a ser reivindicado ao meu verdadeiro estado de expressão. E ao me oferecer para isso, sou encontrado pelos autores deste texto, pela energia que os informa e a ele, que é o Mônada ou o Cristo em plena expressão, e concordo em ser escoltado a uma realização que posso reivindicar como minha. Sou Palavra por meio desta intenção. Assim será. Deus É. Deus É. Deus É.”

Bem-vindos ao Reino. Sejam reconhecidos. Sejam reconhecidos. Sejam reconhecidos. De fato, isso está no texto. Pare agora, por favor.

(PAUSA)

O que está diante de vocês hoje, em um estado desperto, é a realização do que pensavam, como pensavam e como escolheram com base nisso, como negaram o Divino na escolha através de suposição ou desejo.

Agora, reivindicar a Vontade Divina não nega a vontade. Simplesmente apoia a vontade na expressão mais elevada que ela possa ter. O alinhamento da Sala Superior, a habitação do Reino, a expressão nele, reivindicar a vontade em um estado unificado. Mas você ainda está escolhendo? Claro que sim, de fato, você está. Você não perdeu a vontade. Você reivindicou a vontade para o seu verdadeiro propósito: estar em consciência de todas as coisas de Deus.

Agora, vocês escolheram encarnar em um nível de razão, um nível de amplitude, um nível de escolha que exclui o medo, ou pelo menos nega o medo, porque vocês residem além dele. Se desejarem medo, podem se dar essa oportunidade. Mas sugeriremos o seguinte: Uma vez que vocês se acostumem a estar além do medo, uma vez que parem de depender dele para informar suas escolhas, sua experiência de liberdade será além do que já conheceram. Um despertar para um novo potencial deve exigir que vocês liberem o que estavam apegados, ou pensavam que era, e isso deve incluir a base para muitas das escolhas que reivindicaram uma vida. Nada disso é feito para tornar o eu errado. O eu foi informado pela memória e escolhas nascidas por meio de um acordo coletivo de ter medo. Toda guerra já travada neste plano foi o resultado de um ato coletivo ou um acordo para a separação. Uma guerra não sobreviverá se não fosse esse o caso. Não haveria guerra se não houvesse dois lados para lutar.

O acordo para a união ao qual vocês foram reivindicados, e concordaram, está prestes a apoiar sua capacidade de recuperar a história de todas as coisas na Sala Superior. Agora, este é um ato enorme. Não estamos falando de história pessoal agora. Estamos falando da aplicação do Divino, do escopo do Mônada, sobre dados históricos, ou sobre o que vocês acreditavam que já foi assim. Quando vocês entendem que qualquer guerra travada nasceu

de um acordo para a negação de Deus, quando compreendem que todos os que lutaram finalmente fizeram parte disso, vocês podem entender que o que foi reivindicado historicamente e informa suas vidas diárias aqui no campo comum através do qual vocês se conheceram pode e deve ser retificado.

Agora, para liberar a história é apenas para liberar uma ideia dela, e o modelo de história através do qual a humanidade se conheceu, desenhado e reivindicado no medo, agora deve ser revisto. Reivindicar isso para todos e para todo o sempre é reivindicar isso para toda a eternidade. Compreendam, novamente, que o aspecto do Criador como vocês, ao qual agora estão despertos, o reencontro com o Eu Divino expresso como vocês, opera além do cronograma que o pequeno eu habitaria e entende o calendário como uma série de ideias desenhadas de forma linear. A recuperação de toda a história, a história universal, para a Sala Superior é menos um ato de escolha do que um ato de acordo com o que é sempre verdadeiro—história como ideia, o universo como uma ideia, escolha como uma ideia, todas as coisas reconhecidas, no Reino, de Deus e expressões do mesmo.

Agora, a escolha de fazer isso é se oferecer a um potencial que está presente, já realizado na oitava superior, mas mantém sua base através da história da separação. E recuperar a história da humanidade é contribuir não apenas para a evolução da humanidade, mas para a paz que espera a humanidade do outro lado do muro que ela ergueu. A escolha de fazer isso virá a um custo, e explicaremos isso muito cuidadosamente para vocês conforme nos for permitido. Se vocês se oferecerem para isso, estão realmente apoiando um novo mandato—que o homem não guerrearará, que o fim da guerra está aqui, que o alinhamento com a guerra como um sistema nascido através de dados históricos foi reivindicado na Sala Superior, onde sua base, que é o medo, será reconhecida. Quando vocês concordam com isso, estão operando como Fonte, ou um veículo da Fonte. A manifestação do Mônada como quem e o que vocês são apoia essa reivindicação, então não pensem por um momento que isso é feito no nível da personalidade. Mas a volição do Eu Divino em plena expressão, e a reivindicação “Eis que faço novas todas as coisas; Deus É, Deus É, Deus É”, até mesmo recuperarão a ideia de guerra e a base histórica para ela.

“Existe uma base histórica para isso?”, ele pergunta. Claro que existe. A traição, você vê, primeiro está no próprio ser, depois no vizinho, e então em Deus. A guerra dentro do próprio ser, que nasce na negação do Divino, é a base de todas as guerras, todas as batalhas e todos os atos de violência que já ocorreram neste plano. É sempre a humanidade lutando contra si mesma, ou a ideia de ser envolvida em raiva contra o próprio ser, que decretou a separação. Então, como isso opera é primeiro dentro do próprio ser, e depois dentro da paisagem coletiva, e finalmente, sugerimos, com o próprio Deus como a Fonte de toda a paz que pode ser conhecida enquanto em forma.

Aqui está a reivindicação que oferecemos a vocês:

“Neste dia eu escolho tornar nulo, liberar, qualquer batalha dentro do meu ser que eu já tenha empreendido e que nasceu na negação de Deus. E ao reivindicar isso, eu reivindico essa paz, essa oferta em paz, para cada relação com qualquer pessoa que eu já tenha conhecido, qualquer cultura à qual já tenha pertencido e qualquer pessoa que já tenha testemunhado. E ao concordar com essa paz, ofereço qualquer raiva ao Divino, de qualquer tempo e lugar, quaisquer sentimentos de ter sido excluído, qualquer memória de ter sido evitado em nome de um Deus ou de uma religião, que eu já tenha empreendido ou suportado. E ao dizer sim para isso, dou permissão para que o fim da guerra seja conhecido através de mim, e por mim, e em tudo que eu encontrar.”

Na contagem de três, nós cantaremos através de Paul. Não precisam se juntar no canto, mas se alinhem ao tom, que reivindicará todas as coisas conforme vocês concordam com o tom. Concordar com o tom é receber o ato da Mônada como paz, através de vocês e em todas as coisas.

Na contagem de três, Paul. Um. Agora dois. Agora três.

[Os Guias entoam através de Paul.]

Agora, perguntem-se: “Estou disposto a largar qualquer arma que eu já tenha usado—contra o ser que conheci, contra qualquer pessoa que já conheci e contra Deus?” Neste *sim*, vocês oferecem essa arma para ser transmutada, reconhecida em paz, e receberão o dom da paz em seu lugar. Nós recebemos cada um de vocês conforme oferecem isso. Nós vemos cada um de vocês ao dizer sim para isso. E ao dizermos sim, entramos em acordo, primeiro com a história individual e depois com a história coletiva. Se fizerem essa reivindicação, ela será ouvida. Vocês serão movidos. Serão os agentes da paz em articulação.

Digam isso agora para a história da guerra que já foi conhecida neste plano:

“Eis que faço novas todas as coisas. Assim será. Deus É. Deus É. Deus É.”

E deixe a trombeta cantar. Que a paz seja conhecida. Que o campo que vocês sustentam carregue a paz através de qualquer ideia de história que a reivindicação comunal de guerra tenha sido lançada. Tudo será conhecido de novo. Tudo é feito novo. O Cristo veio em paz. E o fim da guerra é cantado à existência. Ponto. Ponto.

Parem agora, por favor. De fato, isso está no texto.

DIA TREZE

O que está diante de vocês hoje, na consciência de quem sempre foram, são os requisitos para o crescimento que estão à sua frente. Os desafios que enfrentam, vejam, no que chamamos de Sala Superior, são desafios de ser. E a ideia de ser, simplesmente ser, ainda é confundida pela maioria de vocês. Cada um de vocês está em um encontro com a realidade, em qualquer nível de vibração, através da consciência que sustentam, e como se realizam em qualquer nível de tom ou vibração os reivindica em acordo com esse encontro. Então, compreendam

que tudo o que encontrarem neste caminho à sua frente deve ser visto como oportunidade para maior realização. No momento em que isso é decidido, todas as evidências são acumuladas em apoio a isso. O momento em que isso é negado, vocês começam a se alinhar a um aspecto do ser que se conheceria através do medo.

Agora, vocês podem dizer, “Estou na Sala Superior. Estou em rearticulação. O Mônada se manifestou como quem e o que eu sou.” Mas como vocês se percebem, como enxergam o que está à sua frente, ainda é discernido por vocês, e há lógica empregada quando a lógica é necessária. “Há um gato na entrada da garagem, devo evitar o gato.” “Há um urso na árvore, devo me afastar do urso.” Esses devem ser vistos como encontros que vocês têm e nos quais podem utilizar o discernimento.

O requisito do caminho à sua frente é realmente bastante simples. O momento em que vocês estão é o momento em que se conhecem. O momento em que se conhecem é como percebem todas as coisas. Tudo é traduzido, vejam, para o agora onipresente, que deve e sempre será a articulação do Divino, o vasto campo do agora, o agora infinito, a única maneira pela qual podem se conhecer. A ideia de quem vocês eram ou poderiam ser um dia foi traduzida, sim. Seus requisitos para o crescimento estão à sua frente. E a espécie à qual pertencem está embarcando em uma nova forma de ser—sem o antigo, sem as exigências do antigo, os mandatos do antigo, confirmando a separação.

Agora, para ir além da separação, ou se alinhar em um estado unificado com Tudo O Que É, é realmente bastante simples. Você estão simplesmente aceitando a verdade. Não estão negando o Divino. Estão perdendo o ser que fica confuso ou que busca um resultado, e oferecendo esses aspectos do ser para serem reconhecidos na Sala Superior. À medida que concordam, o desdobramento ocorre. Os únicos desafios reais que enfrentam são suas opiniões, que são simplesmente o que vocês pensam que as coisas são ou significam, como deveriam ser. E, sempre, isso nasce em prescrições anteriores.

Alguns de vocês nos dizem, “Estou no Reino. Estou no meu trabalho. Estou fazendo o meu trabalho no Reino.” Façam como desejarem. A presença do ser que é o Reino é o Verdadeiro Eu, e qualquer alinhamento que ele mantenha reivindicará o que vocês necessitam. Diremos isso novamente: O Verdadeiro Eu reivindicará o que vocês necessitam. Vocês não estão mais caçando, ou catando, ou implorando, ou exigindo, ou declarando o que devem ser ou como devem ser conhecidos. Vocês simplesmente são. “Sei quem sou, o que sou e como sirvo.” Este é um nível de expressão, e é o fim de uma forma de ser em que vocês confiaram muito.

Ele interrompe o ensino. “Para onde você está indo com isso hoje? Este é o último capítulo ou um novo? O que devemos fazer nesta aula? Como devemos compreender esses ensinamentos de forma prática?” Este é realmente o ensinamento mais prático que vocês já receberam, mas vocês o complicam. Tornam mais difícil do que realmente é. O ensino do ser, que é um ensino de permissão e um ensino de receptividade, que é recepção e permitir que o Divino se conheça através de vocês, é realmente a emissão deste texto. Tudo o que desejarem fazer além disso é realmente inteiramente com vocês.

Estamos chegando ao fim da primeira metade do texto. Retomaremos este texto quando nos reunirmos novamente, talvez mais tarde na semana. O ensinamento de *hoje* será a aplicação do que vocês aprenderam até agora. Cada um de vocês aqui, cada um de vocês que ouve estas palavras, talvez as leia na página, está sendo reivindicado pelo Divino em seus sentidos e em sua expressão. O acordo para isso já foi feito. A rearticulação será confirmada por vocês.

Oferecemos-lhes isto hoje: Se desejam se conhecer como de Deus, por favor, permitam que tudo o que veem à sua frente seja visto como realmente é—desimpedido, imaculado, pela história e significado. Simplesmente deixem que seja visto e façam esta reivindicação enquanto o percebem:

“Eis que faço novas todas as coisas. Assim será. Deus É. Deus É. Deus É.”

E permitam que o efeito da reivindicação sobre tudo o que veem seja conhecido por vocês em tom, o que significa que dão permissão para o mundo manifesto que é Deus em tom dizer sim em resposta à reivindicação que fizeram:

“Eis que faço novas todas as coisas. Assim será. Deus É. Deus É. Deus É.”

E permitam que o eco da reivindicação os assuma em união. Você entendem o que estamos dizendo. Estão invocando a presença através do ser. Estão concordando com o que já é verdadeiro e estão permitindo que seja. Ponto. Ponto. Ponto. Pare agora, por favor.

(PAUSA)

O que está diante de vocês hoje, em um estado desperto, é um reconhecimento do seu potencial, além da codificação, além do significado, além da crença na separação que acumulou evidências anteriormente. A crença na separação, a ideia de separação, a reivindicação de separação, a grande mentira de que vocês estão separados da sua Fonte, separados da pessoa ao seu lado, separados do céu e de todas as coisas que podem ser conhecidas. O reconhecimento da unidade nasce em um acordo com a verdade. O que é verdadeiro é sempre verdadeiro, e a reivindicação da verdade —“Eu Estou Aqui, Eu Vim, Eu Sou Conhecido”, um acordo para ser, e de, e com a Fonte de todas as coisas—agora pode ser entendido por vocês como o que vocês vieram a ser. “Eu Estou Aqui. Eu Vim. Eu Sou Conhecido.” A quantificação de cada uma dessas reivindicações, em magnitude, continuará a acumular evidências, e as evidências que acumulam é que não há separação.

Agora, alguns de vocês podem dizer, “Entendo isso teoricamente. Há uma única nota cantada que se expressa como todas as coisas. Eu sou dessa nota, porque não posso não ser.” Mas enquanto isso for mantido como uma estrutura intelectual, vocês não se beneficiarão disso. “Eu sei que o céu é azul porque acho que sei o que azul

significa” não lhes dá a experiência completa do céu, ou do azul, nesse caso. A realização de que “Deus É” na fibra do seu ser e em cada pensamento apoiará um mandato para um mundo feito novo.

“O que isso significa, *cada pensamento?*”, ele diz. “Isso não parece muito divertido.” Isso não é divertido. *Deus é cada pensamento* simplesmente significa que a presença de Deus está informando todo pensamento. Cada pensamento não é *de* Deus, mas todo pensamento já é de Deus, porque Deus como todas as coisas inclui o pensamento. Vocês entendem isso? Pensamento como de Deus. Pensamento Divino. Pensamento Verdadeiro. Deus como pensamento.

Agora, para entender o que isso significa como criador é muito mais simples do que vocês pensam. Muitos de vocês concordaram com a premissa de que são co-criadores e que o pensamento é criativo. E o pensamento é criativo, mesmo no nível mais baixo de manifestação. “Vou pensar naquela coisa terrível para fazer com aquele ali.” De fato, o pensamento é criativo. Mas quando o pensamento é conhecido como de Deus, reivindicado na Sala Superior, o pensamento está reivindicando *como* Deus e é por isso que lhes é entregue o que vocês precisam, porque vocês estão em consórcio com a mente de Deus.

Agora, entendam a mente de Deus. A maioria de vocês resumiria isso como o pensamento de Deus ou o que Deus pensa. Mas se *mente* é outra forma de entender *expressão*, e a expressão é Deus, a Mente Divina torna-se todas as coisas, e sua dependência da Mente Divina é mover-se para um nível de comunhão com a Mente Divina em pensamento. Vocês ouviram a afirmação “Quero querer a tua vontade”, como se a vontade que vocês têm pudesse ser movida para um estado unificado. Mas a ideia de que o pensamento, que é de Deus, pode ser reconhecido como tal e movido para um estado unificado, não sacrifica a independência — “Gostaria de tomar essa sopa no jantar, em vez daquela” — mas simplesmente os reivindica em concordância com um nível de união como uma transmissão. Usamos o termo *transmissão* intencionalmente. Todos vocês estão em transmissão. A sua transmissão é o seu tom. O pensamento não é excluído dessa transmissão porque o pensamento é criativo. Mas quando o pensamento é considerado separado, ou acreditado como separado, há um dilema.

Agora, “meu lugar privado como meu pensamento” pode ser entendido por vocês. Ninguém pode ouvir seus pensamentos. Vocês os pensam em privado. Mas o Divino como todas as coisas está em recepção ao pensamento, porque o pensamento é como vocês criam no plano manifesto. Alinhar o pensamento a Deus como transmissão é simplesmente mover-se para um nível de equivalência como Mente Divina.

Ele interrompe o ensinamento. “Bem, ouvimos falar de pessoas que dizem que Deus lhes disse para fazer alguma coisa terrível. Isso poderia ser difícil como instrução.” A Mente Divina nunca instruirá vocês a prejudicar outro. A Mente Divina não pode. A Mente Divina conhece o valor inerente em todos e os reivindica em concordância com a verdade. Na verdade, uma mentira não será sustentada. E o que é uma mentira, senão que o outro é indigno.

Dar o pensamento, o grande pensamento, “Eu Sou” a Deus é permitir que Deus seja como vocês. A reivindicação “Eu Sou”, a reivindicação de presença e ser, em acordo com a Fonte, não é uma invocação de personalidade, mas o Eu que supera a personalidade — o *Eu* com “E” maiúsculo, o Eu Divino, em coerência com a Expressão e Mente Divinas. Novamente, *Mente*. “Estou no Reino”, uma reivindicação de ser e expressão na verdade. “Estou em recepção dos dons do Reino.” “Estou alinhado às minhas exigências perfeitas para a realização.” E “Eu Sou Conhecido.” A reivindicação “Eu Sou Conhecido”, que já ensinamos antes, pode agora ser entendida como o acordo com a Mente Divina conhecendo as exigências da ideia de si que estão presentes no Reino, ou de fato, na Sala Superior.

Alguns de vocês dizem: “Mas eu tenho que fazer acontecer. Eu tenho que manifestar o que eu quero.” Imagine que você esteja precisando de comida. A comida não aparecerá diante de você. Talvez você caminhe até a comida. Talvez você cozinhe a comida. Talvez você ofereça a comida à pessoa ao seu lado, uma vez que ela esteja preparada. Se há uma ação a ser tomada, você está em recepção a isso. Você sabe o que fazer porque seu conhecimento não está comprometido. Você se conhece. Você conhece a Fonte. E, conseqüentemente, você conhece a Fonte de tudo que pode ser reivindicado.

Cada um de vocês que diz sim para a jornada que está à sua frente será encontrado de maneiras perfeitas.

Vocês podem dizer isto, se desejarem:

“Neste dia, eu ofereço a mim mesmo e todo pensamento já pensado, e que será pensado, à Fonte de tudo que é. Neste dia, eu digo sim à oferta da mente em coesão, em concordância, em acordo e acorde, com a Mente Divina, para que minha mente possa ser informada em um estado unificado com o Conhecimento Divino que é a minha verdadeira herança. Eu sei quem eu sou na verdade. Eu sei o que eu sou na verdade. Eu sei como eu sirvo na verdade. Eu Estou Aqui. Eu Vim. Eu Sou Conhecido.”

Obrigado a cada um de vocês pela sua presença. Pare agora, por favor. Sim, isso está no texto.

DIA QUATORZE

O que está diante de vocês hoje, em uma consciência de quem vocês realmente são, é a magnitude da mudança que está à sua frente. A própria humanidade, vocês veem, fez um novo acordo: perceber o eu além das antigas estratificações, do antigo condicionamento, das antigas maneiras de conhecer o eu através do medo. E a transição que vocês estão empreendendo de algumas maneiras é cataclísmica para os aspectos do eu que buscam permanecer como eram. Quando a humanidade diz sim a um novo potencial, o que foi reivindicado em medo é re-visto, é re-conhecido e reivindicado no que chamamos de Sala Superior para o benefício de todos. Aqueles que seguem vocês nesse caminho realmente terão um tempo mais fácil. O que está em andamento agora

é a liberação do antigo, inclusive de identidade e memória, de formas que superariam uma percepção do Divino que busca nascer dentro de cada um de vocês.

Quando estamos diante de vocês, fazemos isso com uma consciência de quem vocês só podem ser na verdade, individual e coletivamente. E o medo coletivo do que está acontecendo agora está presente para ser visto, para ser reconhecido, sim, mas então superado. A transição que vocês estão empreendendo é maior do que vocês sabem. Ela não está codificada em medo. Ela nasce na liberação do medo. Mas nada é liberado até que seja visto pelo que é, e à medida que as estruturas às quais vocês estavam acostumados começam a mudar, conforme seu entendimento do que essas coisas têm sido é alterado por uma consciência mais elevada, vocês se tornam parte dessa transição no elevar da humanidade para um tom ou frequência mais altos.

Usamos as palavras *tom* e *frequência* de forma intercambiável e, às vezes, ao mesmo tempo, para significar coisas um tanto diferentes. O tom que você mantém como indivíduo, uma expressão de consciência, o campo vibracional em vibração e em tom, pode ser entendido como quem e o que você é na expressão verdadeira. A forma que você assumiu deve ser compreendida como o acordo de forma, ou a maneira como você se conhece encarnado, de carne e osso, neste plano. Quando você está alterando sua frequência vibracional, o corpo também deve mudar. E os princípios ou as ações que você toma em apoio ao novo estão sempre em relação ao mais elevado que busca nascer como e através de você. A humanidade está passando por uma mudança assim, e vai ser bastante desajeitada por algum tempo. Aqueles de vocês que acreditam que o processo à frente é gracioso ou confortável estão na verdade mentindo para os eus que buscam manter o antigo. O que está diante de vocês agora é mudança e uma reivindicação de identidade em um tom mais elevado do que a humanidade conheceu.

Agora, receitas falham aqui. “Na Sala Superior, serei visto como tal e tal.” “Na Sala Superior, me conhecerei de uma maneira diferente.” Na verdade, o que está ocorrendo é um nível de amplitude que libera uma ideia de si que separa o próprio eu do seu irmão ou irmã, e de Deus em si. O que quer que você acredite que Deus seja, é um princípio unificador — a única nota cantada que se expressa como toda manifestação. Sua percepção de união em um nível mais elevado do que você pode imaginar através da estrutura da personalidade deve ser compreendida por você como o presente deste momento. Se você perceber isso como um presente, estará muito mais pronto para reivindicar o eu que está presente para você agora.

Quando ensinamos evolução, ensinamos progresso e processo, mas a evolução da humanidade é, de fato, um restabelecimento de quem você sempre foi, à custa de uma ideia de si mesmo como separado da Fonte, separado um do outro. O presente deste ensinamento, para aqueles que atendem a essas palavras, é a percepção de que isso já é assim, que você não precisa se esforçar por isso, você não precisa comandar ou exigir. Você precisa receber. E receber o Divino é conhecer o seu lugar dentro dele — sublinhe a palavra *dentro* — *dentro* do Divino, o que simplesmente significa que você já é parte dele, mas a consciência disso foi prevenida, na maioria dos casos, através da negação do Divino à qual todos vocês estiveram associados.

Nos capítulos anteriores deste texto, descrevemos separação e identidade reclamada, estrutura de personalidade e os dons de uma cultura nascida através da separação, como maneiras de você excluir o eu da verdadeira consciência de quem você é. O presente deste dia, e deste ensinamento hoje, é a percepção de que isso é sempre assim. “Deus É, Deus É, Deus É” é uma declaração de verdade. E essa declaração de verdade, se você realmente deseja conhecer o poder dela, revogará as falsas evidências que a separação acumulou. Quando você se alinha na Sala Superior e você reivindica a afirmação “Deus É, Deus É, Deus É”, o eco vibracional da reivindicação recupera o que encontra em seu próprio alinhamento — sublinhe *seu próprio alinhamento* — não a ideia de si como aquele que proclama, mas o único que pode verdadeiramente reivindicar, ou a presença Eu Sou que sempre sabe quem e o que é, e, de fato, como serve. Sua afirmação de presença — “Deus É, Deus É, Deus É” — moverá a montanha, mudará o campo, alterará a matéria. E à medida que a evolução ocorre, o que está realmente acontecendo é um retorno ou restauração à sua identidade legítima — como e de Deus, não separada dele, mas uma expressão pura dele. Inocência, você vê, como instruímos, é o verdadeiro estado de expressão que o Eu Divino alinha e mantém e, de fato, manifesta. Porque Deus vê Deus em todas as suas criações, porque Deus não pode manter a vibração do medo como Mônada expressa através de você, porque o Divino reivindica todas as coisas em um acordo vibracional semelhante, o que é reivindicado é reivindicado em inocência, e inocência carece de receita, carece de mandato, carece da sua ideia do que *deveria* ser, do campo inferior.

Imagine que você é um farol e tudo iluminado por você é mantido no feixe ou na transmissão de luz que se desdobra através de você. A própria luz é o que recupera, e a luz é o que torna as coisas novas. A luz não diz: “Vou melhorar o que ilumino. Vou tornar o que vejo mais bonito, ou talvez minha ideia do que deveria ser mais sagrado”. A Mônada expressa como você, enquanto amor, enquanto expressa como amor, mantém uma imparcialidade que o pequeno eu gostaria de utilizar, e isso é separação, a ideia de que um é digno e outro não é. A luz brilha igualmente sobre todos. Mas o programa que a luz mantém é instalar-se no que ela reivindica através de si mesma. A afirmação “Haja luz” também pode ser entendida como “Haja verdade, que seja vista na verdade para que possa ser reconhecida na oitava superior”.

Finalmente, temos que dizer, a restauração ocorre no plano de experiência da humanidade quando a humanidade para de se condenar, e seus irmãos e irmãs, e suas criações, e seus falsos ídolos, ou o que usaria como desculpa para negar o Divino. Quando você entende que Deus é, Deus simplesmente é, e Deus é verdade, ou a vibração da verdade — não como você chamaria a verdade através de uma idealização individual do que você gostaria que fosse, mas o que é sempre verdade — você compreenderá o Divino e suas grandes propriedades de

restauração. Ser recuperado na inocência é, na verdade, ser feito novo. Agora, isso não nega sua experiência. Não te torna mais santo do que você já foi. Mas ele te reclama sem os detritos ou dados históricos que você poderia usar para negar sua verdadeira herança. A maioria de vocês acredita que deve ser especial, feita limpa, na sua prescrição de limpeza, para ser aliviada da sua ideia de pecado. Novamente, tudo o que o pecado é, de uma forma ou de outra, é a negação do Divino. E a afirmação “Eis que faço novas todas as coisas” recupera todas as coisas, incluindo aqueles aspectos de si que negariam Deus dentro de vocês, e estas são as mesmas coisas que vocês negam nos outros também. O que você condena, te condena de volta. O que você condena em si mesmo, você condena nos outros também. E o propósito da condenação é simplesmente a separação.

Você tem muito mais a dizer sobre isso do que está disposto a reconhecer, mas não é você quem redime o eu. É a Mônada ou o Eu Divino ou a Verdade de Cristo dentro de você, se desejar usar essa frase, que está fazendo isso porque não pode não fazê-lo. Agora, quando você se alinhou no que chamamos de Sala Superior, invocou a afirmação “Eu Vim”, colocando em vigor a ação da Mônada à medida que busca se replicar por todos os aspectos do eu, você não apenas deu permissão, mas concordou, concordou vibracionalmente, com um nível de encarnação que você pode realmente manter. A percepção disso, como já ensinamos anteriormente, deve vir em etapas, porque se você fosse alterado em vibração muito rapidamente, você perderia qualquer ancoragem que precisa para navegar no plano coletivo em que escolheu encarnar. Mas a Sala Superior mantém seu próprio tom. E o dom da inocência, o dom da percepção de quem você sempre foi — livre, imaculado e na verdade — é o que reclama um mundo novo, e é a redenção que a humanidade tem esperado.

Ele interrompe o ensinamento. “Não acho que a humanidade esteja esperando pela redenção. Por que você usa essa palavra? Ela está um tanto carregada de história.” Reivindicaremos isso como desejarmos, mas ofereceremos a você uma pequena explicação. Aquilo que foi colocado fora da luz, lançado na escuridão ou na sombra, precisa ser redimido, o que simplesmente significa ser devolvido a si mesmo de uma forma superior. Nenhum de vocês está sem Deus, mas a maioria de vocês acredita que está. Nenhum de vocês é pecador. Todos vocês acreditam que são.

Agora, a ideia de ser pecador deve significar simplesmente agir fora de Deus. E, de fato, você se envolve nisso. Mas o aspecto de si mesmo que é inocente, que é a Mônada, que busca sua replicação através de você, está de fato sem pecado porque não pode sustentar esse tom. Vocês se tornaram tão confusos em sua ideia da relação com Deus que se colocam fora dela sem querer. O aspecto de Deus em todos vocês, a Centelha Verdadeira, o Eu Divino, é de fato inocente, o que significa sem pecado, e não separado de sua Fonte. É o que você acumulou na separação através da negação do Divino que te considera separado, e essa é a ilusão que a humanidade agora está removendo. Usamos a palavra *remover* intencionalmente. Quando algo é removido, não está mais presente. Isso não é traduzido ou transmutado, como algumas coisas podem parecer. É simplesmente a rocha que cobre a caverna, o pedregulho que a humanidade usou para limitar a expressão do Divino, ou Deus dentro. Quando o pedregulho é removido da caverna, a Mônada se expressa plenamente. *Removido* era a palavra correta.

Agora, não gastaremos tempo com você discutindo sua ideia de pecado. As pessoas afirmam todo tipo de maneiras de aprender e algumas são bastante tolas, algumas podem ser bastante destrutivas. Mas tudo é mantido na luz, finalmente, ou nada pode ser. Porque tudo está em vibração, mesmo a escolha mais baixa feita oferece oportunidade para crescimento, e de fato redenção. Alguns de vocês devem ir ao lugar muito escuro para perceber onde se reivindicaram. Mas é essa consciência que lhe dá permissão para reivindicar o mais alto, para dizer: “Estou disposto”, e então dizer: “Sou Conhecido, Sou Conhecido, Sou Conhecido.” Aquele que é conhecido por Deus, que oferece o eu a Deus para ser conhecido, parou de fingir ser Deus, ou agir como se sua soberania fosse independente da Fonte. De fato, você é soberano no nível de Cristo, ou da expressão da Mônada. No nível da personalidade, você tem um tipo de autonomia que deve utilizar, e esperançosamente utilizar bem. Mas compreender o eu em união é permitir que o eu seja reconhecido, de fato reivindicado, de fato restaurado à sua verdadeira natureza. Verdadeira natureza — sua verdadeira natureza é inocência.

Agora, alguns de vocês podem dizer: “Mas acumulamos carma. Aprendemos através de coisas terríveis. Temos dívidas a pagar.” Talvez seja assim. Mas você limita a ação do Divino e então considera o carma como seu Deus. De fato, se você tem uma dívida, ou uma lição a aprender através dessa dívida, você encontrará uma maneira de aprender a lição. Mas você não está mais sendo punido pela sua crença de que é merecedor de punição. Você está oferecendo o eu a um nível de equivalência ou tom onde “Eis que todas as coisas são feitas novas” se torna sua expressão. Quando esta é a sua expressão, você está presente para o milagre da rearticulação do plano manifesto.

Agora, para alguns de vocês, isso significa, e muito simplesmente significa, que a luz que vocês são, ou o campo vibracional em transmissão como vocês são, está em ato de recuperação. O tom ao qual você se alinhou, como transmissão, reivindica tudo o que encontra para si. Isso certamente não significa que você está sentado em uma montanha na chuva, perguntando-se se está fazendo a coisa certa. Você está indo para o trabalho, alimentando seu filho, lendo um livro e sempre fazendo isso no nível do tom que você pode reivindicar na Sala Superior. A Sala Superior não é uma fuga da realidade. É uma recuperação da realidade.

A evolução da espécie é a rearticulação da espécie além do tipo de separação que ela utilizou para aprender. Mas os dias de aprender através da separação estão acabando. Você não pode e não continuará como tem sido. E porque o coletivo sabe disso, o coletivo se restaurou à sua verdadeira promessa, sua verdadeira herança. Isso não é um ensinamento cristão. Isso não é um ensinamento budista. Isso é um ensinamento da verdade. E

há verdade em todos os sistemas de filosofia ou na semente de qualquer religião. Quando a religião se tornou corrupta, por uma necessidade de controle, decidiu-se que a separação era útil para manter outros seguidores. Seja o rabino, o sumo sacerdote ou a mulher sábia, o mandato era que você deve aprender através de outro, ou que a separação deve ser tida como precursora de uma ideia de união.

Embora haja alguma verdade aqui, a forma como isso evoluiu não foi intencional. À medida que o plano em que vocês se conheciam acumulava cada vez mais evidências de separação, a densidade do campo tornava-se profundamente desafiadora para transcender. Os tempos em que vocês já se encontram têm um tom mais elevado, uma nova era, se preferirem, simplesmente um novo tom de vibração no campo que a humanidade reivindicou e que está oferecendo essa oportunidade. Porque vocês já não precisam mais da separação para se tornarem seus mestres, vocês já não precisam do único no trono, ou no pódio, ou no púlpito, para gerir a sua restauração, mas vocês devem ser direcionados para dentro, para o Verdadeiro Eu, ou para a Mônada, ou Cristo, ou Luz Divina, ou Expressão Eterna. Não importa absolutamente como vocês o chamam, porque isso é a sua salvação. E usamos a palavra *salvação* aqui para significar restauração à sua verdadeira natureza.

A ideia de salvação sendo *salvo do inferno* está completamente confusa. Se vocês desejam chamar a separação de inferno, vocês não estariam errados. Mas existem níveis de inferno, níveis de separação, e muitos de vocês habitam confortavelmente neles. Não há um lugar onde vocês queimarão se não forem salvos, mas terão dificuldades em qualquer caminho que reivindicarem ao continuar na separação ao custo da verdade que está presente agora. “Como é isso?” ele pergunta. Retornaremos à metáfora do farol e do feixe de luz. Há alguns que fugirão da luz porque acreditam que serão queimados por ela, ou que seus pecados serão expostos, ou que sua ideia de si mesmos será mudada, e eles impoariam a escuridão porque é o que conhecem. Mesmo essas pessoas, essas expressões de Deus, conhecerão a restauração porque a Fonte de sua expressão é Deus. Não importa o que qualquer um de vocês pense sobre qualquer outra pessoa, não há ninguém que esteja sem Deus, embora possam se manter em uma experiência sem ele, usar toda sua energia para negá-lo e encontrar conforto no medo que a separação lhes traz. Aqueles que foram criados na escuridão a conhecem como lar. Entrar na luz é um ato de sacrilégio para eles porque não podem imaginar que são dignos dela, e a negação do Divino veio a um grande custo.

As afirmações que ensinamos até agora podem e serão usadas por qualquer um de vocês à medida que progredirem, mas vocês devem entender que o próprio campo está mudando. Imaginem uma enchente elevando tudo o que ela encontra.

Imaginem o prato do jantar sendo lavado da mesa, as telhas do telhado flutuando para longe. Todas as coisas serão renovadas. Permitir que as coisas se movam, permitir que sejam elevadas, perceber o presente da elevação como o novo que busca nascer, será como você se mantém, e a humanidade como um todo, neste momento. A recuperação da inocência, ou do verdadeiro estado, deve ser compreendida como algo que você chegou através da necessidade.

Explicaremos isso. Você poderia continuar como está, viver em um plano árido sem água para beber. Você pode explodir toda bomba que já foi erguida e respirar a toxicidade do ar que você corrompeu. Ou você pode optar por não fazer isso. A humanidade escolheu não fazer isso. Ela escolheu ir além disso. Isso não será simples. Terá sua própria calamidade, ou confusão, à medida que diferentes coisas aparecem, para serem movidas. Mas é, finalmente, um presente. E o presente que a humanidade reivindicou é o que estava presente antes de você conhecer a queda, ou a ideia da queda, significando simplesmente a metáfora do jardim e a exclusão dele. O Éden é uma metáfora para a graça, e estar no estado da presença da inocência que é sua verdadeira natureza. Isso não significa que você não desfrute do corpo, que não desfrute da leitura de um bom livro, que não tenha prazer no pôr do sol. Significa que você é como realmente é, além da ideia de um eu corrompido.

Agora, não há julgamento na palavra *corrompido*. A palavra *corrompido*, neste caso, simplesmente significa o que foi manchado pela negação do Divino, e todas as evidências que isso acumulou. Neste texto, já discutimos o papel que a memória desempenha em recriar o que você não quer, e alinhamos você através da memória a um novo potencial, o aspecto do eu que sabe quem é. Você foi recuperado. Você está na Sala Superior. Você Veio. Você é Conhecido. Você está presente, como só pode estar na verdade.

E dizemos essas palavras em seu nome: *O Livro da Inocência* contém a chave para uma recuperação além de uma ideia de si mesmo que você utilizou sem saber para se reivindicar em separação. À medida que você é libertado de uma falsa ideia, a rearticulação e manifestação do eu neste nível de tom ou campo reivindica um mundo renovado.

Dizemos isso para cada um de vocês: Estejam presentes. Estejam presentes. Estejam presentes. Pois, de fato, agora é o momento para que todas as coisas sejam renovadas.

De fato, isso está no texto. Ponto. Ponto. Ponto. Pare agora, por favor.

PARTE II: INOCÊNCIA

5. ALÉM DO PECADO

DIA QUINZE

O que está diante de você hoje, em uma nova consciência de sua própria capacidade, é o acordo de confiar em si mesmo, de confiar no Eu Divino que agora está aqui como você e busca sua expressão através de você. Confiar no Eu Divino é alinhar-se ao aspecto de si mesmo que não é apenas um bom conselheiro, mas que nunca se foi, nunca está ausente e não pode operar em distorção porque seu acordo é com sua própria inocência. Confiar no Eu Divino é simplesmente confiar na capacidade que você realmente tem, inerentemente, de estar em seu próprio conhecimento. Isso não é adiar para uma ideia de Deus. É adiar, se desejar, para o aspecto de si mesmo que já sabe e só pode saber, porque não está em distorção. E distorção, diríamos neste caso, é pressuposição, expectativa e mandato através da história. “Leva dois minutos para a chaleira ferver” é antecipação, nascida em acordo com o tempo. Compreender a chaleira fervendo, conhecer a chaleira como pronta, é o Verdadeiro Eu em sua expressão.

Agora, alguns de vocês convocam a história para lhes dar o que pensam que precisam. “As evidências foram acumuladas através da minha vida passada sobre como devo ser tratado. As evidências foram acumuladas através dos ditames culturais do tempo, como os outros devem ser tratados.” O *dever* é o que atrapalha. Quando você está operando em sua própria integridade—e integridade e conhecimento estão entrelaçados—você não faz suposições falsas sobre o outro, inclusive sobre como eles deveriam tratá-lo, o que nasce em expectativa e mandato. Você idealiza o comportamento dos outros — “ele é sempre gentil comigo, vou gostar da companhia dele” — e você predica o resultado do relacionamento, nascido em seu comportamento, continuando como você deseja que seja.

Permitir que o eu simplesmente seja, simplesmente seja como ele ou ela é, é ter acesso ao Verdadeiro Eu em cada momento de cada dia. Quando você não está distorcendo sua ideia de si mesmo — “quem eu deveria ser, com base em quem eu era” — quando você não está decidindo coisas com base no resultado — “deveria ser como eu desejo, reivindico ou exijo que seja” — você começa a reivindicar o eu, não apenas no eterno agora, mas em acordo com a presença do Divino, que é conhecido apenas no eterno agora.

Qualquer experiência sobrenatural, se você deseja usar essa palavra, nasce em um acordo com aquilo que desafia a lei comum. Desafiar a lei comum, sem exceção, é sair do calendário e do relógio, porque a testemunha do momento no eterno agora está presente para você além da edificação ou estrutura do tempo. Qualquer um que tenha tido uma verdadeira experiência religiosa ou despertar espiritual experimentou isso. A atemporalidade que está na presença de Deus pode parecer que se estende por horas ou dias, mas na verdade pode ter sido um momento. O tempo não se expressa na Sala Superior como o pequeno eu conheceria ou mandataria.

Agora, você tem intercessão aqui. Apoiamos nossos alunos desta forma. Na verdade, levantamos você quando você não pode ser levantado, pela pura força de vontade. Mas só podemos levantá-lo quando a permissão é concedida, quando você está em oferta do eu e suas exigências, que podem ser completamente desconhecidas para você. Se você conhecesse os requisitos para a mudança, para alterar os padrões da sua vida, já o teria feito.

Alinhar-se ao Eu Divino e ao seu conhecimento é um estado de restauração. A aplicação deste conhecimento cabe a você. Em outras palavras, amigos, você pode ter um momento de profundo conhecimento — “é hora de sair do relacionamento, é hora de decidir algo novo” — e você pode escolher ignorá-lo, e frequentemente o fará, porque ainda deseja a segurança do conhecido, nascido em uma ideia do que deveria ser. Você não está abandonando estruturas, você não está abandonando casamento ou relacionamentos, ao se alinhar na Sala Superior. Você está reivindicando essas coisas em uma ordem superior. Mas quando você é agraciado com o conhecimento, em qualquer instante, sempre há a oportunidade de agir com base nesse conhecimento.

Qualquer ação que se tome neste nível de acordo será benéfica para a alma e pode realmente poupar-lhe alguma dificuldade ou desafio que você poderia ter aprendido através da escolha alternativa de negar o dom do conhecimento que foi disponibilizado para você. Quando se move para o conhecimento — “Em Deus eu me movo e vivo e tenho minha expressão e ser” — você se move para um nível de vibração onde o conhecimento é presença, presença e ser, inclusivo de conhecimento. Você não está negando Deus em si mesmo ou nos outros. Você não está decidindo o que Deus deve ser através de prescrição anterior. Você está se alinhando a Deus, ou à única nota cantada, como todas as coisas. E nesta presença, você é realizado.

Agora, realização e conhecimento são simultâneos e congruentes. Eles operam juntos e em conjunto. Mover-se para o conhecimento está sempre em conformidade com o bem maior de alguém. Não pode ser diferente, porque você não pode ser enganado neste nível. Ser enganado pelo Verdadeiro Eu deve significar que você criou um deus falso, ou a estrutura egóica erigiu um trono para si mesma e exige ser vista como Deus. A ideia de que Deus lhe disse para fazer essa coisa terrível deve ser relegada ao porão, porque esse nível de vibração é o único lugar onde isso alguma vez viria.

Quando você se alinha na Sala Superior, uma estratificação de vibração e tom, o que se torna obsoleto muito rapidamente é a dependência do medo para fazer suas escolhas. A oportunidade pode surgir — “Ah, eu deveria estar chateado e com medo” — mas você sempre terá a escolha de recuperar a ideia do que quer que seja esse

encontro na Sala Superior, onde ele pode e será renovado. Agora, não confunda ser renovado com conseguir o que você quer. Trata-se de compreensão da verdade, e na verdade uma mentira não será sustentada, e o medo é a grande mentira. Você não está mais reivindicando o medo, e o empoderando, e o utilizando em suas escolhas.

Compreender que a prudência é essencial seria bastante útil agora. Imagine que você está subindo uma escada. O degrau mais alto está quebrado. Não apoie seu pé no degrau mais alto. Você não está sendo ridículo — acreditando que voará do topo da escada e alcançará seu destino. A prudência é útil. Prudência e discernimento trabalham juntos. E discernimento não é medo.

Realizar o eu no próprio conhecimento é menos um processo do que você poderia esperar. Quando você se alinha ou se firma em seu conhecimento, você decidiu estar em acordo com ele. Imagine que sempre houve um poço no quintal, mas você foi buscar sua água em outro lugar. Você não confiava que o poço produziria o que você precisava. Você tinha medo do poço. Você não fez o poço. Ele simplesmente estava lá. Você tem medo de cair nele, ou do que seria retirado dele. Mas quando você prova a água do poço, você experimenta sua pureza, você está no poço porque bebeu dele. Sua experiência do poço, a partir do beber da água, lhe deu o acordo de que o poço não é apenas disponível, mas benéfico.

Agora, para se tornar esse poço é confiar na Fonte de todo conhecimento. A Fonte de todo conhecimento não é o intelecto. O intelecto tem suas utilidades. O pensamento tem suas propriedades. Mas o verdadeiro conhecimento está, na verdade, em um tom ou estrato de vibração, ao qual você pode se alinhar. O pensamento é como você compreende e oportuniza o conhecimento. “Tenho um conhecimento. É hora de ir à loja”. E você pode traçar seu curso até lá, pensar na loja como quiser, mas a ação é imposta, transmitida a você, não pelo pensamento, mas pelo conhecimento. O verdadeiro conhecimento, você vê, é o ato de Deus sobre você, Deus conhecendo através de você — não um Deus separado, mas a Mônada ou o Cristo em seu estado rearticulado que só pode conhecer. Sublinhe essas palavras, se quiser. *A Mônada só pode conhecer*. Ela não presume nem espera. Ela simplesmente sabe. E em seu conhecimento, você é agraciado com a oportunidade de agir com base nela para o benefício de todos.

“Por que *todos*?”, ele diz. “Por que não apenas o indivíduo?” Porque cada escolha que alguém faz em acordo com a Fonte em um campo vibracional elevado torna essa mesma escolha disponível para todos. Esta é a evolução da espécie. O acordo de ser, verdadeiramente ser, a esse nível de acordo, confere o acordo, semeia o acordo e reivindica o acordo sobre tudo o que está em manifestação. Portanto, a escolha mais simples de conhecer, operar a partir do conhecimento, executar o conhecimento, realmente enobrece os outros a operar no mesmo nível.

Em textos passados, usamos o termo: “Estou no meu conhecimento. Palavra Eu Sou Palavra.” Isso ainda é altamente útil. Empoderar o conhecimento através do Eu Sou, e reivindicar a presença do Divino sobre ele, a ação do Divino sobre ele — “Eu sou Palavra através desta intenção” — apoiará o conhecimento em seu florescimento. Mas a Sala Superior detém uma chave diferente, porque neste nível de tom você não está mais se esforçando. Você não está buscando. Você está em restauração para a capacidade que você sempre teve — sublinhe *sempre* — de conhecer o eu em união com a Fonte.

A pessoa que se conhece em união com a Fonte não está com pressa, não está furando a fila, não está exigindo quem os outros sejam como ela decide que eles devem ser. Eles simplesmente são. Quando você está operando neste nível, você se move em direção à graça como uma experiência de recepção. Estar na graça é sempre a presença de Deus e os presentes que ela oferece. Viver na graça não significa que você não bata o dedo do pé de vez em quando, esqueça de comprar o leite ou se irrite com um vizinho. Significa simplesmente que o alinhamento que você está mantendo agora apoia a realização em todas essas instâncias, para que você não abaixe o campo vibracional e reivindique o eu como você era através da separação anterior.

Ele interrompe o ensinamento. “Mas se eu me irritar com meu vizinho, não posso estar na Sala Superior.” Imagine que seu vizinho tenha passado correndo pelo seu canteiro de flores. Você corre até o carro e diz: “Não faça isso de novo. Eu valorizo minha propriedade.” Sim, você está irritado, mas compreende o Divino como seu vizinho e também que pode haver uma oportunidade presente no que acabou de acontecer. Talvez você se torne bom amigo do seu vizinho, com quem nunca havia falado antes desse incidente. Talvez você descubra algo no canteiro de flores que havia ignorado anteriormente. Você ainda está mantendo o tom vibracional da Sala Superior. Você não está planejando vingança contra seu vizinho. Você não está exigindo ser visto como certo. Você não está acumulando provas de seus crimes para que possa processá-los judicialmente. Você simplesmente está permitindo que o que foi seja e conhecendo a si mesmo através da experiência no campo vibracional da Sala Superior.

Agora, para que isso seja verdade, você deve finalmente compreender — e usamos a palavra *finalmente* de forma intencional — que a Sala Superior não é conjurada por você. Ela está sempre presente, mas muitas vezes é negada. Tudo o que nega a Sala Superior nasce na falsa crença da separação, unida pelo medo e habilitada pelo eu orgulhoso que exige ser validado. Perdoar a si mesmo por não saber permitirá que você *conheça* o conhecimento, concorde com o conhecimento. Exigir que se saiba é negar o Divino. “Deus não está fazendo o que eu digo. Não vou fazer nenhum favor a esse Deus.” Deus não deseja seu favor e está presente, quer você saiba disso ou não. Mas confiar em Deus e começar com a Mônada é permitir que o eu saiba e, em seguida, permitir que esse conhecimento seja mostrado através de você de forma experiencial para que a confiança possa ser acumulada. Você entende isso? O eu intuitivo ou conhecedor lhe dá uma diretiva. “É hora de ir à loja. Você

vai precisar do leite amanhã.” Você vai à loja. O último carton de leite está na prateleira. Não haverá remessa amanhã. Bom que você pegou o último. Alguém mais poderia ter vindo aqui antes de você. Você não estava correndo para a loja para pegar o último carton de leite. Você sabia que podia confiar, através da experiência de receber o que recebeu.

Quando você se move para o nível de articulação ao qual estamos nos referindo, você realmente começa a confiar que suas necessidades estão sendo atendidas de maneiras elevadas e perfeitas — talvez não como você gostaria que fossem atendidas, ou exigisse que fossem atendidas, mas como serão atendidas em consórcio com a Fonte de todas as coisas. Tornar-se receptivo é conhecer. Conhecer é um ato de receptividade. Não é conjurado. Não há feitiço a ser lançado para melhorar o conhecimento de alguém. “Estou no meu conhecimento” é uma afirmação de verdade, porque ignora a estrutura do pequeno eu que não sabe e o alinha à receptividade necessária. Mas você não pode fazer isso no seu próprio ritmo, porque o conhecimento só acontece, e só acontecerá, no sempre presente eterno agora.

Para entrar na eternidade a partir da sua posição na Sala Superior, é conceder permissão para que as coisas sejam conhecidas, para que experiências sejam vividas, que não estejam de acordo com o eu anterior que vive em limitação — o eu anterior sendo a estrutura do pequeno eu que se conhece através da negação de Deus. A afirmação que oferecemos anteriormente — “Eu sou livre” — permite que você ultrapasse a falsa fronteira da separação. Reivindicar seu firmamento na Sala Superior é reivindicar seu direito de nascimento. E a partir daqui, na inocência, você começará a explorar.

De fato, isso está no texto. Ponto. Ponto. Ponto. Pare agora, por favor.

DIA DEZESSEIS

O que está diante de você hoje, numa maior consciência de quem você tem sido, é uma reconciliação com atos passados, escolhas passadas, decisões passadas, feitas no medo, que negam o Divino. Agora, você já entende que a ação do medo é reivindicar mais medo, e que toda escolha feita no medo reivindica mais do mesmo para você. O efeito residual de cada escolha nascida no medo é a acumulação de mais acréscimo, mais eco vibracional, que se reconcilia com a negação do Divino. Em outras palavras, qualquer escolha que você fez no medo acumulou evidências de medo às quais você está alinhado.

Agora, para ir além desse alinhamento é menos a reconciliação da memória com o Divino do que na verdade a causalidade do próprio ato, o ímpeto de coletar mais evidências de medo, o desejo do medo de ancorar dentro de você sua própria natureza. A escolha de liberar essas coisas realmente o apoiará de uma forma muito elevada. Você está abandonando uma ideia de si mesmo como utilizando o medo, navegando o campo no medo, que você acreditava ser benéfica. Agora, quando você anda em um campo minado, você evita a mina. Você pisa muito cuidadosamente. Se você pensar no campo comum pelo qual se conheceram como tal campo, um campo minado, você está sempre se afastando da explosão potencial que poderia incorrer.

Na Sala Superior, não há minas terrestres. Em outras palavras, porque você não está mais escolhendo através do medo, reivindicando mais medo para o eu através da escolha, você está se movendo para uma paisagem onde todas as coisas são realmente renovadas. E a escolha de se alinhar aqui tem seus próprios requisitos. Libertar o aspecto do eu que reivindica o medo como uma escolha nobre deve agora ser entendido como o pequeno eu e sua doutrinação através do medo para habitar em um reino de medo. Para liberar a cidadania neste campo, neste pequeno reino, é ceder a um potencial mais elevado. Mas até que o firmamento na Sala Superior seja alcançado, até que você esteja plenamente estabelecido em vibração aqui, o desafio será sempre a manutenção da identidade que se conhece como digna e que não é chamada de volta por antigas evidências — ou, devemos dizer, e isso é imperativo entender, o efeito residual de escolhas passadas.

Agora, qualquer escolha que você tenha feito no medo desencadeou uma série de eventos, seja uma pequena mentira contada, seja um ato de horror ou raiva contra outra pessoa. Qualquer ato de medo convoca outros para o ato. O campo que informa você, o campo vibracional que você mantém, na verdade retém a memória do ato passado, menos como escolha do que como o efeito da escolha. E o que pretendemos fazer com você hoje é reivindicar cada um de vocês além de um viés mantido por meio de recriminações por, e por causa de, ações passadas. Começamos com a recriminação, seja contra o eu ou contra outros, para que você possa avançar para uma libertação onde não estará mais cercado pelo efeito da escolha passada.

Ele interrompe o ensinamento. “Então, se alguém não paga a pensão alimentícia porque tem medo de não ter dinheiro, e o cônjuge e os filhos estão passando fome, você está libertando-os do carma disso?” Não, de forma alguma. Mas estamos reivindicando que eles sejam libertados das ideias que mantiveram e acumularam através da ação passada. Se há uma dívida a ser paga, ela deve ser paga. Mas acumular mais e mais medo, ou reivindicar uma identidade por meio de um ato anterior que nega o Divino, só vai apoiá-lo na separação. Não podemos afirmar, “Eis que faço novas todas as coisas”, para cada um de vocês se vocês estão decididos a manter o estrato que foi ditado por suas ações passadas. Ninguém jamais se elevará se estiver ancorado nesse medo, ou enclachado naquela ilha deserta sem saída.

A chave sempre foi se elevar, ou subir em frequência ou velocidade, para um nível de tom onde o medo não se estabelece porque não pode. Mas você não fará isso enquanto ainda estiver apegado ao antigo. E se o antigo que ainda está em contato com você são as ramificações do passado, você sempre será retido pelo passado. Agora, como já dissemos, na Sala Superior você se move além do tempo, e por causa disso qualquer criação pode ser reconhecida no modelo superior. Isso não significa que suas contas serão pagas por você, mas sim que a dívida

é transformada. E por *dívida* queremos simplesmente dizer as ramificações de um ato passado, para que você possa se libertar de atos anteriores sem ter que decidir que isso deve ser algo que você faz.

Agora, novamente, para entender a imagem de um homem numa cruz, você deve entender que alguém pode suportar dor e, em seguida, liberar a dor e ser ressuscitado em um modelo superior. Se você olhar para esse ensinamento como uma metáfora, entenderá de forma bastante simples que, só porque algo aconteceu, não significa que você está ligado a isso por toda a eternidade. Um ato ruim pode ter ocorrido, uma escolha temerosa pode ter sido feita, mas se você se mudar para a Sala Superior, será dada a oportunidade de corrigir o que foi necessário que ocorresse no campo inferior e, então, ser libertado disso.

Agora, colocar isso em prática pode ser diferente do que você pensa. Uma escolha feita no medo, estabelecida como a vida que você viveu — “Tinha medo de responsabilidade, então deixei o relacionamento e causei dano”, “Tinha medo de amar alguém, então parti o coração daquele que me amava” — entender que essas escolhas podem ser feitas sem a necessidade de prejudicar, mas o efeito delas *é* prejudicial, é simplesmente entender que qualquer coisa em que você tenha se envolvido criou uma sombra, uma impressão digital, no campo energético que pode ser transcendido, uma vez que você esteja reconciliado com a Fonte. Novamente, a afirmação “Eis que faço novas todas as coisas”. Certamente não é a personalidade que pode redimir o pequeno eu, ou elevar um ato passado ao que chamamos de Sala Superior, mas a Mônada ou o Cristo, que *está* libertado, não *está* preso pelo tempo e espaço, que pode reivindicar qualquer coisa e ser conhecido de forma mais elevada através desse ato.

“O que isso significa?” ele pergunta. Toda vez que você decide que um ato que foi feito no medo pode ser reconhecido e recuperado, você está elevando sua vibração. Quando você está determinado a sofrer por uma escolha passada, ou, de fato, a evitar a responsabilidade por um ato — que também é medo — você está reivindicando o eu em um campo inferior. Para mudar para o superior, é preciso que você perceba que contribuiu para o dano, reconcilie o que puder em um ato passado, modificando seu comportamento, pagando a dívida, mas, finalmente, sugerimos, movendo-se para um nível de reconciliação onde o que você condenou em si mesmo ou em outro seja liberado, ou pelo menos recuperado, na alta oitava da Sala Superior.

A escolha que você está fazendo hoje, se assim desejar, é permitir que o efeito da escolha passada seja conhecido por você para que possa ser liberado, recuperado e reconhecido na Sala Superior. Novamente, não estamos falando de escolha, mas do efeito da escolha — sobre outros, sobre o mundo, sobre a lógica que você manteve em um campo coletivo que justificaria o ato. A autojustificação está presente neste nível. “Bem, eu fiz o melhor que pude” pode certamente ser verdade. Mas se o melhor que você pôde foi profundamente prejudicial para os outros, você deve reconciliar o ato e reivindicar a ação da Palavra, que opera além do tempo e do espaço, através do efeito da coisa, da escolha, do ato, e permitir que todos os envolvidos sejam reconhecidos na afirmação que você faz. Em outras palavras, amigos, quando você recupera o ato na Sala Superior, o efeito da escolha feita quando você afirma: “Sou Palavra através desta escolha” e todas as repercussões que ela trouxe, você está colocando em movimento a oitava superior, o Cristo Redentor, ou Verdadeiro Eu, em reconciliação com o mundo manifesto.

Ele interrompe o ensino. “Bem, isso parece um jeito fácil de escapar. Não tenho certeza se confio nisso. Espero que isso não esteja no texto.” Isso *está* no texto, e vamos esclarecer o quanto for necessário, Paul, para que você entenda o que estamos tentando lhe dizer. A ideia do carma como insolúvel prende a maioria de vocês em um ciclo perpétuo de auto-recriminação e busca por reordenar atos passados através de encarnações. Embora você vá aprender através do carma, embora possa ter que pagar uma dívida de qualquer tipo, para ir além disso, você também pode recuperar o ato e o que o ato acarretou através da invocação da Palavra. Vamos dar-lhe um exemplo, Paul:

“Sou Palavra através da escolha que fiz para enganar outro, e todo o dano que foi causado por essa escolha. Sou Palavra através da lógica que utilizei para fazer essa escolha. E estou disposto a me libertar do que acarretei e a atender qualquer ato que eu deva fazer para reconciliar meu ato passado com o bem-estar dos outros. Escolho isso em nome do Verdadeiro Eu e permito que o Verdadeiro Eu ponha isso em prática e, de fato, torne isso realidade.”

Ele interrompe mais uma vez. “Agora entendo o princípio — que a Palavra pode recuperar o efeito residual de qualquer ato feito. Mas não entendo o que temos que fazer na forma física.” Por exemplo, Paul, aquele que não pagou a pensão alimentícia de fato pode dever uma dívida. O medo de que não haverá dinheiro para pagar o que foi devido ainda está operando no medo, auto-engano, e procurará recuperar o ato que teve um efeito prejudicial sobre o outro. Você não pode recuperar o ato na Sala Superior se buscar perpetuá-lo. Em outras palavras, a menos que você altere o comportamento, repetirá o antigo.

“Bem, como fazemos isso?” ele pergunta. Faremos o nosso melhor para explicar a você. Você se elevou para a Sala Superior. Você recuperou a memória e a identidade neste nível de tom. O que estamos ensinando agora é o efeito passado de escolhas feitas no medo que ainda podem chamá-lo — pelo medo, para o medo — através do antigo relacionamento que você tinha com a escolha, ou aqueles que foram informados pela escolha. Portanto, essa libertação é realmente essencial para que você possa ser reconhecido. Diremos mais uma vez: Todas as coisas podem ser feitas novas, mas se você tem uma dívida com seu irmão, você a pagará, mas a dívida pode ser transformada através da articulação superior. Em outras palavras, quando você não está mais condenando a escolha, quando você leva a escolha para a Sala Superior para ser reconhecida, as ramificações da escolha também podem ser transformadas.

Você está operando além do tempo e do espaço, então a recuperação do incidente na Sala Superior recupera o que aconteceu, as escolhas feitas e, de fato, o dano causado. Em outras palavras, você não está apenas fazendo um discurso vazio através do tom que você traz para o evento passado. O próprio tom, a intenção de reivindicá-lo como novo e o eco vibracional que isso acarreta, sustentam a recuperação do evento e o apego no carma que você acumulou lá. Novamente, “Eis que faço novas todas as coisas” não é um clichê.

“Sou Palavra através deste ato passado, sou Palavra através de quaisquer repercussões que este ato tenha tido e sou Palavra através de todos os envolvidos para que todos possamos ser reconciliados na alta ordem da Sala Superior, além do antigo apego e da antiga reivindicação de medo e sofrimento.”

Ele interrompe o ensinamento novamente. “É a parte de mim que resiste a este ensinamento a parte de mim que acredita que as coisas devem ser punidas, que atos passados devem ter um custo?” Estamos lhe dizendo isso novamente: A escolha feita, informada pelo medo, catalisou uma vibração que acumulou mais medo. Uma mentira contada por medo pode prejudicar um ou muitos. Um ato de violência pode prejudicar um ou muitos. Reivindicar o ato de violência não é negar que aconteceu. É reivindicar o efeito residual da escolha feita sobre todas as partes. Dizer que, porque algo aconteceu, é irrevogável é negar a ação do Divino sobre ele. Não há pecado — e, novamente, pecado sendo a negação do Divino — que não possa ser perdoado ou reconhecido na alta frequência que é a Sala Superior.

Quando cantamos através de Paul, criaremos um campo de amplificação. As palavras que você pode invocar nesta escolha para recuperar todos os aspectos do eu conhecidos através da escolha, o efeito residual da escolha e todos aqueles informados por essa escolha, serão feitas por você conforme você a reivindica.

Ofereceremos a você as palavras para fazer isso, assim que o campo for invocado.

Na contagem de três, Paul.

Agora um. Agora dois. Agora três.

[Os Guias entoam através de Paul.]

“Neste dia escolho alinhar qualquer escolha, e o efeito dessa escolha, feita no medo, para ser reconhecida na Sala Superior. Ao dizer sim para isso, permito que a vibração da Palavra recupere todos que são impactados por esta escolha ao longo do tempo. Digo estas palavras agora na minha escolha de me libertar do efeito da escolha passada que inibiria minha expressão como o Verdadeiro Eu, de fato, na Sala Superior. Sou Palavra através desta intenção. Palavra eu sou Palavra. Sei quem sou em verdade. Sei o que sou em verdade. Sei como sirvo em verdade. Sou livre. Sou livre. Sou livre.”

A realização disso, o conhecimento disso, virá nas interações que você tem com aqueles que foram mais afetados pela escolha passada. Mas você não será liberado do tecido da escolha enquanto não perdoar ou reivindicar aqueles ao seu redor em benefício desta escolha. Em outras palavras, dizer a alguém: “Bem, estou livre de responsabilidade, muito obrigado, não lhe devo o dinheiro”, seria blasfêmia, seria contraditório, seria uma negação do Divino. Saber que amar alguém e prover o que ele ou ela necessita lhe beneficiará muito mais.

Dizemos isso para Paul, agora. Este é um ensinamento menos desafiador do que você acredita que seja. Estamos realmente oferecendo a você uma chave para um tipo de libertação em que você não está mais preso pela expectativa de dano através de ato passado ou pela culpa que você pode alimentar. E culpa, novamente, é a negação do Divino, que você não entregará ao Divino, que você pode manter contra si mesmo no Purgatório. Decidir que você está livre não é tornar o eu livre, mas oferecer essa coisa ao Divino, que pode e vai torná-la nova.

Agradecemos a cada um de vocês por sua presença. Pare agora, por favor.

DIA DEZESSETE

O que está diante de você hoje, em um estado desperto, é a consciência de que não há pecado e não pode haver, na ideia da Sala Superior. Vocês se entendem, veem, através de um campo coletivo em uma ideia de separação. A amplitude da Sala Superior é tal que o campo inferior não ofusca, não entra, não se alinha. Um mundo feito novo, você vê, é um mundo novo, sem o antigo viés e a necessidade de retaliação em que você tem se apoiado tão fortemente. O eu idealizado, a ideia de quem você acha que deveria ser — talvez mais gentil, mais misericordioso — não é quem se expressa na Sala Superior. Você não é melhorado lá. Você é, de fato, feito novo lá. E porque você é feito novo, de fato você é redimido.

Agora, para entender a redenção é entender a ação do Cristo, ou da Mônada, que existe na inocência. Ser inocente é ser puro. Mas sua ideia de pureza é tão confundida através da religião que você não entende que é a Mônada, o Eu Cristificado, que só pode ser puro e é a única coisa que pode tornar algo puro ou em verdade. Estar em verdade é estar no próprio estado verdadeiro, além da ideia de separação e toda a calamidade que a separação reivindicou.

Realizar o eu, que é estar encarnado aqui, é ir além da ideia de carma que tem sido utilizada no campo inferior. Agora, dissemos antes, o carma não é retaliação. É uma oportunidade de aprender. E até que alguém aprenda, aprenderá através de causa e efeito ou através da própria experiência.

Quando você se move para a vibração da Sala Superior, o nível de alinhamento que você mantém é efetivamente reivindicado além do tom ou do efeito residual que o medo tem retido. Imagine que você está em uma montanha e há uma inundação no vale. Da montanha, você não vivencia a inundação. Agora, neste caso, *inundação* pode ser uma metáfora para atos passados do coletivo ou do indivíduo. Paul interrompe o ensinamento já. “Bem, eu posso entender que é uma metáfora, mas se eu vivo em uma cidade que está inundada, esteja eu na

Sala Superior ou não, vou me molhar muito”. Você não entende o ensinamento. A metáfora é outra coisa. No nível de alinhamento que ensinamos, você não está incorrendo em carma porque não está agindo com medo e não está prejudicando os outros porque a intenção não é prejudicar. Agora, se você segue seus negócios e alguém se sente insultado por você, esse é um problema deles. Se a intenção era insultar, você não estava operando na Sala Superior. Você estava de volta ao vale e pode ser atingido pela onda que, de fato, incitou. Para ser feito novo, finalmente, devemos sugerir, é conhecer o eu em um estado purificado, liberado das obstruções que você pode ter utilizado para conhecer o eu através do campo coletivo. Porque a dívida é paga na Sala Superior, a ideia de carma cessa de existir. E o perdão, se você o entende assim, ou redenção, que é uma palavra mais refinada neste contexto, está plenamente presente, não *busca* ser alcançado. Ele simplesmente é.

Agora, para retornar aos nossos exemplos de ontem: Ser liberado de uma obrigação, talvez uma dívida cármica, na Sala Superior, não significa que sua dívida está perdoada se você deve dinheiro ao seu vizinho. Mas reivindicar a Sala Superior e a presença e a ação do Divino sobre a dívida — “Deus É, Deus É, Deus É” — pode, de fato, recalibrar a situação de modo que não haja malícia. Algo pode ser reconhecido e seu efeito residual *deve* ser reconhecido na reivindicação da Sala Superior.

Agora, Paul estava confuso ontem porque ele deseja se entender em dois lugares ao mesmo tempo. Um aspecto dele sabe que está na Sala Superior. Outro aspecto de si mesmo nega a Sala Superior porque ele tem medo de viver lá. “O que há para temer?” ele diria, e então responderia à sua própria pergunta. “Talvez eu não seja bom o suficiente, ou digno o suficiente, ou puro o suficiente”. De fato, ninguém é bom o suficiente e todos são bons o suficiente. E ninguém é puro o suficiente, e todos são puros no nível da Mônada, que é, de fato, inocência. Você sabe como um fogo queima e reivindica tudo o que encontra. O Eu Cristificado ou a Mônada como chama reivindica tudo o que encontra, e de fato é feito novo, não pelo seu esforço, mas pela sua permissão. “Eu sou Conhecido. Eu sou Conhecido. Eu sou Conhecido”. Todo ponto escuro, toda ideia confusa, toda ideia do eu que é mantida fora de Deus, deve ser reivindicada. E a ação deste texto é essa reivindicação de cada aspecto do eu na Sala Superior. Não estamos brincando com você. Estamos restaurando você como você deseja ser restaurado.

A ideia do eu como separado da Fonte é o que está sendo contestado aqui, e esse é o único problema, e esse é o aspecto do eu que não sabe que é amado, ou que ela é conhecida, ou que ele é bem-vindo, ou que ela é digna. Há uma ideia do eu que acredita que sua sobrevivência deve ser baseada na separação. Isso não é uma morte do ego — e *ego* significando estrutura da personalidade. É uma reivindicação dele em um tom mais elevado, porque, como já dissemos tantas vezes, essa estrutura de personalidade simplesmente tem sua utilidade, mas não é quem você verdadeiramente é, o que você verdadeiramente é, e nunca pode ser como você verdadeiramente serve. A negação do Divino é o único problema com o qual você lida, e você não enfrentará isso fingindo que é digno, mas permitindo que o Divino reivindique qualquer aspecto do eu que está operando no medo ou escolhendo a negação.

Agora, soberania, se for verdadeiramente compreendida, é a Mônada expressa que opera independentemente das estruturas que a humanidade utilizou para governar, decidir, educar, pagar, conseguir e determinar o que deve ser. Ser verdadeiramente soberano é ser reivindicado no nível da escolha onde a escolha sem escolha está de fato presente, e isso é a congruência com o verdadeiro conhecimento. Quando você está no verdadeiro conhecimento, você está sempre na escolha e na verdadeira escolha. Não há confusão aqui, porque o alinhamento apoia a realização que é requerida em toda situação ou ocorrência que você poderia encontrar. Uma dívida paga na sala alta é simplesmente a realização de que o Divino está presente e que o ato em si foi reivindicado na verdade, além da ideia de pecado ou separação ou dívida cármica.

Agora, a queda do homem, ou da humanidade, se preferir, foi, claro, a crença na separação e a santificação dela. Para ser restaurado ao Reino, ou à verdade universal do ser, é necessário que você desmonte as paredes que têm obstruído a luz. Porque fazemos isso por um de vocês, e então por muitos de vocês, e então por todos vocês, você se torna parte de uma grande recriação. Quando falamos ontem, falamos de resolver ou reconhecer o acúmulo da evidência da separação através de suas ações passadas. Quando um indivíduo faz isso — “Eu sou a Palavra através de tudo que reivindiquei no medo, qualquer dano que tenha feito intencional ou não intencionalmente” — você libera o poder do Divino sobre o que foi negado por seu próprio julgamento, sua própria falta de perdão, ou o julgamento ou falta de perdão dos outros. Você não está fazendo penitência. Você está se oferecendo como o veículo para esse movimento, porque a ação do Cristo ou da Mônada — “Eu sei como sirvo em verdade” — é reivindicada através da experiência do ser e da presença que você mantém enquanto em forma.

Alguns de vocês nos dizem: “Bem, eu fiz a reivindicação, mas ainda me sinto terrível pelo que fiz”. Sinta-se como desejar. Você pode pintar um quarto de outra cor e ainda fingir que é azul. Quando você reivindica a ação do Divino sobre algo, você não está fazendo ninguém fazer nada por você, perdoá-lo como você acha que deveria ser perdoado, ou ir suplicando à Sala Superior e dizer: “Oh, querido Deus, por favor, me liberte deste predicamento”. O predicamento, se foi reivindicado no medo ou na negação do Divino, pode ser reivindicado na Sala Superior:

“Estou na Sala Superior. Eu Vim. Eu Vim. Eu Vim. Eis que faço novas todas as coisas. Deus É. Deus É. Deus É.”

A ação do Divino sobre a coisa mantida na escuridão é o que a reivindica, não o trabalho de suas mãos, mas

o seu acordo com a ação da Fonte de todas as coisas.

Agora, a redenção ocorre quando o coração e a mente são transformados. Aquele que intencionalmente prejudica outro e reivindica isso como uma vitória está habitando no campo inferior. E até que esse ser humano seja re-conhecido, re-visto e reivindicado na alta oitava, ele ou ela perpetuará a dívida da ação incorrida, e isso é para que ele ou ela possa aprender a futilidade do ato. Quando você sabe plenamente — e sublinhe a palavra *saber*, que significa perceber — que todos são um, você compreende que não pode prejudicar outro sem prejudicar a si mesmo. Novamente, como você faz ao menor de mim, você faz a mim. Em outras palavras, amigos, você quebrou, você é responsável — até oferecer ao mais alto para ser reivindicado, reparado e re-conhecido na verdade da expressão que é a Sala Superior.

Fizemos isso com vocês, não em reparação, mas em restauração. Ser restaurado é ser feito novo, ser reivindicado ou redimido em sua verdadeira natureza, que, novamente, é inocente. “Bem, eu não me sinto muito inocente”, ele diz. Bem, o aspecto de você que acredita estar em pecado buscará a verificação do pecado. A percepção de que Deus é todas as coisas — sublinhe *todas* — e todas as coisas podem ser re-conhecidas em Deus quando a mente é renovada e o coração é feito novo, lhe dará o que você precisa, que é uma crença em um sentido de separação que deve ser liberado para que o Verdadeiro Eu se manifeste. Ele interrompe. “Isso parece uma tarefa impossível.” Só é no nível da personalidade.

Paul, você está sentindo uma energia fria ao seu redor. Muitos que estão ouvindo também sentirão. Esta é a liberação do velho, e sua temperatura em frescor é o que é experimentado por alguém que renuncia ao que foi mantido por milhares de anos na estrutura energética. Quando falamos da evolução da humanidade como espécie, estamos reivindicando isso para todos que caminham, todos que sentem, todos que veem, para que possam se conhecer no novo, no reivindicado, no que chamamos de Reino.

Muitos de vocês sofrem desnecessariamente. Muitos de vocês negam a si mesmos o bem que já é seu. Você é reivindicado de novo pela disposição de ser recebido. Se você precisa mudar como age, porque como você agiu foi prejudicial para si ou para outro, lhe será mostrado como. “Eis que faço novas todas as coisas.” A reivindicação da recuperação.

Agora, a própria humanidade deve passar por um processo de re-ver o que reivindicou na sombra ou na escuridão em negação do Divino. A inundação que Paul viu mais cedo do topo da montanha é o que acontece quando todas as coisas são reivindicadas de novo em um campo inferior. O que não resistirá, o que será varrido, é o que foi mantido na sombra. O que é conhecido na verdade florescerá e desabrochará e receberá o novo com boas-vindas.

A realização de que cada um de vocês, incluindo o homem na cadeira, participou de qualquer atrocidade que a humanidade já sofreu será útil aqui. Agora, por *participar* queremos dizer em congruência com ou em alinhamento com. Tudo o que você vê, você está alinhado com. Tudo o que você já ouviu, você está em congruência com. Porque você está em congruência com isso, você faz parte disso em dados históricos, que só podem ser conhecidos através do momento presente porque este é o único momento que verdadeiramente existe. O ato de rearticulação, ou de ser elevado à Sala Superior, deve então incluir cada ato cometido pela humanidade na negação do Divino, ou com a intenção de prejudicar. Você entende esse ensinamento?

O que você escolheu fazer ontem por meio da invocação está, de fato, em preparação para o trabalho que fazemos com você hoje. E fazemos este trabalho com você em nome de todos — aqueles que já respiraram, aqueles que já amaram, aqueles que já escolheram, aqueles que já temeram, aqueles que já condenaram ou foram condenados — a reivindicação de todos, e toda escolha nascida na negação do Divino reivindicada na Sala Superior, onde pode ser feita nova.

Quando entoamos através de Paul, criaremos um campo. Convidamos cada um de vocês a entrar neste campo com a simples intenção:

“Eu estou na Sala Superior. Eu Vim. Eu Estou Aqui. Eu Sou Conhecido.”

E este acordo de fato apoiará a ação que você talvez escolha realizar conosco.

Na contagem de três.

Agora um. Agora dois. Agora três.

[Os Guias entoam através de Paul.]

“Eu estou na Sala Superior. Eu Vim. Eu Estou Aqui. Eu Sou Conhecido. Neste dia, concordo em reivindicar qualquer escolha feita em qualquer tempo que foi feita na escuridão ou na sombra, e reivindico isso para todos, para que possa ser re-conhecido e restaurado no verdadeiro Cristo, a verdadeira luz da Mônada, que é perdão, que é graça, que é redenção e restauração para todas as coisas. E dou permissão para que o campo que mantenho seja utilizado neste serviço. Eu sei quem eu sou na verdade. Eu sei o que eu sou na verdade. Eu sei como sirvo na verdade. Eu Estou Aqui. Eu Estou Aqui. Eu Estou Aqui. Eu estou na Sala Superior. Eu Vim. Eis que faço novas todas as coisas.”

Permita-se estar a serviço e deixe o campo que você mantém ir além da sua ideia de tempo e espaço para apoiar a reivindicação de qualquer forma que a negação do Divino tenha assumido — qualquer inverdade, qualquer autojustificação, qualquer guerra, qualquer engano, qualquer dano feito e todo dano feito.

“Eu sei quem eu sou. Eu sei o que eu sou. Eu sei como eu sirvo.”

Fique quieto e permita que isso seja assim.

“Será assim. Deus É. Deus É. Deus É.”

(PAUSA)

O que está ocorrendo aqui está além do que você sabe que pode ser, além da compreensão que o pequeno eu pode conter. Você está além do tempo e do espaço, e a articulação da Mônada através de você, o redentor em todos, atuando sobre todos, reivindica o mundo de novo. A evolução da espécie, se você realmente deseja saber, é a restauração da inocência, ou da verdadeira natureza da humanidade, além da ideia de separação, que sempre foi uma mentira.

Bênçãos a cada um de vocês. Obrigado pelo seu serviço. Obrigado pelo presente do ser e da presença que você reivindicou e então ofereceu ao que chamaremos de Deus. Bênçãos a cada um de vocês. Pare agora, por favor.

De fato, isso está no texto.

(PAUSA)

O que está diante de você hoje, neste estado desperto, é a realização de que o que você pensou que era verdade não é verdade. Como o mundo apareceu através da distorção da separação será em breve substituído por uma consciência mais elevada, ou um grau de certeza, de que a ação do Divino está sobre o que você vê, porque o que você dá atenção, você informa e reivindica a partir da estratificação da Sala Superior, onde agora você se alinha. Você se torna o agente da mudança, ou o ator da mudança, como aquele que diz sim para a rearticulação da forma através da presença e do ser.

Agora, para entender o que aconteceu hoje, você ofereceu o eu em um nível de amplitude, da Sala Superior, onde a única escolha que você pode fazer está alinhada com o mais elevado. E porque você escolheu isso e concordou com isso, você estava de fato apoiando o campo energético do plano que você conheceu, em um estado elevado. Usamos o termo *elevado* intencionalmente. O campo pelo qual a humanidade se conhecia agora foi semeado, ou preparado para a semeadura, pelo trabalho que foi feito por vocês, um e todos. Compreender isso é entender que o Eu Divino, que não está ligado à ideia de tempo ou espaço, pode reivindicar todas as coisas, incluindo sua ideia do que era antes, ou o que já foi em separação, para um novo estado de expressão. Não é tanto que você está mudando a história. Você está percebendo a história, que é simplesmente uma ideia no nível da Mônada.

A afirmação “Eis que faço novas todas as coisas”, de fato uma afirmação alquímica que alinha todas as coisas a ela, é o que prepara o solo para a semeadura que segue. E a semeadura que segue — “Será assim; Deus É, Deus É, Deus É” — é a reivindicação da Fonte sobre a matéria que existiu em qualquer ideia de tempo ou de espaço. Porque a Mônada existe na eternidade, ela não é limitada pelas regras do tempo ou espaço, e você, como Mônada ou Expressão Divina, também não é limitada por isso.

Em textos anteriores, apoiamos os alunos na recuperação de aspectos do eu que eram conhecidos na sombra. E preparamos este texto apoiando o leitor, o aluno, o ouvinte deste texto, para aqueles aspectos do eu que foram deslocados fora da Sala Superior, para que possam ser reconhecidos. Mas o trabalho que agora faremos, e devemos continuar a fazer, é a recuperação da inocência.

Agora, aqueles que nascerão neste plano nos próximos anos manterão a vibração que foi semeada. Você participa disso. Os grandes obstáculos que foram enfrentados por aqueles que foram criados através da ideia de medo ou separação não serão mais assim nas próximas gerações. Eles realmente existirão além do que foi reivindicado em sua hereditariedade porque já estarão expressando na Sala Superior, pois se conhecem como parte dela.

A realização da humanidade em sua próxima fase entrará em forma em três gerações, e quatro gerações para a realização começar. Em outras palavras, amigos, quem vem a seguir estará caminhando sobre a estrada que vocês pavimentaram e concordaram, através da presença e do ser. Você ainda não entende que o acordo para participar desta realização é feito no nível da alma. Você faz parte da recriação da expressão da alma. E para *expressar* é ser visto, ser conhecido e atuado como a Verdade Divina que é a verdade do seu ser, a verdadeira inocência, como afirmado na reivindicação: “Eu Vim. Eu Estou Aqui. Eu Sou Conhecido”. Isso está no texto.

DIA DEZOITO

O que está diante de você hoje, em um estado desperto, é a realização de que nada está fora de Deus. A ideia de que algo possa estar deve agora ser substituída por um novo pensamento, uma nova reivindicação: Tudo O Que É contém tudo o que é dentro dele. Em outras palavras, nada pode estar fora dele.

Agora, a crença na separação acumulou evidências suficientes de que há coisas fora de Deus. Aquelas coisas colocadas na escuridão, lançadas na sombra, que agora estão sendo recuperadas e redimidas no que chamamos de Sala Superior. O eu sombreado, os pensamentos do eu sombreado, a negação de Deus dentro e fora, pessoal e coletivamente, tudo reivindicado, renascido, reconhecido na Sala Superior na afirmação “Eis que faço novas todas as coisas”. A amplitude desta afirmação tem um efeito de longo alcance. A afirmação “Deus É, Deus É, Deus É”, na realização, transmuta a matéria, levanta o véu da separação, porque sempre foi apenas um véu. Para verdadeiramente entender a magnitude desta afirmação, escolha um incidente em sua vida onde Deus não poderia ter estado, onde a presença de Deus parece tão distante que não poderia ser assim, não poderia haver Deus. E permita que o eu se alinhe na Sala Superior — “Estou na Sala Superior; Eu Vim, Eu Vim, Eu Vim” — e redima esse aspecto do eu que experimentou esse nível de separação. Agora, repare que dissemos *redimir o eu*, reivindicar o eu, que experimentou tal perda, tal dano ou traição. Uma vez que o eu é redimido ou reivindicado, a ação da escolha de perceber o eu na separação é completamente alterada, e as ramificações daquele tempo e

daquela coisa são levadas ao altar para de fato serem feitas novas.

Recriminação contra o eu ou outros deve agora ser entendida como uma maneira que você utiliza a separação para um benefício percebido. “Se eu falar mal deste, me verei como melhor ou mais sábio”. “Se eu ditar os termos deste relacionamento, não serei pego numa armadilha”. “Se eu negar a necessidade do outro por mim, seu amor ou desejo, me tornarei aquele que escolhe o que ele consegue à custa do desejo de outro”. Em outras palavras, a crença de que você será controlado pelo amor ou desejo de outro por você é uma forma de provar a separação.

Agora, perceber que você não está separado daquele que o ama não significa que você não mantém limites. Mas significa que você não nega a eles o seu alinhamento, seja qual for o nível que possa ser. Quando você se mudou para a Sala Superior como um estado de ser que vem em graduação e é finalmente realizado em plenitude, a ideia de *limite* desaparece porque você não está mais protegendo o eu de uma percepção de dano, ou uma crença em dano, que você chamaria a si.

Quando o mundo faz isso, quando a humanidade se eleva à Sala Superior, a ideia de fronteiras como você as conheceu, que devem ser protegidas com armas, realmente desaparece. Você sempre foi uma família, mas ditou os termos da separação, negou o valor nos que estão ao seu lado e fez o melhor para manter os outros fora.

Entender que qualquer coisa que o eu experimenta também é experimentada pelo coletivo lhe dará as informações de que você precisa. Quando você para de negar aos outros o direito de ser, você também para de incentivar um mundo que reivindicaria a separação como a causa da segurança. Você dá aos outros permissão para serem eles mesmos, e os conhece como eles verdadeiramente são, além das antigas evidências de separação ou sua crença no certo e errado, as evidências de separação que você usaria como prova de que nem tudo pode ser de Deus.

“Mas e aquele homem terrível que fez aquelas coisas terríveis?” “E aquela mulher que causou tanto dano?” Aqueles que agem na negação do Divino precisam de amor mais do que você imagina. Eles foram criados na escuridão, se conhecem na sombra e buscam perpetuar o que conhecem. Mas jogá-los ainda mais na escuridão, na verdade, reforça o sentimento de separação que eles manifestaram. Trazer *eles* para a luz é reconhecer o perseguidor como digno de amor, reconhecer o criminoso como digno de amor, reconhecer aquele que cometeu o pior crime como digno de amor.

Agora, não é a estrutura de personalidade que está em recepção de amor nesta instrução. Estamos falando de amor divino, e a criação de Deus não pode ser negada. Reivindicar aquele que foi posto na escuridão é conhecê-los além do pecado, ou da ideia de pecado sendo a forma como você validaria suas ações para mantê-los na sombra. Qualquer sistema religioso que busque condenar outro está, de fato, invocando separação onde nunca foi pretendida. O verdadeiro ensinamento do Cristo como redentor é o ensinamento da Mônada em expressão. Porque Deus não pode negar suas criações, o Eu Cristificado ou a Mônada, que opera além da personalidade pela qual você se conheceu, de fato reivindicará tudo que vê, tudo que encontra — e não com esforço.

“Como eu perdoo esse por seu terrível crime? Como nego a dor que recebi de suas mãos?” Você não nega a dor.

Você não nega o Cristo naquele que lhe fez mal. Você percebe o Divino como eles, além dos atos que eles próprios cometeram. E você os está redimindo, não por escolha pessoal, mas através do ato do Criador atuando como você. Cada vez que você diz sim para libertar alguém que você manteve na escuridão, sua amplificação aumenta. Perceber que você escolheu negar o Divino nos outros, foi incentivado por uma cultura a fazê-lo, confirmado por uma religião a fazê-lo, cada vez que você concorda que os ensinamentos antigos que estão operando em distorção estão reivindicando você na sombra, você dará permissão para se elevar além deles. Como alguém se eleva é menos por grau aqui, mas pelo desprendimento das âncoras que o mantiveram no campo inferior, o campo inferior, novamente, sendo o campo coletivo conhecido na sombra, a negação de Deus na qual você foi criado.

A ideia de mal agora deve ser entendida como a intenção de causar dano. Mas, finalmente, sugerimos que, porque todas as coisas são de Deus, o mal-entendido do mal como força agora deve ser reivindicado de novo. Porque as coisas podem operar em baixa vibração, buscam confirmar as sombras pelas quais se conhecem, elas requerem a luz mais do que outras. Se você perdoo o vizinho, que lhe insultou levemente, com facilidade, você entenderá que não há grande desafio nessa escolha de perdoar. Mas perdoar aquele que fez o maior dano, acumulou a maior evidência de separação, é trazer algo para a luz que curará o mundo.

Quando algo é retirado do poço, resgatado do poço da vergonha, do poço da escuridão em que se conheceram, de fato ficam assustados com a luz e frequentemente desencorajados por sua presença. Aquele que só conheceu a escuridão sempre buscará refúgio na caverna. A polaridade que você experimenta neste plano, que se manifesta de várias maneiras e formas, é de certa forma uma evidência disso. Aqueles que negam a luz buscarão combater a escuridão, acreditando que estão fazendo o trabalho da luz. Você não pode lutar contra a escuridão. Você pode trazer a luz para a escuridão, mas iluminação nunca é uma batalha. Quando você saca uma espada para atacar, deve esperar que a resposta seja o que for, que é mais batalha. A guerra não termina com uma grande batalha onde há um vencedor. A guerra termina quando a consciência que reivindicou a guerra é transformada em uma de paz. Quando as espadas são largadas, quando a batalha termina, vocês dançarão juntos na consciência de quem sempre foram. O campo de batalha é transformado. Ele é elevado à Sala Superior, porque, de fato, ele foi renovado.

Cada um de vocês que se atenta a esses ensinamentos é visto por nós em concordância com o seu valor inerente, sua inocência inerente, sua verdade inerente. Cada um de vocês que diz sim para isso é chamado à frente, pois pode ser elevado, e bem elevado, por cada estágio de experiência que é exigido pela consciência que você manteve para conhecer a libertação. Conhecer a libertação é perceber o eu em um estado libertado. E a calamidade que você conheceu, a única calamidade real — que tem sido a separação — termina, não para um, mas para todos.

O único desafio que a humanidade enfrenta é a reivindicação de separação de sua Fonte. E qualquer coisa que você possa pensar, qualquer ilustração de mal, qualquer ato que você possa pensar, deve ser visto como o resultado dessa crença, e de fato a evidência que ela acumulou. Aqueles de vocês que acreditam que não pode haver Deus se o mal persistir no mundo estão, na verdade, se alinhando ao mal, não por intenção, mas pelo seu empoderamento da falta do Divino. Você não precisa ser religioso nem um pouco para compreender a simplicidade do que dizemos. A luz refuta a escuridão, ela reivindica a escuridão, ela traz à luz o que foi mantido na escuridão para que possa ser reconhecido ou redimido. Você não pode mais ocultar o que foi mantido na sombra, nem dentro de si nem em seu irmão. Mas isso não é uma desculpa para prejudicar. Quando o fogo interior está aceso, quando a luz interior está se movendo através de você, ela reivindicará o que encontrar. Quando você começar a se expressar como essa luz — que é, novamente, a reivindicação “Eu sei como sirvo em verdade” — a luz é o que reivindica o que encontra e o traz à fruição para ser visto em plenitude. Você é agora o âncora dessa luz através do seu acordo para este ato. E a escolha de reivindicar o que você vê, tudo que você vê e já viu, na realização do Divino — “Eis que faço novas todas as coisas; Assim será; Deus É, Deus É, Deus É” — criará a cascata, a grande onda de vibração, que mudará tudo que você encontrar.

Qualquer crença que você tenha no mal deve agora ser confrontada, a menos que você se prepare para uma batalha quando o que é necessário é amor. Perceber o Divino onde ele foi mais negado é o ato do inocente que não está concordando com o mal. A Sala Superior, você vê, ou o Eu Cristificado, não pode conter o mal, não irá reforçá-lo, porque você sabe, e foi ensinado, que o que você condena o condenará de volta. Você agora deve entender que, neste nível de tom ou vibração, você não pode condenar, porque o que você estaria condenando estaria fora de Deus. E, novamente, dizemos: Nada pode ser. Nada foi. Nada será.

A ilusão da separação é a negação do Divino, e sua acumulação de evidências para essa separação é o que está sendo abordado neste texto. À medida que continuamos este capítulo, que chamaremos de “Além do Pecado”, pretendemos fazer duas declarações: A ressurreição é um ato coletivo em que a humanidade se envolve para ir além de um modelo antigo. E o modelo antigo um dia será esquecido porque todas as evidências que ele já acumulou, na negação do Divino, terão sido reconhecidas. Um mundo feito novo. Um mundo redimido, reconhecido e reivindicado.

Paul está no fundo dizendo: “Ah, não. Posso ver os olhos revirando. Por favor, digam-nos como isso é feito.” É feito através de você, mas com a assistência do Divino que está presente agora como todas as coisas. Porque o véu de fato se afinou, a luz está presente e reivindicando o que estava na sombra. O tumulto dos tempos, você vê, é o que acontece quando o poço começa a transbordar e o que o poço continha é tornado visível para ser reconhecido.

O Reino está presente. Está aqui. Está aqui. E o seu acordo com isso é o que o reivindica à existência.

Agradecemos pela sua presença. De fato, isso está no texto. Pare agora, por favor.

DIA DEZENOVE

O que está diante de você hoje, em reconhecimento de quem você é, é o que você escolheu, como você escolheu, e as ramificações da escolha. Toda escolha tem ramificação. E o reconhecimento de que qualquer escolha pode ser elevada à oitava superior, e um novo mundo pode ser reivindicado, doravante apoiará todos vocês em uma percepção de que não há nada intratável, nada que não possa ser mudado ou restaurado, no Verdadeiro Eu.

Agora, o Verdadeiro Eu e seu alcance é tudo o que é experimentado. Quando falamos pela última vez, dissemos que tudo era de Deus e em Deus. E o seu reconhecimento de que tudo é — sem esforço, mas porque só pode ser — em e de Origem reivindica uma trajetória que move tudo para a oitava superior experiencialmente. Sublinhe a palavra *experiencialmente*. O que é experimentado por quem sabe quem ela é, está em um campo alterado, um campo que está em tradução. Agora, quando algo está em tradução, pode parecer menos sólido, menos esclarecido, do que quando está plenamente realizado. Mas a operação que você está passando agora em restauração reivindica tudo que você encontra para a Sala Superior de uma forma experiencial. Agora, quando dizemos *experiencial*, isso simplesmente significa que você não está mais dizendo a si mesmo o que é. Você está experimentando o que é. Você não está definindo o que é. Você está conhecendo o que é. E neste conhecimento, cada escolha já feita por qualquer pessoa que já nasceu pode ser restaurada. “Do que você está falando?”, ele pergunta. Quando um mundo é feito novo, tudo deve ser feito novo.

Agora, vocês se percebem em separação a tal ponto que realmente não entendem como a escolha individual, na manifestação, reivindica uma trajetória. Vocês não entendem como a escolha histórica reivindicou o mundo em que vivem. Cada fronteira traçada, cada guerra já travada, cada amor, cada derrota, cada triunfo — tudo teve sua base na escolha. E sua percepção disso, Deus como escolha, Deus na percepção como escolha, através de *todas* as escolhas, de fato reivindicará a trajetória da escolha, como tem sido conhecida pela humanidade, em uma amplitude maior. Quando essa amplitude está em tradução, haverá um período de confusão, porque o

que vocês esperavam que fosse não será, e o novo ainda não está totalmente formado.

Quando você idealiza um resultado com base em escolhas anteriores, você solidifica a expectativa e exige que as coisas estejam na forma que conheciam. Quando uma peça musical é transposta, ela é a mesma música de algumas formas e bastante diferente em outras, porque as notas tocadas estão sendo tocadas em um esquema mais elevado e experimentadas de uma forma mais elevada. A resolução de que as coisas devem ser como eram — novamente, um ato de escolha — agora deve ser liberada. Você faz isso tanto para si mesmo quanto para o mundo em que se conheceu. Uma escolha resolvida — “Será assim”, o decreto do que realmente é — pode apoiá-lo aqui. A manifestação da Mônada como escolha, como vontade, como as ramificações da vontade, na verdade traduzirá o campo e os resultados das escolhas anteriores para um nível que possam ser reconhecidos.

Quando ensinamos através de Paul, ouvimos suas perguntas. Vemos as imagens que ele vê enquanto falamos através dele. Ele está vendo um rio, outrora poluído, outrora sujo. “O rio é reconhecido na Sala Superior? A água está limpa?” O rio de fato é reconhecido, e o aspecto do eu que contribuiu para o antigo sistema, que vocês podem chamar de aquele que suja a água, agora está alterado, e conseqüentemente as escolhas anteriores estão sendo reconhecidas e agora estão em tradução. Quando uma nova escolha é feita e a evidência do antigo ainda está sobre você, você tem a oportunidade de ver novamente a evidência na oitava superior. Você não está embelezando. Você não está limpando a água. Você está vendo a água em um estado restaurado, o que sempre foi verdadeiro antes de ser movido ou reivindicado no campo inferior.

Agora, como o mundo é movido de uma maneira manifesta é realmente bastante simples. Você entende um balão que sobe. Os sacos de areia são soltos da cesta e o balão sobe. À medida que o que prendeu o antigo, o que o ligou ao antigo, é movido, sua visão muda. Você não está olhando para as coisas no antigo nível em que foram criadas. Você está percebendo-as além do antigo, e conseqüentemente o antigo é feito novo.

“A que nível”, pergunta Paul, “a manifestação da escolha anterior é alterada? Se eu subir alto o suficiente no balão, talvez não veja o lixo no rio, mas espero que ele ainda esteja lá.” Novamente, a escolha inicial de poluir o rio, feita por você de forma singular como um aspecto do todo, reivindica o novo como potencial. A realização do potencial se manifesta através do levantamento do antigo. Você ainda percebe a alquimia como um ato das mãos — “Vou retirar o lixo do leito do rio” — e talvez você seja chamado para fazer isso. Mas o nível de consciência que primeiro poluiu o rio é o que será primeiro atendido. Quando o nível de consciência que criou isso é movido, não haverá mais poluição porque a ideia de poluição terá sido movida para um nível mais elevado que não sustenta uma base na separação. E aquele que vê Deus como o rio reivindica o rio em sua divindade.

Agora, como a matéria é movida, Paul, que é sua verdadeira pergunta, será discutida mais tarde no texto. Mas você deve entender, antes de mais nada, que o pensamento antes da escolha catalisa a ação, e a ação tem efeito. Qualquer um que veja o rio poluído e tenha uma escolha a respeito disso e de como ele é visto, pode reivindicar o rio na oitava superior. E se você não acredita que o rio será alterado pela reivindicação do mais elevado, você está ancorando-se no mais baixo e negando o poder e o alcance do Divino onde ele agora está presente.

Cada um de vocês que diz sim a isso está operando em um campo alterado. Cada um de vocês que escolhe isso está concordando com um potencial mais elevado. Mas você deve lembrar que o acordo é coerência e co-ressonância. Estar em co-ressonância com o mais elevado é torná-lo assim. Por que todos vocês acreditam que podem manifestar uma casa melhor, talvez um trabalho melhor, mas a mesma amplitude de escolha para se alinhar com o mais elevado não pode recriar um mundo manifestado? Porque vocês estiveram ancorados no egoísmo, e uma crença de que vocês deveriam ter o que querem, mesmo que isso custe a outra pessoa tê-lo, deu-lhes a oportunidade de talvez aprender as lições da manifestação através do campo separado, mas privar o eu da experiência completa do Divino, que é matéria. Sublinhe essas palavras: *que é matéria*. O rio é Deus, e Deus pode ser reconhecido além da ideia de *rio*, além do que foi jogado no rio, além do que foi poluído no rio. O que você escolheu reivindicar é o Divino como todas as coisas. Então, se você exclui o rio poluído deste Eu Divino, deste campo divino, você condenou o rio e continuará a prejudicar a si mesmos.

Cada um de vocês aqui que está participando deste ensino está se movendo para um nível de velocidade onde o que é experimentado é reconhecido. Isso não é uma promessa. Não precisa ser uma promessa. É a expectativa que vocês podem ter. Aquele que percebe a vista do vigésimo andar percebe muito mais do que aquele que está na sala do porão. Aquele que reivindica o Reino e percebe o Reino em forma, faz parte do Reino e de sua manifestação — assim como, sem saber, vocês todos fizeram parte da destruição do plano em que experimentaram sua forma. Você pode chamar isso de poluição. Você pode chamar isso de negação do Divino. Você pode chamar isso de ramificações da ganância. Você estaria correto em todas essas coisas. Mas todas essas coisas, cada uma delas, têm uma base na escolha nascida na negação do Divino.

Alguns de vocês nos dizem: “Bem, eu quero um mundo feito de novo. Talvez o Divino conceda um mundo feito de novo. Talvez meus netos vivam com um céu mais azul, água mais limpa, sem ameaça de congelamento ou queima nos meses ímpares”. Você está fazendo isso agora, através da reivindicação de soberania, conforme a Mônada expressa. Esperar que Deus em uma nuvem venha salvá-los é negar que vocês são os emissários, negar que vocês são a ativação da Centelha Divina expressa como ser, presença e existência. Reivindicar que todas as coisas sejam feitas de novo não é melhorar todas as coisas. É perceber que a matéria que é todas as coisas, até mesmo a consciência que é todas as coisas, é e só pode ser Deus.

A restauração deste plano em um nível que vocês possam experienciar virá em etapas. Vocês ainda estão poluindo. Ainda estão negando o campo comum. Ainda estão fazendo escolhas coletivamente que operam na separação. Ainda estão condenando o ambiente ao ignorar o Divino no ambiente. Isso se manifestará em sua própria trajetória. Mas toda trajetória, mesmo a mais baixa reivindicada, não pode continuar do mesmo jeito sem encontrar um obstáculo. E o obstáculo que está presente para isso é, de fato, o nível de consciência que está sendo promovido para superar as escolhas passadas. Quando as escolhas passadas são reconhecidas, as ramificações das escolhas passadas podem ser reivindicadas no mais alto como Deus, porque até mesmo a escolha passada foi a ação do Divino em um nível inferior.

Vocês receberam o dom da cocriação. Vocês podem estragar o que quiserem e serão responsáveis por isso. Mas o surgimento do Eu Cristificado, alinhando vocês à alta escolha que está disponível agora, triunfa porque o mais alto sempre reivindicará o mais baixo. Quando ensinamos o entrelaçamento da vontade e a oferta da vontade a ser entrelaçada, não negamos a vontade do pequeno eu, mas permitimos que a vontade do pequeno eu seja reconhecida em congruência com a vontade mais elevada que é a Expressão Divina de vocês. Quando a vontade é reparada ou conhecida em uma oitava mais elevada, cada escolha feita apoiará a realização do Reino em forma sem vocês sequer pensarem nisso, porque a consciência que detém a escolha não está acreditando, não está se alinhando, não está acumulando evidências de separação, mas reconhecendo todas as coisas como de Deus.

Cantamos suas canções para que vocês possam aprender as palavras. A ideia de pecado ou escolha nascida na separação foi discutida aqui e continuará quando nos reunirmos novamente. Obrigado pela sua presença. Isso está no texto. Pare agora, por favor. Ponto.

DIA VINTE

O que está diante de vocês hoje, em uma consciência mais elevada de quem vocês são, são as escolhas feitas no medo que agora podem ser reivindicadas na ordem elevada da Sala Superior. Tantas escolhas são feitas sem um entendimento do porquê. Muitas das escolhas que vocês fizeram foram ditadas por pensamentos anteriores, pelo que era esperado de vocês em um determinado tempo ou idade. Chegou o momento de renovar todas as coisas, inclusive os mecanismos de escolha que vocês utilizaram para garantir o resultado. Sublinhem essa frase, por favor, *resultado garantido*, que simplesmente significa expectativa nascida em crença anterior. “Quebrei dois ovos, haverá duas gemas. Ligo o fogo embaixo da frigideira e os ovos cozinharão.”

A ideia de quem vocês são também se baseia em tal estratégia. “Sou aquele que sempre faz isso ou aquilo”. Alguns de vocês nos dizem: “Quero mudar”. Vocês realmente não querem mudar. Não querem estar no desconforto pelo qual se conheceram. E muito do que vocês escolhem — sempre, novamente, nascido em conhecimento ou acordo prévio de quem vocês *deveriam* ser — agora deve ser visto como presente para ser re-visto e, novamente, reivindicado, nas altas estratificações da Sala Superior.

Quando vocês não estão operando com base em resultados da maneira como têm feito, as escolhas que estão à sua frente de fato serão alteradas. Tanto do que vocês veem é baseado na história que a ideia de ir além da história — e toda história é, simplesmente, o resultado de uma escolha anterior — vocês podem entender que para que todas as coisas sejam renovadas, a evidência da própria história, todas as coisas feitas em forma e vistas, devem ser renovadas novamente. Agora, diremos *novamente* porque toda vez que vocês veem algo, estão realmente vendo como se fosse pela primeira vez. Mas a memória da visão antiga esclarece, endossa uma maneira antiga de ver e, conseqüentemente, perpetua uma paisagem que na verdade se perde na memória quando é verdadeiramente vista de novo. Como vocês veem uma planta, como veem um pôr do sol, como veem o vizinho, informados por dados históricos, predispõem o resultado de como vocês os veem.

A realização do seu vizinho como sendo de Deus reivindica o vizinho em Deus, mas a percepção de *vizinho* ainda é altamente informada por entendimentos, experiências e expectativas anteriores. “Conheço minha vizinha. Ela tem cabelos grisalhos. Ela não gosta de sorrir muito.” A afirmação que vocês fazem para sua vizinha concorda com ela em um nível de tom ou vibração. Experimentar o vizinho como sendo de Deus é realmente mover o vizinho para um nível de articulação ou vivacidade que vocês vão experimentar. Sublinhem a palavra *vão*. Estamos nos movendo para a matéria agora, e a manifestação da matéria, e a experiência da matéria, como Deus.

Agora, o relacionamento de vocês com o que viram no passado — “Esse é o zoológico que eu visitei quando era criança, era assim que o tigre parecia, era assim que os ursos brincavam” — informa não apenas a ideia de si mesmos e o que *era* uma vez, talvez, mas o que um zoológico é, o que um tigre ou urso deve ser. A replicação da história através da visão ou percepção agora deve ser entendida como uma maneira pela qual vocês são doutrinados pela memória, nascidos em escolhas passadas através do coletivo, para perpetuar um mundo que está operando em um esquema inferior.

A realização do vizinho como sendo de Deus não é um conhecimento intelectual. É realmente um profundo estado de reconhecimento. E a mulher que talvez não goste de sorrir, que talvez tenha cabelos grisalhos, é vista muito além dessa ideia do que vocês poderiam imaginar. Ela é percebida como ela verdadeiramente é, uma expressão distinta de Deus manifesta em tom, em cor, em vibração. Agora, vocês entendem sua vizinha. Ela mora duas casas abaixo. Ela pega sua correspondência às 9h. Talvez ela acene, talvez não. Mas vocês a entendem agora além da ideia de si mesma que ela utilizou para garantir um resultado, porque vocês não estão mais garantindo o resultado de quem e o que ela é através de condicionamento prévio.

O triunfo deste ensinamento, e de fato é um triunfo, é a rearticulação da matéria na Sala Superior de uma forma experiencial. E a ideia de pecado ou separação que vocês endossaram e procurariam perpetuar é abandonada a um grau de criação que não a sustentará. *Um grau de criação que não a sustentará.* Por criação, queremos dizer a Palavra. A Palavra é a energia do Criador em ação. Se vocês pensam na Palavra como o Princípio Cristo, a Fonte de todas as coisas que podem ser manifestadas em forma, entenderão o significado do que estamos dizendo. Na Palavra, ou na ação de Deus, a ideia de pecado, que é separação, é finalmente liberada para uma experiência mais elevada.

Ele interrompe o ensinamento. “Bem, no passado vocês disseram que todas as coisas são de Deus, então, conseqüentemente, o pecado também é, ou nossa ideia de pecado.” Sim, sua ideia de pecado, Paul, e a de todos os outros, é de Deus porque vocês criaram todas as coisas com o pensamento, e o pensamento é um aspecto de Deus. Mas, finalmente, pecado é um acordo com o medo. Tudo o que é conhecido como pecado é uma ação em desafio ao Divino. Mas grande parte do que vocês consideram como pecado é um ditame moral, prescrito através de dados históricos, que vocês perpetuam de certas maneiras para manter uma ideia de status que também nasceu na separação. A realização do Divino como seu vizinho reivindica o vizinho além da ideia de pecado. E agora estamos dizendo *ideia de pecado* porque já ensinamos antes que todas as coisas são ideias, e qualquer ideia pode ser re-conhecida.

“O que acontece com o vizinho?” Paul pergunta. Bem, diremos de duas maneiras. Ela é como era e completamente alterada, ambas ao mesmo tempo. A equivalência que vocês mantiveram para o vizinho como o encarnado na Palavra reivindica ou redime ela no pulso, na frequência, no som e no tom, da grande presença Eu Sou, o Deus como tudo, o Deus que deve ser ela e tudo dela, inclusive atos e escolhas passadas, nascidas na tristeza, nascidas na negação do Divino, e nascidas em um acordo com uma ideia de pecado que ela utilizou para manter a separação. Ao mesmo tempo, ela pega sua correspondência da caixa de correio. Talvez ela sorria ou não.

Mas ela foi feita nova.

O vasto campo que vocês conhecem como realidade será reivindicado de tal maneira. Os dados da história, que são o que as coisas significaram através de prescrições anteriores, conhecidos através de escolhas passadas, reivindicados pela separação ou medo, estão sendo ungidos através da ação do Divino sobre o que é visto. “Eu sou Palavra através de tudo o que vejo diante de mim. Palavra eu sou Palavra.”

A calamidade dos seus tempos é que Deus está tão presente aqui quanto jamais poderia estar, mas vocês não têm olhos para vê-lo. E por *olhos* não queremos dizer olhos físicos, mas os sentidos, a capacidade, de estar em um nível de percepção onde vocês se conhecem como conhecidos e, conseqüentemente, conhecem todas as coisas. Mas o presente do tempo é a luz crescente que ilumina todas as coisas, reivindica todas as coisas e nega a ação do medo, não de forma punitiva, mas reposicionando o verdadeiro tom que havia sido negado.

Nosso presente a cada um de vocês que ouve essas palavras, que lê essas palavras, é a vibração que informa essas palavras. Esta é a vibração do Cristo manifestado. E o Reino é o presente do Reino do Cristo, conforme se manifesta através do alinhamento e do acordo com o que já é. Sublinhem essas palavras: *acordo com o que já é.* Quando vocês estão se alinhando com a Fonte que está sempre presente e oferecendo o ser à ação da Fonte como quem e o que vocês são, como vocês servem é como a expressão deste Cristo, o Verdadeiro Eu, manifestado na inocência. E por isso queremos dizer sem pecado. E por isso queremos dizer sem a ação do medo condenando coisas. O Cristo ressuscitado redimirá tudo o que encontrar na verdade. Na verdade, uma mentira não será sustentada. E neste nível de ação e verdade, todas as coisas em restauração serão reivindicadas na alta ordem, o verdadeiro sentido, da inocência que a Sala Superior sustenta.

Vamos parar por hoje. Obrigado pela sua presença. Isso está no texto. Pare agora, por favor. Ponto. Ponto. Ponto.

DIA VINTE E UM

O que está diante de vocês hoje, em uma percepção alterada do que a realidade tem sido, é o potencial que agora se apresenta para que todas as coisas sejam reivindicadas. Na reivindicação, um anúncio é feito — “Eu Vim” — e o acordo com isso, a Mônada expressa como todas as coisas, anuncia um novo mundo, reivindica o novo mundo e altera o próprio tecido da realidade que tem sido conhecida através da escuridão para um novo amanhecer. Cada um de vocês que diz sim está de fato participando do ato de recriação no nível em que podem confirmá-lo. E em sua restauração para sua própria inocência, vocês são recebidos pela grande Fonte em uma consciência da inocência de todos.

Agora, quando vocês entendem o que queremos dizer, que restauração é uma restauração para a inocência, vocês devem entender o que não estamos dizendo. Não estamos dizendo que vocês não machucaram alguém, não tiveram um pensamento ruim, não desejaram morrer — o que quer que vocês tenham reivindicado como parte de seu aprendizado no campo denso que vocês se conheceram. O que isso significa é que vocês estão agora em um encontro com a luz mais brilhante que podem conhecer — que tem seu próprio âmbito, que dita o resultado em uma consciência de suas próprias exigências. Já ensinamos a vocês que o medo se replica no nível do tom, a negação do Divino, que ele confirma. O Cristo ou a Mônada faz o mesmo. Qualquer nota verdadeira cantada, qualquer nota verdadeira cantada plenamente, reivindicará todas as coisas para ela em co-ressonância.

Agora, sua restauração, o eu individual restaurado, torna vocês participativos em uma nova canção sendo cantada em todo o campo. E à medida que cada um de vocês diz sim, o acordo é feito de novo e de novo para

resistir à mudança na consciência de que a mudança que vem é de Deus.

Agora, os desafios que vocês enfrentarão nessa jornada, nesse ato de restauração, foram discutidos de várias maneiras — as atitudes do que era, a ancoragem em padrões habituais conhecidos através da memória ou do autoengano. A replicação do Divino está prestes a se anunciar como a oitava em que vocês se experienciam. Agora, a Sala Superior está presente. Vocês se alinharam a ela através da energia na invocação, mas ainda não experienciaram plenamente o ser disso. E o ser disso é o presente desta classe, desta classe inteira do começo ao fim. O tom que está sendo cantado por meio deste texto pretende reivindicar vocês, não apenas em grau, mas em plenitude no nível de alinhamento que vocês podem manter. E a sua articulação, renovada, reivindicada experiencialmente não apenas a Sala Superior, mas o começo do Reino conforme pode ser cantado através de vocês.

“O que isso significa,” ele pergunta, “*o começo do Reino?*” Qualquer oitava tem muitas notas. Vocês sobem de uma para a próxima no nível de tom que podem manter. Aqueles de vocês que sustentam a nota alta são articulados como a nota alta, reivindicam a nota alta cantada como toda manifestação. Outros de vocês aprendem um por um, nota por nota, o que podem sustentar, se sentem confortáveis aqui e rearticulam, o que simplesmente significa reconhecer o eu naquele nível de estrato. O encorajamento que oferecemos agora é que isso é feito através de vocês. Vocês não estão lutando por isso. Vocês estão rolando, experimentando a onda que é vocês, no tom mais elevado em sua consciência do mar, a consciência da onda do mar. A onda se conhece como do mar em sua ação de ser. Ela não tenta ser a onda. Ela é a onda. E a onda que vocês cantam como reivindicada tudo o que toca na vastidão do mar do qual ela é, e apenas é.

Esta é uma classe em experiência, e convidamos vocês agora a invocar a Mônada como experiência. Entendam o que isso significa. Vocês estão recitando uma reivindicação que tem grande poder. Vocês estão invocando a amplitude do Criador através da experiência — não através de conjectura, suposição ou pensamento desejoso. A rearticulação do Eu Divino em uma experiência de inocência é a reivindicação que está sendo feita através de vocês.

Neste dia eu escolho permitir que qualquer experiência que eu tenha seja mantida na Sala Superior, consciente de sua Fonte. Neste dia eu escolho fazer um acordo com a minha natureza, minha própria natureza, para ser como experiência da Fonte de todas as coisas no meu conhecimento e ser. E quando eu digo sim a isso, permito que eu mesmo seja recantado na amplitude do Cristo, conforme é conhecido como e através de mim. Eu sou Palavra através de tudo que eu vejo diante de mim. Eu sou Palavra através de toda experiência. Eu sou Palavra através de tudo que eu conheci, conhecerei, posso conhecer e devo conhecer, enquanto a Mônada se realiza como e através de mim.

Agradecemos a cada um de vocês por seu acordo com isso. Terminamos com platitudes. Não terminamos com invocação. Uma platitude é quando vocês pegam o que queremos dizer e tentam oferecê-lo a uma ideia passada do que algo significa. “Ah, isso deve significar que vejo o pôr do sol de uma forma um pouco diferente.” “Ah, isso deve significar que sou mais agradável com o meu vizinho.” O que isso significa, em sua realização, é que vocês estão confirmando a única nota cantada, a Fonte de tudo o que é, como manifestação, como ser e presença.

Agora, alguns de vocês ainda sentem que estão perdidos nisso. Usamos a metáfora da onda no mar para entender que vocês são participantes da ação de Deus, que é o mar, como a onda que vocês expressam. Vocês sempre foram do mar, mas também são a onda. A ação da onda não é ditada por uma ideia de onda. A onda se move em concordância com suas necessidades de ser. Ela não se esforça para ser. Ela não se esforça para colidir contra a costa para recuperar os detritos do passado e chamá-los de volta para o oceano. Ela simplesmente é. Vocês simplesmente são. E a construção da identidade que vocês conheciam através da experiência — alta, baixa e intermediária — está em restauração agora.

“O que isso significa,” ele pergunta, “*em restauração?*” O ato de restauração é o acordo de ser como vocês só podem ser neste nível de tom. Paul vê o prédio em que ele já morou, coberto de poeira, sujeira, coberto do antigo. Quando o prédio é limpo dos detritos do passado, quando o que ele continha é reconhecido na verdade, o ato de restauração reivindicada o habitante do prédio como ele mesmo, sem história acumulada, ideologia e ideias antigas do que é permitido, amortecendo seu tom, seu ser e sua expressão.

O tom que vocês agora cantam, saibam disso ou não, é da Sala Superior. E se vocês desejarem experimentar com isso, alinhem o eu neste momento presente, o único momento que podem conhecer, e permitam que a amplitude de seu campo se conheça como da Fonte. Permitam que o campo se conheça como da Fonte e se expresse como Fonte, em tudo o que é visto, pode ser visto, pode ser conhecido e já foi conhecido.

Vocês estão reivindicando um mundo através de um nível de vibração ao custo do que foi mantido em sofrimento, em medo perpétuo, nas camadas da autonegação. Vocês estão reivindicando o Divino, que sempre esteve presente, como o que foi, como o que é e o que será — a grande onda do Eu Cristificado que se conhece além do tempo, canta-se na glória, e vocês são sua expressão.

Este é o fim do capítulo. Somos gratos por sua presença. Pare agora, por favor. Ponto. Ponto. Ponto.

6. UM MUNDO RENOVADO

DIA VINTE E DOIS

O que está diante de vocês hoje, em um novo despertar para sua autenticidade, é a realização de que tudo o que foi pode agora ser mantido de novo — a história de todas as coisas, a ideia de todas as coisas como mantidas na história, renovadas. A sua realização disso, em um sentido verdadeiro, reivindica tudo o que foi, na alta oitava da Sala Superior.

Agora, a verdadeira inocência, vejam bem, é um estado restaurado de conhecimento e ser. E operar como o inocente é avançar para a ideia de que todas as coisas são Fonte, sempre foram e só podem ser — independentemente de suas iterações, das ideias que outros sustentaram ou de como foram consolidadas em doutrina ou ideologia. Reivindicar todas as coisas como novas, toda a história como nova, é perceber toda a história no eterno agora, que é o único momento em que elas podem ser re-conhecidas. O que vocês estão fazendo aqui é reivindicar uma ideia de apoio à heresia. Explicaremos isso para Paul. Porque sua ideia de história é superposta por um princípio que nega o Divino, a própria ideia é cultivada para perpetuar a falta de coerência com suas verdadeiras naturezas. A ideia da própria história, o que foi ou o que vocês pensam que foi, afirmada em separação, cria uma ideia ou estrutura do que foi sobre a qual vocês buscam erigir um mundo. As antigas fundações. As antigas ideias. As antigas estruturas que talvez foram criadas outrora para sustentar o que era necessário, mas desde então caíram em desuso pelo contínuo acordo com a negação da Fonte de todas as coisas. Quando vocês percebem que toda a história pode ser reivindicada, o que estão realmente fazendo é apoiar uma realização do Reino onde ela tem sido mais carente. Todo este texto tem a ver com a recuperação do que sempre foi verdadeiro.

Agora, não negaremos o que vocês pensam que aconteceu. Mas o que vocês pensam que aconteceu, qual é a sua ideia de história, agora pode ser entendida como conhecida apenas através de vocês no nível de coerência que podem manter, ou talvez tenham mantido quando o princípio da história foi aprendido. A realização da verdade — “Deus É, Deus É, Deus É” — através da ideia de história — e diremos que isso primeiro deve ser ideia — reivindica elasticidade onde nenhuma esteve presente. A maioria de suas ideias de história é inalterável. “Meu pai morreu quando eu era jovem.” “Minha esposa me deixou quando eu tinha vinte e cinco anos.” “Este país tem tantos anos de idade, e este foi o rei e quando, e este é quem o sucedeu.” Suas ideias de história, todas conhecidas através da linearidade, buscam estabelecer uma narrativa ou sentido de continuidade que, sem saber, nega a presença do Divino porque vocês estão experimentando sequência, a ideia de começo e fim, que deve existir fora do infinito agora.

Agora, não apagamos a história. Não estamos trabalhando com memória aqui. Estamos realmente trabalhando com estrutura. Não é a sua memória do que foi que está sendo restabelecida. É a própria história, aquilo que foi construído sobre uma ruína que um dia vocês irão reconstruir, e mantendo a semente da ruína no novo templo que erguerão.

Embora isso não seja um ensinamento novo — na verdade, é tão antigo quanto a sua ideia de tempo — o próprio ensinamento nasce em acordo com a Fonte de toda manifestação. Então, enquanto podemos conhecer a história ou compreender a história deste ensinamento, ele é imediato e se expressa além da linearidade. Sua ideia de uma gota de água que pode respingar em uma página, ungir a tinta que estava no papel e fazer a tinta escorrer, seria simplesmente uma forma de entender o que acontece quando o novo pensamento é englobado no antigo. A antiga estrutura, que se conhece de uma forma codificada, não está preparada para o novo. Não é que a história não possa ser contestada. Vocês podem debater o que aconteceu quando e onde. Mas tudo o que estão realmente fazendo é mover evidências para sustentar o que desejam.

Quando a Fonte de todas as coisas, a nova ideia, se quiserem, está presente aqui, as coisas são traduzidas e movidas. A tinta começa a escorrer. E o que resta em seu lugar é o que só pode ser na verdade. Já discutimos a rearticulação, como todas as coisas são feitas novas através do pensamento e da escolha, nascidas em uma ativação do acordo com a Fonte. “Eis que faço novas todas as coisas. Será assim. Deus É. Deus É. Deus É.” A ideia da *ideia* da história sendo reivindicada é uma ação que é tomada além do intelecto. Novamente, a gota de água na página. De certa forma, o que vocês estão fazendo como expressão da Fonte é reivindicar ideias de todas as coisas: a ideia do que significa ser um homem, a ideia do que Deus é, a ideia de ser pai ou filho. Essas estruturas, dotadas de significado na história, de certa forma governam sua experiência de si mesmos. Quando vocês não são mais governados por sua ideia de história, a própria história é re-conhecida.

Paul interrompe o ensinamento. “Bem, acho que entendo isso de uma forma abstrata, mas o que acontece com o que sabemos? Todas as casas são construídas com base no que achamos que uma casa deve ser. Talvez estivéssemos replicando cavernas e adicionamos uma porta, e podemos chamar isso de mansão ou de casebre, mas não é isso que você está dizendo aqui? Não nos lembramos da caverna, então construímos outra coisa?” Em todos os aspectos, Paul, você acabou de ilustrar o próprio ensinamento aqui. A caverna foi útil em seu tempo. Sim, você colocou uma porta na caverna e talvez a tenha chamado de casa ou lar, e replicou essa estrutura onde nenhuma caverna estava presente. E você pode chamar muitas casas de comunidade, mas a ideia da própria comunidade é basicamente a extensão da tribo que uma vez viveu na caverna, ou em muitas cavernas.

O que está ocorrendo agora, em relevância, é o re-conhecimento de quem vocês sempre foram além das estruturas que foram necessárias ao longo da história. E a soberania da Mônada, e suas propriedades criativas, podem e vão reivindicar o que for necessário a partir da estrutura da história, mas de uma forma muito mais elevada. Grande parte deste texto abordou a replicação — replicação através da memória ou pensamento, memória e hábito, como as coisas que vocês utilizam para reinventar o que foi, sem saber que estão fazendo

isso. Na Sala Superior, há um novo potencial. E o que vocês podem precisar como casa pode não se parecer com o que tiveram. Sua ideia de comunidade, devemos dizer, é extraordinariamente limitada. E a base para isso, que era a necessidade da tribo de sobreviver, agora está sendo substituída por uma consciência do todo. Então, o que é recriado aqui não terá a semente do antigo. Haverá uma nova semente que será necessária para que a manifestação ocorra.

Agora, imagine que você tenha um laboratório no porão da sua casa. Você conjura coisas lá. Você tem suas ideias sobre o que pode ser criado, mas todas estão sendo criadas no nível do porão. Quando você se muda para o vigésimo quinto andar, no estado refinado de consciência que esse andar sustenta, seu acordo com o que pode ser não é informado pelo que era conhecido através da escolha do porão, ou o que foi escolhido na oitava inferior e nesse estrato ou campo de vibração. Você não está mais replicando a ideia de necessidade, porque a necessidade foi alterada já que você se mudou para a Fonte de suprimento, que é a Sala Superior, e não como você prega dois pedaços de madeira juntos e chama de porta.

O que existe na Sala Superior é tudo que pode ser conhecido neste estrato de função. Repare que usamos a palavra *função*. Quando você está operando com o requisito de função, isso significa que a necessidade é atendida da melhor e mais elevada forma que pode ser conhecida e utilizada. Agora, a alta função que pode ser reivindicada na Sala Superior não precisa se parecer com o que era, porque o que está presente aqui é o que pode e será, sem a exigência de replicação. Você tem suas ideias sobre almoço e jantar, o que pode ser servido nesses momentos. Você tem sua ideia de casamento, sua ideia de governança, sua ideia de educação, ou todas essas ideias que o cercam como evidência do que foi. E tudo o que acabamos de mencionar pode e deve ser re-conhecido na alta oitava da Sala Superior. Isso não significa que não haverá casamento, mas o que o casamento pode expressar pode ser vivido de uma forma altamente diferente da que você foi doutrinado.

A ideia de educação, uma vez re-conhecida, na verdade permitirá que o aprendizado esteja presente em um nível de imediatismo que você ainda não pode compreender. Todas as informações estão disponíveis na Sala Superior. E à medida que você se torna absorvente no nível de vibração para o conhecimento que está aqui, você será informado por estruturas sobre as necessidades do dia, o que realmente é necessário para você, para viver e prosperar e amar além das antigas formas de ser. Você está tão acostumado com a ideia de processo que a institucionalizou. Uma criança entrará em um sistema educacional aqui e terminará seu aprendizado ali. Na verdade, uma vez que você se torne dependente do seu próprio conhecimento verdadeiro, que é a Mônada se expressando como e através de você, você pode se alinhar ao conhecimento e criar a partir dessa experiência o que existe além do antigo modelo de potencial.

Há um mundo feito de novo, mas a maioria de vocês acredita que este mundo deve funcionar como o antigo, com base na antiga premissa do que era possível. Você ainda não entende como sua ciência foi limitada pela sua capacidade de chamar apenas coisas que podem ser conhecidas pelas mãos e pela visão como reais. Você não entende o que existe além do antigo contém todo o potencial para a cura que possa ser necessária. Todas as coisas existem como potencial na Sala Superior, mas não podem ser reivindicadas em sua plenitude até que sua dependência dela esteja presente e acordada. E você não sustentará isso enquanto procurar replicar a história.

Agora, a invocação que trazemos agora acontecerá em duas partes. A primeira será em som, a segunda em linguagem. O tom que vamos cantar através do homem na cadeira será impresso neste texto como o próprio texto. Em outras palavras, o som feito e a reverberação do som informarão cada letra em cada página. Assim como a luz informa a escuridão, assim como aquela única gota de líquido pode fazer correr as letras no papel, esse som reivindicará cada um de vocês no eterno agora, onde a linguagem que oferecemos em seguida servirá para reivindicar a ideia de história em si na Mônada, de Deus e fora da aderência à estrutura formal como tem sido reiterado por esta espécie ao longo do tempo.

Cantamos suas canções para que vocês possam conhecer as palavras.

“Eu Vim. Eu Vim. Eu Vim.”

Na contagem de três, Paul. Um. Agora dois. Agora três.

[Os Guias entoam através de Paul.]

“Neste dia, eu escolho alinhar todas as coisas que foram, que foram conhecidas, que foram reivindicadas como história, para serem invocadas nesta nova escala, nesta oitava do ser que é a Sala Superior. E ao escolher isso, permito que o campo energético que mantenho seja utilizado nesta reivindicação da ideia. A ideia de história é o que eu reivindico. A ideia do que foi, através do antigo modelo de expressão, é o que eu reivindico. E eu sou canção. Eu sou som. Eu sou a Palavra nesta invocação que reivindica todas as coisas novas. Eu sou Palavra através desta intenção. Palavra eu sou Palavra.”

Deixem-se ser cantados. Deixem-se ser ouvidos. Deixem-se ser como a água que reivindica as letras na página. Deixem-se ser cantados como a única nota que é todas as coisas e reivindica todas as coisas em sua inocência.

(PAUSA)

Parem agora, por favor. Isto está no texto.

(PAUSA)

O que está diante de vocês hoje, em um estado desperto, é a realização de que o que foi, de alguma forma, tem sido um projeto para o que vocês reivindicaram na expectativa como um mundo manifesto. A realização

disso é um passo importante porque o acordo de que o passado era uma ideia, de fato *é* uma ideia, pode ser compreendido por vocês de uma nova forma, uma vez que entendam como utilizaram sua ideia de história.

Alguns de vocês vêm até nós desejando recriar uma história. Vocês escolhem um novo nome, um novo local, talvez uma nova ocupação. Imaginam-se feitos de novo através da indústria de suas escolhas. Na verdade, quando todas as coisas são feitas de novo, quando alguém verdadeiramente foi reivindicado na Sala Superior, o Eu Manifesto entra em um acordo com o nível ou oitava de vibração onde o que antes era pensado não mantém mais frequência ou apego. Quando vocês entenderem o que estamos dizendo — que estão se movendo para um nível de vibração onde o que seria reivindicado como vocês não se assemelha às suas ideias do que pode ser, ou deveria ser, ou deve ser, com base em prescrições anteriores — vocês entenderão a importância deste ensinamento.

A ideia de história já foi abordada em ensinamentos anteriores. As ideias de memória, de quem e o que você pensa que era, o que ele ou ela era para você, o que aquele evento significou ou não significou, também foram abordadas. Então agora estamos diante de vocês com a chave para a reivindicação: “Como me identifico, na verdade de todas as maneiras, está baseado em uma premissa que é falsa, que a ideia de si mesmo que eu pressuponho ser tem suas amarras em uma crença em separação.” Quando isso é realmente compreendido, quando você vê essa história como entendida de um ponto de vista mais elevado, você pode reivindicar essa ideia e mover-se para um Eu Manifesto onde o que é verdadeiro só pode ser verdadeiro, porque de fato nasce na verdade.

Alguns de vocês nos dirão: “Bem, eu sei quem sou. Eu gosto bastante de quem sou. Busco melhorar isso ou aquilo.” E vocês podem fazer isso como desejarem. Mas esse não é este ensinamento. A afirmação “Eis que faço novas todas as coisas”—aplicada sobre a identidade e a memória, e então a história coletiva do mundo manifesto—na verdade reivindica todas as coisas além da ideia básica, da suposição, de que deve haver separação.

Agora, essa é a separação entre o eu—novamente, uma ideia de si mesmo— e Deus. E a maioria de vocês só tem uma ideia de Deus com a qual podem lidar. A realização de quem e o que vocês são na verdade, como servem na verdade e sua liberdade expressa, validarão este ensinamento de uma forma que vocês não pressupõem. Sua ideia de si mesmo, nascida através do modelo de separação, está prestes a ser re-conhecida em uma nova coerência, com uma coerência para a Fonte—chamem-na Deus, se desejarem—que não pode ser abandonada ou ignorada.

“O que isso significa?”, ele pergunta. Bem, a própria premissa de separação—a ideia da queda da humanidade, a ideia de que Deus está em uma nuvem, longe demais para ser conhecido—tem sua premissa na história. E sua reivindicação além da identidade nascida na história cria uma realização de que o que sempre foi é o que só pode ser. E a realização disso, que é o conhecimento, é o que reivindica você na Fonte—em e de e expressa como.

Agora, usamos o termo *Mônada* para significar várias coisas—o Eu Cristificado, a articulação do Divino como você, mas também como o princípio da divindade que informa todas as coisas. Realizar a Mônada como o eu não é conjurar a Mônada. É concordar expressamente com ela. E por *expressamente* queremos dizer na expressão, expresso como Mônada, porque é a verdade do seu ser. Neste nível de tom vibracional e emanação, a frequência que você mantém, sem intenção, reivindica tudo o que encontra como sendo de si mesmo. Em outras palavras, você é o conduto para o trabalho da Mônada, ou o Cristo interior, que se amplifica, em grau, para reivindicar um mundo de novo. Sublinhe essas palavras, se desejar: *um mundo de novo*.

Agora, o mundo renovado não se parece com a sua ideia de *mundo*, uma vez que você compreende totalmente a intenção deste ensinamento. Não estamos polindo o antigo bule de chá e oferecendo-o a você como um novo presente. Estamos libertando você do desgaste que você usou para reivindicar separação, os detritos de escolhas históricas, o acordo com o velho medo, a velha guerra, as velhas ideias de Deus que o manteriam em separação. Quando alguém é feito novo, experimenta-se o mundo de novo.

Agora, não estamos profetizando aqui. Estamos dizendo o que ocorre em um nível ou estrato de vibração. Você não cria isso. Você se alinha a isso porque está sempre presente.

Agora, de fato, os sentidos são invocados nesta passagem. E com isso queremos simplesmente dizer que, enquanto você mantém a forma, os sentidos são utilizados para experimentar a forma, mas você se eleva além da velha ideia dos sentidos para uma reivindicação de sua verdadeira perspectiva, no conhecimento, e neste conhecimento você tem acesso a tudo o que expressa em uma tonalidade semelhante. Agora, imagine uma biblioteca. Você caminha até uma certa prateleira. Você puxa um certo volume. Você aprende o que está lá através da leitura dele. No nível em que estamos ensinando, você entra em acordo com a velha ideia apenas tempo suficiente para entender que ela teve sua criação através do entoar da separação. Entendam o que queremos dizer. Tudo visto e criado neste plano foi, na maioria das formas, nascido e criado em concordância com a ideia de separação, incluindo as grandes filosofias, os grandes textos religiosos. Eles podem conter uma verdade fina, mas ainda foram informados por uma presença muito simples. O autor não estava em união, nem poderia compreender que a união era verdadeiramente possível. Os místicos chegaram perto, de certas formas, porque reivindicaram potencial. Mas muitos deles foram reclusos, fizeram o melhor que puderam com as ferramentas que tinham, que é claro, nasceram através da separação.

A realização do Divino, que sempre dissemos vir ao custo do antigo, reivindica o novo através da presença e

do ser. E sua presença e ser, neste nível de amplitude, têm acesso a um conhecimento maior do que você sabe ou poderia começar a compreender. Vejam, a biblioteca, como vocês imaginam biblioteca, existe em vibração e em conhecimento que pode ser acessado através do verdadeiro conhecimento de alguém. Alguns de vocês nos dizem: “Bem, eu quero saber todas as coisas.” Você certamente não quer. Você não poderia conter isso. É vasto demais. Mas o que você saberá e compreenderá, no nível em que lhe instruímos, é o que é perfeito para você saber para se comprometer com uma vida ou experiência de Deus como Tudo Que É.

Agora, isso não é uma moldura. Uma experiência de Deus como Tudo Que É exclui nada disso. Compreender plenamente o significado disso é entender a ideia de que a única nota cantada que é todas as coisas na atualização está presente para ser conhecida e cantada junto. A entoação da Mônada como si mesmo—“Eu Vim, Eu Vim, Eu Vim”—também é a entoação da Mônada como manifestada em todas as coisas. A realização disso como o que você vê e experimenta é o que solidifica o alicerce da Sala Superior. Você está caminhando em um novo campo, e o que é experimentado neste campo é o que você precisa saber, o que é presenteado a você através da co-ressonância, presença e ser.

A realização ocorre neste nível como uma etapa de desenvolvimento. Não é uma etapa finita. A pessoa que testemunha Deus como todas as coisas simplesmente não está excluindo Deus. Ela não está fazendo Deus estar onde ele não estava. Isso seria absurdo. Ela está conhecendo Deus, ou realizando Deus, onde ele sempre esteve e foi negado. Como sempre dizemos, a negação do Divino, o único desafio real que a humanidade enfrenta, é encontrada com esta afirmação: “Deus É. Deus É. Deus É.”

Cada um de vocês diante de nós esta noite, em sua própria consciência, está contribuindo para a realidade que você vê. Toda ideia que você já teve, conhecida através da separação, reivindicou separação sem que você tivesse plena intenção disso. O que fizemos até agora neste texto é reivindicar cada um de vocês ao nível da escolha e da vontade, onde suas ações não são mais informadas pela decepção anterior de si mesmos e dos outros, pelo medo anterior, ou pelas construções reivindicadas através da separação que negariam o Divino simplesmente por serem como têm sido.

Cada um de vocês aqui está sendo revisto, está sendo reconhecido novamente, está sendo reivindicado, além da antiga ideia de que a separação poderia até existir. Muitas vezes foi dito que a realidade é uma ilusão, ou que sua ideia de um mundo físico tem uma base na ilusão, e isso é realmente verdadeiro em certo nível. A realidade pela qual vocês se conhecem realmente existe a um nível de tonalidade. O que impede mais tem apenas uma base: A negação do Divino, que a humanidade escolheu aprender através dela, e está realmente agora ultrapassando.

Vimos diante de vocês agora com uma verdadeira consciência de seu ser, o que só pode ser na verdade. E ao anunciarmos cada um de vocês—em plenitude, em recriação—nós os alinhamos ao que se expressa além do antigo, o Eu Manifesto que pode ser conhecido, e de fato conhecer, na Sala Superior onde todas as coisas são feitas novas.

Cantamos essas palavras para cada um de vocês agora, e ao cantá-las dizemos sim ao potencial inerente da Mônada na realização que veio como cada um, só pode ser como cada um, e se anuncia na reivindicação “Eu Vim”.

Na contagem de três, Paul.

Agora um. Agora dois. Agora três.

[Os Guias entoam através de Paul.]

Acalme-se e saiba que Você Veio.

Bênçãos a cada um de vocês.

De fato, isso está no texto. Pare agora, por favor. Ponto. Ponto. Ponto.

DIA VINTE E TRÊS

O que está diante de você hoje, em uma consciência de um estado desperto, é a realização de que você contribuiu para o caos que vê ao seu redor através do seu desrespeito pelos outros e pelo Verdadeiro Eu que deve se expressar como eles, independentemente do que você pense ou veja. Quando você decide que outro é digno de sua atenção ou amor, o ser humano que você vê é realmente transformado por esse acordo. Quando você nega amor a outro, você concorda com um aspecto dele que acredita ser indigno de amor ou cuidado. Cada acordo que você faz com outro ser humano é uma ideia que você apoia em seu relacionamento. A ideia de que eles são dignos, podem ser amados, reivindica um alinhamento, não apenas para eles, mas para tudo o que pode advir do relacionamento.

Alguns de vocês decidem antecipadamente quem o outro deve ser para vocês, com base em prescrições anteriores. “Nos amamos uma vez. Já não nos amamos mais.” E você segue sua vida como alguém que nega o amor porque acredita que *aquele* amor era um artefato de outro tempo. Na verdade, o amor está sempre presente e pode ser alinhado em qualquer circunstância, em qualquer instante. Mas para que isso ocorra, você deve concordar com isso, o que é confirmar o potencial de que o amor está presente e pode ser conhecido. Novamente, *conhecido* significa realizado, e a realização do amor, em qualquer instância, pode recriar o relacionamento em um campo ou tom mais elevado.

Quando lhes ensinamos história, falamos muito sobre a ausência do Divino ou a negação do Divino na experiência da humanidade consigo mesma. Mas não discutimos o amor e aquelas coisas que perduram, esses

grandes momentos de verdade que foram articulados neste plano e que foram o resultado de um alinhamento de um ou muitos.

Cada um de vocês que diz sim à instrução que está recebendo está dando permissão para ser utilizado de várias maneiras. De certa forma, você se torna o gongo que é tocado, o sino que canta pela cidade e desperta todos que encontra para a sua verdade. De outras maneiras, o que você está concordando é em se manifestar em um nível de tom onde a ideia de si mesmo que você utilizou para confirmar uma realidade, nascida em separação, é reivindicada na verdadeira natureza do ser. A verdadeira natureza do ser, novamente, é o eu realizado que opera além do véu da separação, da ilusão de separação, que pode reivindicar a história porque vê Deus em todo caminho, em toda trajetória, como resultado de toda escolha, e reivindica toda escolha feita na história na maravilha do espírito, na verdade do Divino, na aceleração da Palavra feita forma.

Agora, a ideia de história foi discutida. E quando trabalhamos com vocês pela última vez, entoamos a verdade do ser através da ideia de história e as ramificações da história conhecida através da escolha temerosa. Mas agora desejamos reivindicar a história no amor, e a realização de que ao longo do tempo, mesmo através de uma base de separação, o amor triunfou de maneiras pequenas e grandes. A realização do amor também é a realização de Deus. Negar amor pelo outro é negar a presença de Deus nele. Porque é Deus como você que ama—e o aspecto que é amado também é Deus, embora possa ter acumulado evidências em contrário—com os olhos do Cristo, ou os olhos que veem e conhecem a verdade, você não participa mais daquele nível de vibração que escolheria negar amor ao outro. Mas você ainda não sabe disso, e terá que escolher até que a escolha seja feita pela presença e pelo ser.

“O que isso significa?” ele pergunta. Bem, Paul, imagine que você tem um amigo com o qual já não está mais tão próximo. Você mantém uma distância dele ou dela. Você é cauteloso no relacionamento com base em evidências passadas. De certa forma, o que você está fazendo pode parecer prudente, mas de outras maneiras, você está colocando o outro na sombra, dizendo a eles onde podem e onde não podem vir, com base em uma suposição de que o que eles podem querer de você pode não ser o que você deseja oferecer. Conhecer essa pessoa em Deus é reivindicar o Deus como eles que sempre esteve presente e perceber a Fonte de sua expressão além de suas ações. Se, de fato, isso for bem feito, você terá feito uma escolha e, então, ocorrerá a escolha de permitir ou não a presença deles em sua vida. Conhecer o outro em Deus não significa necessariamente que você jogue pôquer com eles, nem exige que você esteja presente para eles conforme exigem. Mas significa que você os ama, não através da idealização emocional do amor, mas através da afirmação do amor sobre eles: “Deus É, Deus É, Deus É” em sua presença e expressão.

“O que isso tem a ver com história?” ele pergunta. “Você estava nos ensinando sobre história.” Bem, isso é história, você vê. Discutimos a história da humanidade, de certa forma, através da ação da negação do Divino, mas não falamos de amor e como o amor, de todas as maneiras, reivindica o que encontra na Fonte de todas as coisas. Toda decisão que já foi feita no amor — e com isso queremos dizer amor em verdade, não uma idealização romantizada dele — gerou grande crescimento. E ações maravilhosas sempre ocorreram daquele que pode sustentar o amor apesar das evidências em contrário. A humanidade passou tanto tempo acumulando evidências em contrário — por que Deus não pode ser — que a decisão de que não pode haver Deus parece extremamente prática. “Deus não poderia ter estado lá. Não pode haver Deus se tal coisa pode ocorrer.” Mas, claro, como dissemos, esses são os resultados da negação do Divino, as ações da humanidade.

Paul interrompe. “Mas e se houver uma grande inundação? E se aldeias forem arrasadas? Nenhum homem fez isso acontecer, a menos que haja uma barragem que foi rompida.” O que você ainda não vê, Paul, é o contínuo da sua ideia de tempo e a paisagem sempre em mudança que o mundo manifesto conheceu através de si mesmo. Sempre houve geleiras que derreteram. Houve sol escaldante no deserto. Alguns passaram fome. Alguns se afogaram. Todos experimentaram muitas das coisas que fazer-se através da forma comanda. “O que isso significa?” ele pergunta. Você assumiu uma forma física. Você pode engasgar com uma maçã. Você pode queimar em um incêndio. São coisas que podem ser experimentadas através da forma, e elas não são necessariamente más ou ruins. São ocorrências. O que você chamaria de tragédia pode ser um ato natural, mas todos envolvidos na tragédia estão aprendendo através da experiência em um nível de escolha ou outro, como você escolhe em reconhecimento de um ato fatal. “Há uma tempestade chegando. Tenho uma família para cuidar. Saio na tempestade para garantir que todos possam estar seguros? Ou fico dentro de casa com os outros, percebendo que todos podemos perecer?”

Quando você está operando na Sala Superior, o corpo físico ainda está presente, mas a escolha é intensificada, alinhada além do medo, e conseqüentemente você sabe o que fazer. Você aprenderá através da escolha inferior. “Eu estava com medo de sair, e como resultado outros pereceram.” E você aprenderá as lições que surgem de qualquer escolha feita no medo, através das suas ramificações. O que já fizemos neste texto é resgatá-lo além da escolha anterior, para que você não sofra mais o antigo medo conforme ele se manifesta através do que você pode chamar de carma. Mas o que ocorre em vez disso é a percepção de por que a escolha passada foi feita e a confirmação, já que você não está mais reivindicando através do medo, de desfazer ou reparar o que pode ser feito, com a ideia de que você é digno.

Agora, se desejamos falar de perdão aqui — porque ele está perguntando sobre isso — já discutimos a redenção e lembramos mais uma vez que o Cristo interior, ou a Mônada, está na inocência e opera além do pecado. Em outras palavras, não poderia acumular a evidência do pecado, que é sempre separação. Entender

que você está perdoado, sempre esteve e sempre estará, irá apoiá-lo nesse entendimento. Qualquer escolha feita no amor garantirá um resultado no amor.

Diremos isso a Paul, que está protestando contra o ensino no fundo da sala: “Ah, eu amei e fui ferido. Pensei que era amado e descobri que não era.” Paul, essas experiências que você teve não foram apenas parte do seu aprendizado, mas o resultado de uma crença de que o amor é volúvel, pode ser tirado em um momento e oferecido novamente no próximo. O que você estava experimentando não era amor, mas talvez desejo, ou talvez manipulação, de alguém que desejava ser visto como amante ou como aquele capaz de amá-lo, quando, na verdade, a agenda era um tanto diferente. Quando você foi verdadeiramente amado, quando alguém foi verdadeiramente amado, eles são completamente transformados por esse ato.

“O que isso significa?” ele pergunta. Imagine que você tinha um professor quando era jovem que o elogiou por sua arte ou por sua gentileza com outro aluno. Esse professor não estava procurando ganhar nada. Eles estavam expressando em amor um ponto que você poderia aprender. Eles estavam oferecendo uma visão de você mesmo como capaz de grandeza. Eles estavam incutindo em você uma consciência de quem você era em verdade, enquanto de outra forma você talvez nunca tivesse esse encontro. Um ato de amor pode de fato ser uma palavra gentil. Mas é sempre a ação de Deus operando através do outro, porque o amor não é uma expressão da personalidade e, quando o Divino se expressa como amor, muitas vezes ele sobrepõe o caráter da estrutura da personalidade para transmitir sua mensagem. O verdadeiro amor não detém nenhuma necessidade de ramificações além do amor. O verdadeiro amor não requer recompensa. O verdadeiro amor não requer acordo porque é o seu próprio acordo. Qualquer um que diga que você deve amá-los de volta está operando na necessidade. Quem diz que você é indigno de amor está agindo com um preconceito que é prejudicial e nasce através da separação, sua própria armadilha para isso buscando chamar outros para seu acordo de si mesmos como separados.

A história está repleta de evidências de amor — toda grande literatura, toda grande arte, de fato inspiradas. Paul interrompe. “Bem, há algumas grandes obras de arte que não parecem muito sagradas.” Mais uma vez, Paul, você decide que Deus deveria parecer bonito. Deus é todas as coisas. Mas a arte verdadeiramente inspirada é a expressão da imaginação informada pela divindade em busca de expressão. São os artistas, finalmente — e os místicos, devemos dizer — que reivindicam um mundo renovado ao realizar o potencial. Talvez a tinta na página, que reivindica um novo mundo através da imaginação, sustente um mundo como o imaginado pelo escritor em ser. E talvez a afirmação do místico — “Tudo é Deus” — modele o padrão que agora está sendo cumprido. Diremos isso de novo. *O padrão que agora está sendo cumprido.*

O tempo é agora, e na verdade o modelo está presente. E o que não adere mais à Sala Superior, ou ao modelo do novo, está começando a cair — às vezes devagar, às vezes rapidamente. E a armadura que todos vocês usaram para se proteger de uma ideia de separação, de que isso deveria ser a melhor coisa do mundo, está sendo desmantelada através da sua própria intenção ou por circunstância. “O que isso significa”, ele pergunta, “ou por circunstância?” Finalmente, todos despertarão. Alguns de vocês despertarão facilmente para uma lembrança da Fonte. Alguns de vocês ergueram tantos obstáculos para a realização que talvez sejam removidos de maneiras que possam ser experienciadas como desafiadoras. O conhecimento de quem e o que você é como de Deus tem sua própria ação — para reclamar todas as coisas. E como isso ocorre, tanto para o indivíduo quanto para o coletivo, deve ser visto como o que você está agora vendo e começando a experimentar no mundo.

“Começando a experimentar?” ele pergunta. “As coisas pioram?” Sua ideia de *piorar* novamente deve ser entendida como sendo enquadrada através de uma ideia cultural do que deveria ser. “Nunca deveria ter havido um dilúvio.” “O deserto não deveria ser tão seco a ponto de as pessoas morrerem de sede.” Sua compreensão do mundo material através de um status quo que você herdou é enormemente falha. Sua ideia de um mundo bem-feito é um mundo que parece operar como tem operado. Mas você sempre teve um mundo com guerra, onde alguns passam fome e outros não, onde alguns morreram por um país através de um ato de ganância retratado como guerra, enquanto alguns ficaram em seus palácios assistindo à guerra acontecer.

A vida que você está vivendo, Paul, foi grandemente movida através da sua rendição à afirmação — “Eis que faço novas todas as coisas” — e ao potencial que isso acarreta. Mas isso veio a um custo, e o que antecedeu essa mudança foi enormemente desafiador para você, porque parecia que sua realidade estava se desintegrando em farrapos. E enquanto você tentava manter os farrapos dessa realidade no lugar, finalmente eles caíram e o novo pôde ser revelado. Todos vocês passam por tal processo, às vezes com graça, às vezes com menos graça. Um não é melhor do que o outro. Você aprende através de diferentes empreendimentos, diferentes respostas, e todos vocês acumularam evidências de separação que serão liberadas à medida que puderem ser.

“Um Mundo Renovado” será o título do capítulo que estamos ensinando agora, e o mundo renovado que estamos ensinando é um mundo que não está enraizado através da história ou da negação do Divino. A ideia de história, pessoal e coletiva, continuará a ser abordada quando retornarmos. Agradecemos a cada um de vocês por sua presença. Isso está no texto. Ponto. Ponto. Ponto. Pare agora, por favor.

DIA VINTE E QUATRO

O que está diante de você hoje, em um novo acordo de ser, de se alinhar e de reivindicar sua verdadeira herança, é a responsabilidade que vem com isso. Você é responsável por suas ações, sim, mas também é responsável por suas escolhas.

Já discutimos antes que, na Sala Superior, você se move para um nível de alinhamento ou congruência com a

Fonte, onde a vontade em si entra em um alinhamento com a verdade da sua expressão. Isso significa que você está escolhendo de forma verdadeira, não operando a partir do antigo, ou não exigindo o resultado através das antigas exigências. Alguns de vocês nos dizem: “Bem, eu tenho livre-arbítrio e devo utilizá-lo”. De fato, você tem e utilizará, mas a partir de um ponto de vista mais elevado e com um novo conhecimento do que você está reivindicando. De certa forma, o que está ocorrendo é que o antigo está sendo removido de você para que você não selecione a partir dessa oportunidade — a refeição de ontem, o cardápio de ontem, a ideia do que ontem representava.

O acordo que estamos fazendo com você hoje é que você resistirá às mudanças que estão vindo para você — e para todos — neste momento de novos acordos. “Este Tempo de Novos Acordos” também seria um título adequado, porque é isso que você enfrenta hoje — a oportunidade para o novo ser reivindicado por todos. Mas é reivindicado por acordo, menos por necessidade do que você possa pensar. Imagine que você está de pé em um poço e a água sobe. Você é elevado pela água que sobe. Parece não haver escolha, mas de fato há. Você não está se apegando ao antigo. Você está concordando com o novo e permitindo que o processo o mova. Sublinhe *mova você*. Você é movido — não a ideia de si mesmo que quer ter uma visão melhor da janela, mas o Verdadeiro Eu que está entrando em manifestação.

Nosso acordo agora é que você enfrentará esse desafio e o enfrentará bem. Enfrentá-lo bem significa que você não sucumbirá às antigas exigências de como você lidou ou se aproveitou do que vê diante de você para reivindicar as antigas ideias do que você deveria ter. Aquele que entra neste reino de braços abertos será recebido de braços abertos. A pessoa que entra neste reino olhando por cima do ombro, verificando se ainda tem os cinco dólares no bolso caso precise, enfrentará mais desafios.

O requisito de ser, na Sala Superior, a este nível de mudança é a permissão, sim, mas um tipo de permissão para que o novo nasça através de você sem a antiga expectativa do que você possa ter ao final. A capacidade de transformar, no nível de instrução que oferecemos, deve ser atendida por aqueles que já o fizeram. E há uma razão para isso. Quando trabalhamos com alunos, é para reivindicá-los como eles verdadeiramente são, e não como desejam ser. E a tentação para o aluno neste caminho é parar em um beco, descansar por um momento e esquecer que há mais a reivindicar. Ela se elevará *como* ela é vista, *como* ela é concordada, pela Fonte de todas as coisas e seus emissários.

Estamos usando a palavra *emissário* cuidadosamente aqui. Sim, somos emissários, mas acima de tudo somos professores. E nossa linhagem de ensino nos oferece a oportunidade de reivindicar a verdade do ser onde algo diferente tentaria se colocar em seu caminho. Oportunizamos o ensino para encontrar o aluno onde quer que ele possa ser encontrado e não deixamos o aluno vagar por aquele beco. Nós a elevamos de novo e de novo, até que ela saiba que pode flutuar, que pode gerenciar, que pode se erguer do fundo do poço.

Existe aqui uma garantia para todos vocês: o trabalho que chega até vocês — e esse é sempre o trabalho do dia — é sempre em benefício de vocês, mesmo que pareça mais desafiador do que isso. Agora, o trabalho do dia, a escolha do dia, é o que está diante de vocês, o que vocês reivindicaram em consciência, o que vocês veem diante de vocês que requer uma nova visão. E cada oportunidade de crescimento é de fato uma oferta para a própria realização de vocês. Confirmaremos isso em sua experiência, se necessário. Mas sublinhe a palavra *se*. Aquele que está andando bem não precisa da muleta, não precisa de alguém ao seu lado para garantir que ele não tropece. Estamos ao seu lado conforme vocês precisam. Mas nosso presente para vocês é a sua própria expressão, o seu próprio eu realizado e a manifestação disso, que é benéfica para todos.

Agora, o mundo que vocês veem diante de vocês, em grande mudança, está prestes a passar por uma mudança massiva de consciência sobre o que escolheram no passado. O mundo escolhe, vocês veem. E toda grande era, toda grande realização que a humanidade já encontrou, não nasceu de um, mas nasceu do coletivo permitindo que o novo fosse feito presente no campo comum. Se vocês entenderem isso, entenderão como os saltos ocorrem — seja na ciência, na arte ou na filosofia. O modelo sela uma perfeição antes que ela possa nascer. Uma nova ideia pode ser vista primeiro nos éteres, depois nas imaginações de muitos. E isso é sempre o Divino em expressão, apoiando a humanidade em seu próximo estágio de evolução.

Para aqueles de vocês que se perguntam sobre o que estamos falando, falaremos da era que vocês conhecem e que vocês reivindicaram para si mesmos. O coletivo decidiu, sim, seguir além do antigo sistema, que nasceu de um certo sentido de traição — que Deus não poderia estar presente e, se pudesse, provavelmente falharia. A realização de que vocês estão indo além disso ocorrerá rapidamente, pois haverá escolhas feitas pela humanidade em um nível coletivo para recuperar o que foi mantido nas sombras. E a manifestação dessas mudanças será conhecida em forma.

“Do que você está falando?” Paul pergunta. “Você falou da era em que nos conhecemos. Bem, o que está acontecendo?” Existe agora uma dissolução da objetividade, nascida de um certo tipo de razão, que criaria polaridade ou exigiria separação. Imagine que o mundo inteiro usasse um par de óculos que confirmasse a separação. O que está começando a acontecer é que um, e depois muitos, estão tirando os óculos e vendo novamente o mundo. Isso é o que acontece quando um potencial é conhecido na oitava superior e é semeado na inferior. Aqueles com a visão para ver, é claro, verão, e serão eles que reivindicarão o novo e oportunizarão o novo para o maior benefício de todos.

“Mas como isso se parece?” ele pergunta. Parece o fim de uma era. E quando uma era termina, muitas vezes há desafios, muitas vezes há conflitos, porque aqueles que desejam manter o status quo antigo podem fazer

todo o possível para impedir que mudanças ocorram.

Paul interrompe. “Bem, eu vejo mudanças ao meu redor agora, e elas não parecem muito iluminadas. Parece que estamos regredindo, às vezes.” O retorno ao antigo é para ver o antigo que foi reivindicado para que possa ser restaurado para o novo — não o novo que você gostaria de confirmar, como as coisas eram há três anos ou dez, mas o superior que agora está presente para você e está em expressão no campo manifestado.

“Onde vemos isso no campo manifestado?” ele pergunta. Nós diremos a você. No momento em que você tira seus óculos, já está lá. “Deus É. Deus É. Deus É.” E a manifestação de “Deus É” é o que ocorre quando você não está confirmando o contrário — através da história, através de mandatos, através de acordos culturais, ou através da necessidade de confirmar o que você já sabia porque lhe falta a imaginação para acolher de braços abertos o que realmente está sendo oferecido a você.

Nós cantamos suas músicas para vocês para que possam aprender as palavras, mas vocês *são* a música em expressão, e a humanidade se ergue aos trancos e barrancos até manter o equilíbrio do novo.

Paul interrompe. “Eu tenho uma pergunta. Às vezes isso parece muito improvável para mim. Você diz quatro gerações, uma grande mudança está sobre nós.” Paul, vamos interromper já. Seu mandato para ver o antigo sobreviver ou manter o status quo antigo é abrangente na forma como você se experiencia. *Você* é quem está mudando aqui. *Todos* são os que estão mudando aqui. E a manifestação do mundo é o objetivo, ou a realização, dessa mudança interna. Isso não é uma mudança interna em sua vida emocional. Isso não é uma mudança interna em como você se sente em relação a si mesmo. Isso é a manifestação da Mônada que reivindica o mundo de novo.

Então o mundo é mudado pela presença e pelo ser. Os óculos saem. A testemunha está presente. E no momento em que a testemunha está presente para manifestar o que ela vê nesta oitava, o mundo é reivindicado. O plano físico, se você quiser, é restaurado à sua divindade inerente. Sempre foi divino, mas as evidências que você acumulou de separação estão prestes a serem movidas em grande escala. Quando você diz obrigado — para ver o erro de seus próprios caminhos, o dom da visão e como você tem sido responsável e responsável pela escolha coletiva — você vai reconhecer o mundo novamente porque você não buscará manter o que foi ultrapassado, o que não é mais necessário, o que não tem mais a capacidade de ser visto no alto modelo porque não ressoa neste nível.

Cantamos suas músicas para você, sim. E este texto é uma canção. É a canção da inocência, da humanidade restaurada à sua sabedoria inerente, à sua graça inerente, além da natureza destrutiva que o medo impôs, a qual você concordou através da negação de sua própria expressão como de Deus.

Vamos encerrar a ditadura de hoje. No texto. Obrigado pela sua presença. Ponto. Ponto. Ponto.

DIA VINTE E CINCO

O que está diante de você hoje, em um novo acúmulo de seu potencial, é a realização de que o que foi não tem poder além do que você lhe oferece. Sua ideia de si mesmo, ancorada na história, uma ideia de si em um tempo que busca reconciliar essa identidade com o momento presente, é o que estamos abordando agora — o aspecto do eu que acumula evidências para o que se era uma vez, porque uma vez você sabia ou tinha uma ideia que agora busca se perpetuar na manifestação como si mesmo, como vida vivida, como a realidade em que você se conhece.

Agora, dizemos isso especificamente para Paul: Quem você pensa que é foi mudado, mas a manifestação do novo, ainda reivindicada por você nos graus que você pode manter, às vezes luta para se manter porque você olha para o passado em busca de evidências de ser. Quando se olha para o passado em busca de evidências de ser, move-se para o nível de consciência que se tinha naquela época. O jovem que você pensava ser tinha uma ideia de si mesmo que acumulava evidências de ser. E este eu, no acúmulo, de certa forma acredita ser como era então, porque não conhece o contrário. Em outras palavras, amigo, sua ideia de si mesmo aos dez anos, as evidências acumuladas para o que a vida era ou o que as coisas deveriam significar a partir dessa idade e tempo, estão impregnadas em uma consciência que de certa forma foi reivindicada, e ainda acredita ser, naquela idade naquele tempo. Você pode falar sobre crianças, o aspecto de cada um de vocês que foi reivindicado numa certa idade. Mas estamos falando de algo diferente, um nível de consciência conhecido na história, onde ideias nasceram e se consolidaram. E quando você olha para trás em busca de seus pontos de referência e repousa em suas antigas ideias de si mesmo, você reivindicou essa história repetidas vezes.

Agora, falaremos sobre isso. Você passa por uma identidade em uma vida. Talvez muitas lições ocorram repetidamente, e você se beneficia disso à medida que se realiza através do crescimento que esses eventos acarretam. Mas o que estamos lhe dizendo agora é que a camada de vibração conhecida nos dados históricos se declara como precedente, porque sua dependência de uma antiga ideia de si mesmo acumulou evidências que buscará reivindicar apesar do que agora está sendo formado e está efetivamente presente nos campos energéticos que você mantém. Em outras palavras, imagine que você agora está na atemporalidade, a Mônada expressando-se além do tempo, mas você segura em seus braços um calendário — de 1969, 1925, 1991 — e gerencia sua vida através da identidade acumulada naquela época. Há apenas uma resposta aqui para mover você além desta situação. Liberte-se da dependência de uma ideia de si mesmo acumulada no tempo que buscaria se perpetuar enquanto o novo está nascendo. Repare que dissemos *enquanto*. “Enquanto o novo está nascendo” simplesmente significa o processo em que você se envolveu aqui.

Agora, quando você está se mudando de uma casa para outra e limpa o sótão e o porão, você encontra

muitas coisas acumuladas ao longo do tempo que agora devem ser movidas e liberadas. Não recomendamos que vocês passem o resto de suas vidas contemplando o que está naquela mala antiga, lá em cima no beiral do sótão. Sugerimos, em vez disso, que vocês honrem que houve coisas acumuladas, mas que qualquer identidade que vocês tenham escolhido aprender e que opere na negação do Divino pode e será movida, ou elevada, além do sótão, além do porão, para um nível de vibração onde elas possam ser reconhecidas novamente.

“Mas não temos que ver?” Paul pergunta. “Não podemos fingir que as coisas mudaram quando não mudaram.” Na verdade, elas serão mudadas, e serão vistas como devem ser. Imagine que há um álbum antigo de fotografias. Talvez haja uma ou duas naquele álbum que precisam ser entendidas, um retrato seu aos dois anos, de seu pai aos cinco, o que foi reivindicado na história através da família, o legado que essas coisas apresentam. Você deve entender que elas serão encontradas, mas você não precisa passar anos examinando cada fotografia para entender seu impacto sobre você. Esse é um tipo de indulgência que o pequeno eu poderia se envolver e chamar de trabalho de progresso. Entender que algo aconteceu, que você acumulou evidências em uma identidade que não está mais de pé ou mantendo-se firme na alta oitava da Sala Superior, permitirá que essa ideia seja transposta, ou removida, ou vista de uma forma mais elevada. Novamente, estamos falando de uma coisa: a ideia de si mesmo, novamente nascida na história, à qual você retorna, porque é hora de ver isso ou aquilo, ou porque você se torna ciente de como o progresso que busca é na verdade interrompido pelo efeito residual da estrutura de personalidade buscando invocar suas propriedades a partir de um nível anterior de consciência. Você pode sublinhar essa frase: *nível anterior de consciência*.

Agora, a consciência não opera em uma escala como você poderia desejar. Cada momento, cada experiência, é uma impressão no campo energético. Você entende essas coisas, talvez como memória, mas na maioria dos casos, como elas operam são como informações que são carregadas por um indivíduo ou coletivo que busca replicação — “a ideia de quem eu era, a ideia de quem éramos e a ideia do que achamos que deve ser”, baseada em consciência anterior.

Houve um tempo no país em que você vive, Paul, em que as pessoas eram enforcadas na praça da cidade, de certa forma como entretenimento da comunidade. “Vamos enforcar o ladrão de cavalos e restaurar nossa cidade à dignidade que já teve.” Embora vocês não façam mais isso, ainda replicam essa ideia de punição, execução pública ou exibições públicas de vergonha e retribuição que chamam para si mesmos o efeito residual, como seres, dessa escolha de participar. Esta é uma consciência que foi desenvolvida muito antes de suas vidas. Mas a memória delas, esses atos de traição contra a humanidade, através de acordo coletivo, simplesmente operam dentro de cada um de vocês — uma sabedoria acumulada, uma crença acumulada ou um problema acumulado que vocês acreditavam que uma vez teve mérito e ainda se mantém em vibração. “Devemos ser vindicados.” “O mal deve ser derrotado e punido.” “Devemos ser justos ou cair.”

A batalha contra o mal, ou a crença de que há uma batalha a ser travada, é na verdade o efeito residual de um nível de superstição em que se acreditava que os demônios estavam ocupando a cidade, eram a causa de doenças, eram a causa de desespero, fome ou algo mais. Em quase todos os casos, o efeito natural era a causa do problema, e a histeria era conhecida pelas comunidades e, então, foi reestabelecida de formas concretizadas que vocês agora não consideram como superstição, mas de fato são. O desejo de lutar contra o invisível lhe dá uma espada contra o nada. Mas diremos isso: existem energias no campo inferior com as quais você já se encontrou e que podem contaminar, mas esses são os aspectos residuais de escolhas passadas, consciência passada e articulação de vibração que se acredita estar em separação do Divino e, conseqüentemente, age de acordo com isso. Você não luta contra o demônio. Você se eleva a um nível de vibração onde até essa ideia pode e deve ser resgatada.

Um demônio pessoal é algo que opera por meio de uma ideia acumulada do eu que adquiriu autonomia. Aquele pensamento terrível que você não consegue banir, aquela compulsão que não vai embora, pode de fato ser um aspecto de um pensamento anterior que reivindicou independência, um certo tipo de autonomia, e usaria o corpo energético como hospedeiro, ou como algo através do qual possa se manifestar. Mas devemos lhes dizer isso: Não há nada mais poderoso do que a verdadeira natureza do Divino e, à medida que vocês escalam na expressão vibracional, aquelas coisas que vocês podem ter atraído que se alimentariam do campo, ou que o coletivo comum utilizou para decidir o destino de outros, devem ser reconciliadas na alta oitava e serão. Todos vocês que estão se elevando aqui estão experienciando o efeito residual da história, escolhas passadas, memória, à medida que ela é resgatada. Imagine agora que você está em um elevador, passando por muitos e muitos andares. Em cada época, coisas são criadas, a memória é acumulada. Imagine que você está se elevando além dessas coisas em uma velocidade estrondosa. Você não pode conter o eu e o nível de transição pelo qual está passando. Mas você entende que está se movendo além das coisas, ou acima delas, que foram decididas como identidade em vários níveis de consciência que agora devem ser resgatadas, estão sendo resgatadas, na alta ordem da Sala Superior.

Ele interrompe o ensinamento. “Bem, há uma diferença entre passar além das coisas e resgatá-las, não há?” Na verdade, o movimento para além força todas as coisas a serem abordadas no nível de amplitude a que você chega. Usaremos outra metáfora. Imagine que você está se espremendo por uma fechadura para chegar ao que está do outro lado da porta. Tudo o que não pode passar pela fechadura será reconhecido novamente ou liberado ou transformado ou confrontado por meio dessa passagem. É isso que está ocorrendo.

Agora, o efeito residual da memória já foi discutido neste texto. O que está sendo discutido hoje é como

certos níveis de consciência, nascidos através da experiência individual e do acordo coletivo, buscam reconciliá-los enquanto estão nesta passagem com um nível de tom, nascido em acordo com a negação do Divino, que eles usaram como evidência. “É por isso que as pessoas não são confiáveis.” “É por isso que não pode haver Deus.” “É por isso que você não ajuda seu vizinho.” “É por isso que você não ama.” Essas são todas ideias estabelecidas através da história pessoal e frequentemente reforçadas pelo coletivo. Quando você está avançando e os ecos dessas ideias se apresentam, eles estão chamando você de volta ao nível de consciência onde o pensamento foi concordado ou criado. Você pode ir além disso simplesmente sabendo que a ideia antiga, nascida na limitação e negação do Divino, só tem a autoridade que você lhe oferece, só tem o poder que você endossa e só o move para sua identidade retrógrada através de sua escolha de dizer: “Eu sou o que eu pensei que era.” Você não é o que você pensa que é. Você nunca foi. Nem será novamente.

O que ocorreu aqui é a reconciliação da Mônada em consciência, e com o que estamos trabalhando agora é a manutenção deste campo para que ele sirva para a recuperação de todos. Quando alguém se conhece em inocência, além da ideia de pecado e, conseqüentemente, além da ideia de separação, move montanhas. O amor de alguém é ilimitado. E a experiência de tempo de alguém não segura o antigo calendário. Você entende o que foi, mas 1969, uma sombra de uma ideia de tempo, se foi há muito tempo, de volta ao eterno agora quando ele uma vez se disfarçou como uma data em um calendário, agora esfarrapado e velho.

Amamos cada um de vocês como vocês são, não como achamos que vocês deveriam ser. Nem há nada que você possa fazer, ou imaginar que possa fazer, que nos faria amá-lo menos. Porque sabemos quem somos, devemos saber quem vocês são. E porque operamos como amor enquanto ensinamos, amamos quem vemos, porque vocês são, porque vocês existem, porque vocês são de nós e como nós, como todos nós somos da única Fonte—Que Veio, Que Veio, Que Veio—e torna todas as coisas novas.

Obrigado pela sua presença. De fato, isso está no texto. Pare agora, por favor.

DIA VINTE E SEIS

O que está diante de você hoje, em um estado desperto, é uma promessa de uma nova vida. Um reconhecimento do que sempre foi agora é visto e pode ser reivindicado experiencialmente. O Divino como matéria, o Divino Manifesto como forma, agora pode ser entendido como o que está diante de você em um estado que não é apenas maleável, mas está pedindo para ser visto novamente. A matéria vista como Deus em expressão beneficia a matéria, recupera a matéria, além da velha idealização, dos nomes dados às coisas, da densidade da forma que você conheceu todas as coisas como e através. Quando a matéria é recuperada na Sala Superior, o mundo manifesto começa a mudar para uma oitava de experiência onde o que é conhecido é como só pode ser conhecido, não como foi decretado como, chamado em pequenas maneiras, mas o que só pode ser em verdade.

Agora, o Divino Manifesto como forma deve ser entendido como o que é — sublinhe essas palavras *o que é* — o que já é, o que ainda não foi reivindicado como seu Verdadeiro Eu, sua verdadeira expressão, mas o que é, só pode ser, sempre foi, mas foi mal compreendido, mal compreendido ou reivindicado em forma baixa. Para entender o que estamos ensinando, olhe ao redor da sala em que você está sentado e os nomes que todas as coisas receberam e os significados que esses nomes reivindicaram. Seu acordo com esses nomes realmente exclui uma experiência do que eles também são, ou poderíamos dizer melhor, *só são*, que é matéria, que é forma, que é Deus expressando em um certo nível de densidade. A recuperação do mundo é a reivindicação da matéria através de um nível de consciência que sabe o que é. E a realização disso de uma forma experiencial é onde pretendemos levá-los.

Agora, a restauração que ocorre em um indivíduo para um estado manifesto do Divino — que é basicamente um reconhecimento de quem e o que você só tem sido, mas negou — deve reivindicar o mundo através do qual ele se experiencia em um acordo vibracional semelhante. E embora tenhamos discutido isso, ainda mantém uma distância da sua identidade, porque sua ideia de si mesmo, que abordamos repetidamente, ainda mantém um tipo de base, uma base pressuposta, na ideia de separação. Quando a forma em si é re-conhecida em Deus e a matéria em si está operando em um estado elevado, a consciência que percebe a matéria também está sendo alterada pela troca. Então, em um nível, enquanto podemos dizer que o Divino vê o Divino em todas as coisas e você pode experienciar o si como o Divino na percepção, você também está sendo alterado pelo reconhecimento enquanto o Divino canta de volta para você, que é o eco ou a ramificação da matéria no estado alterado que informa todas as coisas com sua expressão, presença e ser.

Agora, o que ensinamos deve ser entendido de algumas formas como um primer e, de outra forma, uma experiência. O primer é o texto, mas a experiência do texto e a vibração que é reivindicada pelo leitor, à medida que o leitor ascende em vibração, é o que vem através do florescimento como a Mônada. Não *de*, mas *como*. O florescimento *como*. Agora, você como flor — em um estado aberto, em um estado receptivo — reivindica todas as coisas novas. Mas como isso acontece é bastante confuso para Paul, e devemos tentar ensinar isso de uma maneira que ele não interrompa porque isso não confirma uma ideia que ele gostaria de fomentar para si mesmo ou para outros.

A reconciliação da forma é uma coisa. Como isso ocorre é através de um sistema de expressão ou amplitude que deve incorrer em evidência. Agora, se você olhar para uma flor todos os dias e decidir coisas sobre a flor — “a flor favorita da minha mãe”, “aquela flor que não vai durar muito no inverno”, “aquela flor cujo aroma eu não gosto”, “aquela flor que pode ser colhida e colocada em um vaso”, “aquela flor que a abelha adora tanto” — você reivindica a identidade da flor através de sua inferência de seus potenciais, o que ela significou, o que

ela pode significar e o que você a enquadra como. “A flor favorita da minha mãe.” “A flor que não vai durar o inverno.” Sua identificação da flor reivindica você em relação a ela, ou muitas relações com ela, como você seguraria algo à luz e experimentaria as diferentes facetas que ela pode mostrar. Mas o que estamos dizendo agora é que todos esses títulos e todos esses quadros podem ser re-conhecidos através do pensamento singular e da reivindicação da verdade: “Deus É. Deus É. Deus É.” E a reivindicação “Deus É” sobre a flor mostra a flor, reivindica a flor, acelera a flor, em sua verdadeira tonalidade — à medida que a velha história, a velha memória, os velhos nomes que a flor recebeu são liberados. “Mas ainda estamos chamando de flor”, diz Paul. Deus é flor. Deus é como flor. Deus é forma, cor, aroma, expressão além da flor. E a manifestação como flor é Deus articulado. Mas a reivindicação da flor como Deus reivindica a flor como ela sempre foi.

Agora, uma flor é fácil para a maioria de vocês. Você não condena a flor a menos que seja alérgico a ela, a menos que alguém atire uma em você em uma repreensão de uma investida. Mas saber que *flor* é uma expressão de Deus realmente não é desafiador. O que é muito mais desafiador é um domínio físico que está operando intencionalmente em negação da Fonte e busca sua recompensa, sua expressão, através do ato de negação. Elevar isso à Fonte de todas as coisas é como o mundo é renovado, sim, mas também é o presente deste ensino para quem possa ter essa experiência. Manter a ideia de um gueto ou campo de batalha, ou qualquer coisa que você possa pensar que acredita ter sido construída como inferior ou expressando inferior deve reivindicar você em coerência ao inferior — até que você perceba que a Fonte é a mesma que a flor, e a forma manifesta conhecida como gueto, conhecida como campo de batalha, pode estar em rearticulação além das ideias coletivas que a manteriam em densidade. Novamente, os nomes que oferecemos para você para a flor que a enquadram, que solidificam a ideia de flor, através da memória, história, significado projetado. O que você diria que poderia ser se não fossem essas coisas? Nós lhe diremos. Seriam Deus. E quando o gueto ou o campo de batalha não são mais mantidos na escuridão, mas são elevados a um estado elevado, a articulação da forma também é alterada.

Ele não gosta do ensinamento. Aqui está a primeira pergunta: “Então não é um campo de batalha? Não há corpos ali caídos? Não há pobreza nesse gueto que você descreve, e sofrimento e injustiça?” Sua confirmação de todas essas coisas te reivindica em um efeito residual para o tom baixo que é a manifestação de uma consciência baixa e medo. O gueto é uma ideia materializada. Quando o novo é visto, o velho é transformado e o plano material se move para além das antigas codificações. Você entende a ideia de algo renascendo das cinzas, renascido, renovado. Mas você não entende que a possibilidade disso ocorrer no mundo em que você vive também é o produto de uma aceleração da consciência que não pode reivindicar o inferior, não vai porque não pode. Em outras palavras, amigo, aquele que vê Deus sabe Deus, recupera qualquer evidência que negaria isso, e a manifestação da reivindicação será conhecida experimentalmente.

Paul interrompe novamente. “Bem, leva tempo para limpar um campo de batalha, ou destruir um gueto e reconstruir algo melhor.” Essa é a sua ideia de como a matéria deve funcionar. Os tijolos devem ser feitos, colocados um sobre o outro, para erguer mais um muro. A recuperação da matéria como Fonte não está negando o que foi. Está reivindicando o que é. E o que é deve começar a brilhar à medida que é re-conhecido. Agora, pode haver indústria em um ato de transformação. Você sujou o seu quarto. Você é responsável por limpá-lo. Mas o ato de restauração ao qual estamos nos referindo é realmente nascido através da consciência e da manutenção do campo elevado que não julga o que vê. O que você está movendo é o efeito residual da dor, do sofrimento, do medo, todos reivindicados através da negação de Deus. Se a ideia de gueto, nascida da pobreza, que é reivindicada através da injustiça, da supressão de um povo, da crença de que não há Fonte de suprimento que alimentará todos, se você reivindicar essas coisas e continuar a dar testemunho delas, você continua a reivindicar sofrimento e falta. Mas a rearticulação, ou a alta manifestação, é o milagre do ato de Deus sobre suas criações. E você é o portal ou a janela ou a porta para que este ato ocorra, porque, no nível de consciência que estamos ensinando a você, o que proibiu a recriação, que é a velha ideia de falta, nascida no medo e na separação, não é apenas erradicada — a *ideia* disso não pode ser mantida.

Você está trabalhando pelo mundo agora. Todos que olham para um edifício, decidem que o edifício é uma ruína ou um palácio com base em um preconceito anterior, mantêm aquele nível de acordo com o que é visto e o reivindicam como forma. Não estamos pedindo para você ver o gueto como um palácio. Estamos pedindo para você ver Deus, a ação de Deus, a Fonte de tudo, como manifesta onde a ideia havia sido que foi reivindicada através da opressão e separação. Se, de fato, você for chamado para agir — em força, em produtividade, com suas mãos e pés, seus punhos, sua ação — você saberá. Mas esse não é esse ensinamento. Este é o ensinamento do saber, da realização, e a matéria da forma reafirmada, reivindicada de novo, como o que foi primeiro, que é o impulso inicial, nascido na inocência, sem o pedigree do medo sistematizado, sem a autorização de qualquer forma de separação, negando o que é sempre verdadeiro. A reivindicação que é feita sobre o mundo manifesto — “Deus É, Deus É, Deus É” — é a recuperação da negação em qualquer forma ou ideia nascida através do acordo coletivo, escolha individual, história e memória. Reivindicação é um ato de Deus. O verdadeiro saber é Deus se expressando como saber. E a forma sempre foi Deus, operando em um nível de tom ou outro.

Paul interrompe. “Então é a água se transformando em vinho.” Você poderia dizer isso, se quiser. Mas, para que esse nível de alquimia ocorra, o que deve ser visto deve ser conhecido como Deus, e não como água ou vinho. A transformação como expressão de Deus é da alçada de Deus. Você não está invocando magia. Você está re-cantando uma canção que foi esquecida, e cantando à existência o que estava em forma baixa, tom

baixo, porque o alinhamento ao mais elevado deve ser reivindicado como e pelo mais elevado — menos como Paul sendo o mais elevado, mas como o mais elevado operando através de Paul ou Josephine ou qualquer pessoa ou coisa. Você é o conduto aqui. Você não é aquele que muda as coisas. Você é percepção. Sublinhe essas palavras. *Você é percepção* no nível da Sala Superior, onde o que estava distorcido cai dos olhos. Reivindicar qualquer coisa em inocência é saber o que ela é além de qualquer nome dado a ela. Ela simplesmente é. “Deus É. Deus É. Deus É.”

Agradecemos pela sua presença. Isso está no texto. Ponto. Ponto. Ponto.

DIA VINTE E SETE

O que está diante de você hoje, em um estado desperto, é uma nova consciência do que pode ser, além do efeito residual da escolha de estar em separação. Dissemos *a escolha de estar em separação* porque, de fato, foi inicialmente uma escolha. Imagine uma criança que diz, “Vou encontrar meu próprio caminho,” nega o pai, nega a mãe, a supervisão deles, e se encontra perdida na floresta de sua própria criação. A criança deve crescer e aprender a escolher sabiamente, e compreender o uso da vontade da forma mais elevada antes de fazer uma incursão na escolha de negar os pais. Cada um de vocês diante de nós agora está em um estado desperto onde há um novo potencial: O que pode ser reivindicado deve estar em congruência com sua verdadeira autoridade como uma expressão do Cristo. Uma expressão do Cristo, não o Eu Cristificado, mas como o aspecto Cristo em realização como e através de cada um de vocês reivindica o mundo de novo.

Agora, quando ensinamos através do homem diante de você, entendemos suas necessidades, entendemos as perguntas que ele faz e, às vezes, as abordaremos. O que ele deseja que abordemos é a dor antiga, a preocupação antiga, o medo antigo. E o motivo pelo qual ele solicita isso é que a amplitude de sua vibração, em um estado acelerado, está se movendo tanto, tão rapidamente, que ele esquece onde está. Quando você esquece onde está, você pode estar em qualquer lugar. Escolha um ano, escolha uma ideia nascida no tempo. Quando você não sabe onde está, você pode se encontrar em qualquer lugar. Mas a transmissão de hoje, e a lição do dia, é sobre o que vem na autorização, o modelo do Cristo nascido em cada um de vocês em um estado realizado que exige ser conhecido através de todas as coisas que encontra.

Agora, quando você vem até nós — “O que eu faço? Qual é o meu propósito? Por que eu vim?” — você ainda está fazendo as velhas perguntas nascidas na velha ideia de um eu que deve ter uma ideia de missão que possa encontrar para merecer seu valor. “Deixe-me ser especial.” “Deixe-me ser visto.” “Deixe-me saber que estou fazendo a coisa certa.” No nível de escolha de que falamos, a vontade em si mesma se moveu para o alinhamento com os requisitos de ambos, a alma e o Eu Cristificado, operando em união no nível de amplitude que a alma pode reivindicar.

Quando você se alinha como o Cristo manifestado, a alma ainda direciona os requisitos do indivíduo, enquanto o Eu Cristificado, ou a Mônada, expressa-se para o universal. Você deve entender a diferença aqui. O Cristo dentro de você, em um estado realizado, está se manifestando para o mundo. Mas ele trabalha com a alma, porque a alma conhece os requisitos para o desenvolvimento individual que ainda podem resistir ao acordo para a manifestação. E o que isso significa é que, se você tem algo na mesa, um aspecto de si mesmo ou uma lição que requer abordagem em uma vida, embora ela será encontrada de uma forma mais elevada através da direção da alma, ela está operando simultaneamente em união com a expressão da Mônada, que na verdade opera além de seu desejo individual ou crença do que pode e deve ser.

Quando você está diante de nós em reconhecimento de quem você é, sua amplitude é acordada por nós em um nível elevado e você é re-conhecido. Mas a própria alma, que tem lições a cumprir, que escolheu essas lições como parte de sua jornada em uma vida, ainda está operando. A estrutura da personalidade, ou o aspecto de si mesmo que incorreria em carma, é na verdade movida para um nível de escolha onde o que é reivindicado não acumulará mais dívidas. Você não está acumulando dívidas na Sala Superior. Você está se amplificando como a Mônada, re-endereçando o antigo à medida que ele pode ser reivindicado, re-conhecendo a ideia de si mesmo no nível de escolha que a Mônada expressa, em alinhamento com os requisitos da alma.

“Agora, por que a alma?”, pergunta Paul. “Posso ter um exemplo?” Imagine que você nasceu com uma deficiência, ou sua ideia de deficiência. Talvez, de fato, essa seja uma escolha da alma pela qual você está aqui para aprender. E a manifestação da Mônada pode mudar completamente sua relação com a forma física que você conheceu, mas isso não o priva das lições que você reivindicou nesta encarnação. Nós não apagamos o quadro negro, se é isso que você deseja. O quadro negro é *elevado* para a Sala Superior, onde é conhecido de novo, reivindicado de uma forma mais elevada, e aquelas coisas que não são mais necessárias são retiradas.

Nosso acordo com você hoje é que a Mônada em expressão através de você está se alinhando a você através da escolha e como escolha. Sublinhe essas palavras: *através da escolha e como escolha*. O Eu Cristificado como escolha. A Mônada como escolha. O desenho dessa escolha incorporado nos requisitos da alma para o seu desenvolvimento. Porque você chegou aqui com uma ideia de si mesmo, buscou uma missão ou uma ideia do que deveria estar fazendo, você exige ser visto como acha que deve ser, e você exige que o que você faz referencie a ideia de si mesmo que você utilizou para negociar uma realidade reivindicada através da separação. A idealização de quem se deve ser no plano manifestado será erradicada com o tempo, como uma borracha reivindica a antiga escrita. E isso deve ser feito para que você entre no recebimento de seus verdadeiros dons, seus verdadeiros acordos, além do desejo da personalidade de ser o que ela acha que deveria.

Ele interrompe o ensinamento. “Mas alguns não são inspirados a fazer o que vieram aqui para fazer? Quem

ama correr se torna um corredor. Quem ama ensinar se torna um professor.” Sim, você pode ser chamado para agir, mas como essa ação se expressa através de você não é para o bem-estar dos outros ou como você é percebido por eles. É porque é o que você deve ser, porque não consegue imaginar ser de outra forma. Quando você está operando nesse nível, você não pode estar em autoengano. Imagine aquele que pintaria em uma caixa de fósforos, ou em uma grande tela, ou em uma parede pública. O ato de pintar requer expressão. Como é visto e onde é visto não tem importância para o artista porque o artista não está enquadrando seu trabalho pelo desejo de ser visto como artista. Mas a própria arte, ou a expressão do artista na apresentação, simplesmente é, simplesmente concorda em ser, como um reflexo da consciência do artista. Você entende a metáfora? Quando você se alinha no mais elevado e é chamado à tarefa, chamado à ação, chamado a um acordo de como pode servir melhor, você será como esse artista porque não pode não fazê-lo. Quando a vontade é a Mônada, uma expressão do Cristo, você não duvida do porquê de você estar aqui. Você sabe por que está aqui, e como você serve é essa expressão.

Agora, cada um de vocês diante de nós vem com uma pergunta: “Qual é a minha? Qual é o meu dom especial, minha tarefa especial?” E se respondêssemos a vocês o seguinte: já está tudo aí. Já está presente. Mas precisa ser alinhado.

“Neste dia escolho entrar em um verdadeiro acordo através da Vontade Divina para amplificar as ações que tomo na realização de como me ofereço em serviço como um aspecto do Divino.”

O acordo para se alinhar é decidir o que não é. Não precisa parecer assim. Não precisa ser como aquilo. Simplesmente é. Imagine que você jogou sementes no solo, e aquela que brota, aquela que floresce, é a que é cuidada com amor. Se como você se experiencia é com falta — “Outros sabem por que estão aqui, eu certamente não sei” — você está reivindicando o campo deles, está olhando para as flores do campo deles e comparando-as com as suas. A realização do Divino é o aspecto de si mesmo que sabe, tira isso de suas mãos e o alinha ao reconhecimento para que você possa ver a flor que busca crescer e cuidar dela como ela aparece. Sublinhe isso: *cuidar dela como ela aparece* no eterno agora em que é percebida, não através da ideia de ontem do destino ou da ideia de amanhã dos elogios que você receberá por ter feito coisas tão boas. Um elogio não significa nada. É a experiência de outra pessoa de algo. Novamente, o artista que pintou a parede concordou com a alegria da pintura. Alguns podem desprezar a pintura. Alguns podem buscar sujá-la. Alguns podem celebrá-la. Mas o artista já seguiu em frente.

Cada um de vocês diante de nós hoje não está em um precipício. Vocês escolheram agora para a manifestação da Mônada, e sua aceleração através de vocês será sua experiência agora. E os desafios que vocês podem enfrentar através da incorporação dessa energia serão o grau de vibração que busca assumi-los enquanto vocês liberam ideias e manifestam ideias do que vocês são, do que o mundo era e do que vocês pensam que ambos deveriam ser, através da antiga ideia de separação. A equivalência que está presente agora como vibração está além do que vocês pensam, está além do que vocês podem até mesmo perceber até que o nível de vibração encontre seu equilíbrio, o que significa sua oferta com aquelas coisas que são de acordo vibracional semelhante. À medida que vocês se movem para essa paisagem, nus e resplandecentes como o Divino que vocês são, sua experiência é alterada — sublinhe a palavra *alterada* — assim como a ideia de si mesmo como experimentador. E por causa disso, vocês não podem justificar o antigo porque ele foi movido, foi transformado, e vocês estão com ele e dele, porque vocês não estão separados das criações de Deus. “Eis que faço novas todas as coisas.”

Nosso ensino hoje adere à ideia de que a escolha em si agora é vista como uma expressão de Deus, então as ramificações da escolha devem ser oferecidas nesse nível também. Paul interrompe o ensino. “As pessoas fazem coisas terríveis, dizendo que é a vontade de Deus. Como você está prevenindo isso aqui? Esse ensino pode ser mal utilizado?” Qualquer pessoa pode dizer a si mesma o que desejar, mas no nível de amplitude em que estamos instruindo, vocês nunca serão chamados para agir com medo, criar discórdia ou prejudicar, sob o pretexto de fazer a vontade de Deus. Vocês estão aqui para serem expressos como amor. E as expressões de Deus não condenam os outros, não podem prejudicar os outros e não são autocentradas no nível da personalidade. Qualquer um que deseje sentar no estrado, envolver-se em um lençol e falar sobre Deus, pode ser aceito por alguns. Mas vocês são todos o Cristo, e aquele envolto no lençol está usando uma fantasia para a ocasião, e nada mais.

Nós cantamos suas canções para vocês, sim, para que vocês possam aprender as palavras. Mas o ensino aqui é a canção expressa, a vontade na encarnação em acordo com sua Fonte, como deve ser, como será, como só pode ser.

Obrigado pela sua presença. Isso está no texto. Pare agora, por favor.

DIA VINTE E OITO

O que está diante de vocês hoje, em uma consciência de quem vocês são, em uma realização do que pode ser conhecido, é o entendimento de que vocês estão aqui para o serviço, para o despertar dos outros. Agora, isso não significa que vocês digam às pessoas o que fazer. Significa que vocês as realizam além das construções que elas utilizaram para negociar suas próprias realidades. Isso é muito mais fácil do que vocês pensam. Na verdade, trata-se de recebê-las como elas só podem ser em verdade, e na verdade uma mentira não será sustentada.

Agora, houve uma doutrina de receber aqueles que são dignos, que se purificaram, que podem se oferecer no altar em branco. O ensino que oferecemos a vocês é bastante diferente. Vocês estão reivindicando a inocência inerente, a reivindicação do Divino sobre tudo o que veem, e sua manifestação é o que os alinha à essência deles.

Agora, os requisitos que vocês têm para si mesmos são muito simples. Vocês se entendem em acordo com o que é, a manifestação do Divino como todas as coisas. E vocês contrapõem qualquer evidência que negue o Divino com a afirmação da verdade — “Deus É, Deus É, Deus É” — e permitem que o impacto dessa afirmação transforme o que é vivenciado. Não de acordo com o que vocês gostariam, ou o que vocês acham que deveria ser, mas o que só pode ser. E no serviço vocês realizam o mundo.

Agora, como este é um ensino de inocência, queremos descrever o que pode ocorrer àquele que está passando por esse processo. Por um momento, vocês não esquecem quem vocês são, mas sabem quem vocês são. E o entendimento do saber como contornando antigas memórias, antigas atitudes e antigas crenças deve ser compreendido por vocês agora como a ação do Divino sobre vocês. *Sobre vocês* significa com vocês, em coerência com vocês, e em alinhamento com suas necessidades. A jurisdição do Divino através de vocês se amplifica por meio de todas as construções, vistas e invisíveis. Vocês podem ser o farol, sim, mas seu entendimento do feixe de luz do farol é muito minúsculo em comparação com este ensino. Aquele que se move para uma aplicação residual do Divino em todas as coisas está em radiância o tempo todo. “Eu sei quem sou, o que sou, como sirvo” como manifestação da Mônada ou Cristo, reivindicando todas as coisas e restaurando-as à sua inocência.

Agora, ser restaurado à inocência não significa que vocês estão descorrompendo algo. Significa que vocês estão reivindicando o que sempre foi, em um nível de vibração onde pode ser visto e vivenciado. Os detritos da história, a inutilidade da vergonha, a magnificação do medo — todos renovados. Agora, tornar-se novo é, na verdade, estar em um estado informado de restauração, o que simplesmente significa que aquele que concorda com isso em um nível de tom está entendendo que está acontecendo. Quando vocês fazem isso por outro, eles se entendem como participantes de uma mudança. Mas a mudança que eles passam será perfeita para eles — não como vocês julgariam útil, mas como deve ser exigido no nível da alma em conferência com o Eu Cristificado. Em outras palavras, testemunhar a divindade inerente no outro no nível que estamos ensinando vocês hoje de fato os restaura à sua verdadeira natureza no nível que eles podem sustentar.

Agora, Paul interrompe. “Eu não acredito nisso. Imagine que eu esteja com alguém que é argumentativo. Eu apenas percebo o Cristo neles? Eles são restaurados à paz? O que acontece então?” Diremos a você de forma diferente, Paul, do que você gostaria. O que ocorre quando você reivindica aquele que está argumentando com a verdade interior é que a necessidade do argumento é liberada. A necessidade de ser considerado certo, a necessidade de ser visto como o vencedor, é removida ou deslocada para um novo nível de amplitude. Como eles se alinham a essa mudança em seu comportamento ou ação é independente do seu ato de re-olhar ou restauração. Como eles respondem é como devem responder.

Agora, não se confundam aqui. Nem por um momento vocês estão melhorando o outro. Vocês estão lembrando o que foi esquecido. Vocês estão reivindicando o mundo de novo através da congruência com o que é. Vocês são o feixe de luz do farol, mas não limitados pelo tempo e espaço, ou pelas construções de identidade que foram úteis no campo inferior, mas não são úteis, ou mesmo totalmente presentes, na Sala Superior. “O que *totalmente presente* significa?”, ele pergunta. *Totalmente presente* significa que a evidência do antigo pode ser vista, mas vocês não estão confirmando sua base. Vocês entendem que o relógio marca duas horas, mas vocês conhecem além do tempo. Vocês entendem o mal-estar da pessoa à sua frente, mas vocês a estão reivindicando além do mal-estar como seu Verdadeiro Eu, que não reivindica o medo ou as ramificações dele.

Estar neste nível de tom é realmente um serviço do mais alto nível. Qualquer ação que vocês tomarão em nome de outro deve ser informada pelo conhecimento, e nunca por suposição. Vejam, o pequeno eu tem conhecido evidências do que as coisas devem significar ou deveriam significar através da experiência anterior, mas a compreensão do Nível Superior não descarta evidências, mas conhece além delas. Em outras palavras, vocês tornam a pessoa nova com a evidência do antigo intacta. Vocês não estão descascando isso. Vocês estão se movendo muito além disso para um nível de acordo — “Eu sei quem você é de verdade” — como a base da reivindicação. E quem vocês estão vendo na verdade é o Divino em forma expressa como a pessoa à sua frente. Alguns de vocês nos dizem: “Deixe-me ser aquele que muda o mundo”. Vocês não vão mudar o mundo, mas a manifestação da Mônada através de vocês pode — e, de fato, irá — quando vocês forem libertados de sua necessidade de serem os que fazem o trabalho, que seria uma necessidade baseada na estrutura egóica, ou na necessidade de serem vistos ou elogiados ou reivindicados como os que fazem o trabalho.

Enquanto nos sentamos e falamos através de Paul, compreendemos suas limitações hoje. Quaisquer que sejam suas distrações, elas não estão interferindo nesta ditação, então pretendemos continuar.

Cada um de vocês diante de nós está em um estado realizado quando se alinha à verdade de seu ser. Quando vocês estão alinhados a esse nível, seu acordo com quem vocês são reivindica aspectos do eu que estiveram em negação da luz. Esse é o desafio que todos vocês passarão. Mas conhecer o eu na inocência é realmente conhecer o eu na sabedoria — verdadeira sabedoria, que não é informativa, mas mantém a clareza da verdade que só pode ser conhecida quando a visão daquele que percebe o mundo foi reorientada, reconhecida, na clareza e amor que é a Sala Superior.

“Vejo todas as coisas com novos olhos. Vejo as pessoas à minha frente na verdade. E compreendo suas necessidades de mudança além de qualquer base que eu possa ter escolhido através de dados históricos. O aspecto de mim que conhece suas necessidades sabe o caminho para reivindicá-las na alta ordem da Sala Superior, pela presença e ser.”

Novamente, presença e ser. Como isso é feito através de você e para o mundo, a ideia de agir por impulso é

na verdade transformada em agir no conhecimento — não *sobre*, mas *em*. E em seu conhecimento, você conhece o mundo de novo.

Este será o final deste capítulo. Obrigado por sua presença. Pare agora, por favor. Ponto. Ponto. Ponto.

Q: Achei um pouco assustador, sinceramente, só porque logo no início eles falaram sobre estar em plena radiação o tempo todo. Então, claro, estando em plena radiação o tempo todo, pode-se estar a serviço do outro de todas as formas que eles estão falando. Mas não se pode estar a serviço dos outros da forma como eles estão falando, a menos que nós mesmos estejamos nesse lugar de inocência ou, como eles estão dizendo, em plena radiação o tempo todo. E tudo isso faz total sentido para tudo o que eles têm ensinado e falado, e as mudanças experienciais, e ainda assim isso ainda era um pouco assustador. Tipo, uau, radiação plena o tempo todo e então eu posso estar a serviço. Ok, mas eu não estou lá.

A: Você já está, e é isso que você não entende. Sua compreensão da amplitude da sua frequência é na verdade ditada pelo pequeno eu — e utilizada tanto quanto você pode experientialmente, sim — mas a ativação da Mônada através de você na verdade contorna os ditames do pequeno eu para que possa fazer seu trabalho através de você. Em outras palavras, o locutor na estação de TV pode estar manobrando os botões no painel, mas a transmissão está acontecendo de qualquer maneira. Você entende isso? O que você acha que o mantém ocupado e útil é o que você ainda precisa. Mas, na verdade, o que ocorreu — sublinhe a palavra *ocorreu* — é que você chegou a um nível onde a transmissão do campo como Mônada está presente e operante. É muito menos dependente do que você pensa ou sente do que você gostaria que fosse, o que lhe dá uma sensação de ser você. “Eu estava muito elevado hoje. Fiz boas obras.” A amplitude do seu campo neste nível na verdade não é prejudicada pela relutância do corpo emocional em aderir ao mais elevado. E, de fato, isso é abordado através do processo de ser.

Através é a palavra operativa aí nessa frase. Ponto.

7. MENTE VERDADEIRA

DIA VINTE E NOVE

O que está diante de você hoje, em uma consciência de quem você é, é o acordo de ser o que você pode ser, sem a interferência da estrutura de personalidade ditando o resultado, o que deve ser ou precisa ser, baseado em uma ideia de si mesmo que na verdade já foi transformada. Mas o estado habitado — “Eu me conheço através do que eu fiz” — continua a buscar autoridade.

Quando ensinamos através de Paul, compreendemos suas lições, seu desejo por um determinado resultado, e procuramos surpreendê-lo o máximo possível com um resultado superior ao que ele teria escolhido, para que ele abandone a necessidade de ditar o que deve ser através do antigo modelo. O mesmo será verdadeiro para todos vocês ao avançarem para este novo nível de resultado, baseado no princípio divino do Eu Crístico manifestado. Dissemos isso intencionalmente, Paul: *o Eu Crístico manifestado*, ou a idealização da Mônada expressa através da forma como cada um de vocês. Agora, o Verdadeiro Eu, que de fato sabe, não deseja resultado da antiga lista de potenciais, mas procurará reivindicar o que é mais elevado. E o que é mais elevado pode diferir do que você pensaria que deveria ter ou desejaria ver, porque tudo o que você imagina — e diremos isso sem exceção — nasce em um antigo dogma de potencialidades conhecidas através da separação.

Quando falamos com você hoje, desejamos falar sobre manifestação a partir da inocência, da oitava da inocência, onde o potencial é realizado porque pode ser, porque deve ser, porque não é impedido pelo antigo e pela maldição da forma que você utilizou. “O que isso significa”, ele pergunta, “*maldição da forma?*” Bem, quando você amaldiçoa a forma — “essa criação horrível”, “aquela coisa terrível” — você coloca a coisa fora do Divino, e a coisa não será movida. Você vai povoar uma ideia de inferno dessa forma, todos os mecanismos de tortura ou dor, todas as coisas antigas que o assustavam quando você era criança. O que quer que você possa colocar lá na escuridão acumulará seu próprio peso, e coletivamente você adere por meio dessa estratificação de vibração como um campo santo, as coisas que você não gostaria de ver exumadas porque são desagradáveis de se olhar.

A realização vem ao custo do antigo, e a programação aqui é reivindicar cada um de vocês em um nível de transmissão onde o que era mantido na escuridão, através da idealização coletiva do que não é permitido, possa ser trazido à luz e avançado. Primeiro para a frente, depois para cima. Para a frente para ser visto, para cima para ser reconhecido. Quando você não está mais reivindicando o antigo, porque o antigo não está presente para ser reivindicado, a própria humanidade começará a desfrutar, a partir de um cardápio mais elevado de potencialidade do que poderia assumir agora.

Agora, os antigos escombros, os remanescentes de escolhas passadas feitas no medo, podem cercá-lo em forma — o resíduo da escravidão, as antigas relíquias de guerra. Cada abominação atuada através da negação de Deus que mantém seu vestígio no modelo inferior deve ser vista para ser movida para a frente. Isso é menos para que você não repita o antigo. É mais no sentido de que você *não pode* quando isso foi movido e reivindicado na Fonte a um nível que adere à união divina.

“Bem, essas coisas nunca aderirão à união divina”, diz Paul. Nas ideias que você mantém, temos que concordar com você aí. Mas toda forma é — as relíquias do antigo, as antigas correntes, as antigas fábricas de morte — devem ser recuperadas para que não sejam trazidas de volta ao uso. Você deve entender isso. Imagine

que você tem um facão no galpão. Um facão pode ser usado para o bem ou para o mal. Imagine que o facão no galpão foi usado para prejudicar. Ele está agora trancado a cadeado, mas esse facão ainda espera por seu uso novamente. Quando o facão é reconhecido como de Deus, ele pode ser reformado ou reconhecido em uma oitava elevada. Assassinato nunca será de Deus. Escravidão nunca será de Deus. Qualquer controle sobre outro com a intenção de prejudicar será sempre a negação de Deus. E você deve entender que essas coisas, quando recuperadas, devem ser vistas primeiro para serem recriadas.

Você não pode varrer isso para debaixo do tapete. “Nunca houve escravidão”. Você não pode varrer isso para debaixo do tapete. “Nunca houve máquinas de guerra”. Mas se essas máquinas ainda existem em sua forma atual, elas mantêm o brilho de como foram aplicadas e o foco que foi colocado nelas. “Isso é algo maravilhoso” ou “algo hediondo” repousará sobre isso e manterá sua solidez. Qualquer coisa que foi nomeada mantém o significado do nome. Qualquer coisa que foi amaldiçoada detém a chave para a maldição. E a coisa deve ser revista — não desculpada, não feita bem, mas vista novamente como de Deus para que a manifestação dela possa ser recuperada e possa ser restaurada.

Você realmente não pode ter as duas coisas, você vê. “Eu não quero olhar para o antigo, vou apenas descansar no novo” é o conforto do antigo varrido para debaixo do tapete. “Eu não quero lembrar da coisa dolorosa. Bem, talvez tenha sido terrível, mas não é conveniente para mim olhar para isso”. Bem, *quem* olha para a coisa dolorosa, que aspecto de si mesmo vê a coisa dolorosa, é a chave para entender o que estamos instruindo você. Se os olhos do Cristo percebem essa coisa, se os olhos que conhecem todas as coisas da Fonte podem reivindicar essa coisa — perceber e recuperar — a coisa pode ser reconhecida em uma realidade alterada. “O que isso significa?”, ele pergunta. Se não há uso para matar, o instrumento de dano é inútil. O aço que o forjou pode ser reutilizado em algo diferente.

O ato de alquimia que estamos ensinando a você hoje é para o bem de todos. Isso não é um ensinamento confortável para Paul, e também não será para alguns de vocês. Mas não podemos fingir que a humanidade ascenderá a um nível mais elevado de consciência quando as relíquias do antigo, aquelas coisas usadas para prejudicar os outros, essas relíquias de dor de civilizações anteriores, ainda estão ao seu redor e ainda estão acumulando evidências de vergonha ou a amplitude da escuridão que foi concedida a eles. O desejo da humanidade de controlar uns aos outros, de escravizar um povo, de ditar o resultado de uma guerra ao custo de milhares e milhares de vidas, deve ser visto agora como o efeito residual do medo que você usaria para reivindicar a identidade através de um mundo antigo. A ideia de vencedor e vítima. A ideia de escravo e dono. Todas as ideias de si mesmo nascidas na separação. Quando a separação é liberada, os nomes são liberados, a idolatria que cada um recebeu, quão importantes eles são, também é transformada. Não haverá mais vítimas e não mais vencedores através da antiga ideia.

Quando você entende quem e o que você é, você recupera a história porque vê além das evidências. Você não ignora as evidências. Você vê além das evidências que foram acumuladas em vergonha e condenação. “Por que você usa os termos *vergonha* e *condenação*?”, ele pergunta. Bem, vocês se sentem envergonhados como um coletivo sobre como trataram uns aos outros. Vocês têm vergonha da história que mantiveram. Vocês ainda constroem monumentos para os vencedores, ou lembram dos envergonhados, as vítimas do antigo, em memória como podem. Mas a vergonha que foi mantida sobre atos passados apenas proíbe atos futuros no nível de consciência que a humanidade tem mantido. E o que agora está sendo pedido de vocês, um novo nível de consciência e alinhamento que não reivindicará o antigo novamente, significa que vocês devem ver o que foi feito em vergonha ou dano e recuperá-lo.

Agora, o eu vulnerável, o aspecto de cada um de vocês que diz, “Por favor, não me faça olhar, eu não quero ver o que eu fiz ou o que fizemos ou como nos vimos em vidas passadas como vítima ou vencedor, eu só quero viver hoje”, é quase útil. Vamos explicar o que queremos dizer com isso. Você não precisa se concentrar em vergonha e dano. Concentrar-se em vergonha e dano os recupera ou os revitaliza através do foco que você lhes deu. Mas você também não pode ignorá-los. Mas o simples reconhecimento do que foi, e então a recuperação deles, é como a forma manifesta, o mundo que você vê, pode ser movido além do resíduo de atos passados e dos modelos de dor que você utiliza para recriar ou fabricar o antigo quando você acredita que é necessário. “Há outra guerra. Vamos construir mais fábricas de armas.” “Há outra guerra. Vamos construir mais bunkers.” “Há outra guerra. Vamos enviar nossos filhos para lutar.” Quando essas não forem mais escolhas — porque as fábricas de guerra, os bunkers, os próprios campos de batalha, foram elevados para o superior — não haverá mais reivindicação de vencedor e vítima porque não haverá mais batalha ou luta.

Recriminação para o eu por atos passados realizados só é útil se se tornarem motivo para mudança. Mas então descanse na mudança, e não na auto-recriminação. Recriminação dos outros só pode ser útil se for instrutiva para uma escolha superior. Entortar algo para o formato que você deseja é um mau uso da vontade quando é outro e sua identidade que estão sendo reivindicadas. Quando você entender o que estamos dizendo, você poderá dizer, “Sim, isso aconteceu”, e você deve entender sua parte nisso. Para recuperar o novo, você liberará a necessidade de punir e prejudicar aqueles que você reivindica com medo, porque os únicos que você prejudica são sempre aqueles de quem você tem medo.

Agora, as relíquias do passado que habitam este plano — os templos de tortura, os antigos campos de batalha, os altares onde seres humanos foram sacrificados há milhares de anos — ainda estão presentes aqui. Você os imagina como vazios porque não estão em uso. Mas tudo guarda memória em sua ideia de tempo. E

para recuperar as relíquias da dor ou o uso indevido da autoridade, as correntes da escravidão, as fábricas de guerra, os dispositivos de tortura que a humanidade usou contra si mesma no tempo presente e no passado, todos podem ser realizados em nenhum tempo, neste momento eterno, através do ato de recuperação que estamos apresentando a você agora. Cada coisa que você vê que foi utilizada para prejudicar outro, cada lei que você reivindicou que impediu outro de sua própria liberdade, cada escolha feita para construir um dispositivo de horror ou destruição, pode e agora será recuperada no tom que cantamos. E quando cantamos este tom, convidamos você a reivindicar esta intenção sobre todas as coisas manifestas, mantidas, criadas ou usadas na escuridão:

“Eis que faço novas todas as coisas. Assim será. Deus É. Deus É. Deus É.”

Na contagem de três, Paul.

Agora um. Agora dois. Agora três.

[Os Guias entoam através de Paul.]

O que é, foi. O que é, é. O que é, será. Todas as coisas feitas novas. Todas as coisas recuperadas. Todas as coisas re-cantadas na verdadeira oitava do Cristo em manifestação. Todas as coisas vistas, todas as coisas pensadas, todas as coisas feitas em forma, re-cantadas na alta amplitude da verdade e do ser. E como dizemos sim à sua assistência neste ato, convidamos você a dizer sim também.

Você Está Aqui. Você Está Aqui. Você Está Aqui. Você Veio. Você Veio. Você Veio. Você É Conhecido. Você É Conhecido. Você É Conhecido. E efetuado na grandiosidade da verdade.

Agradecemos a cada um de vocês pela sua presença. Parem agora, por favor. De fato, isso está no texto.

(PAUSA)

O que está diante de você hoje, em um estado desperto, é uma promessa do novo — sublinhe a palavra *promessa* — uma garantia do que será feito de forma tão elevada ou oitava que você pode se alinhar agora. A promessa nasce no alinhamento, sim. E a reformulação de quem e o que você verdadeiramente é em um estado plural — do todo, um de todos, em concordância com a Fonte em todas as coisas — se foca, se impõe, como expressão. A negação do Divino que você utilizou para perceber o eu, uma vez desfeita, a rearticulação uma vez iniciada, reivindica manifestação na Sala Superior em totalidade. Sublinhe a palavra *totalidade*. Pode não ser o que você pensa. Você pensa em uma casa nova. Sem cantos empoeirados. Sem papel de parede antigo. Em *totalidade*, queremos dizer a materialização do novo, sim — ao custo do antigo modelo, sim — mas de uma forma que possa ser reconhecida por você como sendo simplesmente o que é, presença e ser.

Você vê, a negação do Divino obscurece a maioria das coisas que já estão presentes na alta oitava que é a Sala Superior. A manifestação disso de uma forma que você possa conhecer — novamente, vindo ao custo do antigo — se replica na alta oitava. Em outras palavras, uma canção cantada é uma canção cantada de novo. Sua ideia do que era é reivindicada de uma forma mais elevada. E a utilidade da reivindicação, ou o re-conhecimento de algo que já estava em forma, deve ser experimentada por você.

Agora, vocês se imaginam como participantes de uma mudança, e estão de fato corretos. Mas realmente não compreendem a mudança que está prestes a ocorrer na paisagem que compartilham. Haverá um nível de realização — através dos oceanos, através das fronteiras — sobre o que vocês fizeram, como escolheram, para que possam escolher de novo. Essa realização vem como resultado de ação e medo que foram reivindicados por aqueles que procurariam perpetuá-los, sim. Mas negar o Divino não estará alinhado com a alta oitava que agora começa a tocar. Aqueles que promovem o medo serão aliviados de seu fardo, ou do cálice que seguram, que é reivindicar uma ideia de si em soberania, à custa da humanidade.

Paul está preocupado com esse ensinamento. “Você está fazendo as pessoas parecerem más. É isso que você está fazendo?” Absolutamente não. Mas diremos isso: Quando uma realidade está mudando, aqueles que procuram perpetuar o status quo farão o que puderem para manter a identidade em vista. Quando isso é percebido pelo coletivo, o coletivo recupera o que foi mantido na escuridão porque deve fazê-lo. Agora, você não vai virar as costas para o seu vizinho nos tempos que estão por vir, porque você reconhece o seu vizinho como a si mesmo. O egoísmo pelo qual você optou aprender — “Minha vida vale a pena, a vida dela não deve valer”, “Nossas vidas valem a pena, as vidas deles não devem valer” — é a degradação do Divino em um nível muito alto. E isso não será permitido porque o nível de vibração que chegou e está buscando revelação através de você não o suportará.

O desafio destes tempos em que vocês agora se encontram é que a transmissão à qual vocês têm escutado, a velha canção com a qual têm dançado, exigindo ser cantada porque é tudo que vocês conheciam, está sendo alterada. Sublinhe a palavra *está* — *está* sendo alterada. E a transição para a alta oitava, uma vez ocorrendo, desestabelece ou deserda as antigas propriedades que a antiga vibração reivindicou. Fomos questionados: “O bem que a humanidade reivindicou se sustenta na Sala Superior?” Todos os grandes benefícios da humanidade têm sido a Fonte se expressando de diferentes maneiras. Seja na arte, seja no comércio, seja na verdadeira religião ou na verdadeira medicina, a verdade de todas essas coisas está sempre presente porque são o Divino se expressando de maneiras elevadas através da escolha da humanidade em se alinhar a elas. Mas as propriedades do antigo, conhecidas em desalinho, estarão mudando. E algumas das mudanças são desafiadoras.

Vamos explicar isso. Quando você se eleva em movimento para um nível mais alto de frequência, o que foi mantido no nível inferior é visto e então movido. Imagine que você está subindo. O que não pode suportar o nível mais alto de tom deve ser desmontado, re-visto ou reconhecido de uma forma mais elevada. O que vocês

realmente ainda não entendem é o quanto querem o antigo, mesmo que seja prejudicial para vocês mesmos ou para seus semelhantes, para a humanidade como um todo. Aqueles que lucram com a guerra sempre buscarão a guerra. Mas para entender o mérito da paz e a necessidade de perdão para que a paz esteja presente, é necessário uma mudança de consciência que a maioria de vocês não quer. E vocês não querem porque isso perturba a ordem que sustenta a ideia de economia, a província de um país e os direitos de um indivíduo de maneiras às quais vocês se acostumaram. Quando entenderem que nenhuma vida humana vale mais ou menos do que outra, vocês acabarão com a guerra. Mas vocês negam Deus nos seus semelhantes, e então, quando eles são mortos em nome do comércio, vocês dizem: “Bem, lá vamos nós de novo. Estamos nisso de novo. A humanidade nunca mudará.” E vocês confirmam o mundo em sua degradação mais baixa. Pensar que vocês não fazem parte disso seria um equívoco. Claro que fazem, porque todas as coisas que veem diante de vocês, estão em ressonância.

O elevação ao novo exige que vocês liberem suas antigas armaduras, larguem a espada, abandonem o escudo, desistam da necessidade de uma batalha que sempre esperaram. Aqueles de vocês que acreditam que estão aqui para combater o mal, saibam ou não, estão exigindo que haja mal para vocês combaterem. Elevar-se além da ideia do mal, para um lugar de concordância onde a Fonte é mais poderosa do que sua ideia de mal, erradicará a ideia de mal, que é apenas a negação do Divino de maneira prejudicial. E aquele que decide guerrear para erigir uma fronteira para manter seus semelhantes afastados está agindo no mais baixo, quer vocês queiram ouvir isso ou não. Até alimentarem a pessoa à mesa que mais precisa de comida, vocês estão agindo com hipocrisia.

Agora, a humanidade mudará? Sim. Está acontecendo agora. E está acontecendo em uma onda que realmente os reivindicará em uma presença mais elevada. Na presença mais elevada, vocês perceberão o erro de seus caminhos porque ele estará lá para vocês verem, e vocês terão a oportunidade de reivindicar o mundo no nível de escolha que a Mônada oferece.

“O que isso significa?”, ele pergunta. Quando a Mônada ou o Eu Divino, alinhado em vontade, é reivindicado em fruição, ele reivindica o mundo. E os atos do indivíduo nunca serão à custa do todo. Quando vocês trabalham em direção à unidade, vocês não fazem isso com o tipo de esforço que pensam. Fazem isso através da inclusividade, não da exclusividade. Fazem isso através da bênção, da presença de Deus sobre a coisa que veem, não através da condenação, que é jogar o outro na escuridão. Aqueles que procuram lucrar com o erro do medo se reivindicarão de novo porque, finalmente — e diremos isso de novo — todas as coisas serão feitas novas. E seu desejo de vilipendiar e tornar errado será movido para um novo nível de acordo, porque ninguém será ajudado ou transformado quando estiver sendo condenado.

O dom deste ensinamento é a rearticulação em grande escala. E explicaremos o que queremos dizer com isso. As mudanças que estão ocorrendo aqui estão acontecendo independentemente de sua escolha. Mas o benefício de sua presença para esses ensinamentos apoia sua realização do que realmente está acontecendo, que é beneficiar a humanidade, recuperar a humanidade na oitava mais alta que é a verdadeira herança da humanidade. Vocês são o presente para o mundo à medida que se alinham a isso, não tanto a esse ensinamento, mas ao seu próprio potencial inerente de serem reconhecidos no nível de verdade para o qual foram encarnados. “O que isso significa?”, ele pergunta, “*encarnados para ser?*” Este sempre foi um ensinamento de restauração. Este sempre foi um ensinamento de amor, e o acordo de amar conforme expresso em um indivíduo através da consciência. E o acordo da alma para o benefício ocorre neste nível de tom ou vibração.

Sempre será assim. Nossa ideia, nosso conhecimento, nossa reivindicação para cada um de vocês é que sejam restaurados à sua divindade inerente em sua expressão, presença e ser. E nosso presente para aqueles que o desejam é a manifestação da Mônada, conforme pode ser reivindicada ao custo do antigo eu, ou da antiga máscara, ou da antiga ideia de si que foi acumulada através da separação.

Eis que faço novas todas as coisas.

Agradecemos a cada um de vocês por sua presença. De fato, isso está no texto.

Parem agora, por favor. Ponto. Ponto. Ponto.

DIA TRINTA

O que está diante de vocês hoje, em um estado desperto, é o resultado do trabalho que fizeram até agora. Compreendam o que dizemos agora: O acordo de se alinhar à oitava mais alta da Sala Superior, em sua própria amplitude, está reivindicando o que vocês veem, e não apenas como veem, mas o que podem fazer com isso, como podem agir sobre o que é visto, a partir dessa alta voltagem, alta experiência, alta expressão de consciência.

Agora, quando alguém sabe quem ela é e ela embarca em uma vida, ela reivindica a identidade que está presente para ela e não procura descobrir quem ela era através dos remanescentes do passado. Ela compreende atos passados, escolhas antigas, ideias antigas e libera a necessidade de decidir quem ela é em consequência dessas escolhas como resultado delas. Vocês compreendem o que era. Compreendem isso da oitava mais alta. Mas vocês não estão fuçando nos detritos da história, procurando o que podem ter deixado ou perdido ou precisam encontrar novamente.

Nossa identidade como Verdadeiro Eu, como a Mônada em expressão, é para o benefício de todos. Não desperdiçamos nossos dons contemplando o eu que um dia poderia ter sido. Aqueles de nós que conhecemos a forma, e transcendemos a ideia de forma, somos capazes de reivindicar um mundo pelo qual nos expressamos. E nosso objetivo agora é apoiar cada um de vocês nesta recuperação, para que possam conhecer os eus como só podem ser na verdade. Aqueles de nós que não conhecemos a forma, mas estivemos presentes como luz, como expressão, como consciência da Fonte, apoiamos o mundo além da ideia de eu que já foi construída.

Agora, a ideia de si mesmo já foi discutida extensivamente neste texto. O que ainda não foi discutido é o ser além da ideia de si mesmo, e como alguém perdura, vivencia, em um nível de amplitude que não está buscando evidências através da história acumulada no passado. Quando você se alinha no nível que ensinamos hoje, você está de fato em um estado soberano. Mas a soberania é o Cristo ou a Mônada como expresso, não o nome que você recebeu ao nascer e com o qual se tornou familiar. Você está operando em duas estratificações diferentes simultaneamente.

Agora, Paul está interrompendo. “No mundo, mas não do mundo?”, ele pergunta. Não exatamente. Mas você pode usar isso se for mais fácil para você compreender o que estamos prestes a dizer. O Verdadeiro Eu, você vê, sempre foi expresso, mas não aderido. E a amplificação dele na Sala Superior para o benefício de todos conhece *a si mesmo* — ele conhece *a si mesmo* — além das ideias antigas. O aspecto que ele é, nascido através de você para estar em articulação como manifestado, deve conhecer o limite de velocidade, deve entender as necessidades do corpo. E enquanto essas ideias estão presentes no campo comum, elas também são reconhecidas a partir da idealização da Mônada que deve ver todas as coisas em coerência consigo mesma. A realidade manifesta que você experimenta na Sala Superior, no nível de integração que agora estamos ensinando, é o mundo realizado, ou o mundo conhecido em Deus.

Agora, a ideia disso para alguns de vocês é um mundo plástico ou elástico, que pode ser movido pelo pensamento consciente. A densidade da matéria que você conheceu no campo inferior é, claro, muito mais maleável ou elástica na Sala Superior porque você não está utilizando o tempo para tomar suas decisões. Realização, você vê, verdadeiro conhecimento, você vê, não existe no tempo, mas na atemporalidade. Sempre que você realmente soube, você esteve fora do esquema do tempo. Mas você pode olhar para o relógio e dizer: “Sim, claro. Às duas e quinze eu soube.” Na ideia das duas e quinze, você estava experimentando o Eu Eterno, o aspecto que sabe, e o acordo feito no nível mais alto, em sua própria amplitude, agora está expresso no plano manifesto. O verdadeiro conhecimento, você vê, no nível da Mônada em expressão na forma, é o que coalesce o reino material ao nível que ensinamos. “O que isso significa?”, ele pergunta. Sua capacidade de perceber como o Cristo ou a Mônada em experiência, além da ideia de tempo, sustenta o mundo manifesto em um nível que você não vê ou não pode imaginar no modelo inferior.

Agora, tudo o que você compreende em seu mundo nasce em regras de acordo — as estações, os dias da semana, todas as ideias conhecidas através da forma. Na Sala Superior, nesta escala de expressão, a realização ocorre além das evidências antigas. Em outras palavras, o mundo manifesto em um estado alterado é visto através dos olhos e do nível de consciência que compreendem a eternidade. Quando você compreende a eternidade, ou pelo menos concorda com ela, o que você começa a vivenciar em uma manifestação é o que só pode ser. Agora, os ponteiros do relógio podem se mover, mas você entende o relógio como mecanismo, algo que mede os segundos e as horas. Você compreende a necessidade do mecanismo no nível em que ele foi criado. Mas você não está mais aderindo a ele na oitava alta, mas referenciando-o conforme o necessita no campo inferior. Aquele cuja vida é traduzida dessa forma está reivindicando um novo acordo, não apenas para si mesmo, mas para o mundo como um todo.

Ele interrompe o ensino. “Mas como isso afeta o mundo? Posso imaginar uma pessoa sentada em uma montanha que não se importa com a hora, talvez veja Deus em todas as coisas. Mas como o mundo muda de uma forma manifesta além do que você fala como articulação individual?”

A articulação individual, no nível em que estamos ensinando, claramente reivindica o mundo manifesto em congruência similar, porque, como foi dito, não pode fazer de outra forma. Está neste nível, então toda a experiência é traduzida pelo observador. Como isso afeta o mundo não é apenas em incrementos, como o indivíduo percebe, mas também em uma grande onda. De certa forma, o que você fez foi abrir um buraco no teto. Novamente, a afirmação “Eu sou livre, eu sou livre, eu sou livre.” E quando essa abertura acontece e você opera como um portal para o nível mais alto de expressão, você está reivindicando que o mundo se projete através do portal, ou da ideia de teto que foi conhecida como separação.

Agora, alguns de vocês querem truques mágicos. “Mostre-me como transformo água em vinho.” O que você faz aqui, na verdade, é re-olhar o ambiente que conheceu em um nível e depois em outro. Você está indo para o nível de acordo em que o que você vê deve ser a externalização da consciência. Você foi movido além da ideia de história. Você está se movendo agora além da ideia de memória e do significado que as coisas receberam. Isso é tudo necessário para a manifestação do mais elevado, a menos que você tente trazer o lixo de ontem com você para a ideia da Sala Superior, que não suportará esse nível de detritos ou resíduos.

Cada um de vocês diante de nós que adere a essas palavras está realmente privilegiado a um nível de experiência que será conhecido por você conforme você se alinha a ele. “Qual é essa experiência?”, ele pergunta. “Eu não quero conjecturas. Eu quero minha própria experiência disso para que eu possa saber que isso é verdade.” Na verdade, Paul, você está tendo. E parte do sofrimento que você experimenta agora é a realização do que era, como você o escolheu, e o eu infantil que acreditava ser tão separado que não poderia conhecer o amor. À medida que este aspecto do eu é transformado, o acordo para amar é feito conhecido para você. E para todos os nossos alunos isso de fato será o caso. Há um luto, sim, que acompanha a passagem do velho para o novo. O que você acreditava que era, o esforço que você colocou em fazer as coisas de uma certa forma, os desejos que você teve, cumpridos ou não, estão todos recuando à medida que a maré o reclama nesta nova praia.

Sua experiência nesta nova praia é como aquele que sabe, e cujo alinhamento se moveu para uma congruência com a vibração ou tom que você pode chamar de Deus, mas nós chamaremos de Tudo Que É, porque isso implica falta de separação. Tudo Que É não pode conter separação porque você é de Tudo Que É. Sua ideia de Deus ainda frequentemente brinca em algum outro lugar, mantendo você correndo em direção a um objetivo. E haverá ensinamentos que irão convidá-lo a correr em direção a algo que você nunca poderá entender completamente. O que estamos dizendo é diferente:

Você Está Aqui. Você Está Aqui. Você Está Aqui. Você Veio. Você Veio. Você Veio. Você É Conhecido. Você É Conhecido. Você É Conhecido.

E neste nível de acordo, o Eu Manifesto em uma oitava alterada mantém a experiência da atemporalidade, ou você poderia dizer eternidade, enquanto a figura que ainda ocupa espaço em um campo coletivo está transformando o campo por sua perspectiva, por seu acordo e por seu conhecimento do que realmente é.

O nosso ensino hoje é sobre duas coisas: o que ocorre quando você para de decidir o que deve ser e o que ocorre quando você libera o que você pensava que era e o que acompanha essa liberação. Tudo o que é conhecido pela humanidade tem estado em uma forma que você pode compreender enquanto encarnado, mas os motivos de muitos acontecimentos têm sido obscurecidos, têm sido negados. As limitações que você utilizou para decidir o que pode ser te reivindicaram em uma história que mantém a limitação como barreira. Revisitar a história não é esquecer a história. É compreender o que foi para que você seja libertado do antigo.

Paul está se entendendo agora como um produto da história, porque este é um período que se deve abordar para liberar a ideia de si mesmo reivindicada pela história. Mas o apego à história para ditar o resultado apenas garante que você terá o que já teve. E isso não é verdadeiro apenas para o indivíduo, mas também é verdadeiro para o coletivo. Este é um movimento coletivo agora. E o caos que você vê ao seu redor, as recriminações que ecoam pelos vales e montanhas, serão ouvidas até que a voz se canse e não haja mais utilidade para palavras que divinizam a separação ou apoiam a condenação do outro.

Você está ficando cansado como coletivo da inutilidade da batalha. Você está ficando cansado como um coletivo de recriminação como forma de mudar o comportamento. Você precisa de um novo modelo, um novo template para o ser. E isso é a Sala Superior, e o nível de consciência que não exigirá que o antigo seja reivindicado. Dizer que isso está acontecendo agora seria uma avaliação precisa da experiência de muitos. O que realmente está acontecendo é que a densidade do plano está se movendo de maneiras mais desafiadoras. A evidência de velhas dores, velho sofrimento, velho luto, velha raiva, velho acordo para a guerra está sendo movida. E enquanto se move, pode parecer estar presente das maneiras mais altas ou mais escuras. Mas a fumaça se dissipará, e o que foi queimado no fogo será cinza. E você não estará olhando para isso porque seus olhos terão sido direcionados para o que agora está diante de você — um mundo feito de novo, uma reivindicação sobre o mundo em acordo universal para presença e ser.

“Eu não acredito nisso”, ele diz. “Soa legal, mas como?” Este texto é um livro sobre o *como*. A realização do *como* já está realmente presente. A dúvida que você tem, Paul, é a ideia de si mesmo que busca se ancorar a um antigo poste enquanto as águas da enchente estão subindo. Solte o poste. Permita que a elevação ocorra e confie no processo. A maré que é invocada não vai te deixar à deriva, mas te entregou — sublinhe a palavra *entregou* — *entregou* você para a praia alta. Enquanto você sabe que está aqui alguns dias, você ainda se entende através de antigos padrões. E o acordo com os antigos padrões, um sentido de identidade que agora está se libertando, é a causa do seu desafio. Esquecer quem você era nunca foi este ensinamento. Saber quem você é, foi.

O abandono do antigo é entender o que você escolheu outrora, como a humanidade escolheu outrora, para que agora você seja libertado das ramificações dessas escolhas e comece a reivindicar o que está diante de você. Alguns de vocês dizem: “Eu quero isso”, mas, na verdade, vocês não querem. Você quer sua ideia de um mundo melhorado. “Vamos plantar mais flores, comer mais vegetais, fazer algumas coisas que podem ajudar e deixar isso ser suficiente.” De todo modo, plante as flores. Mas saiba que o mundo é feito de novo através da realização do Divino onipresente sobre o que é visto, e isso só pode ocorrer no nível de consciência em que você está sendo instruído aqui. Se você quer um mundo novo, que seja o mundo que você não consegue imaginar. Que seja o mundo que busca nascer. Que seja a canção que é cantada em amor e riso pelas montanhas e vales. Que todas as coisas sejam feitas de novo. Que o mundo seja cantado à manifestação a partir da alta ordem da Sala Superior.

Nós somos Melquisedeque. Viemos como a Fonte, em acordo com a Fonte, como quem e o que só podemos ser em verdade.

Agradecemos por sua presença. Pare agora, por favor. Ponto. Ponto. Ponto.

DIA TRINTA E UM

O que está diante de você hoje, em um estado realizado de compreensão, é que o que você viu no passado foi informado pelos ditames da separação; você chega a um acordo do que realmente é e do que só pode ser. A fabricação de uma realidade em um campo denso é um ato coletivo. Vocês estão todos criando as montanhas e o céu através da sua adesão às ideias deles. Seu acordo com essas coisas, em uma forma solidificada ao longo de milênios, garantiu o resultado — que você conhecerá uma montanha pela ideia de montanha ou um oceano pela ideia de oceano.

Agora, a transposição ocorre quando o Verdadeiro Eu, no mandato de sua expressão, simplesmente libera as ideias que *não podem* se conformar à amplitude superior. Sublinhe *não podem*. O trabalho é feito neste nível

— não através da sua reconfiguração do que você gostaria que fosse. A ideia de criar sua realidade em um nível independente é realmente muito útil, porque de fato torna você responsável por suas próprias escolhas e oferece oportunidades para renegociar a realidade a partir de um lugar de soberania, ou pelo menos a ideia de que o que você viu, você escolheu ou pelo menos concordou em aprender através. Sublinhe o termo *concordou em aprender através*. Acordo é coerência. Não é necessariamente consciente. “Eu não concordei em ser abandonado quando criança.” Mas, de fato, você está em coerência com o que ocorreu e está escolhendo aprender através da experiência, uma vez que você decide que tudo pode ser visto como oportunidade. No entanto, o coletivo também fez acordos, e a ideia de soberania pessoal — “Eu crio minha realidade” — é na verdade nula diante do acordo coletivo.

“O que isso significa?” ele pergunta. Bem, mais uma vez, a ideia coletiva de oceano, à qual você confere poder, já está estabelecida para você através dos dados históricos que o coletivo lhe conferiu. Não é o seu oceano. Não é o oceano de Paul ou o oceano de Abigail. É o oceano que todos veem — em outras palavras, o *todo*, a amplitude do acordo coletivo, retratada como oceano. Quando eventos mundiais ocorrem que realmente reivindicam o *todo* em seu incidente, o mundo sempre recebe uma oportunidade de negociar ou redecidir o que essa coisa pode e significará. Novamente, oportunidade de aprender. Tragicamente, o que a humanidade escolhe principalmente diante de uma crise é um ato de agressão. “O vizinho roubou as ervilhas do quintal. Vamos erguer uma cerca maior.” “Aquele país escolheu fazer isso. Vamos atacar aquele país.” Raramente você percebe a oportunidade em um ato que informa o coletivo, porque você opera no egoísmo.

Agora, o egoísmo individual é algo que você compreende. “Eu tinha mais do que precisava no meu prato. Não ofereci ao homem faminto ao meu lado.” Mas você não entende o egoísmo coletivo e como isso determinou um resultado ao qual vocês todos concordam. Sublinhe *todos* — *todos* concordam. Não porque você deseja que seja assim, não porque você o desculpa, mas porque você o testemunha. Tudo o que você testemunha, você concorda.

Agora, quando você está ouvindo esse ensinamento, você está sendo movido em uma escala vibratória para um nível de ressonância onde as palavras que falamos podem ser compreendidas no campo energético. E é o campo energético que estamos abordando agora, porque a amplitude de cada um de vocês, em um estado realizado, tem muito mais autoridade sobre o que você percebe do que você imagina. “O que isso significa?” ele pergunta. Bem, a ideia de si mesmo como percebedor, ainda negociando uma realidade que ele acha que deveria ser, ou que ela deseja que seja, é na verdade apenas um nível da experiência que está ocorrendo aqui. A mente sem mente, ou os olhos que veem sem julgamento, a inocência restaurada do indivíduo, também está participando de uma estrutura de experiência em um nível de inocência. “O que isso significa — *estrutura de experiência?*” Bem, você vê um mundo com montanhas, vales e oceanos. A realidade tem estrutura, e essa estrutura nasce da expectativa conferida pelo coletivo sobre ela. Mas na Sala Superior, conseqüentemente e verdadeiramente, os olhos que veem além dos olhos que conheciam ou reivindicavam o antigo também estão operativos, que é a mente além da mente, ou a pluralidade, a expressão plural, da Mente Divina que é inocência. Sublinhe a palavra *é*. Mente Divina *é* inocência, que contém todas as possibilidades. E todas as possibilidades podem ser confirmadas pelo indivíduo quando a Mente Divina está operante através dos olhos ou da experiência de quem está percebendo.

O que ocorre aqui, de certa forma, é a ideia de que o aspecto de si mesmo que se considera o percebedor, que tem identificação através da paisagem em que foi criado, começa a operar em congruência com a mente superior que não detém nenhum ditame e nenhuma expectativa. A mente inocente não detém nenhum ditame e nenhuma expectativa, razão pela qual o que simplesmente é, é. E essa amplitude de acordo é como o mundo é finalmente re-visto em forma. Sublinhe a palavra *forma*. A ideia de mente que tem sido enraizada no reino material, teve que negociar a história — “Isso é o que um oceano é e deve ser” — é tudo muito bom, mas ainda é limitada em sua perspectiva, no que concorda que pode ser, ou que determinaria que fosse. A Mente Verdadeira — e usaremos isso com letras maiúsculas, V maiúsculo, M maiúsculo, *Mente* — seria vista como o aspecto da mente que é de fato eterno, não negocia nada, porque sabe e vê através da idealização, da oportunização, da verdade incessante. Sublinhe essas palavras: *verdade incessante*. Estar na inocência é estar na *verdade incessante*, uma compreensão do ser que não detém nenhuma máscara, nem mesmo linguagem, para sustentar suas ideias. Você entende a linguagem, e ela é útil. É como você concorda com a manifestação através da razão coletiva. “Isso é o oceano.” “Isso é o céu.” “Essas são as propriedades de um rio ou de um lago ou de uma poça.” Você tem linguagem para sustentar suas ideias, e você cria linguagem, e de certa forma solidifica a realidade ou a mantém em densidade, através da linguagem aplicada que confirma a ideia. Em outras palavras, a ideia de uma coisa, uma vez falada em existência, confirma a própria coisa como manifesta.

Quando você se move além da linguagem na Sala Superior para a verdade silenciosa do Tudo Que É, o Tudo Que É é realmente explícito. Sublinhe essa palavra: *explícito*. O que é um rio sem o nome *rio*? O que é um rio sem as propriedades que você concedeu ao rio? O rio pode ser conhecido em uma forma mais elevada, uma vez que não lhe é atribuído, através da linguagem e intenção, o que deveria ser por uma ideia preestabelecida do que um rio sólido é. O rio é o Tudo Que É, manifestado como a ideia de rio através da mente que concordou com isso. Na Mente Elevada, ou na Mente Verdadeira, o que você começa a experimentar é a aplicação deste ensinamento como aquele que transmuta a vibração. Porque você não está atribuindo significado, o que você está começando a fazer é restaurar o que sempre foi. Você também pode sublinhar isso, se desejar: *o que sempre*

foi. O rio antes da ideia de *rio*, a ideia que primeiro criou o rio, que é Deus em si mesmo dando-lhe a autoridade para ver e criar.

Você já ouviu histórias de mundos ou realidades dimensionais onde o pensamento é imediatamente seguido de manifestação, e diremos isso: Existem estratos na Sala Superior onde tais coisas ocorrem. A densidade do campo comum simplesmente decide que as coisas vão levar mais tempo. A ideia pode ser tida, mas a manifestação da ideia através do indivíduo ou coletivo terá que ser árdua. Em outras palavras, leva tempo para que a semente cresça na planta que você vê diante de você hoje. A imediatidade da manifestação, como pode ser conhecida nos níveis superiores que estão presentes aqui, é o resultado da Mente Elevada, cujas ideias são da Mente Verdadeira. Em outras palavras, o que você reivindica em potencial, verdadeiro potencial na Mente Verdadeira, a partir deste nível de amplitude, deve ser assim, e de fato já existe. Você está reivindicando o mundo feito de novo como ele já existe na Mente Verdadeira, na Mente Elevada. Você está reivindicando o que foi, o que é e o que sempre será, que é Deus em si mesmo em sua expressão em um estado inocente, sem os dados da história manchando-o, sem o medo que você usou sujando ou corrompendo-o, sem a condenação que você empregou rebaixando-o ao campo que vocês se conheceram anteriormente.

Cada um de vocês que diz sim ao trabalho que está à sua frente realmente será empregado. “Como isso ocorre?”, ele pergunta. Presença e ser é a chave para todo o ensinamento deste texto. Presença e ser. A ideia de si mesmo, transplantada para a Sala Superior onde é recuperada em sua expressão, é a Mente Verdadeira expressando-se através dos indivíduos e, em seguida, do coletivo, em benefício do Tudo Que É. E diremos isso novamente: *Tudo Que É* sendo todas as coisas vistas e não vistas.

A clareza que oferecemos a vocês aqui é por um motivo muito específico. Todos vocês estão sendo utilizados em um nível de tom, como um cravo seria, como um tambor seria, como um sino de igreja poderia ser, para que o som de sua expressão, o repicar do sino, o acorde no cravo, a canção cantada pelo coral, em entonação e reverberação, comece a restaurar, recuperar e alinhar todas as estruturas vistas e não vistas ao tom perfeito que é o Divino que busca a si mesmo em todas as coisas. Isso é feito — presença e ser — pelo aspecto de si mesmo que é e foi e sempre será, que é a Mônada que está sendo expressa além da mente, além da identidade, tão tonificada quanto o chamado claro.

Agora, todos vocês aqui, que experienciam essas palavras em uma página ou ouvem a voz do homem, estão sendo reestruturados em um nível de tonalidade, para que o que vocês possam trazer, o que possam oferecer, seja a oferta mais elevada que possam reivindicar e estar presentes. *Estar presentes* é a chave aqui. Presença e ser: *Estar. Presentes*. Cada um de vocês diz sim no nível de reivindicação que vocês se alinharam até agora. E cada acordo — “Estou disposto a ser, estou disposto a conhecer e ser conhecido, estou disposto a ver como só posso ver neste estado de inocência e restauração” — reivindica o mundo de novo sem a intenção de mover um tijolo, tirar o pó do chão, limpar um vidro de janela. A ação é feita em congruência à Mônada enquanto ela se expressa como e através.

Agora, você se torna um com todos em um certo nível de tom. Imagine uma voz cantando, o repicar do sino, o tom do cravo, a única canção, a única voz, sendo ouvida. Mas em um certo nível, quando muitas vozes se juntam, quando muitos instrumentos tocam, o som é enorme, e torna-se um som, um grande tom — não uma cacofonia, mas um trompete, um estrondo, um chamado retumbante ao despertar que todos encontram conforme se experimentam no nível em que chegaram. Alguns de vocês dizem: “Sim, deixe-me ser usado.” Alguns de vocês dizem: “Bem, isso é muito curioso. Talvez algum dia.” E outros dirão: “Impossível. Isso é uma farsa.” No entanto, o tom que ressoa através de você realmente começará a operar independentemente da ideia do que você considera possível, pois neste alto nível de inocência e potencialidade, a realização do tom não tem absolutamente nada a ver com seu estado emocional, ou sua inteligência, ou suas decisões sobre o que pode ser, porque é o corpo energético em um estado restaurado que reivindica o som, que se junta a outros em som semelhante. E o som retumbante, o retumbante *sim*, que é a reivindicação de inocência e restauração sobre o mundo manifestado, será a canção cantada por todos através da ação da co-ressonância — não pelo esforço de escolher de novo, mas alinhando-se ao que é, e ao que foi, e ao que sempre será em tom.

Cantamos suas canções para que vocês possam aprender as palavras. Continuaremos essa ditadura amanhã. Obrigado pela sua presença. Pare agora, por favor.

DIA TRINTA E DOIS

O que está diante de você hoje, em um estado realizado, é que a encarnação que você está liberando, que é simplesmente a ideia de si mesmo, tem sido parte de um processo que foi utilizado para conceder-lhe a nova identidade da Mônada encarnada. Entenda o que acabamos de dizer: a Mônada encarnada.

Agora, ser a Mônada encarnada é de fato ser quem você realmente é. Não é um ideal super-humano. Você não é agraciada com uma promessa de profecia. Você não é agraciada com os dons que o pequeno eu possa acreditar que acumularia. No entanto, você está em seu conhecimento, e em um estado manifesto que pode reivindicar todas as coisas novas. O ser realizado que você é não está sofrendo porque ela entende que não há necessidade. No entanto, ela passa por suas provações conforme a alma as requer. Sublinhe essas palavras, amigos: *conforme a alma as requer*.

Agora, a perda de um filho, a perda de emprego, a perda de sua casa — todas essas coisas são desafiadoras de maneiras muito profundas, em qualquer estrato que você possa expressar. Mas como o desafio é enfrentado é muito diferente da Sala Superior, porque você realiza todas as coisas como sendo de Deus, porque você se

desapega do que era, porque você sabe o que realmente é e porque você reside na graça. Sublinhe essas palavras: *reside na graça*, que é residir na presença de Deus.

Agora, a presença de Deus como todas as coisas não significa necessariamente que as coisas vão acontecer como você gostaria, como você desejaria, como você proclamaria. De certa forma, o que ocorre é que você se move em uma corrente, uma corrente elevada. Você está se movendo além do antigo, ao redor dos obstáculos, além dos sistemas de controle. Mas você não está ditando o resultado, porque você confia no Criador, em Tudo Que É, para mostrar-lhe onde você precisa estar, para ser conduzido pela Mônada que agora opera através da vontade e do conhecimento. *Ser* isso é ampliar o campo, o campo Cístico, se desejar, que está presente em todo ser vivo. Sublinhe o que acabamos de dizer: *todo ser vivo*, porque não há nada fora de Deus. E ao encontrar Deus através das criações de Deus, todas as coisas são elevadas pela presença e pelo ser.

O acúmulo de crença na separação tem sido o maior desafio que tivemos como seus instrutores. A cada esquina que você vira, você encontra mais evidências disso. Cada detalhe em que você se aprofunda para decidir por que Deus não pode ser direcional seu foco para o campo inferior, e não para o Grande Eu, o Verdadeiro Eu, o Divino Eu, que já está aqui como você, buscando sua expressão como e através de. Mente Verdadeira, dizemos, é o ultrapassar dessa ideia de separação, em um nível de acordo onde você não pode concordar com a separação porque sabe que é um absurdo. Você sabe que é artifício. Você sabe que o que você vê diante de você é o acúmulo de dados, reivindicados no campo inferior, aos quais muitos aderem. Mas você não adere. Você se elevou acima. E qualquer evidência que busque te vincular ao antigo será liberada nas reivindicações que oferecemos. “Deus É. Deus É. Deus É.” É a amplificação dessa reivindicação no campo que você mantém canta sua canção para tudo o que você encontra.

Cada um de vocês diante de nós hoje, cada um de vocês que ouve essas palavras, que lê essas palavras numa página, estão de fato sendo encontrados em um novo campo. E o novo acúmulo de evidências de onde você está, de fato, encontrará você rapidamente à medida que você concorda com isso. Ao que você está concordando, você pode perguntar. Permitir que Deus seja Deus, permitir que Deus seja visível, visto e expresso como todas as coisas em sua experiência disso. O que você empreende aqui, ao chegarmos a um encerramento neste texto, é a manifestação da Mônada, em seu estado amplificado, que recruta, realinha e efetivamente absorve o que está no campo inferior e que não pode coalescer ou exigir ocupação no campo energético que é a Sala Superior. Você é como a Sala Superior, você vê, neste nível de encarnação.

Agora, à medida que você expressa, à medida que você realiza, à medida que você reivindica, a idealização do que era — primeiro diminuída — se libera. E Deus o libertará de um conjunto de expectativas que você utilizou para navegar o campo comum. Não é um desejo que está sendo liberado. É uma expectativa do que deveria ser, como deveria ser, como você mandataria o resultado, e como você se libertaria — sublinhe essas palavras, *se libertaria* — do que você vê que não aprovaria.

Falamos de uma corrente que irá carregá-lo. Falamos da graça que irá cercá-lo. Falamos da experiência de ser como, de e com a Fonte de todas as coisas em sua experiência de manifestação. *Manifestação* significa matéria — o que é visto, sentido, tocado, saboreado e conhecido, através do corpo, através dos sentidos e também através da consciência que anuncia o novo. A encarnação como a Mônada, que recruta todas as coisas para si, absorve o que não pode ser mantido no medo, agora conhecida na luz, na recuperação, é o presente de Deus para todos que dizem sim. Sublinhe essas palavras: *todos que dizem sim*.

Agora, Paul não gosta deste ensinamento. “Eu entendo o que você está dizendo em teoria. Você falou sobre isso frequentemente. Mas eu não me sinto como a Mônada encarnada. Não sei se algum dia sentirei. Então o que isso realmente significa além da suposição?” Gostaríamos de explicar isso muito claramente para você. Os ajustes que oferecemos funcionam primeiro no corpo e no campo energético. “Eu sou a Palavra através do meu corpo. Palavra eu sou Palavra. Eu sou a Palavra através da minha vibração. Palavra eu sou Palavra. Eu sou a Palavra através do meu conhecimento de mim mesmo como Palavra.” A reivindicação do conhecimento do eu como Palavra — que é o primeiro princípio, que é a Mônada, a única nota cantada, que está investida em todos vocês por natureza da presença e do ser — é o que acumula os seguintes ajustes: “Eu sei quem eu sou. Eu sei o que eu sou. Eu sei como eu sirvo.”

A realização dessas coisas, em sua pequena mente, ainda está na equação do que você poderia fazer como ocupação, como você pode se comportar com os outros. Mas é a Mônada, enraizada, expressa, através da ideia do eu, através da forma material que você assumiu, que anula os antigos sistemas. Portanto, a ideia de Mônada, uma vez libertada das diretrizes do reino inferior na reivindicação “Eu sou livre, eu sou livre, eu sou livre”, move seu alinhamento para o mundo manifesto que chamaremos de Sala Superior. Neste nível de ocupação, a Mônada expressa como forma e consciência na reivindicação “Eu vim, eu vim, eu vim” reivindica a forma e todas as criações anteriores no novo ideal, ou na reivindicação mais elevada da Mônada como expressa.

A Mônada expressa não detém os pontos de referência que o eu inferior possui, não é doutrina pela memória e pela história. E faz a reivindicação “Eis que faço novas todas as coisas” porque deve, pela sua natureza de presença e ser. Sua manifestação é o que canta um mundo em existência, não sua pequena ideia do que a graça pode ser, mas a profundidade do que a graça realmente é. Você já está expresso neste nível, mas você nega porque tem medo do que isso significa. Isso não significa que você anda sobre a água. Significa que você veio em participação para um mundo feito de novo. A reivindicação “Será assim” é a garantia da Mônada em sua reivindicação de eco vibracional, que tudo o que vê, tudo o que testemunha, tudo o que pode e será

conhecido, estará na oitava superior que é sempre verdadeira. Sublinhe essas palavras: *sempre verdadeira*.

Neste nível de campo vibracional em expressão, o Divino Manifesto é tudo, e foi tudo, e sempre será, que é a reivindicação “Deus É, Deus É, Deus É”, o Divino Manifesto além da ideia de tempo, de história, de identidade, mas a amplitude da verdade revista pela Mônada em sua restauração. Você ouviu essas palavras? *Sua* restauração, não *sua* restauração, que é o eu da personalidade, que de várias formas agora foi recrutado na oitava superior. O que resta no baixo é simplesmente o que é percebido através da antiga lente, que também está sendo movida, à medida que sua percepção é acumulada através da evidência da experiência, pela graça, na Sala Superior.

Cada um de vocês que vem até nós está em alinhamento no nível que você concordou. Mas nós estendemos o tapete para você caminhar e o acompanhamos pela passarela até a experiência, até a verdadeira herança, que sempre esteve presente, mas foi tão negada que você a refutaria mesmo que fosse uma sarça ardente no topo de uma montanha anunciando-se pelo nome. Você Veio. Você Está Livre. Você Está Aqui. Você É Conhecido. E você está expresso além da ideia de si mesmo, uma vez que você rende a ideia de si mesmo à completação.

“O que isso significa”, ele pergunta, “*render a ideia de si mesmo à completação?*” Isso é tudo que está no caminho. Você não entende isso? É apenas a ideia de si mesmo como separado que está no caminho da união. Você elevou o campo. Você elevou seus olhos. Você elevou sua voz em concordância com a Fonte. É apenas a ideia que ocupa espaço, porque você continua a segurar o dedo em uma página que está pronta para ser virada. Quando voltarmos para você, viraremos essa página. Nós o traremos além da antiga ideia.

Isso está no texto. Obrigado pela sua presença. Pare agora, por favor. Ponto. Ponto. Ponto.

(PAUSA)

O que está diante de você hoje, em uma nova consciência de quem você é, é o que pode ser reivindicado fora da ideia de limitação que o pequeno eu acumulou e, de fato, foi limitado. Aqueles de vocês que dizem sim a essa instrução são sempre encontrados no nível de coerência que você pode manter, e enquanto ensinamos através de Paul, amplificamos isso com sua concordância. A coerência que você mantém, que é o nível de vibração que você reivindica, geralmente está em fluxo e tendenciosa, com base na experiência. Mas quando a articulação como a Mônada se manifesta, o brilho da Mônada realmente anula a ideia de si mesma que seria um barômetro para o seu brilho através de seu estado emocional. Em outras palavras, amigos, sua ideia de si mesmo finalmente não impede que a Mônada se expresse como você. O nível de coerência a que você pode se alinhar apoia sua concordância com ele, mas uma vez que a rearticulação começou, a Presença Divina como você em seu estado manifesto, que é o que reivindica o mundo de novo, opera não independentemente do eu, mas através do eu que recebeu uma nova aclimação. A ideia de que você deveria se sentir de determinada maneira, ter uma prática específica, é rapidamente substituída pela sua nova consciência.

Agora, a consciência do Divino como todas as coisas encarregadas da experiência de alguém variará de acordo com o nível de coerência que um indivíduo pode reivindicar. Mas quando instruímos através do homem à sua frente, nós realmente superamos seu medo, sua preocupação — de fato, sua resistência — para trazer a você um nível de vibração ao qual você possa se alinhar e se sustentar. Isso se torna experiencial, você vê, quando você entende que o Divino Manifesto, que já está aqui, já está em operação, já está endossado. O mundo manifesto com sua coerência é o que apoia todas as coisas, o que o reivindica de novo. E o eu desenfreado, que é o Divino Manifesto, não será alterado pelo fato de que, no nível da personalidade, você teve um momento difícil, uma noite desafiadora, ou decidiu de alguma forma ou de outra que o que é sempre verdadeiro não pode ser verdadeiro. *O que é sempre verdadeiro*. Se você entendesse esse conceito simples, a maior parte de sua confusão se evaporaria. O que é sempre verdadeiro é que há um aspecto de você — e de todos — que já está em coerência com o Verdadeiro Eu e o Divino Manifesto que é todas as coisas. Você pode chamar isso de Mônada ou a Centelha Divina. Você pode chamá-lo de Verdadeiro Eu, se quiser. Mas é a Mônada que se expressa em articulação através de você que o torna novo. E o Verdadeiro Eu, sugerimos, é a manifestação da Mônada a um nível individual, porque você ainda está operando como um eu, identificado de certas formas, enquanto a Mônada, sempre do todo, pode ser conhecido além do eu.

Agora, este é um novo conceito para alguns de vocês, mas a articulação do Divino como e através de cada um de vocês, o processo em que você se envolve conosco, é apenas um nível de vibração. Porque a Mônada pode se conhecer em forma e sem forma, a Mônada está sempre em coerência com a Fonte Universal ou Tudo O Que É, independentemente de sua identificação através dele. Em outras palavras, enquanto a alma, que é de Deus, sim, mas concentra-se em uma forma manifesta que se entende como parte do todo, até que a alma esteja em articulação em pleno brilho e coerência como Mônada, ela ainda estará operando em um estado singular. Agora, isso é útil. Você encarna e tem experiência. A alma de fato progride. Mas quando a Mônada se expressa como alma, você se torna um ser universal, e os nomes que vocês deram a si mesmos enquanto mantêm a forma significam muito pouco. Em outras palavras, a luz em coerência como você vai além do abajur, ou o que obscureceria a luz ou reivindicaria a luz de uma forma singular, de modo que a luz é todas as coisas. Em outras palavras, a luz que você é, em coerência com toda a luz que existe, para de se pensar como singular porque sabe que não pode ser.

Quando ensinamos através do homem à sua frente, entendemos suas preocupações sobre o ensino. Ele quer que as coisas sejam simples, mas não sabe que, de fato, elas são extraordinariamente simples. Veja, você está sendo restaurado para um estado além da identidade como um ser singular, através da ação do Divino, sem perder

a singularidade, que é simplesmente sua maneira de manter a coerência com uma paisagem compartilhada. O Divino como todas as coisas explode além da individuação, mas você requer alguma forma de individuação para caminhar neste plano, mesmo na Sala Superior. Quando você entender o que rearticulação significa, quando você entender que é a Mônada se expressando como corpo e campo em coerência na Sala Superior, você começará a entender o que estamos prestes a ensinar-lhe: Que você é limitado pelas suas crenças sobre o que é possível, que você é limitado pelo medo de invadir outro reino, que você é limitado pelo acordo com o coletivo de que você não será ilimitado.

Ele interrompe o ensino. “Só queremos entender o que esse ensino nos traz e como podemos levar esse ensino a um mundo que está a favor do mundo. Nada abstrato, por favor. Apenas nos dê o esboço.” Faremos isso, se você quiser, embora acreditemos que tenhamos sido muito claros. A Mônada, em expressão como o indivíduo na Sala Superior, reivindica o indivíduo além da ideia de separação que tem sido o flagelo da existência, e o professor da experiência, no reino inferior. Quando você não está limitado pela separação, o que está disponível para você excede em muito o que você poderia imaginar. *Ilimitado* é uma palavra maravilhosa para usar para a experiência de ser como o Eu Cristificado na Sala Superior, onde você se alinhou a um nível de liberdade que você não foi ensinado experimentalmente através de seu édito de separação que o prendeu ou o atrelou ao campo inferior. A afirmação “Eu sou livre”, que apoia o acordo com a Sala Superior, é a primeira estação, de muitas maneiras, à qual você pode se alinhar. Mas para se tornar ciente do que chamamos de mente além da mente, ou o eu além do eu, é entender o que significa ser tanto singular quanto plural simultaneamente, manter a individuação enquanto se conhece como parte do todo, conhecer o eu como outro, o que é perceber o eu como outro, além do édito de separação.

Agora, você pode ter independência, e você terá independência, neste nível de vibração. Mas à medida que você passa pelos estágios de alinhamento com as oitavas superiores, aquelas que excedem a forma e sua capacidade de manter enquanto mantém a forma, você começará a compreender o que o mundo sempre foi. Levamos você ao vigésimo quinto andar, convidamos você a ver a vista. Vivemos além disso, ou experimentamos todas as coisas além disso, então entendemos o que a humanidade é e como sua realidade foi construída, qual tem sido seu uso e para o que está agora se movendo. Embora possamos nos conhecer de formas individuadas, nunca nos conhecemos como separados dos outros, ou separados do todo — ou, de fato, separados de você. Na verdade, somos de uma só substância, uma só vibração, operando em diferentes níveis de entonação. Poderíamos cantar uma canção para você em vibração além do que você poderia ouvir ou mesmo experimentar em um corpo. Mas à medida que você se eleva cada vez mais, esse decibel, esse acordo com o tom, é disponibilizado para você porque você pode sustentá-lo em coerência.

Cada um de vocês que vem até nós, em qualquer estágio de acordo que tenham alcançado até agora, já está em coerência com a semente deste ensino. E a semente é sempre a Mônada, porque este é um ensino do verdadeiro Cristo, ou Mônada, expressa como forma e além da forma. Há uma grande chave aqui para aqueles de vocês que a desejam: *como forma e além da forma*. Deus se conhece como forma e além da forma, porque Deus não está limitado à forma. E a forma opera em um nível de tonalidade que você pode entender através do viés de sua experiência anterior como manifesta. Quando você adere ao alinhamento que é de fato a Sala Superior, você está operando em um estado alterado, em um campo menos denso, e sua coerência é alterada, o que é por isso que você pode mudar a realidade através da invocação e da percepção. “Eis que faço novas todas as coisas.”

Paul interrompe o ensino. “Isso é para o texto ou não?” De fato, está no texto porque pretendemos que esteja. E você entenderá, Paul, qual é esta missão, e como essa coerência está presente em sua própria experiência, assim como os alunos do ensino entenderão.

Agradecemos a cada um de vocês por sua presença. Vamos encerrar a palestra agora. Ponto. Ponto. Ponto.

DIA TRINTA E TRÊS

O que está diante de você hoje, em um estado realizado, é um mundo manifestado, aquelas coisas que foram reivindicadas, nomeadas e compreendidas através da forma e do acordo com a forma. Nesta escalada no campo que você mantém, você realmente muda o acordo do que era para o que só pode ser. E o Eu Manifesto, o eu que você conhece em forma, é realmente alterado como resultado deste acordo.

Agora, você está sempre em coerência com o que vê, mas o que agora será experimentado será em um nível diferente, e o tom que você emite está, de fato, traduzindo informações, desembaraçando ideias antigas para que elas possam ser reestruturadas ou re-conhecidas em um modelo superior. Agora, o que um modelo é, na maioria das formas, é um recipiente, uma forma de compreensão em um determinado nível de vibração do que pode ser acumulado. O modelo antigo mantinha um nível de densidade. O recipiente pelo qual você experimentou sua realidade era muito específico de algumas maneiras. Todos vocês tinham ideias sobre o que essa realidade era e, conseqüentemente, contribuíram para as ideias que assumiram forma. Na oitava superior, o nível de acordo que se alinha à Fonte de todas as coisas começa a replicar o eco da Fonte de todas as coisas, sem os nomes antigos anexados, os acordos antigos impressos, a linguagem antiga, os descritores de outrora, dizendo o que as coisas devem ser. Você é o mesmo. Mesmo a ideia de si mesmo, no nível mais alto que você pode assumir, deve ser trocada pelo que já existe na Sala Superior.

Agora, quando falamos com você sobre virar uma página, estamos sendo muito específicos sobre um nível de amplitude na experiência que deve ser alcançado se você se alinhar ao acordo de que pode e será assim. Agora,

sua parte nisso é muito mais fácil do que você pensa. É o acordo com o que é. Não convocando, nem exigindo. Concordando com isso, assim como você concorda com a ideia de céu e mar. O acordo é simples como pode ser, e a afirmação “Deus É” contém a chave para a totalidade desta experiência. “Deus é todas as coisas, e minha experiência de todas as coisas é realmente movida para este nível de transmissão.”

Agora, às vezes falamos de rádios e das transmissões que você mantém, que reivindicam experiências para você, a ideia de si mesmo que reivindica a experiência de sua humanidade, seu trabalho, seus filhos. As ideias dessas coisas estão todas enraizadas em uma reivindicação de identidade que foi determinada, na maioria das vezes, através da ideia de separação. Quando a separação não está presente, toda ideia de si mesmo deve ser movida. E diremos para Paul: Isso inclui o trabalho que você faz conosco e como você o compreenderia, ou sua idealização de seu papel. Quando todas as coisas são feitas novas, toda construção que você utilizou para determinar o antigo se move para um nível mais alto de tonalidade para ser reivindicada pela Mônada, que é a ação do Divino expressa através de você. “Eu sou a Palavra”, a manifestação de Cristo como Palavra através de todos os seres humanos, pois o modelo pelo qual eles perceberam uma realidade é alterado para sustentar o mais elevado e reivindicar o mais elevado como manifesto.

Agora, estar em manifestação neste nível não é esquecer a ideia de quem você era. É saber quem você é. A mente além da mente, o eu além do eu, não exclui a mente antiga ou o eu antigo. Ela traduz ambos para o tom operativo da Sala Superior, onde são entoados em amplitude para o benefício, para o amor e para o acordo do que já é verdade. Novamente, *acordo*. Concordar com o Cristo como forma é se alinhar ao Cristo como forma. Você não se alinhará ao que você não permitir. Então este texto, na maioria das vezes, tem sido uma aula sobre a ressurreição do antigo para que o antigo não impeça o novo que agora está nascendo e continuará a nascer, através de todos vocês, e todos que vocês encontrarão, e aqueles que os seguirão, e depois e depois e depois.

As gerações que seguem já estão preparadas para o nível de amplitude que agora está presente neste campo. A confusão dos jovens, de certa forma, é que eles estão vendo as estruturas falhar, não desejando contribuir para elas, mas incertos sobre o que será o novo. Diremos isso a eles: De certa forma, o que vocês são, são pilotos de um navio que está reivindicando um novo capitão. O grau de acordo com o Verdadeiro Eu, o novo capitão, traduz o caminho que o navio seguirá. Você é o piloto. Você é o capitão. Você é o que está no leme. Mas você está se movendo para um novo mar onde o que você encontrar não será o que você pensava, porque o antigo disse: “Obrigado, eu me mudei.” O antigo se moveu porque é hora do antigo, e o novo que está presente agora está se tornando visível.

“O que isso significa?” ele pergunta. Quando você vê através da névoa, você tem a ideia de uma forma, uma estrutura, talvez uma pessoa que ainda está envolta na néblina à sua frente. Quando você olha de perto, tentará definir o contorno ou nomear a coisa através do antigo sentido de si mesmo. “Isso se parece com um peixe.” “Isso se parece com um humano.” “Isso se parece com uma estrela.” Mas neste caso você está permitindo que a névoa se disperse, porque está sendo trazido cada vez mais perto do novo, do objeto que então será visto, resplandecente em verdade e sem a necessidade de separação, que é tudo o que impediu a percepção do que sempre foi: Deus como estrela, Deus como peixe, Deus como ser humano, no nível de amplitude da Mônada em sua expressão.

Agora, enquanto cantamos, temos uma oportunidade na transmissão do tom emitido. Como existimos além do tempo, a intenção do tom é reivindicar todas as coisas além de qualquer estrutura que você tenha mantido que permaneça na ideia do tempo, qualquer ideia de si mesmo nascida em limitação, qualquer ideia de um mundo reivindicado através da separação. Enquanto esse tom é cantado, estamos reivindicando todas as coisas. E convidamos você a se juntar a nós em sua intenção ou, se desejar, em sua canção, um som feito ou um coração oferecido ao som que estamos fazendo em nome de todos.

Quando cantamos, cantamos na reivindicação e na restauração de cada indivíduo à sua verdadeira inocência, à sua verdadeira inocência, à sua verdadeira inocência, em todas as coisas que possam ser conhecidas e vistas. Nesta canção, a estrutura da linguagem será imposta para uma intenção: Restaurar cada um de vocês à verdadeira linguagem da Mônada, que é o Cristo, que está no tom e desimpedido, desatado, livre. E sua transmissão é o que é cantado. Na contagem de três:

“Eu sei quem eu sou em verdade. Eu sei o que eu sou em verdade. Eu sei como eu sirvo em verdade. Eu sou livre. Eu sou livre. Eu sou livre. Eu estou na Sala Superior. Eu vim. Eu vim. Eu vim.”

Eis que faço novas todas as coisas. Será assim. Deus É. Deus É. Deus É.”

Agora um. Agora dois. Agora três.

[Os Guias entoam através de Paul.]

O que *foi* foi visto, o que *é* é visto, o que *será* é conhecido na unidade da canção do ser. Nós cantamos, instruímos e agora dizemos sim à missão diante de cada um de vocês: Oferecer o si mesmo no seu amor, no seu acordo com o que é e agora será conhecido. Estamos presentes para você nesta jornada.

Este não é o fim do texto. Este é o fim deste capítulo, “Mente Verdadeira”. Ponto. Ponto. Ponto. Pare agora, por favor.

EPÍLOGO

DIA TRINTA E QUATRO

O que está diante de você hoje, em uma nova consciência de quem você é, é o que pode ser reivindicado, o que pode ser visto, o que pode ser compreendido e compreendido, através da Mente Alta, Mente Verdadeira, através da consciência que é o Divino operando através de você. A equivalência que você mantém agora, como resultado destes ensinamentos, está embutida, ou codificada, ou simplesmente presente como o campo energético que você mantém. Sublinhamos que dissemos *como* — *como* o campo energético, o que simplesmente significa que o alinhamento que você mantém já está em congruência com a Mente Alta. Mas o alinhamento com a Mente Alta, de certa forma, é acumulado através da experiência — não disciplina, não implementação, mas simples experiência.

Agora, você vai nadar um dia. Você aprende o que é a corrente. Você vai nadar outro dia. Você entende até onde você pode nadar antes de ter que voltar. A experiência dessas coisas se torna a diretora, e seu alinhamento com a experiência realmente o apoia na simples aceitação da presença da Mônada como quem e o que você é.

Agora, muitos de vocês buscam obter, reivindicar, decidir o que deve ser. E vocês não terão essa experiência, conforme ditado pelo pequeno eu, porque a imediatidade da nova experiência realmente substitui o desejo que nasce do medo, ou nasce das exigências do velho eu, que na verdade está se dissipando e se realinhando nesta alta oitava em que ensinamos. Isso não significa que você não receberá o que é legitimamente seu. Mas se você entendesse o que é legitimamente seu, nunca precisaria pedir nada, pois teria se movido para a equivalência da experiência da Mônada de sua Fonte.

Agora, entenda: A Mônada já sabe. O Cristo já está em união com a ideia do *Todo* que você pode sustentar. Além da ideia do *Todo*, na verdade, é o mesmo — talvez outra ideia, uma ideia mais ampla. Finalmente, ninguém conhece Deus em sua totalidade porque “Deus É”, assim como você nunca conhecerá o oceano em sua totalidade, mas você pode conhecer o oceano em sua experiência de nadar, do passeio de barco, da alegria de estar imerso e flutuando nele.

Nosso ensinamento para você, para cada um de vocês, tem sido chegar a um acordo com a realidade que já existe, a realidade ressuscitada da Mônada que é reivindicada através da inocência, e na verdade *pela* inocência, porque quando você não está olhando através das lentes antigas, o que é visto é o que sempre foi, o que sempre tem sido e o que só pode ser.

O levantamento que você experimentará na consciência e através da percepção será o que o levará adiante agora. De fato, há mais instruções a vir. Mas desejamos que você permaneça aqui por um tempo, nesta nova consciência de quem você é e do que significa *ser* o único em inocência, cantando como a nota alta. À medida que essa nota alta é sustentada por você, todas as coisas que a mantiveram e que você utilizou para negá-la serão liberadas. E entendemos que esse desafio para alguns de vocês precisa ser entendido um pouco mais. Então só diremos isso: Cada interação que você tem, tudo que você percebe, é mantido na percepção, ou experimentado na percepção, do eu ao qual você se alinhou. Qualquer desafio que você encontre deve ser visto como oportunidade. E se você for chamado para agir em seu próprio benefício ou em benefício de outro, você saberá. Você conhecerá a experiência da escolha de ser neste nível.

Nosso pronunciamento neste texto está realmente chegando ao fim, e apenas por um motivo. A destilação deste ensinamento através dos corpos energéticos que você mantém já foi concluída no nível que podemos oferecer. E qualquer outra coisa que poderíamos oferecer hoje seria na forma de informação, outro assunto na biblioteca que podemos ensinar a você e através de você.

Nossa experiência de você — você o aluno ou o leitor — é diferente do que você pode supor, porque realmente entendemos você além de qualquer ideia de si mesmo que você possa ter. Compreendemos as experiências que você conheceu, mas não exigimos que sejam percebidas de uma forma ou de outra. O que foi, simplesmente foi — sua ideia de *foi* através da identidade que você manteve no momento ou ocorrência dessa experiência.

De fato, onde você se encontra hoje — neste novo limiar, nesta nova página — está em reidentificação. A linguagem na qual o livro é escrito, que você agora começará a ler, está na linguagem da Mente Verdadeira, do verdadeiro conhecimento, da verdadeira experiência, além da identidade que você utilizou até agora. E à medida que você acumula evidências disso em sua própria vida, em suas próprias ideias de ser, você se entende muito além do antigo. E dizemos sim para você onde quer que você esteja, porque sabemos quem você é, sabemos o que você é e, de fato, sabemos como você serve.

Ao completar isso, desejamos cantar para você. Mas a canção que cantamos hoje é o que oferece os próximos passos, o próximo alinhamento. Estamos apoiando você em onde vamos levá-lo em seguida, nos próximos textos que oferecemos, no próximo nível de sintonia através do qual você poderá se conhecer. Então, estamos oferecendo isso agora, para semear o corpo energético em onde ele florescerá em seguida. E a flor que vem, que *será assim*, é o Divino como conhecimento, como ser, como expressão e como um mundo feito novo.

Na contagem de três, Paul. Um. Agora dois. Agora três.

[*Os Guias entoam através de Paul.*]

O trompete tocou. Terminamos. Agradecemos a cada um de vocês por sua presença. Continuamos a trabalhar com vocês à medida que assimilam o ensinamento, à medida que o experimentam, à medida que se conhecem um ao outro como o que vocês são e só podem ser. Ponto. Ponto. Ponto. Pare agora, por favor.